



Voltando à vida



Carol Furtado



Voltando à vida

Escrito por
Carol furtado

Prólogo

Nesse ano de 2016, teremos os jogos olímpicos. E esse campeonato vai ser meu. Estou sentindo que vou ganhar todas as medalhas de ouro que existirem naquela competição. Preparei-me a vida toda para isso. Quero deixar meus pais orgulhosos, não importa onde estejam. Nós os perdemos há doze anos e é uma dor que insiste em habitar o meu peito, mas vai passar. Vou continuar vivo por eles. Meus pais sempre apoiaram a minha profissão, viram quando Dante me levou para a minha primeira aula de natação. Foi amor à primeira vista, ou à primeira braçada. Sabia que era isso que faria para sempre.

— Apolo, deus Grego! – Mateus, meu treinador me recebe na borda da piscina, assim que termino minha série de treinamento.

— Mateus, treinador que me ajuda sempre. – Estendo a mão para que ele me auxilie a subir. No mesmo instante, meu técnico me ergue, fazendo com que eu saia rapidamente da água.

— Bateu mais um recorde?! – Pergunta, dando um soco de leve no meu ombro enquanto tiro a touca e os óculos. Sacudo os cabelos com a mão assanhando todos os fios. Eles sempre ficam batidos na cabeça devido ao cloro, mas nada que uma chuveirada não resolva.

— Que nada. Só mais um aquecimento. E o que *tá* fazendo aqui? – Pergunto intrigado. Mateus nunca aparece nos fins de semana. Sempre treino sozinho. A prática leva a perfeição e menos que isso eu não aceito.

— Seu irmão me ligou e disse que precisava falar urgente com você.

— E por que não ligou direto pra mim? – Caminhamos para os vestiários, onde deixei a minha mochila.

— Ele disse que sabia que você não iria atender porque estaria aqui. – Disse sorrindo.

Tenho que admitir. Depois que terminei o ensino médio, toda a minha vida tem sido dentro da piscina. A dor de ter perdido meus pais ainda é presente em meu peito. Nunca na vida pensei que sofreria tanto, mas o apoio do Dante foi muito importante. E o da minha cunhada também. Apesar de eu ter sido um encosto por muitos anos, ainda não o agradei o suficiente. O que me ajudou a superar com mais facilidade foi a paciência que tiveram comigo na época.

— Verdade. E o que ele queria? – Ligo o chuveiro, me ensaboando.

— Quer encontrar você em um bar, eu acho. Ele me deixou o endereço. — Coloca um papel dentro da minha mochila. — Era só isso e agora, só me espere na segunda. Tenho um compromisso. — Ele pisca o olho e já sei que é mulher. Sai andando em direção a saída do ginásio.

Nunca vi outro homem como ele que não se aquieta com uma única mulher. Quando perdemos nossos pais, eu era um adolescente comum, que saía com umas garotas, bem mais do que a maioria dos garotos da minha idade. Era meio que “o galinha” da escola.

Depois a morte deles, eu me fechei em uma concha. Não saía mais com garotas, declinava de todas as festas, parei de fazer todas as atividades, a não ser a natação. Sempre vinha aqui esfriar a cabeça.

Hoje eu sou mais ou menos o que eu era, mas agora sou controlado. Não fico com qualquer uma e não é todo dia. Tenho um cronograma e se eu quero mesmo ser o maior medalhista deste ano tenho que me dedicar duzentos por cento. E o que mais está me deixando animado é que será no meu país.

Depois de ter me classificado, quero esse título mais do que qualquer coisa que já quis na vida. Sem contar que o Phelps vai estar aqui e não posso relaxar. Ele é o melhor nadador do mundo, não quero fazer feio de jeito nenhum.

Já é quase noite e acho que eles já estão no bar me esperando. Termino meu banho, coloco uma roupa e checo o endereço. É um bar próximo à Aldeota, um dos bairros mais importantes da cidade. Passei a minha adolescência quase toda por lá, principalmente por meu irmão morar nas redondezas.

Pego minha moto e encontro o lugar sem problemas. Não tem muito trânsito, o que é estranho por ser um sábado.

— Apolo!!! — Meu irmão me saúda assim que me vê. Nunca tinha vindo a esse espaço antes. Existe um palco montado no canto esquerdo, ocupando um lugar de destaque. Há várias mesas pelo local, um bar à direita e vários garçons circulando pelo ambiente.

À primeira vista parece pequeno, mas por dentro é agradável. Dante me abraça.

— Você precisa aparecer mais. Vai acabar perdendo a infância dos seus sobrinhos. — E sorri.

— Eu sei, mas as olimpíadas estão se aproximando. Tenho que manter o foco.

— É, mas não pode se esquecer da família. — Ele aponta o dedo na minha cara.

— Nunca. Amo muito vocês pra esquecer. — Olho para Glória, minha cunhada. Em seus braços, dormindo pesado, esta Manuela de um ano. Pietro, o mais velho, está com dois. É tão lindo quanto meu irmão. Nunca vou admitir isso para ele, mas é um homem apresentável. É alto, como eu, tem os cabelos escuros e os olhos castanhos. Sou uma cópia sua, só que mais novo. — É, parece que seu filho puxou a beleza do titio, né, Toro?

Meu sobrinho abre o maior sorriso inocente. O chamo assim por causa da primeira palavra que ele disse olhando para mim. Esse momento me tocou e não consigo chamá-lo por outro nome.

— Para de chamar meu filho desse jeito! — Minha cunhada reclama. Toro levanta os braços na minha direção e o coloco no colo.

— Esse menino é forte como um touro. — Pego em seu pequeno braço apalpando-o. — Como poderia ter um nome diferente?? — Balanço sua mão, o que faz seu corpo todo chacoalhar, o fazendo sorrir. Esse é o som mais lindo do mundo.

— É, já sei que ama o meu filho. — Ela revira os olhos.

— Seus filhos. Malu é minha princesa, que não vou mexer agora, porque não quero acordá-la.

— Você sempre dando apelidos estranhos pros meus filhos. — Glória reclama, mas sei que gosta da minha intimidade com eles.

— A culpa é sua. — Respondo.

Quando minha sobrinha estava na barriga de Glória, eles escolheram o nome dela e seria Maria Luiza, mas quando olharam para o rostinho da sua filha, resolveram trocar. Só que eu já estava acostumado com o apelido.

— Para mim, ela será sempre Malu.

— Certo, mas te chamamos aqui porque quero que se distraia. Você tá parecendo um peixe dentro daquela piscina. — Meu irmão aperta meu ombro.

— Tio peixe. — Meu sobrinho repete. Essa é a melhor fase de uma criança.

— Vou mudar seu apelido. Não é mais Toro, é papagaio. — E todos nós rimos.

— Senta. — Dante me indica uma cadeira. Ainda com Pietro no colo, me acomodo ao seu lado e coloco meu sobrinho na cadeira próxima a mim.

— Tá. E por que vocês trouxeram seus filhos *prum* bar? — Entrego um

brinquedo, que encontro em cima da mesa, para distrair meu sobrinho.

— Porque é um lugar tranquilo, um ambiente de família e a gente vai assistir a um show ao vivo. Ouvimos dizer que a moça que canta aqui é ótima. A voz dela é maravilhosa.

— Sem contar que é linda também. – Glória pisca o olho.

Quando nossos pais faleceram, era adolescente e isso não me impedia de querer todas as garotas que eu encontrasse. E depois do acontecido parei mais em casa, me dediquei aos estudos e a natação. Quando não estava em casa ou na piscina, era facilmente encontrado na academia.

As pessoas acham que vida de nadador é só dentro da piscina, mas mal sabem elas que precisamos também ficar umas horas malhando. Dante fez de tudo para que eu voltasse ao normal. Até na terapia ele me levou. Só comecei a sair com mulheres depois que me mudei da casa dele.

Meu irmão sempre trabalhou muito e hoje tem a sua própria empresa, na qual fez questão de que eu trabalhasse. Não queria lhe causar mais preocupações, mas ele queria me ajudar até com isso. Então passei a fazer parte do time no atendimento ao cliente. Trabalho perfeito que me ajudou a conciliar natação e academia. Tem quatro anos que moro só e a minha vida voltou aos trilhos.

Tudo que eu precisava para seguir meu caminho. Ficava bastante incomodado em ser um peso para o meu irmão e minha cunhada.

— Cunha, sabe que não tenho tempo pra isso.

— Não tem tempo pra mulher? É isso mesmo que eu estou ouvindo?
– Ela pergunta erguendo uma sobrancelha.

— Não exatamente. E vocês nem sabem se ela vai mesmo me dar bola. – Dou de ombros.

— Pois é o que veremos. – Nesse momento o espaço fica escuro e uma única luz se acende no palco.

Usando uma bota preta até os joelhos, uma saia de verniz azul e um top rosa, com o cabelo castanho ondulado preso em duas marias-chiquinhas que chegam aos seus ombros. Um rosto deliciado de lábios exuberantes e uma maquiagem leve que não conversa com o resto do visual, a mulher mais linda que eu já vi na vida aparece no palco segurando um microfone. Sua pele dourada se ilumina sob a luz do refletor e me deixa encantado.

De longe não consigo ver detalhes do seu rosto, mas percebo que tem os olhos claros.

Os primeiros acordes da música começam e a sua voz aveludada

preenche todo o ambiente. Em poucos minutos ela prende a atenção de todos que se encontram no bar.

A voz dela é perfeita. Ainda mais cantando uma música da P!nk que gosto muito. Ela entra no refrão e minha pele se arrepia. Nunca havia sentido isso em nenhum momento da minha vida. Acho que deve ser essa sensação que as pessoas experimentam em shows ao vivo.

I'm trouble
Sou confusão
Yeah trouble now
Sim, confusão agora
I'm trouble ya'll
Sou confusão sim
I disturb my town
Eu perturbo a minha cidade
I'm trouble
Sou confusão
Yeah trouble now
Sim, confusão sim
I'm trouble ya'll
Sou confusão sim
I got trouble in my town
Eu tenho problemas na minha cidade

Algo nela me atrai e não consigo desviar os olhos.

Enquanto o show continua, comento:

— Depois de ouvirem que ela é problema, ainda querem que eu tente?

— Pergunto para meus acompanhantes.

— É só uma música, Apolo. — Dante rebate.

— Pelo jeito que ela canta, parece que não é só uma música. — Falo quando vejo que ela se move com elegância, mais parecendo uma predadora do que uma cantora.

— Mulheres fortes sempre tendem a deixar os homens nervosos. — Glória dá de ombros, e me lembro exatamente como ela conquistou meu irmão. Se mostrando forte e totalmente dona de si. Nunca deixou meu irmão sonhar em mandar nela. Sorrio com o pensamento enquanto a cantora continua a música e já começa outra. Ela é sem dúvida muito linda e ao

mesmo tempo em que me repele, me instiga a querer conhecer.

— Verdade. Lembro do quanto Dante ficou assustado com a sua independência. – Falo e ganho um sorriso convencido da minha cunhada e um olhar atravessado do meu irmão.

A apresentação da deusa que me encantou continua por mais uns 20 minutos, até ela fazer uma pausa. Só agora percebo que, além da bela voz, ela está com uma banda de apoio: voz, violão e bateria. Incrível!

— Para de babar e vai lá falar com ela! – Glória com certeza quer me fazer sair com alguém. Ia dizer me desencalhar, mas acho que esse não é o meu caso.

— Eu vou. – Mas não me mexo do lugar.

— É, vai, mas não agora. Porque você vai cedo para casa e vai tomar conta dos nossos filhos. – Paro e processo o que meu irmão acabou de dizer.

— Espera. Como eu vou levar duas crianças em uma moto pra casa? – Cruzo os braços, me recostando na cadeira, Toro ainda está sentado ao meu lado mexendo com seu brinquedo e o cardápio.

— É claro que você não vai de moto. Nós é que vamos. – Ergue a sua sobancelha bastante sugestivo. Não preciso ser um gênio para saber o que pretendem.

— E que horas vocês iam me avisar?

— Estamos avisando agora. – Meu irmão, descarado, sorri como se não fosse nada demais. A coisa que mais prezo no mundo todo, fora a piscina na qual treino praticamente todos os dias, é a minha moto.

— Se você arranhar a minha filha, vai pagar. – Meu irmão estende sua mão pedindo minhas chaves. Torço o nariz, mas acabo entregando para ele.

— Eu pago, não se preocupe. – E me estende as chaves do seu carro. – Pode ir para a sua casa. De manhã a gente passa lá. – Que maravilha! Me trazem em um bar, onde encontro uma mulher incrível, com quem não vou poder falar agora, para me dizerem que vão tirar a noite de folga dos seus filhos.

— Eu mereço. – Reviro os olhos.

— Vamos! Não quero voltar muito tarde. – Glória olha para o meu irmão. Está claro que ela está cheia de segundas intenções. Gostaria que uma mulher me olhasse desse mesmo jeito um dia.

— Beleza. Vamos para o carro. – Dante pega Malu do colo de minha cunhada e eu continuo com Toro. Ele é tão calmo, que nem parece meu sobrinho. Levantamos todos e caminhamos para o estacionamento.

Olho mais uma vez para o palco. Ela acabou de virar uma garrafinha de água e me encara. De fato, está me fitando. Não estava preparado para ver seus olhos verdes. É uma sensação incrível, como se conversássemos em silêncio e, quando estou prestes a virar e seguir meu caminho, ela sorri.

Meu coração falha uma batida e não consigo mais desviar os olhos. Em resposta, sorrio sem conseguir me conter. Quando baixa a cabeça, Dante me puxa em direção à saída. Suspiro por saber que tão cedo não vou poder saber seu nome ou conversar com ela.

Caminhamos para o estacionamento e encontramos o carro deles. Coloco Pietro em sua cadeira e Dante prende Manuela na dela.

Despeço-me de meu irmão e cunhada. São tão espertos que trouxeram até um capacete extra. Mas não posso reclamar. Desde que as crianças nasceram, eles não tiveram uma trégua. Só vivem para o trabalho e para a família. Acho isso muito lindo. Meu irmão quis me delegar um cargo elevado, mas eu preferi ficar onde já estava, ou seja, no telemarketing, porque assim me sobra mais tempo para treinar. E como ele também é muito visionário, montou uma academia ao lado da sua empresa. Eles vivem muito bem, mas não achei justo continuar abusando de sua boa vontade.

Dante me criou e eu devo tudo a ele. Até a minha faculdade ele pagou.

Disse a ele que não queria fazer, mas meu irmão insistiu que eu precisava me qualificar. Daí cursei Engenharia de Telecomunicações e sempre que tenho dinheiro sobrando, faço um curso online barato, só para me manter atualizado. Por isso que não nego nada a ele. Sou o homem que sou graças a tudo que meu irmão me deu.

Seguimos rumos diferentes. Levei Malu e Toro para minha casa. Como eu amo meus sobrinhos! Deixei até preparada uma mala lá em casa com roupas e brinquedos para ocasiões como essa. É, pode dizer, eu sou um tio coruja mesmo.

Minha princesinha continuou dormindo, então coloquei-a no quarto que eu arrumei para eles. Sim, o outro quarto que eu tenho aqui é deles. Deixei Toro cansado e quando ele não aguentou mais, caiu de sono. Levei-o para cama ao lado de sua irmã mais nova.

Assisti um pouco de tv e me enfiei no meu pijama. Ao verificar os meninos, fiquei tão feliz de tê-los aqui que me deitei entre suas camas e dormi.



Na manhã seguinte, acordo com uma Malu muito sonolenta em cima de mim e um Toro agarrado à minha perna. É um sentimento tão intenso que transborda por meus olhos. Essa é a minha família. Por eles faço qualquer coisa, em qualquer momento da vida.

Infelizmente esse pensamento é interrompido quando ouço o som da campainha. Levanto-me o mais devagar que consigo para não atrapalhar o sono dos pequenos.

Quando chego à porta, encontro um policial.

— Bom dia, oficial.

— Bom dia. Apolo Nóbrega?

— Sou eu mesmo.

— O senhor é irmão de Dante Nóbrega, esposo de Glória Andrea Nóbrega? – Estava tranquilo, mas no momento que ele mencionou o nome completo do meu irmão e da minha cunhada imediatamente me deu um frio na espinha.

— Sim. Algum problema?

Antes não tivesse emprestado a moto. Antes tivesse ouvido a minha cabeça de baixo. Antes eu fosse um grande filho da puta e não quisesse ter ajudado meu irmão.

A notícia que o oficial Torres me apresenta vai mudar a minha vida e principalmente a dos meus sobrinhos para sempre.

Capítulo 1

Lívia Moreira

TRÊS ANOS DEPOIS

— Que merda! Era só o que me faltava. – Saio do chuveiro toda ensaboada porque resolveu acabar a água justo nesse momento. – Seu Francisco! – O único responsável por isso é ele e justo no meu primeiro dia de trabalho. Realmente, não me faltava mais nada acontecer.

Enrolo-me na toalha. Saio molhando a casa toda, e olha que nem é essas coisas de grande, e interfono ao síndico.

— Bom dia, Bella.

— Bella é o *carai*! Cadê a água, seu Francisco? – Odeio essa mania que ele tem de chamar todas as mulheres do prédio de *Bella*.

O velho sádico notando a minha indignação ainda ri de mim.

— Calma, Bella. Vou mandar concertar o encanamento essa semana. Tá tudo entupido.

— O senhor sabia que eu consegui um emprego e preciso terminar o meu banho? O que eu vou fazer? – Meu desespero é quase palpável.

— Não era sem tempo que a senhorita arrumasse um emprego, não é mesmo? – Tento ignorar esse comentário idiota, mas é mais forte do que minha racionalidade.

— Já é a terceira vez só nesse mês, seu Francisco, e eu nunca deixei de pagar o aluguel! – Com muita dificuldade, mas eu sempre paguei em dia. – Nem vem passar isso na minha cara, que não é justo.

— Tudo bem. Tá certo, você tem razão.

— E quanto à água? – Seu velho escroto de merda! Era o que eu queria falar, mas a boa educação não me permite.

— Infelizmente, minha filha, eu não posso fazer nada. – Desligo na cara dele completamente furiosa.

Aí meu deus. O que eu vou fazer? E para completar o meu desespero, começou a chover. Ou seria a minha salvação? Olho para o jardim de inverno mixuruca que tem nesse apartamento ridículo e corro para baixo. Termino de

tirar o sabão do meu corpo rápido, para não me atrasar mais ainda.

Devia estar tomando café, mas acho que vou pular essa refeição. Assim que estiver com um mês de trabalho vou me mudar. Não quero nem saber se não vou conseguir pagar se sair do emprego, mas nesse muquifo fedendo a mofo eu não moro mais. Até tentei dar um ar de casa a esse lugar, mas não deu muito certo.

Trabalhando em um bar e recebendo uma merreca não ia dar para pagar um apartamento maior, mas agora vou realizar esse sonho e colocar outro na gaveta. Se bem que, com esse emprego, vou conseguir manter o meu trabalho paralelo nas sextas e sábados.

Ser cantora é o meu maior sonho e espero muito poder realizá-lo. Estaria agora rica, se não fosse tudo que eu passei com o meu ex-namorado. Ele não valia um caroço de feijão estragado, mas como eu tenho o dedo podre para homens, só poderia dar em fracasso. A sua família também não fica atrás. Nenhum dos homens Falcão são pessoas boas. Tenho a pior lembrança de todas dentro da casa deles e preferi apagar da memória.

Tudo começou quando eu tinha treze anos de idade e conheci esse babaca. Ele disse que eu seria a nova Janis Joplin. Burra que sou, confiei nele. Não queria acreditar quando os outros falavam que ele não era uma boa pessoa e que só estava se aproveitando de mim. Meu “pai” nunca gostou dele. Ah, quer saber? Nunca vou conseguir chamar aquele escroto de pai. Ele tentou ser alguma coisa, mas não fazia nada que prestasse e só quando estava bêbado era que lembrava que tinha me adotado.

Achei que tudo na minha vida iria melhorar quando fui adotada aos 7 anos de idade. Afonso Moreira apareceu na minha vida como um bote salva vidas. Mal sabia eu que ele estava mais para *Titanic*. Tudo bem que tem pessoas que passam por coisa pior. Mas um cara que adota uma criança só para conseguir um emprego não é melhor que muito psicopata que existe por aí. Ainda se ele me desse amor e carinho, mas nem isso. A única coisa que ele fazia por mim era me alimentar. Disso eu não posso reclamar. O idiota cozinhava bem.

Quando conheci o Paulo, meu ex-namorado, achei que ele era a salvação da vida miserável que eu levava. Estava enganada mais uma vez. Com quinze anos fui morar com o Paulo que investiu pesado na minha carreira e, quando estava prestes a conseguir um contrato milionário, ele dá um golpe na gravadora. Descobri também que todas as músicas que eu escrevi foram assinadas por ele, que pegou para si os direitos autorais sobre

elas. Sai com uma mão na frente e outra atrás.

Aí você pode até se perguntar: por que ele fez isso com a galinha dos ovos de ouro dele? Porque ele é ganancioso demais e eu não sou tão burra quanto ele pensou. Quer dizer, na época que nos conhecemos, poderia até ser, mas comecei a conhecer os meus direitos e entender que o que ele fazia não era certo. Quando percebi que ele estava fazendo coisa errada, coloquei-o na parede e foi assim que o babaca sumiu no mundo. Idiota.

Depois dele, com dezoito anos, conheci um cara, William, e começamos a namorar. Foi nesse ano que eu comecei a trabalhar no *Sunrise*. Meu “namorado” só estava comigo por dois motivos: eu tinha um apartamento medíocre e um emprego em um bar. Ele achava que poderia chegar no local e tomar todas as minhas custas. Era só o que me faltava naquela época. E a melhor parte foi como eu descobri.

Em uma das vezes que eu trabalhei como cantora, fui pegar o meu pagamento da noite, que não era lá essas coisas e o dono, Marcos Pereira, disse que todo o meu dinheiro foi para o caixa porque o meu namorado tinha tomado tudo que podia e disse para colocar na minha conta.

Quando perguntei onde ele estava, Marcos respondeu que o meu cachê tinha acabado e o traste foi jogado na sarjeta. Quando sai do bar pela porta dos fundos, ele estava lá, estendido no chão, todo vomitado. Como o babaca ainda era meu namorado, coloquei ele no ombro e o levei para casa. Dei um banho e o coloquei na cama.

Depois de acordar, mandei ele ir embora e que nunca mais aparecesse na minha vida outra vez. Liguei para o Marcos avisando que ele não era mais o meu namorado e que não era mais para colocar nada dele ou de quem quer que fosse na minha conta.

Fiquei tão possessa com Marcos por ter descontado do meu dinheiro a bebida desse Zé Goiaba que no mesmo dia, ainda morrendo de sono, fui deixar currículo. Não arrumei nada fixo, mas consegui uma grana extra trabalhando de babá, cuidadora de idosos e até de diarista. Mas quando chegava no fim de semana ficava mais puxado. O povo precisa mais desses serviços nas noites de sábado e domingo. Alguns eu tive que recusar. Preciso cantar para me sentir viva. Por mais que chegasse em casa destruída, era o que eu queria.

Demorei mais de três anos para conseguir emprego de carteira assinada. Tudo bem que eu não sou a pessoa mais inteligente do mundo, mas sei o básico e para ser secretária de um figurão do mundo dos imóveis não

precisaria de muita coisa.

E ainda teve o dia daquele show que eu usei o meu *look* novo. Depois daquele dia, aqueles olhos castanhos e aquele queixo passaram a fazer parte das minhas fantasias mais loucas. Só que nunca mais o vi. Fiquei procurando por várias noites seguidas os seus olhos no meio da multidão, mas não tive mais o prazer de cruzar com ele novamente. Será que um dia ainda vou vê-lo de novo? Espero que sim, só que dessa vez não vou ficar parada.

Cheguei no prédio do meu novo emprego e fui para a recepção. Uma moça loira, com cara de quem acordou pior do que eu, me recebe. Tento ser o mais educada que eu consigo nessa hora da manhã.

— Bom dia. Eu sou a Livia Moreira, a nova contratada. — Ela me lança um olhar de cima a baixo, me medindo e sabendo que não sou daquele mundo. Também, a roupa que eu arrumei foi um blazer, muito mal passado, em um brechó e tenho certeza que tem um furo embaixo da minha manga esquerda.

Esse lugar é muito diferente do que estou acostumada a frequentar. Tudo aqui é em mármore escuro e tudo brilha. Tem uma placa com dois golfinhos saltando da água e se encontrando no ar, com o nome da empresa embaixo: Marino.

Duas poltronas, uma mesa de centro com o tampo de mármore e um vaso de flores enorme no canto esquerdo, oposto ao balcão de recepção.

A recepcionista nem se dá o trabalho de falar, só aponta o elevador e indica o quarto andar.

— Obrigada. — Ela torce o nariz e eu me sinto um peixe fora d'água. Ajeito minha bolsa de pano no ombro, entro no elevador e aperto o número indicado. Agora, já no quarto andar, uma outra moça, também loira, me recebe, mas essa tem um sorriso gigante nos lábios.

Esse povo daqui é bem estranho. O balcão dessa moça é exatamente igual ao da anterior.

— Bom dia. Seja bem vinda às empresas Marino. Eu sou a Rebeca. O que posso fazer por você? — Enquanto a outra não deu informação alguma, essa já deu demais.

— Bom dia. Eu me chamo Livia Morei... — Nem terminei de dizer o meu nome e a outra já foi me cortando toda eufórica.

— Aí, meu deus! Você é a nova secretária do Senhor Nóbrega, não é? — Ela vem toda saltitante na minha direção.

— Acho que sim. — Ergo a sobrancelha com a sua aproximação

repentina.

— Ele não está mais nesse andar. Vem comigo. — Ela me puxa para o elevador e aperta o último número do painel.

— Tem certeza que ele está no...

— Vigésimo quinto? Claro. Ele pediu a cobertura no começo do mês e só na semana passada, um pouco depois da sua entrevista, que ficou pronta. — Ótimo. Não tenho medo de altura, mas o vigésimo quinto andar é sacanagem. Estava começando a suar as mãos.

— Que maravilha. — Respiro fundo na tentativa de me manter calma.

— Não é? — Acho que ela não entendeu o meu sarcasmo. — Agora eu só quero te falar uma coisa: tenha calma com ele.

— Por quê? — Essa é o tipo de informação valiosa que precisamos saber.

— Porque ele está passando por um processo delicado. Mas nada que atrapalhe o seu trabalho. Ou o dele. Pelo menos eu acho. — A fala dela termina quando ouvimos o barulho característico do elevador indicando que chegamos ao nosso destino. Ela me empurra delicadamente para fora. — Boa sorte. Qualquer coisa me procure no quarto andar. Se precisar de alguma coisa disca 1408 que é o meu ramal. — Ela sorri enquanto a porta do elevador se fecha.

— Não era para ter alguém me passando o que eu devo fazer?

— Sim e esse alguém sou eu. — Minha nossa senhora. Não sei de onde vem, mas a voz desse homem se faz lembrar de um trovão. Achei que só tinha pensado, mas parece que falei em voz alta.

Viro-me para encontrar meu interlocutor e tenho certeza que parei de respirar. Morri. Com certeza. Toda essa altura fez o meu cérebro entrar em parafuso e está me fazendo ver coisas. É simplesmente o cara do bar que não tem saído da minha imaginação desde aquele dia. Não. Não pode ser. Esfrego os olhos e o encaro novamente. Aproximo-me dele devagar e ele ergue a sobrelanceira me observando atentamente.

— Não é possível. — Ele é muito alto ou sou eu que sou muito baixa. Chego na altura do seu ombro. E acho que agora me reconheceu, pois vejo suas pupilas dilatarem. Sob a luz da manhã seus olhos castanhos ficam mais bonitos, seus traços fortes, com a barba aparada. Esse terno azul escuro é um convite para que eu deslize por seus ombros, deixando-o só com a camisa branca que está por baixo. E quase faço isso, mas me contenho. Pigarreio e estendo a mão para cumprimentá-lo. — Eu sou Lívia Moreira.

— Apolo Nóbrega. — Jesus do céu. Não vou conseguir trabalhar com esse homem. Ele segura minha mão estendida e o farfalhar da sua manga no tecido do terno é o bastante para fazer o cheiro de roupa limpa atingir meu olfato e, automaticamente, fecho os olhos. Ele pigarreia e me assusto com o som. Percebo que estou perto demais dele.

— Desculpe. Eu não queria ser... — Dou um passo atrás, interrompendo a minha fala, soltando sua mão e colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Que merda! É só ver um homem bonito que eu não me controlo.

— Sem problema. Posso mostrar o seu trabalho, senhorita Moreira? — Acho que ele não se lembra de mim. Por um momento achei que a gente tivesse uma conexão, mas acho que me enganei. Recomponho-me e concordo com a cabeça.

Apolo se vira e caminha para o espaço vazio a nossa frente. Antes ele não tivesse se virado. Que bunda é essa? Que ombros largos. O seu rebolado é muito sutil e seus sapatos não fazem um pingão de barulho ao caminhar. Já os meus saltos são muito escandalosos.

— À sua esquerda tem um refeitório com comida feita aqui mesmo, ou você pode comprar algo industrializado. Por estarmos no último andar, fizemos esse espaço para facilitar o horário de almoço dos nossos funcionários. — A forma como ele fala, parece que não come aqui com os reles mortais. — À direita tem as outras salas. Você vai trabalhar ao meu lado. Na mesma sala. — Ele me dá um olhar por cima do seu ombro e não sei se gosto ou se me sinto invadida.

— Sim, senhor. — Respondo baixo.

Ele vira em uma esquina à direita e abre uma porta. Tem o seu nome escrito nela. Ao abri-la, existem duas mesas. Parecem que foram feitas com a mesma madeira do biombo que separa mais ou menos os dois espaços. Tem uma porta à direita que está do mesmo lado da sua mesa, que é tão imponente quanto ele. Do lado esquerdo, existe uma escrivaninha com uma luminária, um computador e um cesto de lixo no chão, ao lado da mesa. Vejo sobre o móvel uma placa com o meu nome. Pelo visto as coisas aqui são muito organizadas.

Enquanto estou perdida em pensamentos, uma pilha de papéis é posta em cima da mesa menor e tem uma agenda em cima de tudo. Apolo apoia o braço na pilha e me encara com um sorriso de lado. É oficial. Se só metade de um sorriso eu já preciso trocar a calcinha, imagina se me der um sorriso

completo mostrando todos os dentes. Estou morta.

O cara é enorme e a montanha ao seu lado chega à altura do tórax largo que ele tem. Não quero nem ver quando vou terminar isso. Aperto a alça da bolsa nervosa.

— Esses são os contratos que preciso que digite. — Ele puxa a cadeira para que me sente. Dou a volta na mesa e o cheiro do seu perfume me invade. Arrumo-me no assento colocando a bolsa de lado. Um cartão de visitas aparece ao lado da pilha. — Mês que vem tenho uma reunião e preciso que vá comigo, mas não vestida desse jeito. Esse é o cartão com o endereço do nosso alfaiate. O senhor Vicente já sabe que a senhorita vai para a prova de roupas hoje.

— Preciso digitar tudo hoje? — Acho que estou muito nervosa, pois minha voz saiu muito fina.

— Até aqui. — Meu chefe mostra uma folha amarela, que está quase na metade da pilha. — Se eu fosse você começaria logo, porque o senhor Vicente só funciona até às 16 horas. — E se vira.

É muita coisa para fazer em tão pouco tempo e eu nem sei exatamente o que preciso fazer. Ligo o computador e o primeiro item que vejo é uma pasta nomeada de “*Comece por aqui*”. Não sei se foi ele que fez, mas agradeço por isso. Preciso me apressar.

Capítulo 2

Apolo Nóbrega

As inúmeras vezes em que fiquei olhando para ela em cima daquele palco não me prepararam para estar frente a frente com ela. Não sabia que sua pele era tão delicada, tão macia. E eu nem toquei nela de verdade. Saber que vou ter que dividir o mesmo espaço com naquela mulher maravilhosa, não vai ser fácil.

Tudo que eu pedi foi que a minha secretária fosse uma pessoa normal e não me tirasse do sério. E o que me aparece? Exatamente o contrário de tudo que eu preciso nesse momento.

Respiro fundo encarando meu reflexo no espelho. Já baguncei e arrumei meu cabelo mais vezes do que sou capaz de contar. Que droga.

— Bom dia, Apolo. — Um dos majoritários da empresa, que praticamente fundou com o meu irmão, vem saindo de uma das cabines do banheiro comum. Podia ter usado o da minha sala, mas saber que ao sair de lá ia dar de cara com Lívia me fez desistir da ideia. Precisava de um tempo longe.

— Só se for pra você. — Rosno para o meu colega de trabalho.

— O que foi o que aconteceu? — Por que ele tinha que ser tão irritante?

— Nada. — Lavo as mãos mais uma vez.

— Achei que o seu humor fosse melhorar um pouco depois que tivesse uma secretária. — Desligo a torneira com mais força do que o necessário. Droga. Bufo. — Ah, é isso. — Ele toca no meu ombro, depois de ter lavado e secado as mãos. — O que essa tem de errado?

Pergunta se referindo as tantas secretárias que eu já dispensei ou que se dispensaram por não suportarem o meu temperamento.

— O que quer dizer com isso, Gabriel? — Olho furioso para ele. Ser amigo de Dante deu a ele a vantagem de não se intimidar tão facilmente comigo. Deve ser por esse detalhe que não o dispensei da minha vida, ainda.

— Você sempre acha um defeito na coitada ou faz com que ela queira se demitir. Para com isso. Alguma tem que servir, se não, como você vai

fazer o seu trabalho? Tudo bem que tem dado conta, mas não custa nada ter alguém pra te ajudar. Não queira fazer tudo sozinho, Apolo.

— Eu já faço tudo sozinho. Não foi por querer que o meu irmão não está mais aqui, mas mesmo assim, tenho que tomar conta de tudo. Não vem me falar que eu preciso deixar alguém me ajudar.

— Desculpa. Não quis ofender. E você realmente não deixou ninguém te ajudar. — Termina sua fala e caminha para a porta saindo do ambiente, me deixando sozinho com meus pensamentos.

Dizer que eu não deixei alguém me ajudar é injusto. Tentei arrumar alguém que me auxiliasse na vida, mas não deu certo.

Quando Dante e Glória faleceram, procurei deixar meus sobrinhos com a mãe dela, mas como a irmã de Glória é mentalmente incapaz, Dona Martina não pode cuidar dos netos. Depois de muitos anos procurando, há dois a sogra do meu irmão conseguiu um tratamento que faria algum efeito em Gardênia e elas tiveram que se mudar para São Paulo. O pai de Glória é falecido por conta de uma doença cardíaca e como do lado paterno dos meninos sou só eu, então não tive outra alternativa senão ficar com meus sobrinhos. Não quero culpá-los por nada.

Tentei manter a minha vida do mesmo jeito, mas foi impossível. Pietro e Manuela são as duas maiores alegrias que tenho. Ainda culpo a vida por ter sido tão cruel comigo e com eles.

Primeiro, meus pais morreram em um acidente de carro. Passei anos para me recompor da tristeza que sentia e quando finalmente estava bem, meu irmão e minha cunhada são tirados de mim. Não vou abandonar meus sobrinhos, que já amo como meus desde o dia em que nasceram.

Ergo a cabeça e saio do banheiro. Não vou deixar uma mulher me intimidar desse jeito. Não sou mais um garoto sonhando com as Olimpíadas. Sou um pai de família e tenho dois filhos para criar.

Ando a passos largos até minha sala e mais uma vez, não tenho estrutura para a visão que me atinge.

Lívia está sentada em sua cadeira, olhando para o computador e lendo algo. As pernas, que posso ver por baixo da mesa, estão cruzadas subindo um pouco da sua saia. Ela morde a ponta de um lápis e outro está prendendo os seus cabelos castanhos em um coque frouxo no alto da cabeça.

Quando percebe que estou parado na porta, ergue seu olhar e suas safiras verdes se iluminam. Como eu vou resistir? Se ela começar a cantar, vou levá-la para o banheiro e não me responsabilizo por meus atos. Pigarreio,

quando ela abre a boca, deixando o lápis cair. Livia pisca algumas vezes voltando à realidade.

— Desculpe senhor. Estou lendo as instruções que deixou. Pelo menos eu acho que foi o senhor. — Travo meu maxilar e fecho a porta com força. Não estou acostumado a vê-la frágil. Quando a encaro, vem na minha mente a sua segurança e altivez que mostra no palco ao se apresentar.

Todos no andar estão acostumados com o meu temperamento explosivo, então nem ligam mais para portas batendo.

Antes de saber quem seria minha secretária me concentrei em manter essa, porque hoje é aniversário da Malu. Pelo menos só por esse dia, queria que a moça fosse até o final do expediente. As outras, que eu demiti ou que não quiseram ficar, fizeram isso depois do almoço e ainda não são nem nove da manhã. Respiro fundo para controlar minhas emoções. Olho para ela que se assustou com o meu gesto.

— Sim. Fui eu. Precisa de ajuda, senhorita Moreira? — Ela se mexe inquieta na cadeira, descruzando as pernas e me fazendo ter muitos pensamentos impróprios para o horário.

— Não estou achando onde ficam os arquivos que estão nomeados nos contratos. — Dou a volta na mesa, me inclinando para ver a sua tela. Esforço-me ao máximo para não olhar em seus olhos ou seu decote. Tê-la perto assim e ver toda a sua íris, pode ter um efeito devastador no meu peito.

Olho concentrado para sua na tela enquanto ela me aponta os nomes.

— Quando quiser achar algo escreva o nome do que deseja aqui. — Falo baixo. Não quero assustá-la mais ainda. Toco na tela mostrando a barra de pesquisa. — O que você deseja, senhorita Moreira? — Cometo o erro de encará-la.

Seu rosto está muito próximo ao meu. Livia engole em seco. Vejo suas pupilas dilatarem e ela deixa os lábios levemente entreabertos. Um convite para que a beije. Ela encara meus lábios e não percebo quando desço meu rosto de encontro ao seu, mas consigo me conter antes de chegar ao meu ansiado destino.

— Preciso lhe dizer uma coisa. — Minha voz sai baixa e rouca por conta do desejo que aumenta ao passo que permaneço ao seu lado e sei que ela vai me odiar pelo que vou falar agora, mas é necessário. Livia confirma com a cabeça levemente. — Não me envolvo com qualquer uma, mas se quiser uma rapidinha, podemos ir no banheiro e eu resolvo o seu problema. — Pisco para ela, que muda a sua expressão de entrega para uma de ódio puro e

simples. – Vou perguntar mais uma vez. O que você deseja, senhorita Moreira? – Sorrio, cínico, para ela. Consigo reerguer a parede de proteção que ela derrubou no momento em que me encarou hoje mais cedo.

— Desejo que você suma do meu caminho pelo resto do dia. Se não for pedir muito, pode desaparecer da face da Terra? Faria um imenso favor pra humanidade. – Quase posso ver o ódio escorrendo de seus lábios incrivelmente carnudos.

Perfeito. Afastei a única mulher que me chamou a atenção em muito tempo e que tem sido a única em quem eu penso nos meus dias mais solitário. Sua fala saiu baixa e controlada, mas dava para sentir toda a raiva que agora ela nutria por mim.

Lívia me olha com uma mistura de ódio e decepção. Sorrio e tento passar que não me importei nem um pouco com o que ela disse. Melhor assim.

Quando abro a boca para responder, o telefone da minha mesa toca. Afasto-me dela arrumando meu terno. Chego ao aparelho e tiro o fone do gancho.

— Nóbrega. – A outra pessoa demora um pouco a falar e fico tenso já pensando nas crianças. – Alô?

— *Senhor Apolo?* – Finalmente uma voz feminina responde.

— Sou eu. O que deseja? – Mantenho o controle para não transparecer a irritação do que acabei de fazer com a minha vida.

— *Aqui é da Escola Estrela Sorridente. É que a sua filha não está muito bem.*

— O que ela tem?! – Às vezes acho que a Malu sente que além do seu aniversário, estamos perto da data de falecimento dos seus pais.

Tenho levado os dois ao túmulo deles desde aquele dia. Procurei uma psicóloga que aconselhou levá-los ao enterro, por mais que eles não compreendessem tudo agora. Mais tarde eles iram me agradecer pois não roubei nada deles.

— *Ela tá meio molinha, sem vontade de nada.*

— E o Toro, como está? Perdão, o Pietro? – Meu menino é forte, mas não reprimo seus sentimentos.

Quando ele quer ficar mais carinhoso, eu permito. Já está mais consciente do que aconteceu. Às vezes me chama de tio Peixe, só que está mais recorrente me chamar de pai. A primeira vez que ele disse isso, eu quase chorei. Lembrei na hora do meu irmão e do quanto não queria ter assumido

seu lugar. Se ao menos ele tivesse sobrevivido ..., mas acho que ele não teria suportado essa situação. Então foi melhor assim.

— *Ele está preocupado com a irmã.* – Creio que estou falando com a professora deles.

— Estou indo. – Desligo o telefone e me dirijo à minha secretária, que tem uma ruga entre as sobrancelhas, mas encara a tela do seu computador.

Sei que ouviu a minha conversa e não vou explicar ou me desculpar pelo que falei anteriormente. É melhor que não crie expectativas a meu respeito. Estou perdido para qualquer mulher. Principalmente para ela.

— Senhorita Moreira, vou ter que sair e só volto amanhã. Se precisar da minha assinatura para alguma coisa, deixe o documento na minha mesa. Amanhã eu vejo. E não se esqueça do encontro com o Senhor Vicente. Ele costuma ser pontual. Tenha um bom dia.

Não espero sua resposta e saio, deixando-a com dúvidas. E mais uma vez, penso que talvez essa seja a melhor solução.



Chego na escola e Malu está deitada no colo do Toro com os olhos semicerrados. Eles estão sentados em um banco ao lado da sala da diretoria. A professora encontra-se postada ao lado deles, com a mão na testa da minha princesa.

— Oi, amor! – Abaixo-me até estar na mesma altura deles e passo a mão pelos cabelos castanhos da minha gatinha. – Como você está, pequena? – Ela não responde, mas sorri para mim. Olho para Toro que tem uma expressão preocupada em suas feições. – E você, Campeão?

— Eu tô bem, pai. – Essa forma como ele me chama ainda me deixa comovido. Beijo sua testa.

— Vai ficar tudo bem, filho. – Ele me encara e passo toda a confiança que consigo para ele. Pego minha filha, coloco em um braço e Toro no outro.

Levanto-me com os dois e encaro a senhora ao lado dos meus filhos. Ela tem os olhos marejados. Pigarreia e estende a mão para mim. Seguro-a

meio sem jeito, tentando não os derrubar.

— Eu sou Mônica, a nova professora deles, por causa da troca de turma. — Ela passa o braço pelo nariz, fungando um pouco.

— Lembro de você do primeiro dia de aula deles. — Pietro abraça meu pescoço. — Eu posso ir?

— Pode sim. — Ela me acompanha até a porta e antes que alcance meu carro, a professora me para. — Senhor Nóbrega, eu gostaria de conversar com o senhor na próxima vez, com mais calma.

— Tudo bem. — Ela concorda e sigo meu caminho. Coloco os meninos em suas cadeiras. Malu está com a temperatura um pouco alta e assim que a coloco em sua cadeira, ela dorme. Dou a mesma atenção a Toro, para que não se sinta destrutado. A professora me entrega seus pertences. Não percebi que não havia pego suas coisas. Agradeço e entro no veículo.

Fiquei com o carro do meu irmão, já que a minha moto foi destruída no acidente, mas mesmo assim não poderia utilizá-la no dia-a-dia. Tenho uma nova moto e quase não saio com ela. Até porque levo as crianças para a escola e de lá vou para o trabalho.

Dirijo para meu apartamento. Apesar de estar vivendo parcialmente a vida do meu irmão, não fiquei com a sua casa. A psicóloga disse que seria importante morar no ambiente em que meus sobrinhos foram criados para não gerar traumas futuros. Então passei quatro meses com eles lá e coloquei-a para alugar. Depois disso voltamos para a minha casa. Como já tinha montado um quarto para eles, achei que não teria problema algum se ficássemos onde eu já morava.

Amo meus filhos e tê-los junto a mim é uma felicidade grande. Por mais que a forma como eles conseguiram esse título tenha sido inusitada, nunca deixaria que eles fossem separados ou que ficassem em um orfanato.

— Pai? — Pietro me tira dos pensamentos. Olho pelo retrovisor.

— Oi, filho.

— Tá perto da data que nossos pais morreram, né? — Esse garoto é muito astuto.

— Sim, filho. — Falo com certo pesar.

— A Malu sempre fica triste nesse dia. — Toro baixa os olhos. Odeio ser eu o portador das más notícias. Por eu sempre chamá-la assim, meu filho acostumou.

— É, mas hoje é dia de alegria. É o aniversário dela e a gente precisa ficar feliz. Temos que deixá-la tranquila pra que aproveite a festa. E você

também. – Mudo de assunto. – Quer passar o resto da tarde no parque aquático?

Nesse momento vejo seus olhos brilharem.

— Sério, papai? – Ele abriu o maior sorriso do dia. Aquele que eu me derreto todo.

— Muito sério. – Abro o mesmo sorriso para ele.

— Vou levar todos os meus brinquedos. – Levanto a sobrancelha e Toro baixa os olhos, meio triste.

— Só um. – E o sorriso dele volta com tudo.

— Qualquer um?

— A gente vai escolher. – Estreito os olhos em sua direção.

— Viva!!! – Seu grito acorda Malu. Ele fica eufórico em sua cadeirinha e fazendo vários planos com a irmã sobre o parque.

— E não se acostumem. É só hoje.

— Viva!!! – O grito é coletivo.

E essa agitação dura a tarde toda. Fazia tempos que não nos divertíamos assim. E só voltei a pensar nela no final da noite, quando é normal pensar no que ela está fazendo.

Agora tenho que parar com isso urgentemente, principalmente se espero vê-la amanhã no seu posto de trabalho.

Capítulo 3

Lívia Moreira

— Idiota. Babaca. Estúpido. Salafrário. Pilantra. Otário. Zé Ruela. Delicioso. Gostoso. Argh! Ódio! – Atiro o lápis que usei para prender o cabelo na porta que ele acabou de fechar. Como? Como eu pude ser tão burra logo de cara? É só isso que ele vê em mim? Uma garota fácil? Ah, mas ele está muito enganado. Essa daqui jamais irá ficar em seus braços e ser atirada naquela mesa. Deixar que ele tire a minha calcinha e me faça um carinho incrível e me faça gozar várias e várias vezes até cansar.

Lívia, não vai por aí. É perigoso demais.

Levanto-me e ando de um lado para o outro na sala. Vou embora. Não vou aguentar isso. Essa tortura de odiá-lo por ser um machista que acha que eu sou só um pedaço de carne que ele pode se servir a hora que quiser e de desejá-lo para que faça exatamente isso. O que eu faço? Bagunço meu cabelo em completo desespero. Preciso desse emprego. Ele pode arrumar várias outras secretárias. Mas aí, o meu coração de manteiga me recorda das palavras de Rebeca. Para que eu tenha paciência com ele, devido à situação delicada que está enfrentando. Isso me lembra de que eu não sei que situação é essa. Será que tem a ver com o telefonema que ele recebeu? O telefone da minha mesa toca. Tomara que não seja ele.

— Escritório do senhor Nóbrega. – Estou com tanta raiva que não me lembro de falar o meu nome.

— *Oi, Lívia. Sou eu, Rebeca.*

— Oi, Rebeca. Pode me chamar de Lily.

— *Ah, que maravilha. Já somos amigas.* – Ela gargalha do outro lado da linha. Reviro os olhos para o seu comportamento. – *Mais sim, deixa eu te falar. Vi que o senhor Nóbrega saiu e queria conversar um pouco com você. Pode ser?*

— Olha, Rebeca... – Ela me corta.

— *Me chame de Beca.* – Juro que posso ver os seus olhos brilhando ao falar isso.

— Então, Beca. Ele saiu, mas me deixou uma pilha de contratos para

digitar e ainda tenho que ir ao alfaiate.

— *Ah, é verdade. A reunião dos acionistas. Ele vai estar muito nervoso. Você precisa estar apresentável. Ainda bem que você foi contratada para ajudá-lo. Ele estava ficando maluco com tanta coisa que tem pra fazer aí.*

— Mas Rebeca... – Não deixa que eu termine.

— *É Beca.* – Ela me corrige. Suspiro fundo.

— Beca, se você sabia que ele precisava de ajuda, por que você não ficou com o cargo e a outra contratada poderia ficar com o seu? Afinal você conhece a rotina dele.

— *Eu também pensei nisso, mas não posso sair muito tarde. Moro com meus pais idosos e praticamente sustento a casa. Nesse trabalho, às vezes, é preciso ficar até mais tarde e precisavam de uma pessoa solteira para esse serviço. Além do que, eu não suporto receber gritos.*

— Ah, e você acha que eu suporto? – Falei um pouco indignada.

— *Não foi o que quis dizer. É que eu choro muito fácil. Minha vida não está nada boa. Ainda mais que não tenho um namorado e fica cada dia mais difícil. Não posso perder esse emprego.* – Aperto o espaço entre meus olhos, respirando fundo. – *Por favor, não desista.*

— Como assim? – Por essa eu não esperava.

— *Você é a quinta secretária. Só esse mês. Normalmente as moças que passam por essa mesa costumam ficar até mais ou menos a hora do almoço. Isso no primeiro dia de trabalho. Não quero que vá embora.*

— Por que elas desistem tão rápido? – Isso está me parecendo um desafio.

— *Como eu disse, o temperamento dele não é dos melhores. Ele se estressa muito rápido e com isso acaba explodindo em cima do primeiro desavisado que aparecer.* – Minha mente viaja na palavra *em cima*, o que não é nada bom. – *Isso quando ele mesmo não manda a pessoa embora, porque não gostou dela ou é muito lerda ou rápido demais ... Ele sempre acha um defeito. Por isso, eu peço, aguenta mais um pouco. Tenho certeza que vocês se darão muito bem.* – Bufo para o seu positivismo. Ele é muito desagradável para que aguenta mais um dia. Penso em desistir, mas não posso. Meu apartamento novo depende disso.

Rebeca ainda não me pressionou por uma resposta. Suspiro fundo e falo.

— Tudo bem. Vou dar mais um dia a esse Zé Ruela.

— *Haha não chame seu chefe assim. Ele pode ouvir.*

— Não estou nem aí. Se eu tenho que aturar o temperamento esquentado dele, então ele também pode ouvir os lindos apelidos que ganhou. – Ouço sua risada. Ela pode ser meio doidinha, mas sei que teremos uma boa convivência.

— *Eu tenho que desligar agora. A gente se vê na saída. Tchau Lily.*

— Bom trabalho, Beca. – Com isso desligo. Pego o lápis que eu atirei na porta e prendo o cabelo de novo. Tenho muito trabalho pela frente e preciso terminar o quanto antes.



— Boa tarde, moça bonita. – O velhinho simpático me recebe, enquanto me recupero da corrida desesperada. Que alfaiate longe! Saí correndo antes das 16 horas como fui orientada. Paro na porta com a mão no peito, tentando colocar ar para dentro dos pulmões. Nunca tinha corrido tanto na vida. – Pegue. – O senhor me estende um copo com água. Recebo o que me é ofertado, enquanto o senhor de idade me direciona para uma cadeira. Tomo em um gole só. – Por que estava correndo tão rápido, querida?

— É que ... eu não ... queria chegar ... atrasada. – Paro de falar um pouco para tomar ar. – E achei que o senhor já estivesse de portas fechadas, mas poderia me atender? Por favor. Não posso chegar no trabalho amanhã sem ter vindo aqui hoje.

O senhor começa a rir muito. Tanto que o seu pequeno corpo balança todo. Ele é meio curvado e tem os passinhos lentos, mas sua risada é poderosa.

— Minha filha. Eu? Fechar a loja agora? Só depois das 19 horas, querida. – Ele segura meu ombro. – Acho que alguém pregou uma peça em você. – E me oferece um sorriso gentil. Agora eu não consigo me controlar de raiva.

— Eu não acredito que aquele *playboy* metido a besta fez isso

comigo. E ainda me deixou quase o *Empire State Building*^[1] pra eu digitar, quando poderia ter vindo aqui mais tarde. Eu não acredito. – Minha respiração voltou a ficar acelerada.

— Fique calma, minha filha. Eu sou o Vicente e vou lhe atender. Venha comigo. – Levanto-me sem muito esforço. Adrenalina no meu sangue me deixou menos cansada. – Preciso do seu nome e do nome da empresa. – Passo os dados para ele.

O espaço é bem aconchegante. Tem uma sala com vários espelhos, mas acho que só ele trabalha aqui. Uma cortina nos fundos da loja separa os espaços. Depois de pegar tudo que precisava ele abre a cortina e uma moça está sentada lá dentro. Ela se levanta para me receber, coloca a revista que segurava de lado e me oferece um sorriso com a mão estendida.

— Oi, eu sou a Ceginara. – Que nome diferente.

— Eu sou a Livia. – Aperto sua mão.

— Seja bem vinda, Livia. – Ela é alta, usa óculos, cabelos escuros e curtos na altura dos ombros. Seu sorriso é contagiante. – Fique à vontade.

Ceginara aponta o interior do cômodo e eu a sigo.

— O senhor Nóbrega informou que viria nesse horário mesmo. – *Senhor Nóbrega*. Quando eu pegar aquele... – Algum problema? – Devo ter expressado a minha raiva nos olhos.

— Nada demais. – Ela sorri e fica mais bonita ainda. – O que foi? – Não contendo um sorriso.

— Ele disse que a gente fechava cedo, né?

— Aquele mau caráter fez isso com outras pessoas?

— Ele costuma fazer isso com quem acha que vai se atrasar. – Ela balança a cabeça, pega uma fita métrica, um lápis e um bloco de notas.

— Não acredito. Eu tenho muito trabalho pra fazer e hoje é o meu primeiro dia. – Vou falando enquanto a costureira vai tirando as minhas medidas. Coloco minha bolsa no chão para não atrapalhar o trabalho dela. – Que idiota. Eu poderia ter deixado pra vir no final do expediente. – Ela levanta meu braço e segura a fita da junção dele até o meu quadril. – Ridículo. Estúpido. – Ceginara sorri de leve. – Não ria de mim, por favor. Ainda tenho que voltar. Nem almocei pra terminar os contratos que ele me passou. Tudo pra nada. – A moça me gira e laça minha cintura com a fita. Toda vez que ela muda minha posição, anota alguma coisa no bloco de notas.

Conforme vai anotando as minhas medidas, vou tagarelando o quanto ele foi idiota de ter me dito uma hora que não era a de fechamento do alfaiate.

Pena que a Rebeca não fica no térreo. Se a tivesse encontrado, não teria passado por isso.

— Você está apaixonada por ele. — A moça da loja me interrompe falando muito baixo. Por mais que tenha tagarelado sem parar até agora, pude ouvir seu comentário muito claro.

— Nem morta! — Protesto com veemência.

— A negação faz parte do processo. Até a aceitação, vai ser uma longa caminhada. Pra vocês dois.

— Escuta aqui, moça do nome estranho. — Coloco as mãos nos quadris e ela me encara com um sorriso de canto. — Eu não sou apaixonada por aquele babaca. Como poderia, se a cada palavra ele me afasta. Não vou me derreter por um idiota. Além do mais, deve ser casado, já que saiu às pressas hoje. — Ceginara cobre a boca com a mão na vã tentativa de esconder seu sorriso. — E vê se para de ri da minha cara. — Aponto o dedo acusador para ela.

— Tudo bem. — Levanta as mãos em sinal de rendição. — Não falo mais nada. — Ceginara se vira e vai para uma bancada onde fica um tempo calada, como se estivesse sozinha.

Será que ela tem razão e eu sou apaixonada por aquele grosseiro? Em tão pouco tempo? Ele tem um corpo gostoso. Posso ter tesão nele, mas daí a estar apaixonada? Acho precipitado.

— Ficar pensando sobre o assunto não vai mudar os fatos. — A moça se vira com uma comanda em uma mão, na outra uma sacola e me estende os dois. Acho que ela lê pensamentos. — Esse é o seu número de retirada do uniforme. Quando vier buscar, traga-o com você. E esse aqui é o modelo provisório para você usar até o seu ficar pronto.

— E quando fica pronto?

— Na quinta. — Seu sorriso tranquilo, não me deixa menos inquieta quanto à suposição que levantou. Pego tudo que Ceginara me estende. Minha bolsa também está em sua mão e juro que não vi quando ela a pegou do chão.

— Vou precisar devolver? — Ergo a sacola com o uniforme que acabei de receber.

— Não. — Continua com o sorriso apaziguador no rosto.

— Então na quinta eu volto. — Sem dar tempo para que fale outra coisa, me viro para saída e sigo para casa.

Fiquei tão nervosa com a afirmação dela que esqueci de voltar para a empresa. Mas quer saber? Não vou voltar. Já deixei tudo encaminhado e

como ele mentiu, é mais um motivo para não pisar naquele lugar até amanhã.

Preciso me recuperar do choque que foi vê-lo tão de perto. Apolo Nóbrega se mostrou um desafio para mim. Misterioso, astuto e tenho certeza que é inteligente também. Não quero começar a imaginar como ele se comporta entre quatro paredes. Merda! Já estou pensando! Trabalho com ele entre quatro paredes. Não vou parar de pensar o que poderíamos fazer naquele espaço. De jeito nenhum. Não vou me entregar para aquele *Zé Ruela*.



No dia seguinte me levanto antes do horário que estou acostumada por medo de perder a hora. Quero chegar bem cedo e ver se consigo finalizar o que comecei ontem.

Entro no chuveiro mais rápido que um raio para não correr o risco de faltar água no meio do meu banho outra vez. Termino e corro para me trocar.

Pego a sacola com o uniforme provisório que Ceginara me deu. Tem uma blusa de tecido mais maleável, que não sei o nome, amarela e um terno vinho com a saia. Ela tem uma lasca atrás e vestiu super bem. Acho que não vou precisar pegar o uniforme na quinta. Esse aqui está fantástico. É o meu primeiro dia com uma roupa descente.

Visto-me o mais rápido que consigo para ainda me maquiar, mas nada muito extravagante. Coloco meu sapato novo, *scarpin*, um dos luxos que me dei no final do ano passado.

Pego uma bolsa menor, já que não precisei de nada que levei na outra. Coloco meu celular, carregador, meu Kindle e minha carteira. Perfeito.

Tomo um café rápido. Na verdade, faço um mingau de aveia. Vai me fazer ter fome só na hora do almoço, se eu tiver um.

Pronta para enfrentar meu novo chefe de cabeça erguida. Já até esqueci sobre o que a Ceginara falou de eu estar apaixonada por aquele *Zé Ruela*.

Desço pelas escadas.

Quando fui fazer a entrevista, pedi muito por esse emprego, por ter o maior salário entre as demais vagas que tentei naquele dia, mas o que me fez desejar com todas as forças para ficar nele é que fica próximo à minha casa. Então foi perfeito quando me ligaram dizendo que a vaga era minha e que eu começaria a trabalhar na segunda de manhã. O que deu mais certo é que o bar onde canto nas sextas e sábados fica na rua de trás de onde moro atualmente. Espero arrumar um outro apartamento tão perto quanto esse.

Chego no prédio em que trabalho e a moça da recepção acabou de chegar. Passo rápido e digo um “bom dia” sem esperar sua resposta. Paro na porta do elevador e espero. Estou animada e vou surpreendê-lo. Qual será a cara dele quando entrar na sala e me ver? Vou recebê-lo com um sorriso no rosto. Aquele Zé não perde por esperar. Vou provar que sou tão boa quanto alguém que possui o ensino superior. Que não sou só um pedaço de carne que ele pode falar o que quiser. Ele vai me respeitar por eu ser eu.

O elevador chega e aperto o último número do painel. Ainda fico meio apreensiva de subir tudo isso sozinha. Quando as portas do elevador estão se fechando, uma pasta preta interrompe o seu caminho e ela se abre novamente.

Não acredito. Não pode ser ele. Ainda não são 07:30hs! Fica calma.

Não é mesmo ele. Relaxo e solto a respiração que não senti que estava prendendo.

— Bom dia.

O moço que entra tem um rosto bonito. O sorriso é agradável. O terno é alinhado, na cor marrom.

— Bom dia. – Respondo, com tranquilidade. Só o Zé Ruela que me tira do sério. A porta se fecha e segue seu caminho.

— Nova por aqui? – Sua pergunta me tira dos pensamentos.

— Sim. Comecei ontem.

— Ah, então é você! – O homem me olha de cima a baixo. Ergo o queixo, mostrando para ele que não sou qualquer uma. Aí lembro do que aquele idiota falou. Respiro fundo.

— Sou eu o quê? – Pergunto um pouco irritada.

— Calma. Não precisa ficar tensa. Eu sou Gabriel Ávila. Prazer. – Entende-me a mão. Aperto com firmeza. Nunca fui uma moça muito delicada mesmo e faço questão de passar a impressão certa.

— Livia Moreira. – Respondo.

— Você é a nova secretária do Apolo? – Não sei por que, mas parece que ele já sabe a resposta.

— Sim.

— Que bom que voltou. – Gabriel olha para a contagem de subida dos andares.

— Você não apertou o seu andar. – Falo.

— Vou para o mesmo que você.

— Tudo bem. – Dou de ombros.

— Olha só. – Ele se vira na minha direção me pegando de surpresa, invadindo completamente o meu espaço e olhando dentro dos meus olhos. Ele tem um cheiro de lavanda que me atinge com tudo. Lembro imediatamente do meu chefe idiota e isso me deixa com muita raiva. – Ele pode ser marrento, mas se você souber como conversar com ele, vai dar tudo certo. E uma coisa boa aconteceu, você voltou. Dá tempo ao tempo. Releva se ele falar alguma grosseria.

— Ah, então eu vou ter que aturar toda aquela má educação calada? – Cruzo os braços e ele se afasta um pouco.

— Não é isso. Ele teve uma vida difícil.

— Vida difícil? Não é porque ele teve uma vida difícil que pode sair maltratando as pessoas que ele nem conhece.

— Então responde à altura.

— O quê? – Franzo o cenho para ele.

— Se ele for grosseiro, rebata. Mas sem descer o nível. Assim, ele amansa rapidinho.

— Não quero que ele amanse, quero respeito e aquele idiota vai ter o que merece. – Gabriel gargalha alto e com isso, abro um sorriso involuntário, fechando na mesma hora.

— Vocês vão se dar bem. – Gabriel fala com tranquilidade.

— Isso se a gente não se matar ou eu perder o emprego. – Deixo meus ombros caírem.

— Não vai acontecer. Se ele pensar em te demitir, eu te levo pra mim. – E pisca o olho na hora que as portas se abrem. – Tenha um bom dia. – Fala e sai para a sua porta. O sigo e caminho para a sala na qual trabalho. Pelo menos vou ter tempo de me recuperar antes do Zé Ruela chegar.

Entro na sala e coloco minha bolsa na mesa. Ontem não tive tempo e nem cabeça para olhar direito o espaço. Caminho até um móvel perto de uma porta, que ainda não sei onde vai dar. Nesse móvel tem uma cafeteria, um

pote com café e outro com açúcar. Uma xícara que eu não preciso perguntar para saber que é dele. Tem uma imagem do oceano. Um bebedouro se encontra ao lado desse móvel.

Começo a preparar um café e a porta ao lado se abre. Sinto um cheiro de sabonete e um vapor saindo pela porta.

E daquela nuvem vejo Apolo. Ele realmente merece esse nome. É um verdadeiro deus saído direto do olimpo. Se eu já salivava por esse corpo antes, agora preciso usar um babador.

Meu chefe aparece na minha frente com o dorso nu e com algumas gotas de água descendo por ele, indo de encontro a barra da sua calça. E eu não estava preparada para isso. Ele tem uma tatuagem que pega uma parte do seu peito, cobrindo o ombro esquerdo, descendo pelo braço musculoso, até o cotovelo.

O desenho parece uma tribal, com várias linhas, mas em cada uma tem um desenho, um lobo, uma águia, um casal de beija-flores e um par de asas de anjos. É toda em preto e branco. Perfeita. Combina muito com ele. Fiquei com vontade de saber a história daquele desenho. Deve ter um significado muito grande para que ele marcasse para sempre em sua pele.

Nesse momento sinto que as barreiras que via antes em seus olhos, não estão erguidas, enquanto me fita com os cabelos molhados e o dorso nu. Isso me instiga a me aproximar. Dou um passo na sua direção. Percebo sua respiração acelerada. Coloco a mão sobre seu peito, especificamente na tatuagem. Sua pele é quente, por mais que esteja molhado.

— É linda. — Sussurro.

— É a minha história. — Ele responde no mesmo tom.

— Queria que me contasse um dia.

— Liv... — É a primeira vez que ele me chama pelo nome, quer dizer, apelido, mas esse é novo.

Sua pupila dilata. Apolo, em um movimento rápido, envolve minha cintura e me pega em um beijo arrebatador. Ainda de salto não chego ao seu rosto. Meu chefe me aperta contra seu corpo aprofundando mais o beijo. Sua língua invade minha boca sem pedir permissão ou passagem. Sou preenchida por sua intensidade. Sua mão desce até minha bunda e aperta com vontade me puxando mais ainda para junto do seu corpo, eliminando todo espaço entre nós.

Enterro meus dedos em seu cabelo macio e puxo um pouco. Ele geme na minha boca e só com isso acendeu a chama que pensava nunca mais

alguém seria capaz de fazê-lo. Arranho a pele quente de seus ombros.

Por um instante somos só nós. Sua mão desliza por meu corpo explorando tudo que varreu com os olhos no dia anterior e sua carícia é a melhor que já tive até hoje. Sinto quando seu membro me pressiona e perco o fôlego, nos separando para tomar ar.

Nesse instante, Apolo me encara. Sinto a mesma conexão que tivemos na primeira vez em que trocamos um olhar. E agora vejo o exato momento em que ele ergue o muro novamente e me solta. Minhas pernas estão bambas. Ele se afasta de mim, colocando a camisa e o paletó. Fico observando seu comportamento e cada passo que ele dá.

— Bom dia, senhorita Moreira. — Sua voz sai mais grossa do que estou acostumada. O que aconteceu com *Liv*??

— Bom dia, senhor Nóbrega. — Falo irritada.

— Vejo que passou no alfaiate. — A voz de Ceginara invade meus pensamentos e lembro da sua brincadeira muito sem graça.

— Sim, eu fui e descobri que ele não fecha às 16:00h como me contou! — Cruzo os braços fervendo de raiva. Ouço sua risada. — Isso não tem graça. Eu tive que sair correndo daqui.

— Mas pegou o uniforme. Que por sinal, fica ótimo em você. — Olha por cima do ombro, me fazendo lembrar do nosso momento e de como ele se afastou rápido.

— Você é casado? — Minha pergunta sai antes que pense com cautela.

Apolo só levanta a mão esquerda me mostrando que não ostenta o símbolo indicado pelos homens do matrimônio. Continua se vestindo sem me olhar direito.

— Isso não quer dizer nada. — Ainda de braços cruzados e sem querer acreditar nele. Ele tem que ser casado.

— Não sou casado. Feliz? — Ele fala irritado.

— Só queria ter certeza. — Caminho para minha mesa para começar o trabalho de hoje.

Agora a droga do cheiro dele não vai sair de mim. Muito menos a lembrança dos seus lábios nos meus. O desgraçado beija bem demais, para o meu azar.

Capítulo 4

Apolo Nóbrega

Não acredito no que eu fiz. Como posso ter me descontrolado desse jeito? Nunca, em toda a minha vida, deixei meu desejo falar tão alto assim. Passo a mão pelos cabelos, procurando manter a calma. *Respira, Apolo. É só uma mulher!* Que não sai da minha cabeça desde o dia que a vi naquele palco vestida com uma saia de verniz e botas na altura do joelho. Que merda! Nem desse maldito detalhe eu esqueço.

Levanto bruscamente, completamente frustrado, caminho até a cafeteira, pego minha caneca e me sirvo de um pouco de café. Tomo um gole com cuidado para não me machucar.

O que ela veio fazer aqui tão cedo? Por que ela tinha que chegar enquanto terminava meu banho?

Meu pensamento não saia dela desde ontem e imaginei que chegar cedo hoje e dar umas braçadas poderia me ajudar a esquecê-la um pouco, mas com o meu ato impulsivo de agora a pouco, vai ser impossível. Conheço seu gosto e essa será a minha perdição.

Ouçó enquanto ela digita furiosamente em seu teclado. Não vou olhar, porque se ver suas bochechas coradas de raiva, não sei se vou conseguir me manter afastado. Aperto os olhos com força e me viro para voltar à minha mesa. Tenho vários contratos para analisar e autorizações de entregas de pedidos. Trabalho burocrático é terrível.

Enquanto caminho para o meu posto sinto seus olhos em mim acompanhando cada movimento meu. Tento não corresponder, mas ao passar a mão pelos cabelos, viro o rosto na sua direção. Seus olhos encontram os meus. Ela é muito linda. Seus olhos verdes jamais saíram nos meus sonhos. Fecho os olhos e baixo a cabeça rapidamente. Que merda. Ela volta a digital com mais raiva ainda.

Sento-me na cadeira giratória que todos os executivos desse andar possuem. Não desejava uma dessas, mas vinha com o pacote da sala, fazer o quê?

Os dias de trabalho se seguiram sem mais problemas. Sem contar que

o beijo era como um elefante branco na sala todos os dias. Quando nos víamos pela manhã, ela corava horrores e a minha vontade era agarrá-la de novo, tê-la em meus braços entregue como daquela vez.

Quando se inclina sobre a minha mesa para falar algo seu perfume me acerta como um soco no estômago. Foi pegar o uniforme ontem e está irresistível como nunca. Ela fica mais linda a cada dia que passa. Se uma mecha cacheada do seu cabelo se solta dos outros e desce sobre seu rosto meu desejo é colocá-lo atrás de sua orelha, só para ter uma desculpa de tocá-la mais uma vez. Uso todo o meu autocontrole para não avançar o sinal de novo.

Às vezes, quando a vejo falando ao telefone, sua risada me deixa irritado, pois não é para mim. Pego-me imaginando com quem ela está falando e me sinto um miserável.

Hoje é sexta-feira, o dia que vou as escondidas vê-la cantar. Normalmente não quero que saiba que estou lá, mas a verdade é que nesse dia gostaria que cantasse para mim.

Ela chegou no mesmo horário de sempre. Já tem duas semanas que estamos trabalhando juntos. O que é um progresso. A ideia de dividir o espaço da minha secretária comigo deu certo. Ou será que o motivo para que se mantenha aqui é outro? Sei que posso ser desagradável em alguns momentos, porque já a ouvi me xingar de *Zé Ruela* inúmeras vezes.

Meu celular passou a manhã inteira sem área e os telefones da empresa estão mudos. Não sei o que aconteceu, mas ainda temos internet, então menos mal. Podemos trabalhar quase sem problemas.

Lívia começa a cantarolar e já me sinto impaciente. Queria puxar a cadeira e ficar ao pé de sua mesa para ouvi-la melhor, mas o que eu realmente faço é o oposto.

— Pode ficar quieta um segundo, senhorita Moreira? – Ouço-a bufar. *Por que não posso ser mais amável?* Se for agradável, vou me envolver mais do que já estou e é melhor manter distância.

O objeto que nos separa é sempre bem-vindo, mas ainda posso ouvi-la.

— *Por que não deram uma sala só pra esse Zé Ruela?* – Ela resmunga baixinho.

— Posso ouvir você, sabia? – Falo em um tom claro. Liv fica em silêncio, por ter sido surpreendida.

— *Então responde.* – Fala um pouco mais alto agora.

— Porque não queria você do lado de fora, em outro andar e principalmente, longe de mim. – Nossa. Essa frase vai ter uma conotação toda errada. Espalmo a mão na testa.

— *Como assim?* – Sei que posso estar cometendo um erro, mas preciso olhar para ela. Levanto-me, dou a volta no separador e me apoio em sua mesa, colocando as mãos nos bolsos. Ela me encara com surpresa.

— Porque as outras secretárias sempre falam mal de mim para as novatas. Sou tido como o pior chefe para quem se possa trabalhar aqui. Não quero que seja influenciada por fofocas e por coisas que não são verdadeiras. E quando eu estava no quarto andar, Rebeca me ajudou bastante. É a única que gosta de mim.

— Perguntei pra ela porque não veio pra cá com você. – Ela se escora no encosto da cadeira com as sobancelhas levantadas e cruzando os braços na altura dos seios. Por que fui olhar o gesto dela? Recordo que quando os tinha pressionados contra meu peito e uma parte específica da minha anatomia começa a latejar. Viro o rosto para o lado desviando do seu olhar.

— Porque quando estava trabalhando comigo ela passava muito tempo aqui e seus pais idosos precisam dela em casa.

— Ela me contou sobre isso. – Liv se inclina para frente.

— Por isso, quando me ofereceram essa sala, pensei que poderia dividi-la com a minha secretária. Não queria ter que construir tudo de novo. Ia demorar muito e não tinha tanto tempo assim. Precisava de um espaço aqui em cima e rápido. Por isso, essa foi a melhor solução. – Bato de leve na madeira para enfatizar meu argumento.

Lívia me encara, mas não tenho coragem de olhar para seu rosto. Acho que está tentando saber se é verdade o que disse.

— Se não é casado, por que me soltou tão rápido? Foi tão ruim assim? – Sua pergunta me pega de surpresa e a encaro. Não consigo responder e me afasto da sua mesa.

— Esqueça isso. – Volto para o meu lado, sento na cadeira e enterro o rosto nas mãos. Por que eu a beijei? Por que tinha que estragar tudo desse jeito? Como vou ter uma conversa com ela sem que entremos nesse assunto? Ergo a cabeça e ela está lá, parada olhando para mim. Ela é a visão do paraíso no meu inferno. Não posso tê-la em meus braços, não dá. Não posso levar uma pessoa para cama sem pensar nos meus filhos. Poderia ser coisa de uma noite, mas o maior problema da minha vida é que não sei mais como fazer isso. E fica ainda mais complicado se for com ela.

Respiro fundo.

— Do que você tem tanto medo? – Ela pergunta se aproximando mais de mim.

— Quem disse que tenho medo? – Falo sem deixar transparecer que ela tem toda razão. Meu peito dói em pensar que já tenho uma família que depende de mim e que não posso deixar ninguém entrar. Antes que tome mais uma decisão errada meu celular toca. Atendo sem olhar o visor.

— Alô! – Não deixo de olhar para minha secretária.

— *Bom dia. O que tá fazendo?* – Talvez ela tenha uma notícia boa para mim.

— Bom dia, querida! Trabalhando. Tudo bem? – Liv não fala nada, mas sei que está muito irritada. Acha que menti quando disse que não era casado. Melhor assim. Ela vai ficar o mais longe possível do babaca que eu me tornei para as mulheres.

— *Tudo maravilhoso. Tô ligando pra dizer que a professora dos meninos faltou e como não conseguiram falar com você, me ligaram. Já passei no colégio e os peguei. Estou levando eles pra você.*

— *Oi, papai.* – Ouço suas vozes. Por um momento achei que era pegadinha dela, mas pelo visto é verdade.

— Oi, meus amores. – Falo rapidamente e volto para minha conversa inicial. – Sol, não. Eu preciso trabalhar. O que eu vou fazer com eles aqui? – Levanto-me da cadeira e ando de um lado a outro. Só agora percebo que o telefone voltou a funcionar. – Já estamos perto do almoço. Não pode ficar com eles até as 17:00?

— *Não dá, gato. Tenho uma turma de dança que começou nessa semana. Se não fosse por isso ficaria.*

— Tenho uma reunião no final da tarde. Eles não podem ficar comigo. – Continuo andando sem parar. Lívia voltou para sua mesa com cara de poucos amigos. Não tenho tempo para me incomodar com isso agora.

— *Deixa pra outro dia, seus filhos precisam de você.* – Droga. Aperto o telefone com força. – *Beijo, estamos quase chegando.* – E desliga a chamada.

O que eu vou fazer? Não posso adiar essa reunião. Já está marcada há meses e esse fornecedor é muito importante para a empresa. Que droga!

— Problemas em casa? – Minha secretária escolhe esse momento para ser sarcástica.

— Mais ou menos. – Estou tão angustiado que não pensei direito no

que estava dizendo. – Não posso ficar com eles aqui. Não dá certo. – E continuo caminhado com a mão na cabeça. – Essa reunião é importante demais pra ser adiada.

— Se for mesmo necessário na sua vida pessoal, adie. – Minha secretária está ao meu lado, enquanto não paro quieto.

— Estou esperando essa oportunidade tem meses. Eles vão achar que sou incompetente, que estão tratando com um moleque e que não merecia ter ficado no lugar do meu irmão, o que eu concordo com todo meu coração. – Suspiro pesado. – Como queria que estivesse aqui. – Olho para cima e nesse momento sinto sua mão afagar meu braço. Fico tenso sob seu toque e ela continua. Baixo o rosto devagar e encaro seus olhos.

— Vai ficar tudo bem. – Liv me olha com ternura da qual nunca fui alvo antes. Quando percebe o que está fazendo sua expressão fica surpresa, tira a mão rapidamente do meu braço e segura seus cotovelos. Tenho vontade de abraçá-la e agradecer por suas palavras, mas sou covarde demais para isso, então me afasto e pego um copo com água. Tomo de uma vez só, engolindo o nó que se formou em minha garganta.

— Eu sei que vai. Só não sei... – Antes de terminar minha fala, Pietro, Manuela e Marisol entram pela porta.

— Papai! – As crianças gritam assim que me veem. Abaixo para abraçá-los. Toda a minha dúvida se esvaindo. Seus bracinhos envolvem meu pescoço e eles enchem meu rosto de beijos. Sol não mentiu quando disse que estavam chegando.

— Que saudade de vocês!!! – Levanto com eles no braço e rodo um pouco ouvindo seus gritinhos de felicidade. – O que vocês estão fazendo aqui uma hora dessas?

— A gente não teve aula, papai. – Malu responde com um sorriso no rosto.

— É. A tia até tentou ligar, mas não conseguiu. – Toro completa.

— Papai ficou sem telefone por um tempo. – Respondo.

— O que aconteceu? – Minha princesa inclina a cabeça para o lado enquanto faz sua pergunta.

— Não tinha sinal.

— O que é isso? – Uma ruga aparece no meio da sua testa.

— Deixa de ser burra, Manuela.

— Ei! – Olho zangado para Toro. – Não chame sua irmã de burra. Se ela não sabe de uma coisa, explique pra ela. Peça desculpas. – Pietro baixa os

olhos.

— Desculpa, Malu. Não vou mais te chamar de burra.

— Vai sim. Você sempre faz isso. — A garotinha retruca e se pendura no meu pescoço, escondendo seu rosto no meu ombro.

— Pietro. — Meu filho me olha alarmado. Quando o chamo pelo nome, sabe que estou mesmo zangado.

— Desculpa, papai. Prometo que não falo mais isso com ela.

— Acho bom. — Viro-me para minha filha e falo no ouvido dela. — Ele não vai mais falar isso, tá bom?

— Tá. — Levanta o rostinho, enxugando os olhos com o braço. Ela olha ao redor e para sua atenção em Livia. — Quem é ela? — E aponta o dedinho para minha secretária. Toro olha na direção que sua irmã indica e me olha torto.

— É a nova secretária do papai. — Respondo. Livia tem uma expressão indecifrável em seu rosto. Sol está do seu lado com cara de boba. Ela sempre fica desse jeito quando me vê com meus filhos.

Malu se estica para sair do meu braço e coloco os dois no chão.

— Oi. Meu nome é Manuela, mas pode me chamar de Malu. Qual é o seu? — Minha filha estica a mão para que a outra a aperte. Livia muda completamente sua expressão para uma de ternura e felicidade, mas ainda ostenta uma ruga de estranhamento.

— Olá, Manuela. — Minha secretária segura a mão estendida de minha filha. — Eu sou Livia, mas pode me chamar de Lily.

— Oi, Lily. Gostei de você. — E sorri. Toro tem uma expressão fechada e de braços cruzados.

— O que foi, Campeão? — Falo, me abaixando ao seu lado.

— Eu não gostei dela. — E faz um bico.

— Por quê? O que a senhorita Moreira fez a você? — Passo a mão em seus cabelos castanhos. Pietro está cada dia mais parecido comigo, tanto na fisionomia quanto na questão temperamental. Preciso melhorar isso ao lado deles. De marrento aqui, basta eu.

— Ela vai tirar o senhor da gente. — Isso não estava programado. O que será que deixei passar para que ele pensasse desse jeito? Olho para Livia e ela tem uma expressão de surpresa no rosto, assim como a minha.

Sol quebra o clima embaraçoso com uma gargalhada alta.

— Meu Deus. É realmente óbvio que isso vai acontecer. — Ela fala, apontando de Liv para mim.

— Marisol. – Levanto olhando sério para ela, que interrompe a risada na mesma hora. Minha prima distante, que também me ajuda nas horas vagas e como babá de uma noite, me olha apreensiva.

— Desculpe, mas é isso mesmo.

— Já fez o que tinha que fazer. Pode ir pra sua aula de sei lá o quê.

— É dança, Apolo. – E revira os olhos.

— Que seja. – Aponto a saída.

— Como você consegue passar o dia inteiro com esse idiota, amiga? – Sol empurra o braço de Livia, que agora tem uma expressão engraçada no rosto.

— Eu sou obrigada. Ao contrário de você. – Sol a olha com o cenho franzido e depois me encara. Também não compreendi o que ela quis dizer. E de repente, os olhos da minha prima se arregalam com o entendimento que lhe atinge.

— Ahhhhhh! – E começa a rir mais uma vez. Coloco a mão em suas costas e a enxoto de minha sala. – Tchau, querido! – Ela fala toda melosa, coisa que não é de seu feitio, se estica toda para selar nossos lábios em um beijo casto. Assusto-me com tal ação. Depois se vira e sai, ainda rindo descontrolada. Sorte que meus filhos não viram, ao contrário da minha secretária que me olha enfurecida.

Tarde demais percebi o que estava acontecendo.

— Não é casado. – Fala entredentes e vai se sentar em sua mesa batendo seus saltos no chão de mármore. Meu primeiro impulso é falar que não, mas me contenho. Só mais um passo na direção que quero. Naquele momento antes de Sol ligar, eu iria puxá-la para o meu colo e beijá-la. Só Deus sabe o que mais faria. Depois iria me arrepender amargamente. Por isso me calo e vou ver meus filhos.



Pietro e Manuela já estão fazendo uma bagunça com meus papéis. Corro para tirar alguns contratos importantes que a Malu acabou de pegar.

— Não faça isso, mocinha. – Coloco os documentos de volta na mesa.

– E você tenha cuidado, Toro. – Falo com meu filho que nesse momento está pegando um copo com água. Tenho uma ideia. Pego a mochila deles. Malu é a primeira a chegar.

— O que *tá* fazendo, papai? – Amo quando ouço eles falando assim.

— Nada. – E continuo abrindo as duas mochilas. Pietro vem para perto e senta no chão. Era exatamente o que eu queria.

— Senta aqui, Malu. O papai vai dar alguma coisa pra gente. – Ela se anima e senta também ao lado do irmão.

— Olha só! – Tiro as histórias que eles mais gostam. A favorita de cada um deles. – Essa é para você. – Estico o livro para minha filha, que está com os olhos brilhantes. – E esse para você. – Pietro segura o que lhe entrego.

Ambos agradecem e começam a ler seus livros. Alguém pode olhar e pela a pouca idade que têm, dizer que não estão lendo, mas eu sei que eles sim. Podem ainda não ter essa habilidade bem desenvolvida, mas não custa nada começarem enquanto ainda são crianças. Desde sempre incentivei a leitura deles.

Agora posso voltar ao trabalho tranquilamente.

Posiciono minha cadeira no lugar correto da mesa e me deparo com os olhos verdes de Liv nos observando. Não queria admitir, mas gostei de tê-la ali. Sorrio para ela, que se assusta e volta ao seu lugar. Dou de ombros e começo meu trabalho. Coisa chata. Preferia muito mais uma piscina. Vai demorar até que me acostume com isso.

Capítulo 5

Lívia Moreira

Eu não sou casado!

Mentiroso, isso sim. E não sei por que estou tão revoltada com isso. Não queria ficar com ele mesmo. Um babaca desses que fica me azucrinando o juízo.

Depois do sorriso lindo que ele me deu, tento concentrar no meu serviço. Duas semanas de trabalho e já sei tudo que ele precisa que faça. Agora meu chefe tem mais tempo de organizar o que é preciso para essa reunião que tanto espera.

Faz duas horas que as crianças chegaram e continuei a consulta dos documentos para a reunião. Consegui terminar antes do almoço.

No meu computador tem um programa da empresa que permite que eu converse com outras pessoas que também trabalham aqui.

Lily: Pq vc ã me contou que o Zé Ruela era casado?

Beca: Q história é essa?

Lily: Casado. Ele acabou de receber os filhos aqui com a esposa. E ela é linda.

Beca: Juro que não sei do que vc tá falando, Lily.

Lily: Ah para com isso. Vai ficar mentindo pra mim?

Beca: Ñ tô mentindo. Juro q ã sabia disso.

Vou digitar uma resposta, mas sou interrompida.

— Senhorita Moreira. — Ele aparece ao lado do biombo que nos separa com uma expressão tão serena que me esqueço da raiva que estou tentando alimentar. Por que ele tem que ser tão bonito e atencioso com a

família?

— Pois não? – Ergo o queixo e finjo que não estava falando dele para a recepcionista.

— Vou almoçar e pegar alguma coisa pros meninos. Poderia olhá-los um pouco pra mim? – *NÃO!* É o que a minha mente grita, mas não posso dizer isso para crianças tão fofas.

— Claro! – Tirando que nunca tive nenhum contato com pequenos seres humanos, vai dar tudo certo.

— Tudo bem? – Acho que devo ter deixado alguma coisa aparecer no rosto. Respiro fundo.

— Tudo. – E sorrio.

— *Tá certo, então. Quer que traga seu almoço?* – Não acredito no que estou ouvindo. Pisco algumas vezes e ele sorri de lado e sei que esse gesto dele ainda vai me matar.

— Pode ser. – E continuo sorrindo que nem uma psicótica. Falta só piscar um olho freneticamente. Ele continua parado me olhando.

— É ... preciso saber o que quer comer.

— Tenho certeza que você vai saber o que eu prefiro. – Apolo me encara com surpresa e sobe uma sobrancelha. Tapo a boca na mesma hora. *Que merda foi essa?* – Quer dizer ...

Antes que consiga consertar minha burrada, ele levanta uma mão e me calo.

— Eu sei o que você vai adorar *comer*. – A forma como ele fala esquenta todo meu corpo e de repente me sinto nua na sua frente. E ele nem passou a língua nos lábios ou me olhou dos pés à cabeça. Sob seu olhar atento, contenho minhas emoções. Já basta toda vergonha que acabei de passar.

Sem mais uma palavra ele se vira para a saída e fecha a porta atrás de si. Solto a respiração. Fiquei com medo de respirar e me entregar. Levanto para ver as crianças. Como ele conseguiu me deixar de pernas bambas só com uma frase? Maldito. É um *Zé Ruela* mesmo, que se acha o gostoso. Pior é que ele não se acha, ele é. Idiota.

Respiro fundo e encontro os meninos lendo. Cada um está sentado em uma cadeira, que estão dispostas ao longo da mesa enorme do meu chefe. O menino, acho que seu apelido é Toro, está concentrado e sussurrando a palavra que não consegue dizer. Inclino-me sobre ele e ganho a sua atenção. Na mesma hora, ele fecha o livro e se levanta. Olho para sua irmã, que está

pintando alguma coisa no seu. Ela vira o rosto na minha direção e abre um sorriso lindo, que é igual ao do seu pai. Malu me estende o livro.

— Olha só! É a caixa de lápis de cor nova que o papai me deu.

— Muito bonita. — Sento-me ao seu lado. Toro foi para a cadeira do pai. — Vocês gostam muito do pai de vocês, né? E como é a sua mãe? — Apoio os cotovelos na mesa, nada curiosa para saber mais sobre o meu chefe.

— A gente não tem mãe. — Toro responde todo sério.

— Então aquela moça ... — Aponto na direção da porta sem terminar minha frase.

— É uma prima do papai. — A menina de olhos castanhos responde absorta em sua tarefa.

— Ela fica com a gente quando o papai precisa sair. — Ele continua incomodado, mas não me deixa no escuro.

— Uma vez ele disse que precisava ver o *sanrasse*. — A menina tem um brilho angelical nos olhos quando fala.

— Num é assim que se diz. É amanhecer em inglês, mas a gente não sabe falar direito. E não é *ver*, era ir até lá.

— *Sunrise*? — Pronuncio a palavra corretamente.

— Isso mesmo, Lily. — Manuela se enche de alegria, enquanto seu irmão demonstra mais irritabilidade com a conversa. O que eles queriam dizer com “ir até o sol nascer”? Nesse momento, nada dessa conversa está fazendo sentido algum para mim.

— Você não tem mais o que fazer não, moça? — O menino está cada vez mais bravo.

— O nome dela é Lily, Toro! — Minha defensora logo se manifesta.

— Não fala o meu apelido na frente dela! — Toro franze o cenho.

— *Tá bom*, se você não me quer aqui, eu vou embora. — Levanto-me arrumando minha saia.

— Não! — Malu se levanta e agarra minha perna. Fico sem saber o que fazer. — Fica aqui.

— Tudo bem. — Volto a me sentar e a coloco no colo. O rapazinho vira o rosto escorando na cadeira do seu pai. É muito parecido com ele, mas Malu não tem muita coisa de Apolo. Provavelmente teve ter puxando a mãe. — O que você quer fazer?

— Canta uma música pra gente? — A garotinha arregala bem os olhos com felicidade.

— Que música? — Pergunto arrumando-a melhor em minhas pernas,

para que fique mais confortável.

— Não fala a música que o papai canta. – Toro dispara, antes que a irmã tenha a chance de dizer alguma coisa. Sua pronuncia é perfeita, mesmo tendo tão pouca idade. Se bem que eu não conheço nada sobre crianças.

— Mas eu gosto daquela música. – A menina faz um biquinho de tristeza e murcha os ombros.

— *Me conta.* Eu canto só pra você. – Ela se anima de novo e fala no meu ouvido. É uma música do Titãs. Ainda bem que conheço a letra. Limpo a garganta e começo a cantar.

*Porque eu sei que é amor
Eu não peço nada em troca
Porque eu sei que é amor
Eu não peço nenhuma prova*

*Mesmo que você não esteja aqui
O amor está aqui agora
Mesmo que você tenha que partir
O amor não há de ir embora*

Cada estrofe que canto, Pietro vai desfazendo o bico e se aproximando de nós. Malu fica mais animada no meu colo e cantarola junto. Ela passa o braço ao redor do meu pescoço e o menino encosta no meu joelho e fica me encarando com interesse.

*Eu sei que é pra sempre
Enquanto durar
Eu peço somente
O que eu puder dar*

Pietro começou a cantar junto comigo e largou seu livro em cima da mesa. Manuela também, mas não canta tão bem quanto o irmão.

Esse momento foi muito importante para mim. Algo da minha infância vivida em orfanatos, sem saber quem são meus pais verdadeiros e nunca tinha me ocorrido que um dia iria querer ser abraçada por eles ou mesmo cantar uma música em sua presença. Malu canta e sorri com felicidade genuína. Toro a segue, mas afinado e no mesmo ritmo. Ele agora está me olhando com mais simpatia.

A minha vida solitária passa diante dos meus olhos como se estivesse vendo um filme em preto e branco. As ausências do cara que me adotou em benefício próprio, quando ele passava muito tempo no bar e só voltava altas horas da madrugada, isso quando ele retornava para casa. Passei a fazer minhas refeições sozinha e parei de esperar algum carinho dele. Parei de esperar várias coisas, principalmente amor de quem quer que fosse.

Cantando com os meninos, quando me dei conta, estava chorando. Lágrimas que não derramei por nenhuma das pessoas que me machucaram, por não saber que estava doendo. Apolo e sua família me fizeram ver que um pai pode ser carinhoso com os filhos.

— O que foi, Lily? – Malu segurou meu rosto com as duas mãozinhas, enquanto tentava acalmar meu coração. Toro se aproximou e me observou com preocupação.

— Vai passar. – E se esticou todo para tocar gentilmente minha cabeça. Manuela envolveu meu pescoço, que me fez puxá-los para meu colo, passando meus braços pela cintura dos filhos do Zé Ruela.

— O que está acontecendo aqui? – A voz de trovão do homem que me despertou várias emoções conflitantes surgiu no ambiente.

— Acho que a Lily tá *dodoí*, papai. – Falou Malu, ainda abraçada a mim. Soltei os dois, murmurei um desculpe e corri para o banheiro da sala do meu chefe. Passei a chave na porta. Não sabia como encarar as crianças e principalmente, o pai delas.

Por que uma simples canção me fez chorar igual criança? E as lágrimas ainda não me deixaram.

Preciso me acalmar. Tenho que voltar para o meu posto e meu almoço. Não sei quanto tempo passei aqui, mas ouço batidas de leve na porta.

— *Senhorita Moreira?* – Aí que raiva. Por que ele tem que me chamar desse jeito? Depois de ouvi-lo me dar um apelido diferente, fico esperando o momento que irá fazer isso de novo. Respiro fundo e lavo o rosto.

— Só um minuto. – Fungo mais um pouco e seco as gotas de água que ficaram. Abro a porta e dou de cara com três pares de olhos me encarando com preocupação e o que mais me assusta é que Pietro corre na minha direção e abraça minhas pernas. Passo a mão em seu cabelo, depois do susto.

— Desculpa, Lily. – Ele fala com a voz abafada pela minha saia. Afago seu cabelo novamente.

— Não foi você, querido. — Malu entra no banheiro também e repete o gesto do irmão.

— Ele é muito chato às vezes, Lily. Não liga. — Ela tem um sibilado lindo em sua voz e só agora percebi.

— Eu estou bem, gente. Sêrio. — Abaixo-me na altura deles e os abraço direito. Cometo o maior erro naquele momento. Levanto os olhos na direção do pai deles. Apolo me encara com puro pavor em seu rosto. Não sei o que fiz demais, mas continuo com eles.

— A comida vai esfriar. Vamos. — E se vira. Malu me larga o suficiente para fitar meu rosto.

— Você tá bem mesmo? — Seus olhinhos estão cheios de preocupação.

— Estou, linda. — Dou um beijo em sua bochecha e na do seu irmão também. — Agora vamos comer.

Levanto-me e caminho para fora espaço apertado. Entramos na sala e Apolo tem o almoço posto em sua mesa. Ele não me encara, mas puxa a cadeira para que eu sente. Indica as cadeiras ao seu lado para seus filhos. É o primeiro momento em família que tenho. Por ironia do destino, a família não é minha.

Comemos e não poderia imaginar que a minha presença na mesa com eles seria bem aproveitada.

Toro está me aceitando melhor, mas ainda tem um olhar estranho em alguns momentos e Malu continua um doce. Apolo trouxe o mesmo para todos: baião com bife. Tem muita verdura, coisa que não como sempre, mas do jeito que está preparada não me importaria de comer novamente.

— Onde você comprou? — Pergunto para meu chefe, que agora está menos tenso que no começo da refeição.

— No refeitório. — Responde seco.

— Ah e o poderoso chefão come com os reles mortais? — Pergunto sarcástica e Malu sorri, colocando a mão na boca para abafar seu sorriso. Já Toro gargalha descarado. Apolo ergue a sobrancelha para seus filhos. Acho que eles identificam esse gesto como sendo pacífico, pois continuam sorrindo.

— Eu sempre almoço aqui. — Fala como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Hum. Estranho. Nunca te vi aí. — Aponto, indicando a porta.

— Porque não procura direito. — E coloca a comida na boca. A forma

como me olha, esquenta várias partes do meu corpo, que estão sendo negligenciadas há um tempo. Viro meu rosto para que ele não perceba muita coisa. Olho para seus filhos que são muito comportados. Acho que se Apolo fosse meu pai, também me comportaria direito.

— Posso conversar com você um minuto? – Meu chefe se levanta, me encarando depois de terminar sua refeição. Daquele jeito que não deixa espaço para uma resposta negativa. Empurro a cadeira para trás e o acompanho. Dou uma olhada para a mesa. As crianças fazem uma pequena baderna, mas nada desastroso.

— Pois não, senhor Nóbrega? – Falo quando nos afastamos da mesa. Ele toca meu cotovelo levemente, inclinando sua cabeça na minha direção, quase tocando-a na minha.

— Você está bem? – Pergunta baixo. Seus olhos me passam uma preocupação verdadeira. Meu peito se aquece e um nó quer se formar em minha garganta de novo. Engulo com dificuldade, na esperança dele não ter percebido.

— Estou.

— Tem certeza? – Se aproxima mais um pouco. Quase tirando minha consciência de onde estamos. Esse homem não pode me fazer esse tipo de pergunta em tão pouca distância.

— Tenho. – Vejo seu olho bem perto do meu e com dificuldade, me afasto. Toro já estava com receio de mim. Se vir essa cena pode ter certeza que nunca mais vai olhar na minha cara. – Não se preocupe. Está tudo bem. – Tento sorrir para tranquilizá-lo.

— Então, estou indo. Preciso de um pouco de paz para estudar mais uma vez o contrato. – Ele dá um passo mais perto de mim. Não sei o que iria fazer, mas recua no último minuto e vai até as crianças. – Meninos, papai precisa sair um pouco. Já volto. Obedeçam a senhorita Moreira e se comportem. – Dá um beijo na testa de Malu e Toro.

— Tchau, papai. – Manuela fala. Toro se levanta e abraça a cintura de Apolo, que afaga seus cabelos.

— Cuide delas. Você é o homem por aqui. – Fala perto do seu ouvido e se dirige para a porta.

Agora tenho que cuidar dos seus filhos, sem saber o que me espera.



Até que não foi tão ruim como esperava. Depois que meu chefe saiu para se concentrar na reunião, finalizei o que era mais importante do dia, sentei no chão com as crianças e fizemos várias atividades, como por exemplo, pintar. Malu trouxe sua caixa de lápis de cor e Toro usou suas habilidades de desenho. Para uma criança de 6 anos de idade seu traço pode ser considerado excelente. Estamos construindo alguma coisa boa, porque ele já me deixou chamá-lo pelo apelido. Às 16:30hs fomos até o refeitório pegar um lanche.

Não experimentei todas as comidas, mas o pouco que provei gostei muito. Baseado no que comemos no almoço, procurei uma salada de frutas como sobremesa. Para minha surpresa, Apolo havia deixado o lanche pago.

Gostaria de poder decifrar um pouco mais sobre ele. Às vezes parece que não quer ninguém perto, mas em outras se mostra atencioso e sensível. Como se houvessem duas pessoas dentro dele brigando para ver quem leva a melhor. Isso deve cansar seu pensamento. Viver em eterno tormento. Minha vontade é sentar com ele e conversar. Saber o que aconteceu. Talvez se ele colocasse para fora o seu problema, por mais que não possa resolver, alcançaria a tranquilidade, quem sabe.

E nesse momento, lembro-me do corpo dele, molhado, junto ao meu, seus lábios macios. Sua pele quente, os traços da tatuagem. Não tenho dimensão do tamanho da dor que ele carrega, mas o beijo que ele me deu foi intenso, me mostrando que não existe outra boca para mim. Lembrar da forma como me chamou, o timbre da sua voz naquele momento, fez minhas pernas estremecerem mais uma vez. Sorte a minha estar sentada.

— Qual o problema, Lily? — Malu me olha atentamente. Voltamos do refeitório e ficamos sentados no chão mais uma vez. Ela tem um pouco de leite condensado em seu rostinho, que tenta lamber enquanto fala, fazendo mais lambança do que limpando.

— Nada. Por quê? — Passo o polegar em seu rosto. Depois olho para os irmãos com atenção.

— Seu rosto *tá* vermelho. — Toro me encara como a irmã e começam

a rir. Essa declaração me deixa mais vermelha.

— Não está nada. – Falo e coloco a mão sobre a boca. Minha defensora se coloca de pé na minha frente e põe a mão na minha testa. – O que *tá* fazendo, Malu? – Minha testa ficou gelada e possivelmente suja.

— Vendo se você *tá* com *febe*. Papai disse que quando a gente fica vermelha, é porque tá *dodoí*. – A frase dela esquentou mais ainda meu rosto. Não por estar doente, mas por saber que minhas expressões entregam todas as minhas emoções. Mesmo que tente disfarçar, não funciona, pois se crianças pequenas conseguem ver, quem dirá um adulto formado e que tem uma pegada maravilhosa.

Levanto-me, afastando com delicadeza a mão da pequena e coloco minha taça de salada em cima da mesa. Passo a mão na testa, tirando o que pode ter ficado sujo.

— Vou no banheiro, gente. Se comportem. – E me viro, mas não tenho a oportunidade de chegar à toalete, pois meu chefe abre a porta com um sorriso luminoso em seu rosto. Nunca estou preparada quando se trata de Apolo Nóbrega. Ele está ofegante. O brilho dos seus olhos me contagia e sem perceber, abro um sorriso verdadeiro para ele. Da um passo na minha direção e fecho a distância entre nós.

— Consegui a conta. – É tudo que diz. Acho que vai me abraçar e meu coração dispara na expectativa de estar em seus braços novamente, mas seu olhar escorrega para minhas costas e muda seu caminho. Apolo se apressa e vai ao encontro dos filhos para abraçá-los forte. – Eu consegui, gente. – Fala com os dois no braço. Os gritinhos de felicidade de todos me deixam bastante comovida. Como se eu precisasse de mais emoção no dia. Apolo me olha e seu sorriso diminui um pouco.

— É. Eu tenho que ir. – Falo, vou até a mesa e pego minha bolsa. Caminho para a saída.

— Não quer ir com a gente? – Toro pergunta me fazendo parar no meio do caminho.

— Não precisa se preocupar. Moro aqui perto.

— Eu insisto. – Apolo coloca as crianças no chão e me olha intensamente. Se meu rosto traidor se aquece, imagina minhas partes íntimas.

— Olha, ela tá doente de novo, papai. – Malu aponta e cubro o rosto com as mãos.

— Obrigada pela oferta, mas eu vou andando. – Saio o mais rápido que consigo da sala. Escoro na porta, sentindo meu coração bater na minha

garganta. Caminho rápido para os elevadores, mas o destino não quis que saísse ilesa do prédio. Encontrei Gabriel parado esperando o transporte. Ele me vê e seu sorriso se amplia.

— Senhorita Moreira! – Fala esticando a mão para mim.

— Senhor Ávila. – O cumprimento.

— Soube que a apresentação foi um sucesso. – Fala colocando uma mão no bolso.

— O senhor Nóbrega está radiante. – Não pude conter a felicidade que me atingiu. O que estava acontecendo comigo?

— Sei. – Olha-me de lado. – Estava mesmo. Foi incrível.

— Que bom. Ele estava muito nervoso. Ainda bem que deu certo.

— Sim. – E o elevador chega. Entramos e ficamos em silêncio.

A viagem, dessa vez, não foi tão desconfortável como a primeira. Acho que a sua curiosidade já foi sanada.

Chegamos ao térreo e vou para minha casa. Preciso me arrumar. Entro no pequeno apartamento e checo minhas mensagens. Com as crianças na sala não tive tempo de ver se alguém havia falado comigo. Vejo uma ligação perdida de um número que não conheço. Ligo enquanto vou procurando a roupa de hoje. Coloco no viva voz.

— *Achei que estivesse com o chefe bonitão e não iria me retornar hoje.* – A voz que atende não é estranha.

— Quem fala? – Abro o guarda roupas e puxo uma que faz muito tempo que não uso.

— *Ora! Quem fala? A pessoa que mais vai te ajudar nessa vida.* – Agora sei quem é.

Durante esses dias, na hora do almoço, liguei uma vez para saber se a roupa já estava pronta. Não era exatamente isso e a moça perspicaz percebeu na hora o que eu queria e começamos a conversar todo dia, no mesmo horário, criamos o hábito de nos falarmos, menos hoje. Trocamos até telefone. Por isso que agora ela está me ligando.

— Quem disse que poderíamos ser amigas, Ceginara? – Brinco com ela e jogo a roupa escolhida em cima da cama.

— *Quando você disse que precisava de alguém pra conversar.* – Desabafei o que estava sentindo naquele momento, mas não disse que havíamos nos beijado. Minha mais nova amiga me falou que talvez não fosse coisa só da minha cabeça, mas que precisava tomar cuidado para não me machucar. Espero que consiga, mas não quero ser uma intrometida, ainda

mais sabendo que ele realmente não é casado, mas tem uma família. Ainda não sei se já foi casado ou teve um envolvimento com alguém. Ou será que a mãe das crianças é falecida? Será que é isso? Ele não quer colocar outra mulher no lugar dela? Faz até sentindo.

— *Ainda tá aí, Lívia?* – A voz de Ceginara entra nos meus ouvidos, me fazendo acordar.

— Desculpa. Eu me distraí. Tô procurando uma roupa pra usar hoje.

— *E que roupa vai usar?*

— Um vestido vinho com preto, que fecha no pescoço, sem mangas. A saia tem vários babados. O lado esquerdo é mais curto que o direito e tem uma espécie de véu na parte de trás, mais pra direita. Como se fosse uma calda, mas não chega a ser tão longa pra isso. E na parte do colo, tem algumas bolinhas que imitam pérolas, presas em um véu fino, mas que não revela nada.

— *Que linda. Adorei. O chefe vai ver?*

— Não, Ceginara. Ele tem mais o que fazer da vida.

— *Nunca se sabe. Qualquer dia desses vou ver você cantar.*

— Faz isso. Eu canto nas sextas e sábados.

— *Esse figurino é exigência da casa?*

— Não. O Marcos deixa que me vista de acordo com o que vou fazer.

— *E dura quanto tempo esse show?*

— Ah, umas duas ou três horas. Não mais do que isso. Às vezes quando a casa tá muito lotada, eu fico mais uns minutinhos. Duas músicas a mais.

— *Tá bom. Me passa o endereço que vou aparecer lá qualquer dia desses.* – Informo o que quer saber e encerro a ligação. Preciso tomar banho e chegar no *Sunrise* antes de abrir. Gosto de passar o som quando ainda está tranquilo.

A conexão que tive com Ceginara foi estranha, porque nunca tinha sentido uma familiaridade dessas antes. Ela me entende como se a nossa ligação fosse cósmica, coisa dos deuses ou de outra vida. Talvez seja isso mesmo. Não tenho certeza, mas só consigo pensar que foi incrível tê-la conhecido.

Termino minhas necessidades em tempo recorde e corro para o bar. Ao parar do outro lado da calçada e esperar o fluxo de carros diminuir um pouco para poder atravessar a rua, fito o nome do lugar que considero quase como uma segunda casa.

Sunrise. Passei vários momentos incríveis nesse lugar.

Sunrise.

“Uma vez ele disse que precisava ver o sanrasso.”

“Num é assim que se diz. É amanhecer em inglês, mas a gente não sabe falar direito. E não é ver, era ir até lá.”

Agora aquela conversa estranha está começando a fazer sentido. O que ele veio fazer aqui? Mas como, se eu nunca o vi? Será que... Meu pensamento é interrompido, quando o dono do bar aparece na porta e acena para mim. Olho para os lados e atravesso a rua em sua direção.

— Tá desligada hoje?

— Um pouco. Por quê?

— O Sidney disse que te viu parada do outro lado da calçada com o olhar distante. Por isso vim te chamar.

— Nossa, nem vi quando ele passou.

— Pois é. – Ele põe a mão nas minhas costas, me conduzindo para o interior do ambiente. Corro para o camarim e me troco.

Larissa e João, já estão me esperando.

— Nossa. *Tá* muito gata hoje. – João, o violonista, me segura pela mão, me fazendo rodar para que veja minha roupa.

Deixei o cabelo solto, coloquei um short preto por baixo do vestido. Coloquei uma bota preta de salto, com alguns botões, uma meia-calça com várias flores pretas, que sobe até o meio da coxa. Finalizei o *look* com um par de luvas pretas de véu, quase chegando aos cotovelos e de dedos de fora.

— *Tá* muito gata mesmo. – Larissa comenta, já ficando atrás da bateria. Quando a conheci, estranhei a sua preferência pelo instrumento. Não é porque ela toca comigo, mas Lari arrasa na batera.

— Obrigada, gente.

Passamos o som e na hora da abertura do bar, começamos o show. Com o microfone na mão, me transformo em outra pessoa. E sinto que agora a vida faz sentido.

Lembrando de tudo que passei hoje e focando principalmente no detalhe que Apolo esteve aqui, resolvo inovar. Escolho a primeira música, como se estivesse cantando para ele.

You're so good to me, baby, baby
Você é tão bom pra mim, amor, amor
I want to lock you up in my closet when no one's around

Eu quero trancar você no meu armário quando ninguém estiver por
perto

I want to put your hand in my pocket because you're allowed

Eu quero colocar a sua mão no meu bolso, porque você tem permissão

I want to drive you into the corner and kiss you without a sound

Eu quero te levar para o canto, e te beijar sem fazer barulho

I want to stay this way forever, I'll say it loud

Eu quero ficar assim para sempre, direi isso alto

Now you're in and can't get out

Agora que você entrou na minha, não pode sair

Minha banda estranhou a minha escolha de primeira música, já que a gente tinha ensaiado essa há muito tempo e eu tinha relutado veementemente para não incluímos no repertório, mas achei que ela se encaixaria perfeitamente para o que queria que ele soubesse. Cantei como se ele estivesse aqui, vendo cada movimento meu.

You make me so hot

Você me deixa tão quente

Make me wanna drop

Me faz querer deixar levar

It's so ridiculous

Isso é tão ridículo

I can barely stop

Eu mal consigo parar

I can hardly breathe

Difícilmente consigo respirar

You make me wana scream

Você me faz querer gritar

You're so fabulous

Você é tão fabuloso

You're so good to me, baby, baby

Você tão bom para mim, amor, amor

Passava as mãos pelo corpo, seduzindo-o com tudo que meu corpo poderia oferecer. Imaginei-o sentado à minha frente enquanto fazia minha performance. Os caras do ambiente gritavam e se agitavam. Estou

acostumada a arrancar essa reação deles.

Kiss me gently
Beije-me gentilmente
Always I know
Eu sempre sei
Hold me, love me
Me abraça, me ame
Don't ever go
Nunca vá embora

Lembrei de várias vezes que cantei essa música nos ensaios e de ter assistido ao clipe em que Avril Lavigne, autora e interprete dessa canção, *Hot*, fazia uma performance bem sensual nessa parte e repeti todos os movimentos que me lembrei.

Libertei-me em cada frase. Imaginei os olhos de Apolo em meu rosto, seu dorso molhado, sua tatuagem que esconde uma história e desejo descobrir. Aqueles olhos castanhos que me acompanham desde a primeira vez em que os vi.

Termino de cantar_e tenho a impressão de ver sua silhueta, mas deve ser efeito da música. Fico inebriada quando me apresento. Uma dose cavalgar de adrenalina é injetada nas minhas veias. A galera, que já se faz presente na casa, aplaude, mas uma pessoa em particular me causa nojo. Esperava nunca mais ver esse urubu na minha frente.

— *Tá mais gostosa do que nunca.* – Paulo se aproxima do palco e me olha com cobiça de cima a baixo. Aperto o microfone na mão com raiva. Tenho vontade de pular em seu pescoço.

Mas a silhueta que achei parecida com a do meu chefe vem para luz e tomo mais um soco.

Apolo Nóbrega me encara.

Capítulo 6

Apolo Nóbrega

Quando vou ao *Sunrise* vê-la cantar, esqueço tudo. As preocupações, meus filhos, a morte do Dante e da Glória. Paro no tempo, vendo o rebolar do seu quadril, as curvas do seu corpo. Não é a mesma pessoa que divide o escritório comigo atualmente. Lívia Moreira secretária não é nada da cantora, intérprete, que sobe no palco e canta com sua voz encantadora e com seu corpo.

Hoje mais cedo, quando entrei na minha sala com o nosso almoço, não esperei encontrá-la cantando com meus filhos. E a música que sempre cantei para eles desde que eram pequenos. Sua voz preencheu todo o lugar, arrepiando minha pele. O golpe foi maior quando Liv começou a chorar em silêncio. Meu primeiro pensamento foi correr para ela e abraçá-la, mas não posso fazer isso, então falei. Devia ter sido mais gentil. Minha secretária me encarou com lágrimas nos olhos. Correu para o banheiro e fiquei mais perdido ainda.

— O que aconteceu, papai? – Malu me olha com preocupação.

— Não sei, filha. Mas vamos arrumar a mesa. Acho que ela não vai demorar.

— Foi por minha causa. – Pietro baixa os olhos.

— Por que está dizendo isso, Toro? – Malu me ajuda a tirar as vasilhas da sacola e colocamos todas em cima da mesa.

— Porque eu perguntei se ela não tinha mais nada que fazer e ainda não queria *deixa* ela cantar a sua música.

Termino de pôr a mesa e vou até ele. Abaixo-me para ficar na altura dos seus olhos, que estão cheios de tristeza.

— Não foi isso. Tenho certeza.

— Como o senhor sabe?

— Porque você é um menino muito bonzinho e não disse por mal. Não é mesmo? – Toro baixa a cabeça afirmando. – Então, daqui a pouco ela vai sair de lá e você fala com ela. – Continua acenando com a cabeça. Passo o braço em volta dele e beijo seu cabelo.

O tempo passa e Livia não sai do banheiro. Vou até a porta, acompanhado dos meus filhos, e dou uma batida leve na madeira.

A reação de Pietro ao vê-la tira todo o ar dos meus pulmões. Fico apavorado, mas também aliviado. Por que estou me sentindo assim? Não quero nada com ela, a não ser uma noite quente, que estou precisando muito. Só isso.

Almoçamos e vou para a reunião. Não quero chegar atrasado.

Ter conseguido fechar a conta com uma grande empresa de arquitetura foi uma conquista e tanto. Nem acreditei quando alcancei esse feito. E a primeira pessoa que pensei em dividir essa vitória foi Dante, mas como ele não está aqui, caminhei a passos rápidos para minha sala. Livia era a pessoa que desejava contar em primeira mão. Ainda bem que meus filhos estavam ali, pois dessa vez não seria só um beijo que daria nela.

Ao chegar em casa ligo para Sol a fim saber se poderia ficar com as crianças mais cedo. Como ela é muito bem paga, não pode reclamar por querer que ela comece o trabalho antes do horário combinado. Meus filhos já estavam alimentados e quietos quando ela chegou. Essa fase é bem mais calma que a anterior. Quando Pietro tinha 4 anos e Manuela 3, a casa parecia um pandemônio de tanta algazarra que esses dois faziam. Ainda não são tão anjinhos assim, mas agora eles têm momentos de travessuras.

— Pode me dizer que merda foi aquela? — É a primeira coisa que pergunto quando abro a porta para que minha prima entre.

— Que merda? — Pergunta, estourando uma bola de chiclete quase a minha cara.

— De me dar um beijo. — Falo mais baixo para que as crianças não ouçam.

— Ah, aquilo? Foi por causa da sua namorada. Ela achou que a gente era casado. — Passa por baixo do meu braço, que estava impedindo que ela entrasse em casa. — Cadê meus pequenos?

— No quarto. E como assim: *minha namorada*? — Fecho a porta, seguindo-a para dentro do apartamento.

— Quer bem dizer que você não vê o jeito que ela te olha? — E cruza os braços me encarando.

— Que jeito, Marisol? — Irrito-me da forma enigmática que está falando.

— Aqueles olhos de mulher apaixonada. — Junta as mãos ao lado do queixo e pisca várias vezes. — Apolo, me pegue em seus braços fortes e me

ame. – Ela se joga no meu colo com a mão na testa, fingindo que está desmaiando. Como não quero que se esborrache no chão, a seguro.

— Tia Sol! – Malu aparece e corre na direção da louca.

— Minha princesa!! – Minha prima se abaixa e a abraça.

— O que você *tava* fazendo, tia? – Minha filha pergunta.

— Enlouquecendo meu juízo. – Falo revirando os olhos.

— O papai é muito estressado. – Marisol comenta e as duas sorriem.

— A tia Lily é mais legal. – Ouvir meu filho preferir minha secretária é quase como levar um soco no estômago. Ele apareceu na sala com o cenho franzido e os bracinhos cruzados. É literalmente uma miniatura minha.

— Hum, tia Lily, né? – Marisol agarra Toro e o tira do chão, arrancando gritinhos felizes dele. Ela ainda consegue me olhar desconfiada e reviro os olhos.

Não vou me envolver emocionalmente. Quero apenas usufruir de seu corpo. Minhas escolhas refletem diretamente na vida dos meus filhos. Isso não impede de ficar com mulheres aleatórias. E nem isso tenho feito ultimamente. Suspiro cansado.

Sol caminha com eles para o meu quarto, para variar e me apresso em sair. Sorte que já havia me vestido. Coloquei uma roupa mais informal, calça jeans e uma camisa branca. Quero voltar cedo.

Assim que piso no ambiente, a vejo se arrumando para cantar. Sua roupa de hoje é incrível. Não está tão provocante quanto as outras que ela já usou, mas sua movimentação no palco, a forma como encara as pessoas da banda, me conta que algo mudou.

Pego uma bebida e fico no canto de sempre, entre o bar e a área aberta das mesas. Liv começa a cantar. Tomo um gole do líquido quente que desce queimando por minha garganta. A música é envolvente, assim como seus passos. Uma mulher decidida que vai fazer exatamente o que quer com o cara que ela escolher. Como queria ser esse homem. Sua dança e sua voz mexem com o meu desejo carnal. Ela tem uma aura sensual, que não precisa estar quase nua para que minha imaginação viaje em suas curvas.

— Quando você vai ter coragem de falar com ela? – Adriano, o barman, me pergunta. Cometi o erro de confirmar com ele os dias que Liv se apresentava. Tem um ano mais ou menos que isso aconteceu, e desde então, ele me faz a mesma pergunta toda noite.

— Não faço ideia. – A música continua e não tiro os olhos dela.

— Uma hora você vai ter que ir até lá. Uma mulher como ela não vai

ficar sozinha por muito tempo. – Fala com tranquilidade, limpando os copos. Quando Liv canta, todos esquecem de encher seus copos, com as atenções voltadas para a predominância dela.

— Não acho que vá fazer diferença, falar ou não com ela. – Das primeiras vezes que ele perguntou isso, saí andando irritado. Depois, comecei a responder “não é da sua conta”, mas quando vi que não ia parar de perguntar, passei a dar respostas curtas. Hoje, quase consigo manter uma conversa com ele.

— Não vai saber se não falar. – Adriano é o tipo de homem grande, que pode servir como segurança também. Pensando sobre isso, não sei muito dele.

— Talvez um dia. – Suspiro e continuo assistindo à apresentação.

Ela termina a primeira música e todos ficam em polvorosos. A expressão dela é de puro êxtase. Seu semblante depois de uma performance me deixa com o corpo quente, fazendo formigar toda a minha pele. Minhas mãos coçam de vontade de agarrá-la.

Sua expressão muda para nojo, depois raiva e sei que alguma coisa está errada. Deixo meu copo no balcão, dou um passo na direção da luz e seus olhos encontram os meus. Merda. Na tentativa de saber o motivo da sua mudança repentina, acabei me expondo. Agora é tarde. Continuo andando até a frente do palco e ouço um cara falar com ela, mas seus olhos não desviam dos meus enquanto me aproximo.

O que eu vou dizer? Por que estou fazendo isso? Acho que o dia de falar com ela aqui, finalmente chegou.

— Ainda bem que você não parou de cantar depois do que aconteceu. – Ouço o outro dizer e bufo bem nas suas costas. Ela ainda não parou de me encarar. Ele vira, mas minha atenção é toda dela.

— Ótima apresentação. – Falo e sorrio. Suas bochechas ficam rosadas na mesma hora.

— Obrigada! – Responde. – Faz tempo que você está aí?

— Desde o primeiro acorde.

— Vai ficar até o final? – Sua pergunta tem um toque de expectativa. Sorrio de lado.

— Você quer que eu fique? – Seu sorriso se amplia.

— *Now you're in and can't get out* (Agora que você entrou, não pode sair). – Pisca o olho e se vira para falar com a sua banda. Até com essa frase simples, seu timbre me faz ter vários pensamentos impuros.

— Livinha, não vai falar comigo? – *Livinha?! Que espécie de apelido é esse?* O cara que estava aqui quando cheguei fala alto, mas a artista não dá importância a ele e continua se preparando para prosseguir o show.

Coloco gentilmente a mão no ombro dele e aperto com toda a força que tenho, fazendo uma cara amigável.

— Acho que ela não quer falar com você. – Ele se vira e vejo dor no seu rosto. Ótimo. – É melhor ir embora.

— Ela ainda vai me ouvir. – Tem raiva sem suas palavras.

— Se ela quiser. – Olho para a saída e ele caminha a passos rápidos até lá. Continuo no mesmo lugar, quando ela se vira e me encontra de novo, seu sorriso se amplia novamente. Meu coração dispara.

Continuo no mesmo lugar e toda música ela canta olhando para mim.

Minha vontade é de agarrá-la a cada canção que termina, mas me contenho. Preciso esperar o final do show. E com muito custo e já impaciente, ele termina. Liv vai para a parte de trás do palco e chego até o barman, que me encara com um sorriso sacana no rosto. Não dou a oportunidade de ele falar nada.

— Como faço para ir atrás do palco? – Pergunto afobado.

— A gente não costuma sair falando isso por aí. – Seu olhar é sarcástico.

— Adriano, por favor. Passou um ano enchendo minha paciência pra ir falar com ela. Quando finalmente consigo, você ... – Ele levanta a mão me interrompendo. Aponta para a parte de trás do bar e fala.

— Tô brincando. Nunca ficaria entre você e sua gata. Pode ir, é aqui atrás.

— Obrigado. – E saio para o lado indicado.

Corro como se fosse perder alguma coisa. Só penso em tê-la nos meus braços de novo. Quando chego lá, o que encontro faz meu sangue subir à cabeça. Meu sorriso é substituído por uma expressão de raiva. paro um segundo para analisar a cena.

O cara que tentou falar com ela mais cedo está gesticulando muito e falando algo que não ouço. Lívia está com raiva, com a postura tensa, mas ao mesmo tempo, sinto que tem medo em seu rosto. Quando o vejo fazendo gesto de levantar a mão na direção dela como se fosse bater em sua face, perco totalmente a compostura passiva. Corro até ela e a puxo para meus braços. Ainda consigo ver sua mão acertar o vento.

Olho no rosto de Liv e vejo a raiva virar surpresa e por último alívio.

Seu corpo junto ao meu parece certo. Aperto-a mais um pouco, sentindo seus músculos relaxarem contra os meus.

— Te achei. – Falo baixo somente para que ela ouça.

— Ainda bem. – Responde e segura meu rosto com as duas mãos, me puxando de encontro ao seu. Cola nossos lábios e minha mão alcança seu cabelo. Nos entregamos àquele momento quente. Sinto toda minha pele formigar. Liv invade minha boca com sua língua esperta. Ao fundo ouço uma voz, mas não ligo para quem está falando o que quer que seja, pois estou cem por cento concentrado na mulher maravilhosa que tenho em meus braços.

Não pensei que beijá-la pudesse me fazer um viciado em seu sabor. Ela enterra, sem delicadeza, as mãos em meus cabelos e tenho vontade de apertar sua bunda mais uma vez, então me lembro que temos plateia. Mas posso passar minhas mãos por sua cintura, costas e cabelos. Comprimo seu corpo no meu mais forte, sem deixar de explorar as partes que são permitidas. Liv interrompe o beijo para tomar ar. Seu rosto está vermelho e os lábios inchados.

— Quero ter essa visão todos os dias da minha vida. – Falo sem pensar direito, mas é exatamente o que sinto. Ela sorri e quando abre a boca para falar, não consegue porque é interrompida.

— Você já me trocou pelo primeiro *mauricinho* cheio da grana que apareceu, não é? – Liv se vira para ele com uma fúria assassina em seus olhos. Coloca as duas mãos de cada lado da cintura e começa.

— Você não tem vergonha na sua cara de vir falar besteira, não? – O outro dá um passo para trás. – Pode voltar para o buraco de onde você saiu. Não preciso de você pra nada. Nunca precisei.

— Quem conseguiu esse emprego pra você fui eu. – Ele espalma a mão no peito cheio de orgulho.

— Deixa de ser idiota! Para de ser hipócrita. Você levou tudo de mim e agora vem querendo se fazer de vítima?

— Eu não tirei nada de você. Você que vacilou e não prestou atenção nas coisas. – Ele se aproxima de novo dela.

— Eu era uma criança e você me roubou. Não sabia de nada da vida. Você é o mau caráter aqui. – E ele se aproxima mais um passo. Antes que faça mais alguma coisa, coloco a mão em seu peito, fazendo com que fique no lugar que está.

— Acho bom você não dar mais nem um passo. – Minha voz saiu cheia de raiva. Ele roubou a minha pequena e ainda quer cobrar alguma coisa

dela? Não vou permitir isso.

— E quem é você no jogo do bicho? – O idiota, que tem a metade do meu tamanho, fala comigo. Tenta me intimidar com toda a sua altura e imponência. Precisa levantar o queixo para me olhar. Dou um passo a mais e ele ergue o rosto mais um pouco. Parecendo uma criança olhando um adulto.

— Alguém que quer muito extravasar a raiva acumulada por anos e só faria isso com alguém por um bom motivo. – Acho que ele entendeu o meu ponto, porque vejo seus ombros caírem um pouco, seu peito desinflar e pela sua cara de pânico, acho que vai correr. Olho por cima do ombro para Livia e pergunto. – Tenho um bom motivo?

— Um excelente. – Ela para ao meu lado e volto minha atenção para o cara, que agora tenho certeza, está se borrando de medo.

— Acho que a gente poderia conversar mais civilizadamente. Sem precisar de violência, não é mesmo?

— Você ia bater nela por quê? – Dou um passo na direção dele, que se afasta na mesma proporção.

— Não ia fazer isso, amigo. – O riso nervoso e o medo no seu rosto são indicativos fortes que é um covarde. Agora fiquei com mais raiva dele ainda.

— Por que você não desaparece para sempre? – Falo entredentes.

— É exatamente o que eu vou fazer. – E sai correndo por uma porta lateral. Creio que seja a saída de funcionários. Sinto um toque no meu braço e viro. Seu olhar me acalma e relaxo os músculos da mandíbula e os dedos. Tinha-os fechados em punhos, pronto para arrebentar a cara dele. Liv se pendura no meu pescoço e abraço seu corpo junto ao meu.

— Obrigada. De verdade. – Afago seus cabelos.

— Tá tudo bem. Quem era ele? – Ela se livra do meu aperto para me encarar.

— Podemos conversar em outro lugar?

— Claro. – Pego sua mão e a puxo na direção da mesma porta que o otário saiu. Ela pega uma mochila, coloca nos ombros e me segue. Quando chegamos na rua, procuro meu carro e ela me puxa em outra direção.

— Posso pegar seu carro depois. Vamos no meu.

— Eu moro aqui perto. – E sorri tímida. Quantos lados dela eu ainda vou ver? Estou realmente curioso.

Viramos o quarteirão e ela me mostra um prédio pequeno e sem muito requinte. Subimos quatro lances de escada e chegamos em seu apartamento.

Liv abre a porta e me puxa para dentro, e antes que tenha uma pergunta em mente ou que veja o espaço que estamos, ela me prende contra a porta e me beija. O movimento não é suave e me entrego ao momento. Como ansiei em tê-la de novo nas mãos. Liv praticamente escala meu corpo e seguro suas pernas.

— Preciso que me guie. — Separo-me dela com dificuldade para falar. Ela sorri com malícia e meu desejo aumenta muito. Faz anos que não tenho relações sexuais com uma mulher. Nada mais justo do que ser com uma que venho cobiçando por um longo período.

Liv sai do meu colo e começa tirando suas roupas com lentidão. Meu amigo, já desperto, começa a me machucar. A minha musa retira a bota, joga as meias longe e tira as luvas em câmera lenta. Minha respiração sai pesada. Quero me tocar para que veja o tamanho do meu desejo, mas a olho atentamente. Descalça e sem as luvas, ela se aproxima de mim. Coloca as mãos por baixo da minha camisa e arranha meu abdômen com as unhas.

— Liv ... — Sussurro seu apelido, que é só meu. Ela fecha os olhos.

— Adoro quando você me chama assim. — Liv me puxa para seu quarto. Não tive tempo de registrar nada, só a sua mão na minha. Joga-me em sua cama e por um segundo, acho que vai terminar seu *strip teaser*, mas a expressão de luxúria desaparece e ela cruza os braços. — Primeiro, preciso que responda algumas perguntinhas.

— O que você quiser. — Sento-me na ponta da sua cama e espero.

— Você é casado?

— Já respondi essa. — Ergo a sobrancelha.

— Tá bom. Você já foi casado? — Suspiro e passo a mão pelos cabelos.

— Nunca fui casado.

— Então as crianças são frutos de um relacionamento sem um casamento?

— Não, elas não são. — Levanto-me frustrado. — Por que isso é tão importante agora? — Pergunto ríspido, já sentindo meu tesão morrer.

— Onde elas estão? — Caminho para a sala e Liv me segue. — Apolo, você não pode me deixar no escuro. — Paro no corredor antes de chegar ao meu destino e a encaro. Ela quase bate nas minhas costas com a minha brecada repentina.

— Tudo que eu pensei era que teríamos uma noite de amor. E pra isso não preciso do seu RG e CPF. — De novo essa história de amor. Estou

perdendo o juízo, com certeza.

— Eu me preocupo com elas. – Seus olhos transparecem tristeza genuína.

— Quem era aquele cara? – Ela faz uma cara de surpresa. Como ela não responde, repito. – Lívia, quem era aquele cara? – Cruzo os braços.

— A gente pode voltar pra parte que você estava na minha cama? *Tô* necessitada aqui. – Solto os braços ao lado do corpo.

— Não funciono desse jeito. – Viro-me na direção da porta.

— Apolo. – Ela segura meu braço. – Não vá. Conversa comigo. – Seu apelo dói no meu peito.

— Queria muito, mas se fizer isso, não terá mais volta. – Abro sua porta e saio. Se tivermos essa conversa uma outra vez, prometo contar tudo para ela.

Capítulo 7

Lívia Moreira

Por que não consigo ficar de boca fechada? Por que eu tinha que falar que queria saber dos filhos dele? O que eu tenho a ver com isso? Não é só desejo? Corpo no corpo? Boca na boca?

Não consigo responder a nenhuma dessas perguntas. Tudo que eu consigo pensar é em como eu me senti tendo crescido em um orfanato, sem um pai e uma mãe que me amassem de verdade. Saber que eles não têm uma mãe me fez tomar suas dores. Não posso pensar que serei eu a responsável pelo fim de uma família. Se existir uma chance de as crianças ficarem junto com seus pais, quero mais é que dê certo. É comum ver alguns pais separados voltarem aos seus antigos relacionamentos depois de um tempo longe. Aí como eu fico se entrar nesse meio?

Não vou pensar assim. Como ele disse, teremos uma noite para saciarmos nossos desejos carnavais e só. Serei mais uma fantasia em sua vida e ele na minha. Ninguém vai sair machucado.

Ontem fui dormir angustiada por não ter conversado direito com Apolo. Queria que tivesse ficado aqui comigo, me contado porque ele mantém tanta distância das pessoas, mas pensando bem, foi melhor assim. Desse jeito não precisamos nos envolver mais do que o necessário.

Acordo com uma batida na minha porta e meu coração dá um salto. Será que ele voltou. Saio das cobertas quase correndo e abro a porta sem consultar o olho mágico.

— Bom dia, gatona! – Ceginara aparece na minha frente segurando um cabide e acho que tem uma roupa em baixo. Quando vejo que não é quem eu queria, relaxo os ombros e minha expressão de felicidade é substituída por uma de desamino. — *Tava* esperando outra pessoa? — Ela ergue as sobrancelhas rapidamente, sugerindo que poderia ser meu chefe. Quer dizer, queria que fosse ele.

Abro o restante da porta e caminho para o sofá, me sento com um suspiro de derrota.

— Sim. Esperava que fosse outra pessoa. — Ceginara fecha a porta e

coloca o objeto que trouxe do meu lado direito. – O que é isso?

— Daqui dois meses terá uma reunião executiva e você vai fazer parte. O uniforme que recebeu não condiz com a situação e o seu patrão mandou que confeccionássemos um modelo específico para a ocasião. – Ceginara coloca as mãos nos quadris, me recriminando, quando vê que não tenho nenhuma reação.

— Eu não vou nessa reunião.

— Não é um convite, querida. É uma ordem. Obrigações do seu cargo. – Senta-se do outro lado. – O que aconteceu?

— Eu estraguei tudo ontem. – Faço um breve resumo da noite anterior.

— Você não estragou tudo, você só quer um relacionamento sério. E como ele está relutante, é normal que sinta que não estava fazendo a coisa certa.

— Mas eu não quero um relacionamento sério. – Levanto do sofá rápido. – Quero o que qualquer mulher quer quando olha pra ele. Sexo selvagem. – E cruzo os braços. Ceginara ri na minha cara. – Posso saber do que a senhorita está rindo? – Nem diante do meu falso rompante de raiva ela para por completo, pelo menos tem a decência de tomar fôlego para falar.

— É muito bonitinho ver você negar o que *tá* na cara.

— Não tem nada na cara aqui. E que roupa é essa? – Puxo o zíper da capa que cobria a peça e me deparo com um vestido incrível.

Preto em estilo midi, sendo que é mais solto na barra como cauda de sereia, sem decote, mas que deixa meu pescoço a mostra e os braços. A manga dele é curta. Ele é todo coberto com renda. Lindo demais. Vai marcar bastante as minhas curvas. Ainda bem que estou em dia na academia.

Fico sem palavras diante desse modelo maravilhoso.

— Ele também mandou comprar isso. – Ela tira de dentro de uma bolsa, que eu nem tinha notado que estava lá, um par de sapatos. Na verdade, um par de botas, sem cano, mas todo fechado, meia pata, coberto com veludo vermelho. Para completar, vem junto de uma tornozeleira, com um pingente em formato de chave, no próprio zíper de trás. – Gostou? – Pisco algumas vezes e passo a mão sobre o vestido e depois no sapato.

— Por que ele fez isso?

— O nível das pessoas que estarão nessa reunião não permite que você vá vestida como uma secretária qualquer. Por mais que o seu chefe não deixe transparecer, ele é o dono daquele lugar.

Dono? Como eu nunca soube disso?

— Imagino que ele prefira manter tudo como era antes, mas é inegável que ele tem dinheiro. – Parece que ela leu meu pensamento. Reviro os olhos quando lembro que a minha cara entrega tudo que eu penso. Saco!

Estava muito confusa com tudo que eu achava que sabia antes, mas agora, nada faz sentido. Desabo ao lado de Ceginara.

— Não sei o que você sabe, mas a verdade é que o senhor Nóbrega é um mistério pra muitas pessoas.

— Inclusive pra mim. – Viro o rosto na sua direção. Ceginara tem os olhos claros, um azul, como o fundo de piscina. – Você acredita que a gente divide a mesma sala? E o mesmo andar com um monte de executivo?

— Não. – Ela cruza os braços. – Achei que ele, assim como a maioria dos CEOs de empresas grandes, ficava com uma sala só pra ele.

— Ele disse que as outras secretárias falam mal dele, por isso me manteve por perto. Mas ele não sabia que era eu quem seria a sua secretária. Quem fez a minha entrevista foi outra pessoa.

— Como eu disse, ele é bastante discreto. – O que será ele tanto esconde?

— Vai passar o dia aqui? – Pergunto quando já não tenho mais assunto.

— Não, tenho que ir. – Ela se levanta e caminha para a porta colocando sua bolsa no ombro direito. – Sei que você adora a minha companhia, mas tenho mais umas entregas pra fazer.

— E a conta de tudo isso? – Aponto para os itens que ela me entregou.

— Que parte de “o seu padrão mandou comprar” você não entendeu? – E coloca a mão na cintura em um gesto frustrado.

— Tá entendi. – Reviro os olhos. – Você vem assistir a minha apresentação de hoje?

— Vou sim. Às quatro da tarde, eu bato aqui de novo. – Pisca o olho e vai embora, me deixando com um vestido espetacular, uma dúvida muito maior do que eu tinha antes e uma vontade enorme de falar com meu chefe de novo. E dessa vez não vou estragar tudo, eu acho.



Um pouco antes das quatro me levanto, depois de ter passado o dia quase todo de preguiça e só comendo besteira, vou para o meu guarda roupas e me animo um pouco, pois em algumas horas estarei em cima do palco novamente. O que faz a minha mente viajar até os acontecimentos da noite passada. Meu chefe *Zé Ruela*, na minha casa e me querendo de um jeito que eu não pensei que fosse possível. Apolo Nóbrega, um homem rico, com dois filhos e que não fala sobre isso.

O que você queria? É só uma simples secretária. Não vai fazer parte desse mundo rico dele.

Escolho uma roupa bem provocante, mas no estilo sexy sem ser vulgar. Coloco em cima da cama e mando uma mensagem para a minha banda. Quero ver o que a gente pode fazer com as músicas que eu tenho em mente.

Lari: “Odeio quando ela inventa essas coisas em cima da hora. Aff.”

João: “Qual é, Lari, vai ser legal.”

Lari: “Isso pq vc ã tem que afinar a bateria toda de novo. Lily, pq a gente nunca segue um repertório fechado?”

Eu: “Não consigo, pessoal. Por isso que peço pra ensaiarmos umas coisas que não tem nada a ver com a gente.”

João: “É por isso que eu amo essa mlr.”

Larissa finaliza nossa conversa com um *emoji* de olhos revirado.

Concluo a minha maquiagem e ouço a campainha. Atendo e Ceginara aparece diferente de mais cedo. Deixo-a entrar e mantenho meu sorriso no rosto.

— Nossa, o que aconteceu? Viu passarinho verde, foi? – Entra

fechando a porta.

— É que eu vou cantar. Faz parte de mim, sabe? – Ela se deita na minha cama.

— E por que arrumou um emprego tão chato como secretária de um executivo gostoso? – Olho para ela, assustada por suas palavras.

— Ceginara! Tenha um pouco mais de decoro, criatura. – Volto a minha atenção para o espelho. Termino de aplicar o batom.

— O que foi? Ele não é mesmo? Só constatei os fatos, não inventei nada. E você não respondeu à minha pergunta.

— Com o cachê que recebo para cantar, não consigo fazer mais nada que não seja pagar as contas. Aí tive que arrumar um trabalho formal, mas assim que conseguir um contrato de novo eu me mando daquele emprego chato. – Pego as roupas que separei para a noite, coloco na minha bolsa de figurinos, ponho no ombro e levanto. – Vamos?

Ceginara sai da minha cama com um pulo.

— Tô de carro. É muito longe?

— Você não vai precisar do carro. – Sorrio de lado e caminhamos para a porta.

Chegamos no bar em menos de dez minutos. Vou pelos fundos e levo Ceginara comigo. A apresento aos outros integrantes da banda, mas vejo que seus olhos azuis brilham para cima de Adriano, o barman mais antigo da casa.

— Boa noite, Anito. – Apelidei-o assim, pois vive me pedindo para fazer uma performance da Anitta, mas não curto o esse estilo musical. Falei isso para ele, mas não adiantou, sempre que me vê, pede uma música dela.

— E quando mesmo que a senhorita irá me presentear com uma música dela?

— Nunca. – Sorrio simpática, com a mesma resposta de antes. – E vem cá, por que você sempre pede uma música dela? – Não me ocorreu de perguntar isso antes.

— Porque gostaria de ver você dançando como ela.

— Mas ela não dança. Nem eu.

— É, mas talvez seja isso que está faltando para que você receba uma proposta melhor. – Adriano apoia os braços cruzados no balcão que acabou de limpar, chegando bem perto do meu rosto. – Quem é essa gata que veio com você? – Olho para o lado, e vejo Ceginara toda atrapalhada em falar com um dos garçons, no caso o Sid.

— É a Ceginara. – Sorrio para ele.

— Não quer me apresentar ela, não? – Lembro que Apolo esteve aqui ontem e com certeza deve ter tomado alguma bebida.

— Só mediante uma informação.

— O que você quiser, princesa da noite.

— Um cara alto, ombros largos, camisa branca, sorriso matador... – Nem espera que conclua a frase e me corta.

— O cara que saiu correndo atrás de você ontem. O que tem?

— Como você sabe?

— Ele vem aqui em todas as suas apresentações. – Meu queixo cai.

— E por que você nunca me contou isso antes?

— Se eu fosse contar pra você de todo babaca que passa pelo meu balcão querendo seu telefone, não sairia daqui antes das 2 da manhã. – Estreito os olhos para ele.

— E por que dele você me falou?

— Porque eu vi o beijo de vocês ontem. – Fala como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Não devia ficar espiando os outros, sabia?

— Sabe a quanto tempo eu torço por vocês? – O quê? – Tem um ano, isso.

— Ele me acompanha há um ano? – Coloco a mão sobre o peito.

— Não tem faltado um único dia.

— Então, quando ele chegar, dá um jeito de não deixá-lo ir embora antes de eu falar com ele. Combinado?

— Cadê a sua amiga Ceginara? – Olho para o lado e ela está mexendo na caixa de música desativada.

— Combinado? – Estendo a mão para selarmos nosso trato.

— Combinado. – Ele aceita com um aperto de mão. Sorrio satisfeita e chamo Ceginara, que arruma os óculos no rosto e caminha para mim.

— Oi, Lívia.

— Me chama de Lily. Esse aqui é o Adriano, o nosso barman. Pode ficar com ele aqui, que nada vai te acontecer. Pode assistir ao show daqui. Você está em ótimas mãos. – A coloco sentada de frente para o barman e me afasto, indo para as coxias me trocar e começar o show.

Essa a gente mal ensaiou, mas quero muito que Apolo esteja aqui para ver.

I let a note on my bedpost
Deixei um bilhete na minha cabeceira da cama
Said not to repeat yesterday's mistakes
Disse para não repetir os erros de ontem
What I tend to do when it comes to you
O que eu costumo fazer quando se trata de você
I see only the good, selective memory
Eu vejo apenas o lado bom, memória seletiva

The way he makes me feel yeah, gotta hold on me
A maneira como ele me faz sentir, sim, tenho que me segurar
I've never met someone so different
Eu nunca conheci alguém tão diferente
Oh here we go
Oh, aqui vamos nós
He a part of me now, he a part fo me
Ele é uma parte de mim agora, ele é uma parte de mim
So where you go I follow, follow, follow
Então, onde você vai eu sigo

Difícil não cantar algo que está acontecendo comigo. Às vezes que sentamos para discutir quais serão as músicas da vez, eu penso muito no que acontece comigo e o Apolo está me desestabilizando de uma forma que preciso expressar no meu santuário. Essa música *Can't remember to forget you* (Não consigo lembrar de te esquecer) da Shakira com a Rihanna, expressa bem o que eu estou passando internamente. Essa luta, de não querê-lo, mas ao mesmo tempo desejar estar ao seu lado, está acabando com a minha sanidade.

Ele, sem pedir permissão ou passagem, entrou na minha vida com apenas um olhar. Canto essa música na intenção de que ele saiba que é para ele.

Termino a performance da canção que escolhi às pressas e olho para o bar na procura de Ceginara que entende o que quero saber e faz um sinal negativo com a cabeça. A cada música finalizada, faço a mesma coisa e a mesma resposta se segue. Olho para os meninos que estão comigo no palco.

— O que está acontecendo, Lily? Você *tava* bem só na primeira música, agora *tá* agitada e saindo muito do tempo. — Lari pontua.

— Desculpa, gente. Tô muito aérea agora. Foi mal. A gente pode parar?

— Mas ... – A baterista começa, mas João a interrompe.

— Vai de uma vez. Sei que o que te perturba não está aqui mesmo. – E aponta para o final do palco. Quando não estou presente ou quando me atraso, João assumi. Os clientes não gostam tanto, mas por ele ser afinado e com um bom timbre, tem uma boa recepção.

Corro até Marcos, que nesse momento está em seu escritório. Conto que não estou bem e que preciso sair mais cedo. Marcos sempre me ajudou e agora não é diferente. Paga-me o cachê da noite passada e a de hoje. Ontem saí correndo e não peguei o meu dinheiro. Segundo Marcos, só estou aqui porque nas noites que eu canto, ele fatura mais.

Chego no balcão, onde o barman flerta sem nenhum pudor com Ceginara, que está encantada. Quando cheguei aqui, Adriano foi o que mais me chamou atenção, mas peguei uma amizade tão bonita que não me vejo com ele em outro sentido.

— Algum sinal dele, gente? – Pergunto recuperando o fôlego.

— Não, Lily. Nada ainda. – Encosto a cabeça no balcão. O bar está meio lotado. É uma das nossas maiores plateias, e João está dando conta. Está arriscando mais, e isso é bom. Só que não consigo aproveitar como devo, já que estou triste pelos acontecimentos da noite passada, juntando com o fato dele não ter vindo justo hoje.

— Será que hoje ele não vem? – Pergunto sofreda.

— Oh, amiga. Não fica assim. Na empresa você fala com ele.

— Lá é muito ruim. Ele entra no modo *todo poderoso* e não me deixa chegar perto. – Suspiro.

— E se ela fosse até a casa dele? – Adriano sugere. Levanto a cabeça em alerta.

— E se eu fosse até a casa dele? – Olho para Ceginara e como é de costume, já sabe o que se passa na minha cabeça. – Como que em tão pouco tempo você me conhece tão bem?

— Reconheço o seu desespero. Não é novidade. As minhas irmãs mais velhas não têm juízo nenhum. Vejo elas em você. E a resposta é não.

— Por favor!!! – Sem que eu precise falar, Cegi já sabe que quero o endereço do meu chefe e sei que ela tem.

— É falta de ética.

— Meu coração está em pedaços. Por favor. Quero falar com ele.

— Liga, ora.

— Não tenho o número particular dele. – Faço a minha melhor cara de cachorro que caiu da mudança.

— Até os olhos são os mesmos. – Ela bufa e acho que ganhei essa parada. – Tá bom. – Saltito no lugar, mexendo o corpo todo. – Ela mexe no seu celular, anota o endereço dele em um pedaço de papel e me entrega. – Não diz que fui eu.

Dou um beijo na bochecha dela e de Adriano, corro para os bastidores, pego minha bolsa. Chamo um carro pelo aplicativo colocando o endereço de destino. Em poucos minutos minha carruagem chega e seja o Deus quiser.



Sinto-me meio dormiente quando paramos na frente do seu prédio. Desço do carro e me pergunto o que estou fazendo aqui.

Cara o que você vai falar para que ele te deixe subir? E se tiver acontecido alguma coisa com os meninos e por esse detalhe ele não foi hoje?

Parada na calçada em frente à guarita, o vigia me olha e pergunta:

— Tá perdida, moça? – Na hora me vem uma ideia na cabeça. Talvez, se contar que sou eu, ele não me deixe subir, mas se eu disser que sou outra pessoa...

— É que eu não lembro o número do apartamento dele.

— Quem a senhorita está procurando? – Uso toda a minha meiguice para que ele acredite no que estou lhe contando.

— Apolo Nóbrega.

— Qual seu nome?

— É Rebeca. – Ele me olha e desaparece dentro do seu posto. Acho que está falando com ele. Meu coração bate acelerado por estar mentindo para um senhor.

— Que Rebeca? – Ele pergunta.

— Eu trabalho com ele nas empresas Marino. – Respondo e ele

desaparece de novo. Torço para que acredite e que não vá para o inferno por isso. Passam os maiores dois minutos da minha vida. Minhas mãos estão suando descontroladas. Ouço um barulho no portão de ferro.

— Ele mora no quinto andar do bloco F, apartamento cento e oitenta e sete. — Empurro o portão e entro.

— Obrigada. — Sorrio simpática novamente e sigo para a esquerda, que ele aponta.

De repente, enquanto caminho até a entrada do bloco, me sinto nua e intrusa. Esse lugar é muito chique para uma pessoa como eu, sem alguém importante na vida. Ele tem pessoas que ama e que se importam como ele. Eu não sou ninguém. Deveria dar meia volta e parar o que estou fazendo, que na verdade nem sei exatamente o que é.

Quando tive a ideia idiota de vir até aqui tinha um discurso todo pronto, mas agora vejo que não faz sentido. Penso em voltar, mas meus pés não me obedecem.

Lembro da época da escola em que a gente corria atrás dos meninos que não queriam a gente e nem nos davam bola. Assim faço eu agora, atrás de um homem que pode ter uma *ex* psicótica, ou uma esposa morta. Por que eu quero saber disso? E quando eu vir as crianças? O que eu vou dizer a elas? Será que elas moram aqui? E como vou explicar que menti para o porteiro do meu chefe e para o próprio? Que boa desculpa eu tenho para estar fazendo uma loucura como essa?

Desperto do meu devaneio e estou na frente da porta dele, mas sem coragem de apertar a campainha. Quando estou me virando para ir embora, a porta abre, e Apolo aparece de calça de moletom cinza e uma camisa preta. Descalço. O que eu tenho com os pés desse homem? Ele abre a porta com um leve sorriso nos lábios, mas quando identifica que sou eu, seu sorriso some e a surpresa estampa seu rosto lindo. Encontro seus olhos fixos em mim e ouço sua respiração forte. Seus cabelos estão úmidos.

— Você não é a Rebeca. — Ele afirma ofegante.

— Não. — É a única coisa que consigo responder.

— Ainda bem. — E envolve minha cintura me puxando para junto do seu corpo. Apolo me beija com fervor e juro, em pensamento, que não vou falar nada que estrague esse momento de novo.

Capítulo 8

Apolo Nóbrega

Lívia Moreira está presente na minha vida – mesmo que eu teime em dizer que não – desde o dia que cruzei meu olhar com o dela naquele palco.

Passei dois anos para pisar naquele lugar de novo.

Estava muito triste naquela noite com os acontecimentos que me tiraram meu irmão e cunhada. Pela vida que eu tinha deixado para trás, e filhos que eu ganhei sem nem ter brincado no parquinho. Naquele dia, ia encher a cara.

Saí dirigindo pela cidade sem rumo certo e parei na frente daquele bar. Meu cérebro é bombardeado com memórias da última vez que vi meu irmão com vida nesse lugar. Meus olhos encheram de lágrimas, mas me contive e entrei. Não ia deixar que a última lembrança do meu irmão fosse deixada de lado.

Coloquei os pés no ambiente e a lembrança deles, sentados à mesa do canto, mas próximos ao palco, me atingiu em cheio. E não só a deles. Os olhos verdes de Lívia, que até aquele momento não sabia o nome dela, também invadiram meus pensamentos. Sonhei com eles algumas vezes.

De repente a voz dela encheu o espaço e eu, covarde que sou, me escondi nas sombras do bar. Pedi todas as bebidas que pude pagar naquele momento, admirando seu trabalho. Acabou o show e dei um passo para ir falar com ela, mas o barman me segurou. Disse que eu estava bêbado demais e com certeza faria algo de que me envergonharia pelo resto da minha vida. Ele estava certo, mas queria poder falar o que estava sentindo e que ela não saia do meu pensamento. Lembrar disso me dá uma vergonha enorme.

Adriano me colocou em um táxi e cheguei em casa parecendo um gambá de tão embriagado. Dormi no sofá. Ainda bem que Sol estava lá e não deixou que as crianças me vissem daquele jeito. Seria outro arrependimento enorme.

Já melhor da ressaca, fui até o local buscar meu carro, mas antes, perguntei ao barman quando ela se apresentava ali. Depois disso, passei a ir a todas as apresentações dela e Adriano me perguntava a mesma coisa quando

me via.

Até noite passada.

Quando saí do meu apartamento, meu coração estava acelerado, uma vontade insana de voltar lá, tomá-la em meus braços e fazer amor com ela a noite toda. *Fazer amor? É a segunda vez que eu penso isso! É só sexo fútil e sem compromisso. Nada mais do que isso. Não posso me envolver.*

Meu humor estava trevoso hoje, nem eu estava me aguentando, quando Marisol teve a brilhante ideia de levar os meninos na praia. Pensei: graças a Deus. Não sabia mais o que fazer para entretê-los. Ainda mais sem um pinga de paciência para todos os “por quês” de Manuela e todas as caras fechadas de Pietro. Ela passou aqui às nove da manhã e os levou para um banho de mar.

Se fosse em outro momento, teria ido junto, mas não queria estragar o sábado das crianças. Então me ocupei fazendo nosso almoço e janta para a semana, como sempre faço, na esperança de ocupar minha cabeça. Pelo tempo que fiquei na cozinha, deu certo, mas quando terminei, os olhos verdes de Liv invadiram meu pensamento. Pensei se mais tarde iria no *Sunrise*. Não seria uma boa ideia, depois do que aconteceu ontem. Não a ver aos sábados era uma coisa que não acontecia há um ano.

Imagina um programa de TV que você está acostumado a assistir sempre no mesmo dia e no mesmo canal. De repente, por algum motivo não estava em casa daquela vez e o perdeu. Fica um vazio no peito, como se algo naquele dia estivesse errado ou faltando.

Marisol me ligou às quatro da tarde informando que as crianças estavam dormindo e que as traria mais tarde, mas dei a ideia de elas dormirem por lá mesmo. Fazia umas semanas que Sol não ficava mais tempo com eles e ela sempre me perguntava quando eu deixaria de novo. Não queria meus filhos longe de onde eu pudesse vê-los, mas confio em Sol. Ela sempre me ajudou, em todos os momentos. Fora que ela não sabe, mas sempre deixo uma câmera escondida nas coisas deles. Sempre sei onde estão e com quem. Pode me chamar de paranoico, não ligo, mas seguro morreu de velho e tenho muito cuidado com meus filhos.

Tomei banho, troquei de roupa e já estava saindo para vê-la, quando lembrei que faria diferente nesse sábado. Eram seis da tarde e Liv já estaria no palco com uma roupa linda e que iria ficar só admirando de longe. Hoje eu não falaria com ela de novo. E que sentindo teria em ir, se não fosse para falar com ela?

Fecho a porta com força e me deito no sofá, totalmente frustrado. Não posso ir. Vou querer coloca-la no colo e terminar o que começamos ontem. Todas as células do meu corpo dizem que eu devo fazer isso, mas a minha razão não vai me deixar em paz. Volto para o quarto e troco de roupa. Vou até a área comum dos moradores do prédio e entro na piscina. O motivo que me fez ficar com esse apartamento é poder nadar a hora que eu quiser.

Quando não consigo dormir, venho aqui e dou umas braçadas. Isso me acalma, mas nem meu esporte favorito está me ajudando no momento. Nadei por mais tempo do que das últimas vezes, mas nem a fadiga do meu corpo me faz esquecer de que deveria estar em outro lugar, ouvindo a melodia fascinante que a sua voz emite. Lembro-me do seu corpo nos meus braços e aumento o ritmo das braçadas.

Retiro-me da água apenas no momento que me sinto completamente esgotado e volto para o meu apartamento. Tomo outro banho e olho no relógio. Ainda são sete e meia da noite. Que merda.

Vou para o meu quarto e ligo a TV, procuro um canal de música e a primeira que começa é a da Avril Lavigne, *Hot*. Exatamente a que Liv cantou ontem. Passo a mão pelos cabelos e troco de canal. Um show ao vivo da P!nk e ela canta *Trouble*.

— Tv, você está querendo me torturar? É isso mesmo? – Pronto! Agora pode chamar o médico. Fiquei completamente maluco. Desligo o aparelho quando o meu interfone toca.

— Boa noite, seu Bartolomeu.

— *Boa noite, meu filho. Tem uma moça aqui querendo falar com o senhor. Está esperando alguém?*

— Não. Que estranho. Qual o nome dela?

— *Rebeca.*

— Rebeca? Pergunta de onde. – A única que eu conheço é a da empresa.

— *Só um instante.* – A voz dele fica abafada e não ouço a voz da moça. Ele retorna. – *Ela disse que trabalha com o senhor nas empresas Marino.*

— Sei quem é. Pode deixar que ela suba.

— Tá certo. – E desliga.

O que será que Rebeca quer? Uma vez ela veio aqui para adiantar um trabalho. Na época que eu estava sem secretária, mas nunca mais ela veio. Será que é alguma complicação com seus pais? Se fosse ela devia ir ao

médico e não vir à minha casa. Do jeito ela é precipitada deve achar que não vai conseguir chegar à empresa amanhã e por isso está aqui. Ela tem cada ideia.

Espero que chegue. Coloco uma camiseta. Não é de bom tom receber uma moça solteira seminu. Se bem que eu estou na minha casa, mas não custa evitar constrangimentos.

Espero mais um pouco e nada dela. Será que se perdeu? Da última vez, tive que salvá-la nos corredores que eram todos iguais e ela não sabia mais onde eu morava. Palavras dela. Percebo que meu humor melhorou um pouco ao lembrar das loucuras de Rebeca.

Pelo tempo que passou, acho que ela já devia ter chegado. Vou até a porta para ver se a encontro andando perdida, novamente, mas o que vejo me deixa sem fala.

Liv está parada na minha porta com um sobretudo e com uma maquiagem mais elaborada que todas que já a vi usar. Ela tem uma expressão aflita em seu rosto. Meu pulso fica acelerado.

Tudo que eu não queria ter que enfrentar veio atrás de mim. Não se pode fugir do seu destino, agora tenho certeza. Se ela está aqui, tem que significar alguma coisa. Será que eu a deixo entrar? Será que fecho a porta na sua cara? Não consigo. O que mais quero é puxá-la para os meus braços mais uma vez e é exatamente o que faço quando ela responde que não é Rebeca.

Agarro seu corpo junto ao meu. Não quero nem saber como ela descobriu onde moro. Acho que teria feito a mesma coisa que ela em algumas horas.

— Liv, eu ... — Afasto minha boca da sua, mas ela coloca um dedo sobre meus lábios.

— Depois, Apolo. — E volta a me beijar. Fecho a porta e a carrego para o meu quarto. Coloco-a na cama e observo seu corpo.

— Você cantou vestida desse jeito? — O sobretudo cai um pouco para o lado, e agora posso ver o corpete tomara que caia, uma saia preta curta e botas, que vão até o meio das suas coxas. O cabelo está solto. Respiro com força. — Ainda bem que não fui te ver. — Retiro suas botas com delicadeza, puxo seu sobretudo e deixo de lado.

Admiro um pouco mais as suas curvas e desço o zíper do seu corpete. Seguro a respiração mais um pouco. Ela está sem sutiã. Puxo a saia, juntamente com a calcinha, deslizando por suas pernas. Agora ela está despida em cima da minha cama. Caminho até a porta do meu quarto e a

fecho com a chave. Respiro com dificuldade.

— Apolo, o que está fazendo? – Olho para seu rosto e sinto apreensão vindo dela.

— Sabe o que acabou de fazer? Vir à casa de um homem solteiro? À noite? – Ela abre bem os olhos, revelando que não tinha pensado sobre isso. Ela começa a se sentar, mas a impeço, chegando rápido até a cama. Prendo seu corpo com o meu. Liv arfa.

— Você ainda está vestido. – Ela ofega. Tento manter a calma, mas estou tão duro que não vejo a hora de estar dentro dela, já que não tenho a atenção de uma mulher há bastante tempo. Retiro minha camisa e a solto no chão. Liv passa a mão por minha tatuagem. Afasto-me descendo a calça por meu quadril, junto com a cueca. Minha parceira de crime me encara com admiração. Não me considero um cara mediano, mas também não chego a ser desconfortável para uma mulher. Pelo menos nunca ouvi reclamações.

— Melhor agora? – Abro os braços e ela afirma com a cabeça.

— Infinitamente. – E se arruma entre meus travesseiros. Ela se vira e pega um, abraçando-o e cheirando-o.

— O que está fazendo? – Pergunto franzindo o cenho.

— É possível que essa seja a única vez que vou fazer isso, então, quero aproveitar tudo que tenho direito. – Vou até a cômoda perto da TV, com um sorriso satisfeito no rosto, pego algumas camisinhas e jogo em cima da cama.

Caminho até ela. Afasto suas pernas e desço meu rosto por elas, até chegar ao seu ponto mais sensível, mas sem tocá-la. Inspiro seu cheiro e vejo sua pele arrepiar. Dou um sorriso de lado. Liv está com a boca aberta e vejo quando ela fica mais lubrificada. Minha ereção lateja de vontade de preenchê-la, mas ainda não posso.

— Apolo. – Ela suplica.

Chego mais perto e começo a saboreá-la. Quero proporcionar-lhe prazer, para que não pense em mim apenas como mais um. Ela rebola na minha cara, puxa meus cabelos, aperta meu rosto com as pernas. Provo ainda mais seu sabor e quando seu corpo treme, indicando que chegou ao ápice do prazer, retiro a língua rapidamente. Visto a camisinha e paio sobre ela. Passo a mão por seu rosto e suas safiras, que estão presentes em meus sonhos e ficaram mais vívidas ainda, me encaram. Consigo ver o desejo dela e mais uma emoção que ainda não consigo identificar.

— Minha linda, minha Vênus. Desejei esse momento nos meus

sonhos com toda a força. – Meus olhos começam a me trair e antes que fale mais alguma coisa que me deixe com mais cara de babaca apaixonado, a preencho. Liv arfa de surpresa, mas me aperta, fazendo com que invista contra ela. Ela balbucia meu nome repetidamente e em meio a várias incoerências que ela diz, posso ouvir “melhor do que imaginei”. Por um momento fico apreensivo, mas a entrega dela nesse momento é fantástica e não consigo mais raciocinar coerentemente.

Liv goza mais uma vez gritando meu nome. Poucos segundos depois eu a sigo, chamando-a de Minha Vênus.



— O que deu em você pra vir na minha casa? – Liv me encara, com a cabeça no meu peito.

Por mais que não queria me envolver, não posso mandá-la embora depois do que aconteceu. Duas vezes. Seria grosseria da minha parte.

— Na verdade eu quero conversar com você. – Liv procura minha camisa no chão e a veste. Se senta com as pernas cruzadas me encarando.

Coloco a mão atrás da cabeça.

— Sou todo ouvidos. – De todas as vezes que eu quis fugir, meu medo era de me apegar mais ainda a essa mulher, que não sai do meu pensamento.

— O que a gente fez aqui, agora, vai se repetir? Você me quer na sua vida? As crianças me disseram que não tem mãe. O que aconteceu com ela? Elas estão em casa? – Ela arregala bastante dos olhos e cobre a boca com as mãos fazendo sua voz sair abafada. – Aí meu deus, elas ouviram a gente?

Gargalho alto da infinidade de coisas que ela quer saber ao mesmo tempo. Ela bate no meu ombro.

— Para de rir. Você pode acordá-las.

— Elas não estão em casa. Estão com a Sol.

— Sua prima? – Franzo o cenho para a informação que eu não sabia que ela tinha. – A Malu que contou.

— Tinha que ser. — Reviro os olhos.

— Mais uma coisa. Por que Malu, se o nome dela é Manuela? — Gargalho.

— É uma longa história. Um dia eu te conto.

— Mais uma coisa que você não vai me contar, que eu sei. — Ela revira os olhos.

Passo a mão por seu rosto.

— A gente precisa de um pouco mais de tempo.

— Então vai me responder? — Ela cruza os braços, erguendo as sobrancelhas.

— Eu acho muito cedo pra gente ter uma conversa séria. Eu nem conheço você direito. — Dou de ombros.

— Verdade, mas você ia me ver em todas as apresentações que o Adriano me contou.

— Boca grande. Vou me ver com ele depois.

— Devia agradecer, isso sim. Se não fosse por isso, não estaria aqui agora.

— Talvez eu agradeça a ele, depois de dar um sacode. — E sorrio. Ela não tira os olhos de mim. Passo a mão por seu rosto. — Minha Vênus. Tanta coisa aconteceu comigo e que se dependesse só de mim, isso teria acontecido há mais tempo. — Tento me levantar, mas Liv coloca a mão no meu peito. Encaro seus olhos.

— E o que aconteceu? Apolo, pode me contar. Eu sinto que você carrega uma dor grande e que se você compartilhar, ela pode ficar mais leve. — Desvio do seu olhar atento. — Fala comigo. — Ela suplica.

— Tudo que consigo dizer agora é que não sou o pai biológico deles, mas nada nesse mundo irá tirá-los de mim. — A encaro zangado, mas não direcionada a ela. Só que a cara de choro que ela faz me desestabiliza e suavizo meu olhar. Passo a mão por seu rosto mais uma vez. — O que foi? Desculpe pelo meu tom. Não foi com você. — Ela me abraça inesperadamente e sinto suas lágrimas em meu peito.

— Esse é o sentimento mais altruísta que alguém pode ter. — Sua voz está embargada. Passo a mão por seus cabelos e a ajeito em cima de mim. Livia chora por um tempo. Não vou forçá-la a nada que não quiser. Sei o quanto é difícil falar sobre suas dores. Ela se senta sobre meu corpo e passa a mão pelo seu rosto enxugando as lágrimas. — Um dia, quando você estiver pronto pra me contar o que aconteceu com você, também vou contar a minha

história. – Seu rosto está vermelho pelo choro e nunca mais quero ver essa mulher incrível chorando de novo.

Ergo meu corpo e afundo meus dedos em seus cabelos castanhos. Beijo sua boca, lento e explorando cada canto dela.

Esse é o nosso acordo, silencioso, de que o que temos vai ficar assim até podermos dar o próximo passo. E pela primeira vez, consigo admitir que não quero que Liv vá embora. Bom, pelo menos para mim.

Capítulo 9

Livia Moreira

“O que esperava que fosse acontecer vindo na casa de um homem solteiro vestida daquele jeito” não tinha passado por meu cérebro. Mas de todas elas, nunca havia imaginado que terminaria na cama com ele.

Apolo é um homem cheio de mistérios e mais delicioso do que todos os outros que já tive, sendo que não tive tantos assim. Ele é maravilhoso na cama e me deu muito mais curiosidade em saber o que de fato aconteceu a ele.

Vendo-o de costas, com o torso nu, trabalhando em algo para comermos, só consigo pensar nos momentos que dividimos ainda há pouco. Seus ombros largos e a musculatura toda trabalhada indica que passa algum tempo na academia.

— Gosta de batata? – Ele se vira, com um sorriso inocente nos lábios e uma faca na mão. Seu abdômen bem definido e alguns pelos traçando o caminho para minha felicidade, além da barra da calça de moletom, me distraem completamente. Tanto que não percebi a sua pergunta. Vejo quando abre um sorriso completo e com covinhas. Ele tem covinhas? Falta só o furo no queixo para ser meu *Henry Cavill* particular. Não percebi esse detalhe importantíssimo antes, não só por causa da barba, mas também pelo fato de não passar muito tempo admirando seu rosto.

Apolo se aproxima lentamente e me dá um beijo nos lábios. Daqueles que colam, fazendo barulho e que, para mim, significou mais do que os outros que trocamos no auge do prazer. Estava apoiando o queixo nas duas mãos, igual às mulheres de filmes românticos. Tomamos um banho juntos, com muitas mãos e beijos. Agora estamos aqui para saciar outro tipo de fome.

— Apolo chamando Vênus. – Ele sorri mais uma vez e eu pisco, percebendo agora que ele tinha falado alguma coisa. Sentindo minhas bochechas esquentarem, deito a cabeça na bancada da cozinha, de onde observava o corpo daquele homem, tão machucado, mas ao mesmo tempo tão cheio de amor. Escondo o rosto dele sabendo que já mostrei muito mais do

que um simples constrangimento.

— Desculpa, Apolo. Não consigo acreditar que estou aqui.

— Nem eu, mas você está. — Ouço o tilintar da faca e sinto quando me roda no banco para ficar de frente a ele. Levanto o rosto no susto e seus olhos castanhos me fitam com intensidade. — Quer que eu te *prove*, de novo?

Antes que consiga responder, ele segura meu rosto com as duas mãos e desce sua boca na minha, devagar. Beija meus lábios com força, mas ao mesmo tempo, delicado. Com cuidado, ele abre minhas pernas e se posiciona entre elas, só para aumentar o nosso contato. É diferente do primeiro beijo que me deu. Não consigo descrever, só sentir. Ele se afasta para tomar fôlego e faço o mesmo. Ainda estou usando sua camiseta.

— Não sei se é certo o que estamos fazendo, mas não consegui resistir. — Seu polegar acaricia meu rosto com suavidade.

— Você ainda não respondeu todas as perguntas que fiz antes. — Ele suspira e solta meu rosto. Antes que se afaste, seguro sua mão. — Não sei o que aconteceu a você, mas quero que saiba que tem alguém aqui que quer te ajudar. E falar sobre o que mais te machuca pode fazer a dor ir embora mais rápido.

Apolo não me encara. Viro seu queixo para poder ver seus olhos.

— Só quero que saiba que está tudo bem. Quando e se você quiser conversar, estou aqui. — Abraço sua cintura e sinto os músculos das suas costas relaxando um pouco. Ele me envolve nos seus braços, mas por um breve momento. Soltando-me, dá a volta na bancada novamente e volta para o seu lugar de chefe de cozinha.

— Gosta de batata? — Pergunta com um sorriso meio triste no rosto. Imito seu gesto e confirmo com a cabeça. Um ponto eu consegui, pois essa é a primeira vez que ele não quis se afastar ao me ouvir tocando nesse assunto.

Meu chefe particular preparou uma porção generosa de batata frita, bife passado na manteiga, baião com queijo e uma jarra de suco de laranja, que ele mesmo espremeu. Ver Apolo flexionar os músculos do braço para preparar nossa bebida foi a visão do Olimpo. Babei, mas antes que ele percebesse fui até o banheiro e me recompus.

— *Bon appétit!*^[2] — Meu anfitrião exclama, colocando os pratos na mesa, já servidos.

— Esse cheiro *tá* muito bom. Como você preparou tudo tão rápido? — Puxo o prato para mais perto de mim. Devoro com vontade. Não sabia que estava com tanta fome. Apolo sorri levemente. Nunca o vi tão relaxado.

— Eu já tinha preparado mais cedo. Não gosto muito de cozinhar, então deixo tudo pronto no domingo e durante a semana esquento com os meninos. — Ele coloca uma colherada na boca de forma elegante, enquanto eu, pareço uma refugiada de um campo de concentração. Apolo come sem tirar os olhos de mim. Sorri muito da minha falta de jeito, mas realmente está muito bom.

— Para de ri da minha cara! — Exclamo, depois da terceira vez que ele coloca a mão na boca, escondendo seu sorriso divertido.

— Desculpe, é que nunca tinha visto você comer assim. — E limpa a boca com um guardanapo.

— Você cozinha muito bem. Ultimamente eu tenho comido no *Sunrise* ou no Marino.

— E sua mãe? Ela não se importa de ver a filha comer tão mal? — Meu anfitrião pergunta divertido e na mesma hora travo a colher no meio do caminho para minha boca. Minhas mãos começam a tremer levemente e coloco a colher no prato, ficando tensa. — Eu disse alguma coisa errada? — É claro que ele não ia deixar isso passar.

Apolo deixa as mãos livres e puxa a cadeira mais para perto de mim. Continuo muda, olhando o restante da comida em meu prato.

Nunca tive uma mãe que fizesse algo para mim. Só um cara que dizia ser meu pai, mas não era presente, nunca deu o carinho que uma criança necessita, e só encontrei solidão ao longo da vida.

Apolo espera paciente ao meu lado, com o braço apoiado no encosto da cadeira. Por que ele tinha que tocar em um assunto tão trivial para todos, mas ao mesmo tempo tão delicado para mim?

— A razão pela qual eu me sinto tão apegada aos seus filhos, é pelo fato de não ter mãe também. Nunca tinha falado sobre isso com outra pessoa. — Apolo ainda me olha com carinho e afaga minhas costas. Seu toque é gentil, sem julgamento.

— Minha Vênus. — Ele me abraça apertado. Não quero chorar na frente dele. Seguro-me ao máximo.

— Termine de comer. — Ele volta para o seu lugar de origem e continua sua refeição.

Com relutância, me obrigo a continuar com o jantar que ele fez. Tento conter as lágrimas e as engulo junto com a comida. Apolo não fala mais nada e nem me olha. Tudo bem. Ficamos estranhos por causa do elefante branco que ainda não conseguimos falar abertamente.

Depois de terminar, Apolo pega os pratos da mesa na intenção de lavá-los, são os únicos itens sujos pois enquanto preparava o jantar, foi lavando os utensílios. Pensando bem é mais prático fazer desse jeito, assim, ao final da refeição, precisamos apenas lavar os pratos. Quando se aproxima da pia, tomo seu lugar e vejo o sorriso dele pelo canto do olho.

— Pode deixar. Eu lavo. – Pisco na sua direção e ele se afasta. Não demoro muito e já concluo o serviço. Vou ao quarto dele. Já sei mais ou menos me situar em sua casa. Apolo está vestido com uma calça jeans azul, uma camisa vermelha e tênis. Tem uma roupa dobrada em cima da cama e a minha ao lado. Já sei o que significa. Acabou. Caminho para as minhas roupas e começo a vesti-las. Meu chefe coloca a mão no meu braço, parando meu movimento.

— Quero que vista essa. Talvez sirva em você. – Ele aponta para outra roupa. Pego as peças e são femininas.

— Sinto muito, senhor, mas não vou vestir as roupas da sua ex. – Solto-as e pego as minhas de volta.

— Não importam de quem foram. Não quero que saia na rua com essa roupa. – Sua fala é suave, mas não deixa de ter um tom autoritário.

— Desculpe se o meu jeito não lhe agrada, senhor. – Coloco as mãos na cintura e projeto o corpo para frente. Apolo é alto e tenho que virar muito a cabeça para cima, na esperança de atingir o efeito intimidador que desejo.

— O seu jeito me agrada mais do que eu consigo controlar. – Ele me olha com lasciva. – Mas a essa hora da noite, não é seguro que você ande por aí com uma roupa como essa.

— Eu sei o que é melhor pra mim. – Ele bufa e passa a mão pelos cabelos. Esse movimento me deixa ver parcialmente a sua tatuagem.

— Lívia, não dificulta a minha vida. – Ele aponta para o meu traje. – Essa é uma roupa de trabalho. Não serve para um passeio. Vista a roupa que eu separei. – O encaro. Claramente não vou ceder e ele não vai aceitar a minha resposta. – Por favor. – Baixa o braço resignado.

Suspiro e olho para as roupas novamente.

— Tudo bem. Mas só dessa vez. – Aponto um dedo em seu rosto.

— Que seja. – Sai do quarto e puxa a porta. Espero que o barulho venha, mas nada acontece. Olho para a porta e ela está fechada e não foi batida com violência. Sabia que ele estava irritado. Por que não descontou na pobre madeira, que não tem nada a ver com a situação?

Visto a roupa, me sentindo um pouco desconfortável. Nunca vesti

nada que não fosse meu, ainda mais sem sutiã. Tem sempre uma primeira vez para tudo. Pego minhas roupas e coloco dentro de uma sacola, que Apolo já deixou separada para mim.

Saio do quarto e o encontro na sala. Deferente de outros homens, Apolo está sentado no sofá sem estar totalmente esparramado. Quando me vê, se levanta e abre a porta do apartamento. Olho a hora no relógio e já são quase uma da manhã.

Enfrentar o elevador foi uma verdadeira guerra, porque o perfume de Apolo me pegou de surpresa. Ele estava muito cheiroso no seu quarto, mas aqui nesse espaço fechado, a concentração pareceu mais forte. Vejo-o inspirar pesado algumas vezes e colocar as mãos nos bolsos. Chegamos à garagem e ele abre a porta do carro para que entre.

No caminho para minha casa, que não preciso indicar, o silêncio impera. O que acontecerá com a gente? O que eu sinto de verdade? Ele ainda vai me manter no emprego? São tantas coisas e não tenho mais coragem de perguntar nada. A forma fria que ele tem agido depois do que contei sobre a minha mãe e a pequena discussão que tivemos antes de sair, me deixaram apreensiva. Nunca tive problemas para me expressar, mas esse assunto é muito delicado e ele foi a primeira pessoa para quem contei.

— Vou lavar e devolver para o senhor na empresa. — Falo, apontando para a roupa emprestada.

Voltei a chamá-lo de senhor e isso está deixando-o irritado. Sempre que falo, vejo seu maxilar contrair e algumas veias do seu pescoço saltarem.

— Não se preocupe, senhorita Moreira. Pode ficar com ela. — Ele assumiu o modo patrão. Suas mãos apertam o volante.

— O que aconteceu com *Liv*? — Cruzo os braços e o encaro.

— A mesma coisa que aconteceu com *Apolo*. — Responde sem tirar os olhos da pista.

— A gente precisa conversar. O que aconteceu ... — Ele não deixa que termine minha frase.

— O que aconteceu foi um erro. Não devíamos ter feito, mas já que fizemos, precisamos esquecer.

— Ficou maluco? O que a gente dividiu na sua cama foi mais do que só nossos corpos.

— É, mas ficou claro que não é por aí. A gente não pode mais repetir isso. Não vai dar certo. — Seu olhar, em nenhum momento do seu discurso, encontrou o meu, pois se tivesse feito, teria visto que suas palavras foram tão

duras quanto as da freira que me disse que eu era uma rejeitada e que minha mãe havia me abandonado.

Senti-me deixada por todos que amei. Por isso não quero me envolver com outra pessoa, mas esse *Zé Ruela*, de alguma forma, ultrapassou uma barreira que eu deixei muito reforçada. Enxugo uma lágrima que teimou em escorrer por meu rosto.

— Liv... — Não deixo que continue.

— É senhorita Moreira pra você. — Falo com raiva. Cruzo os braços e olho pela janela. Não vou me deixar ser maltratada por ele mais uma vez. O que o patrão queria era uma noite com sua secretária? Pois ele teve. — Se você me demitir, Gabriel Ávila disse que me pega pra ele.

Apolo freou o carro tão de repente, que se não estivesse usando cinto, teria voado pelo vidro.

— Ficou doido? Quer matar a gente? — Grito com ele.

— Não, só o Gabriel. — Quase consigo ver fumaça sair de suas orelhas.

Nunca imaginei que o veria tão fora de controle. Apolo me olha nos olhos. Não sei dizer o que encontro neles, mas é uma emoção nova para mim.

— Você nunca vai ser secretária dele. Pode trabalhar com o prédio todo, mas com Gabriel, NUNCA. — Ele enfatiza a última palavra com bastante vigor. Essa fala me deixa curiosa para saber o que Gabriel fez ou é capaz de fazer. Sem contar que foi um péssimo momento para ficar excitada.

— Só quero deixar claro que se você me demitir, tenho outro emprego garantido. — Olho triunfante para seu rosto, mas ele volta sua atenção para a pista e acelera o carro. Não tivemos problemas quando ele freou bruscamente, pois as ruas estão quase desertas.

— *Me* avisa se quiser nos matar novo. Quero poder me despedir do meu gato. — Cruzo os braços.

— Você não tem um gato. — Ele afirma.

Droga! Lembrei que ele esteve no meu apartamento e eu realmente não tenho um.

— Tenho sim. — Não vou assumir que ele está certo.

— Mentirosa. — Fala ainda sério sem desviar sua atenção da direção.

— Posso ter comprado ontem. — Ergo a sobrancelha.

— Então, quero ver se é macho ou fêmea. — Apolo estaciona na frente do meu prédio e desce do carro. Oh merda! Abro a porta do meu lado e paro de frente a ele.

— Tudo bem, não tenho um gato. E você não vai subir. Obrigada pela noite e pelo jantar. – Viro-me para subir as escadas na esperança de que ele não venha atrás de mim. E para a minha total decepção, é exatamente o que ele faz.



O tempo passa se arrastando. Nunca pensei que sentiria falta de algo que só provei uma vez.

A semana seguinte ao ocorrido, que eu gosto de chamar de “melhor noite da minha vida”, foi uma droga. Tivemos uma reunião, onde o *Zé Ruela* me apresentou aos outros donos da empresa e fui recebida melhor do que esperava. A expressão de surpresa das pessoas em saber que eu havia ficado me deixou feliz. Consegui um feito que não tinha sido executado por nenhuma outra pessoa. Sentia-me muito orgulhosa.

— Que sorriso é esse, que você sustenta desde o final da reunião? – Apolo para na minha frente, com os braços cruzados, assim que entramos na nossa sala. A sobrancelha erguida, só me deixava mais satisfeita.

— Nada demais. Só a certeza de que você é tão insuportável, que não é qualquer pessoa que te atura. – Cruzo os braços o desafiando.

— Talvez você seja tão insuportável quanto eu. – Ele se aproxima mais um pouco, me fazendo sentir o seu cheiro bom. E todas as memórias do fim de semana me invadem com força. Vejo seus olhos castanhos escurecerem e fixarem meus lábios, que fiz questão de passar um batom muito vermelho. Afasto-me dele e caminho para minha mesa.

— Pode ser. – Respondo baixo e me sento. Não o encaro novamente, mas sinto seus olhos em mim, até o momento que volta para o seu lado.

Afundo meu rosto nas mãos. Como fui deixar isso acontecer? Por que não ouvi o meu sexto sentido?

Porque ele estava anestesiado com o cheiro desse homem maravilhoso.

Bato na testa e emito um grunhindo de dor. Droga. Por que ele não é

ruim de cama? Seria mais fácil odiá-lo desse jeito.

No dia seguinte, chamei a Ceginara para me ajudar a encontrar o apartamento perfeito. Demoramos quase o dia todo, mas achamos um que era perto do trabalho nas empresas Marino e do *Sunrise*.

— Obrigada, Ceginara! Você não deixou que a minha tarde fosse perdida. — Falo para ela enquanto assino o contrato de aluguel. Fora a localização, eu amei não precisar de dois meses de calção. Paguei só metade de um mês a mais. Esse prédio é muito mais confortável no qual eu moro atualmente. É mais caro também, mas a minha satisfação de ter água no chuveiro já vale todo dinheiro.

— Não sei porque está me agradecendo. Eu só fiquei batendo perna para cima e para baixo junto com você. — Ela sentou ao meu lado na sala do corretor. O homem de meia idade saiu para nos buscar um café, enquanto eu lia e assinava o contrato. Concordei com todos os termos.

— É, mas eu não poderia ficar em casa nesse fim de semana sem fazer nada. Precisava alugar outro apartamento pra morar. Não aguento mais passar aperto naquele lugar. — O corretor volta nesse momento com uma bandeja contendo três xícaras de café cheias. Pego uma e agradeço. Ceginara faz a mesma coisa.

— E então? Tudo certo? — Ele sorri e tenho certeza que eu não poderia ter feito um negócio melhor.

— Sim. Tudo nos conformes. — Entrego o contrato assinado para ele.

— E quando ela vai poder se mudar, senhor? — Ceginara se inclina sobre a mesa fazendo uma cara intimidadora.

— No momento que a senhorita quiser. O apartamento já está disponível e assim que sair daqui, registrarei esse documento em cartório e tudo resolvido. — Ele sorri. Tenho certeza que a minha vida vai começar a mudar.

— Como estamos no meio de março, vou esperar o próximo mês, tudo bem? — Pergunto.

— Perfeito. — Apertamos as mãos e ele nos acompanha para fora do seu escritório.

— E agora a senhora vai para casa. Precisa se apresentar mais tarde. — Faço um muxoxo para a sua afirmação. — Que cara é essa?

— Eu não sei. Meio que perdeu o sentido pra mim. — Ceginara estanca no lugar ouvindo a minha declaração. Ela segura os meus ombros e me encara com seus olhos azuis profundos.

— Você ficou maluca, mulher? Cantar é o que você faz de melhor! Não pode deixar que um idiota faça isso com você. — Ela me sacode. — Acorda pra vida, criatura! — E me solta rápido colocando as mãos na boca. — Me desculpa. Não devia ter feito isso. — E cobre o rosto com as mãos.

Não tinha me tocado que nunca fiquei assim por homem nenhum. Tudo bem que Apolo e as crianças valem muito a pena, mas não vou me anular por outra pessoa. Isso não faz ninguém feliz. Se ele me quiser, é do jeito que eu sou. Se Apolo realmente me quiser, vai ter que aceitar o pacote completo ou vai dar espaço para que eu conheça o homem da minha vida.

Minha amiga ainda está com as mãos no rosto e começa a se encaminhar para sair da minha frente, mas a seguro e a envolvo em um abraço.

— Para com isso. Não vou deixar você ir a canto nenhum. Você é minha amiga e não vai ser por um sacode desses que eu vou me zangar. — Ela me aperta e respira aliviada.

— Ainda bem. Deixei o meu lado racional falar mais alto e não pensei que você pudesse se ofender.

— Não me ofendi. Só precisava dessa sacudida para não mudar o meu jeito por causa de ninguém. Nunca fiz isso, não vai ser agora que eu vou começar, não é mesmo? — A solto para olhar seu rosto e ela sorri, assim como eu. — Vem, vamos encontrar o seu barman preferido.

— Nada disso. — E rimos juntas. Ceginara me acompanha até o meu muquifo que está com os dias contados.

Almoçamos juntas e fomos para mais uma apresentação minha. Estava de espírito renovado.



O mês chegou ao fim e eu fiz a minha mudança. Mas o sentimento de estar faltando algo na minha vida ainda permanecia. E para piorar, sabia exatamente o que faltava, mas como não depende só de mim, ficamos nessa por dois meses.

Uma semana antes da bendita reunião dos acionistas, meu *Zé Ruela* particular não falava em outra coisa que não em sermos impecáveis e que precisávamos impressionar. Já estava mais do que cansada dessa *lenga-lenga* toda. Sem contar que ele ainda me lembrava o tempo todo do vestido que a Ceginara entregou lá em casa na minha segunda semana de trabalho, quando tudo na minha vida ainda era simples.

Disse que fazia questão que eu usasse aquele vestido, que era de suma importância que estivesse à altura dos executivos que estariam presentes, porque a sua secretária deveria se portar como tal e todas essas recomendações acerca da minha postura. O mais engraçado é que ele não falou nada sobre o meu trabalho. Acredito que com essa parte ele esteja satisfeito.

O evento seria aqui na empresa mesmo e na sexta. Senti um frio na barriga por imaginar que a reunião pudesse demorar muito e eu acabasse perdendo a hora do show.

— Senhor Nóbrega, que horas mais ou menos vai terminar a reunião?
— O *Zé Ruela* está com a cara enfiada em mais três contratos que eu já revisei mais de dez vezes.

— Pela quinquagésima vez, senhorita Moreira, começará às 15:00hs e não vai durar mais do que trinta minutos. Agora se me der licença, tenho que revisar esse contrato uma última vez. — Responde sem me olhar. Dou a volta no meu próprio eixo e caminho para minha mesa batendo os calcanhares no chão.

— *Zé Ruela*. — Falo baixo e me sento na cadeira. Que ódio. Por que ele não fala direito comigo? Só tenho dois meses trabalhando aqui e já estou em um nível elevado de estresse. Acho que estou perto de menstruar. Fico impaciente, irritada e com vontade de socar o mundo.

— Senhorita Moreira. — Bufo quando ouço sua voz, reviro os olhos e o encaro.

— O quê? — Ergo as sobrancelhas. Apolo me encara desconfiado. — Pois não, senhor? — Mais sarcasmo, só se eu desenhasse minha mão levantando o dedo do meio para ele.

— Preciso que refaça esse parágrafo. Está incoerente. — Aponta para a minha tela e por coincidência, estava revisando o mesmo contrato que ele.

— Sim, senhor. Deseja mais alguma coisa? — O *Zé Ruela* me encara e vejo quando engole em seco. Passo a língua pelos lábios em sinal claro de provocação.

— Não, senhorita. – Seu tom é baixo e me faz lembrar nossos momentos em seu apartamento, o que logo em seguida, me enche de raiva e Apolo encara isso como um sinal para se afastar.

A tão aguardada sexta-feira, enfim, chegou e tudo que mais desejo é que ela termine o mais breve possível. Quero poder cantar e extravasar a raiva acumulada durante a semana no palco. Enfio-me na roupa que Ceginara deixou aqui. Por falar na minha nova amiga, passei a semana desabafando no ouvido dela o quanto ele era um saco e que estava com vontade de pedir transferência para trabalhar com o Gabriel.

Ela disse para não o irritar mais ainda. A essa altura, já tinha contado o que tinha acontecido entre nós. Incrível como a nossa amizade começou sem um motivo específico e que foi muito bem vinda. Não ter com quem desabafar é uma das piores coisas do mundo. Ceginara apareceu e soube exatamente o que estava acontecendo comigo, antes que eu me desse conta.

— Nossa!!! – A moça da recepção que não fala nada, me saudou pela primeira vez. – Está muito bonita.

— Obrigada. – Falo, me sentindo um pouco sem jeito.

Na realidade essa é a primeira vez que me sinto feminina de verdade. Sempre usei roupas provocantes no palco, um visual mais ousado, que não costumo usar no dia-a-dia, mas desse jeito é a primeira vez.

Sinto-me como uma executiva. Até a bolsa ele mandou entregar na minha casa. Não sei como vou apresentar os projetos com esses saltos, mas se o meu chefe quer, ele vai ter.

Chamo o elevador e espero. Passam alguns segundos e ouço passos atrás de mim. Viro-me para encontrar quem se aproxima e vejo Gabriel em um terno bem cortado e feito sob medida, não faço ideia de como sei disso, mas a peça abraça o corpo de seu dono de forma confortável. Não parece algo comprado pronto.

Seu terno cor de creme, com uma blusa azul bebê por baixo e uma gravata azul escuro fecham o pacote. Seu cabelo está penteado para trás com gel. Normalmente ele o deixa mais natural. Ele está realmente muito bonito.

Se aproxima com uma pasta na mão e a outra coloca dentro do bolso.

— Bom dia, senhorita Moreira. Está deslumbrante nesta manhã. – Seu sorriso é galante. Agora tenho a minha chance de saber do que Apolo tem tanto medo.

— Bom dia, senhor Ávila. Obrigada por seu elogio. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Será que eu posso? – Seu olhar é brincalhão. Ele

mexe na gravata com um sorriso de menino nos lábios.

— Claro. — O elevador abre suas portas, vazio. Às vezes me pergunto se só trabalhamos nós nesse lugar, porque sempre que vou embora ou estou chegando o fluxo de pessoas é bem pequeno, visto que esse espaço é imenso, deveria ter um milhão de pessoas trabalhando aqui.

Entramos no espaço e as portas se fecham. Aperto o botão do nosso andar. Respiro fundo procurando as palavras certas.

— O que gostaria de saber, senhorita? — Por mais que ele esteja falando de modo galante, não se aproxima ou faz gestos que sejam mais agressivos. Permanece em um lado do elevador, enquanto fico quase encostada à parede de metal oposta.

— O que o meu chefe tem contra o senhor? — Ele gargalha alto, fazendo todo o seu corpo balançar. Espero que se acalme e responda à minha pergunta. O máximo que faço é esboçar um sorriso leve.

— Aí, aí. O que aquele cretino te falou sobre mim? — Sorri e inclina levemente a cabeça para a direita.

Nesse momento as portas se abrem e vejo se já estamos no vigésimo quinto, mas ainda não. Parou em outro andar e outras pessoas estão entrando. Isso faz com que Gabriel se aproxime um pouco mais de mim. Agora posso sentir seu perfume masculino. Não sei por que, mas ele parece ser um homem misterioso, assim como meu chefe. Deve ser algum tipo de pré-requisito para que trabalhem aqui.

— Estou esperando. — Seu olhar passeia por meu rosto.

— Ele deu um *piti*, quando falei que se ele me demitisse, você me pegaria. — Na minha cabeça, essa frase parecia correta, mas agora, soou totalmente errada. — Quero dizer ... — Ele levanta um dedo para que me cale.

O elevador para em outro andar e mais pessoas entram. Gabriel se aproxima um pouco mais, fazendo meu ombro encostar no seu braço. A diferença dessa situação é que o homem ao meu lado não me deixa desconcertada. Ele é bonito e na sua presença não me sinto nervosa, com as mãos suando ou alguma das coisas que sinto quando estou do mesmo jeito com Apolo. Todas as reações extremas que tive perto de Gabriel foram pensando nas situações com meu querido *Zé Ruela*.

— Não precisa se explicar. Sei o que eu disse e é verdade. A minha secretária não chega aos seus pés. E se eu tivesse você como funcionária, seria tratada bem melhor do que o ogro do seu chefe te trata. — Ao terminar essa frase, uma mulher loira na nossa frente olha para trás.

— Gabriel, deixa de dar em cima das secretárias alheias. — Ela tem os olhos azuis e um sorriso fácil no rosto.

— Não faço essas coisas, Débora. — Ele fala com a mulher, que olha para mim.

— A última que eu tive, ele levou para a sala dele e balançou algumas gavetas. — Todos os outros executivos olharam para a nossa conversa.

— Acredito que tenha sido de comum acordo. É proibido esse tipo de relacionamento? — Pergunto curiosa.

— Não, mas ela não quis mais trabalhar comigo. Depois disso, pediu demissão. — Ela ergue as sobrancelhas.

— Não tenho culpa. Queria ter uma vez com ela. Tive. Ela queria casamento, filhos, cachorro ... eu não tenho paciência. — Gabriel revira os olhos. O elevador para em mais alguns andares e algumas pessoas vão descendo.

— Esteja avisada. Não dê ouvidos a esse aí. — Débora fala e vai mais para perto da porta. — Te vejo na reunião, Gabriel. — As portas se abrem mais uma vez e ela saí, nos deixando a sós.

— Esteja avisada. Se não estiver satisfeita com Apolo, sabe onde me achar. — O elevador, enfim, chega ao nosso destino. Saímos. — Te vejo na reunião mais tarde. — Pisca e caminha para sua sala.

Esse executivo não é de se jogar fora. Se não fossem todas as emoções contraditórias que Apolo me desperta no momento, poderia me deixar levar pela conversa fácil de Gabriel. Quem sabe seja mais leve e descontraído do que com o senhor encrenca.

Abro a porta da sala e encontro Apolo de costas, de cabeça baixa, mexendo em alguns papéis. Ele usa um terno escuro. Seus ombros largos me levam de volta a sua cozinha, onde estava sem camisa cozinhando para mim.

Que ótimo. Não deveria ter esse tipo de pensamento sobre ele, já que deixou muito claro que não teríamos mais o mesmo contato. Era só profissional daqui em diante. Aliso a saia do vestido e falo.

— Bom dia, senhor Nóbrega. — Ele se vira lentamente.

— Bom dia, senhorita... — Sua frase morre e ele fica me encarando pelo que parece uma eternidade.

Apolo abre a boca e não a fecha mais. Começo a sentir um formigamento, um calor e me remexo no lugar. Meu chefe cobre a boca com a mão, depois de ter me olhado dos pés à cabeça mais de uma vez. Ele passa a mão nos cabelos sem desviar os olhos de mim. Desde aquele domingo, essa

é primeira vez que me olha diretamente.

— Não devia ter vindo com esse vestido. – Ele se vira de volta para a mesa. Agora eu perdi a paciência. Vou até ele e o viro para que me encare. Estou completamente enlouquecida. Por tudo que aconteceu e também pelas coisas que acabo de ouvi.

— Qual é o seu problema? – Falo com raiva. Apolo me fita assustado. Tenta se esquivar de mim, mas com os saltos, fico mais próxima do seu rosto, poucos centímetros de diferença. Como ele demora a falar, insisto mais uma vez. – Responde! – Aproximo-me mais. Vejo que o pressionei, literalmente, contra a mesa.

— Nenhum. – Ele suspira e não desvia seu olhar. Suas pupilas dilatadas me distraem. Percebo que não tenho nenhum pensamento coerente quando estou perto dele, mas me mantenho concentrada. Não posso deixar de sentir raiva, ou estou perdida. Não posso permitir que me abale.

— Então, por que está reclamando do meu vestido? – Coloco as mãos na cintura, ainda indignada.

— Não sabia que... – Meu chefe para de falar. Espero sua resposta. Ele adota uma postura mais firme e avança o corpo para frente, me fazendo recuar um pouco. Seus olhos mudam o brilho. – Não acha que está exagerando? Vindo para o trabalho vestida desse jeito?

— Eu? Foi você que comprou e mandou entregar na minha casa. – Falo tomando o meu lugar de volta e ele recua o corpo, mas sem mexer os pés. Pontuo as palavras, tocando seu peito com o indicador.

— Deveria ter usado ele em outro momento. – Seu rosto se aproxima mais do meu.

— Que momento? Se foi exatamente pra esse que você mandou fazer e ficou falando pra eu usar durante toda a semana! – Sinto seu perfume e finjo que não aconteceu nada. Tento me manter o mais calma possível.

— Não deveria ter me ouvido.

— Não deveria ter comprado esse modelo se não gostou.

— Não sabia como ficaria em você.

— Como esperava que ficasse?

— Você é muito teimosa.

— E você é cabeça dura.

— Eu, cabeça dura?

— É. Você, sim. Sempre que eu quero falar alguma coisa séria, você foge e não me explica nada.

— Não tem nada pra explicar.

— Tem sim.

— Por que é tão importante esse assunto? – Agora não falamos mais sobre o meu vestido.

— Porque eu me importo com você, *Zé Ruela*! – Grito a última parte. Já o tinha chamado assim antes, mas baixo e, na maioria das vezes, em pensamento. Seus olhos brilham com a minha declaração e percebo que falei demais. aguardo que tome uma atitude, mas ele permanece parado, travando aquela mesma luta interna.

É nítido que alguma coisa mudou, porque a essa altura, ele já teria me ofendido de alguma forma. Afasto-me e entro no banheiro. Não vou suportar ficar ao lado dele. É muito torturante como ele mexe comigo.

Vejo que o restante do dia vai ser mais difícil do que eu pensei.

Capítulo 10

Apolo Nóbrega

Perdido. Desolado. Um desgraçado, à beira de um ataque de nervos. Não posso ir para essa reunião desse jeito. Preciso de uma bebida e algo forte, mas não posso beber agora.

Lívia é surpreendente, de todas as formas que eu possa imaginar. Ela é uma mulher forte, decidida e parece que decidiu por mim e por meus filhos, que também gostaram dela. Durante esses meses ficaram perturbando para vir aqui de novo, mas não teve como. Tiveram muitas atividades do colégio e ficamos ocupados, mas sempre que aparecia uma folga, eles perguntavam.

Quanto às minhas idas ao *Sunrise*, elas acabaram. Não sou tão masoquista assim. Tenho a minha dignidade. Bom, pelo menos eu tento. Encontrei-me novamente com o Mateus, meu ex-treinador. Ele está preparando uma nova leva de atletas para competições. Algo dentro de mim se animou novamente, mas nem tanto. Preciso manter os meus pés no chão. Minha rotina agora é outra.

Quanto à Lívia, preciso ser homem e tomar uma atitude. Não posso ficar enrolando-a e nem iludir meus filhos. Depois do que acabou de jogar na minha cara, preciso resolver a minha vida.

Eu a quero comigo?

Com todas as células do meu corpo.

E se ela estiver tão machucada quanto eu?

Nada que uma conversa não resolva.

Passo a mão pelos cabelos. Quero Lívia. Fiquei morrendo de ciúmes quando a ouvi falar sobre o Gabriel pegá-la para ele. O sangue subiu à minha cabeça e quase fui até a casa dele tomar satisfações. O que será que eles têm conversado? Como ele teve tempo de dizer essas coisas a ela? Será que estão se encontrando? Ando de um lado a outro da sala, enquanto Liv está no banheiro. Não vou esperar que saia. Caminho para a sala de Gabriel e saio batendo a porta da minha.

Entro sem pedir permissão. Ele está ao telefone e quando me vê encerra a ligação.

— Bom vê-lo, amigo. O que deseja?

— O que você anda falando pra Liv? – Usei o seu apelido. Que merda. Ele sorri.

— Se você está aqui, é porque deu certo. – Ele une os dedos das mãos, mas sem juntar as palmas.

— Conseguiu o quê? Sei que você era melhor amigo do meu irmão, mas isso não impede que eu... – Gabriel levanta a mão, na menção de que pare de falar. Obedeço.

— Quando Dante e eu estávamos na faculdade, no último semestre, ele conheceu a Glória. – Ele se levanta e dá a volta na mesa. – Ela era linda. Um corpo escultural, uma mulher forte assim como a sua *Liv*. – Para ao meu lado e cruza os braços. Ele enfatiza o apelido que usei para me referir à minha secretária. – Mas seu irmão era tímido ao extremo. Não falava com nenhuma garota da faculdade. Todas pelas quais ele se interessava, não ia atrás, porque pensava em você e nos seus pais. Sempre com medo de decepcionar as pessoas que amava. – Ele olha para o nada, pensativo. – Tentei encorajá-lo várias vezes, mas nada deu certo.

Gabriel colocou a mão no meu ombro, indicando a cadeira atrás de mim. Sento para ouvir a história, porque dessa parte da vida do meu irmão eu não tinha conhecimento.

— Então, quando eu o vi interessado em Glória, fiz de tudo para que ele falasse com ela, que a chamasse para sair. Mas Dante era cabeça dura e não foi até lá. Então eu tive uma ideia. – Ele se apoiou na mesa e cruzou as pernas, bastante relaxado.

Olhando agora, Gabriel tem a mesma idade do meu irmão. Poderia facilmente ser o seu substituto, mas nunca quis essa atenção para si.

— Eu comecei a dar em cima da Glória. Descaradamente. Mas sempre quando Dante estava presente. Ele ficava com raiva e saía de perto. A moça não entendia a razão pela qual eu falava com ela só quando meu amigo estava perto, mas sem ele, nem a olhava. Até que um dia, ele veio falar comigo. Exatamente como você está fazendo agora. – Seu sorriso é sincero. – Ele veio gritando, dizendo que eu era um amigo da onça e que ele não confiava mais em mim. Mas só depois desse rompante foi que teve coragem de falar com a garota que ele gostava. – O amigo do meu irmão olha para trás de mim e continua, mas parece que seu pensamento está longe. – Sabe o que eu vi, naquele dia, no banheiro? – Sinalizo negativo com a cabeça. – O seu irmão.

— Como assim?

— Percebi que você faria a mesma coisa que ele, com relação àquela garota.

— Mas ela tinha acabado de chegar à empresa! – Retruco.

— A forma como você estava me fez pensar que ela era mais do que uma simples secretária. Você nunca deixou uma mulher sozinha na sua sala. Sempre estava presente, avaliando o seu desempenho e considerando ruim. Quando vi a sua cara naquele dia, eu pensei: “Se ele está querendo alguma coisa com ela e é igual ao irmão, não vai fazer nada. Tenho que ajudar de algum jeito.” Mas não fiz ou disse nada que fosse mais invasivo.

Paro um segundo e penso nas palavras do homem. Nunca havia conversado nada que não fosse sobre o trabalho com ele. Mas se ele pôde ver que eu estava interessado nela realmente, pode ser que seja verdade.

— Não pense demais, rapaz. Só sinta. – Meu sócio põe a mão no meu ombro mais uma vez.

— Mas eu já perdi tanto na minha vida, Gabriel. Não sei se aguentaria deixar outra pessoa entrar e depois ter que vê-la indo embora. – Sem querer, meus olhos marejam.

— A vida é pra ser vivida. Quer passar o resto dos seus dias só? Você não é um velho, Apolo. Tem uma vida toda pela frente.

— Mas e os meus filhos?

— Não coloque a culpa da sua covardia nos seus filhos. Eles não têm nada a ver com isso. – Ele me olha com a mesma dureza de suas palavras.

— Só que as minhas decisões os afetam diretamente. Não posso ser imprudente e ficar com qualquer uma. – Gabriel senta na cadeira ao meu lado.

— Fala a verdade, Apolo. Você tá com medo de que ela seja a mulher certa. Nunca vi você tão perturbado por alguém nesses três anos. Quando vi a sua proximidade com Rebeca, até achei que seria com ela, mas você é muito parecido com seu irmão. Não seria uma guerra fácil, mas não pode se negar a felicidade. Nem a você e muito menos a ela. Vocês não se conhecem, então faça com que aconteça. – Ele aponta para a porta. – Vá até lá e conquiste aquela mulher. Porque se não, você vai ter que vê-la seguir seu caminho ao lado de outro homem, menos covarde do que você, só que sem o mesmo amor. – Gabriel dá um soco de leve no meu peito.

Será mesmo que eu a amo? Não! Impossível. A gente não se conhece direito.

— Mesmo que esse lance de amor fosse verdade, ela está muito chateada comigo. Acabamos de brigar.

— Então concerte. Já disse, ela não é mulher de ficar sozinha por muito tempo. Se você não fizer alguma coisa, outro cara vai levá-la embora. E olha que pode ser eu. Do jeito que está vestida hoje, mata qualquer um. – Levanto-me rápido.

— Já entendi seu ponto, Gabriel. – E saio da sala, mais furioso do que entrei e mais esclarecido também.

Não posso mais lutar com o que sinto. Se a quero na minha vida, como já admiti, preciso parar de ser grosso. É mais forte que eu, já afastei muitas mulheres que se insinuaram para mim. Mas nenhuma delas voltou. Só que Liv trabalha comigo, precisa vir todos os dias. E se um dia acontecer alguma coisa e ela não vier mais?

No caminho da minha sala levanto várias dessas questões. E se ela tiver ido embora depois que eu saí? Ninguém gosta de ser maltratado todo tempo. Respiro fundo e entro na sala. Liv, para o meu alívio, está sentada em sua mesa. Ela digita no computador e não me olha. Fecho a porta com calma. Pego a cadeira que fica de frente com a minha mesa, posiciono-a em frente a Liv, tiro o paletó, coloco no encosto dela e me sento.

Minha secretária para de digitar e agora tenho a sua atenção. Começo a dobrar as magas da camisa até o cotovelo. Faço com uma e depois com a outra. Liv tem suas safiras fixas em mim.

— Livia, eu preciso falar com você. – Apoio meus cotovelos nos joelhos.

— Vai me demitir? – Seus olhos brilham. Ela entrelaça os dedos e me encara. Suspiro na tentativa de não me exaltar.

— Não quero brigar. Quero pedir desculpas. – Não me custa ser gentil. Naturalmente meus pais me educaram assim, mas as patadas que a vida me deu me fizeram ser mais rude do que o aceitável.

— Jura? – Ergue as sobrancelhas em descrença.

— Por favor, Liv. Estou tentando ... – Ela não me deixa continuar.

— Depois de me expulsar da sua casa e ter me evitado por dois meses, você quer pedir desculpas agora?!

— Melhor agora do que nunca, não acha?! – Estou começando a perder a paciência.

— O que fez o *senhor todo poderoso* mudar de ideia?

Não vou soltar tudo de uma vez, mas para desarmá-la preciso de um

argumento forte. Não vai ser qualquer coisa que vai convencê-la do contrário.

— A forma como me chamou e de saber que você se importa.

— Não foi só isso. – Ela cruza os braços. Passo a mão no rosto. Não quero ser grosso, mas ela não está facilitando.

— Sei que eu tenho sido difícil com você ... – Ela me interrompe mais uma vez.

— Difícil é apelido. Você tem sido insuportável, um chato ... – Levanto-me bruscamente e ela se cala. Viro-me de costas com a mão na cintura.

— Eu sei, tá bom? – Não quero gritar, mas fico exasperado por vê-la se afastando. – Sei que eu sou um Zé Ruela, como você me chama, e que sou grosso na maioria das vezes, mas eu estou confuso, agitado, com medo. Nunca na minha vida passei por uma situação dessas. Nunca me importei com alguém que não fosse da minha família. – Estou ofegante e com as mãos suando. Tento recuperar o fôlego. Inspiro forte e sinto sua mão em meu braço. Ainda sem olhá-la, continuo mais suavemente.

— Não queria ter sido insensível com você na minha casa, mas saber que você também está machucada me fez recuar o passo que estava disposto a dar. – Balanço a cabeça. – Essa conversa não pode ser aqui. – Suspiro.

— Apolo. – Ela envolve meu pescoço com os braços e retribuo, apertando seu corpo junto ao meu. Inspiro seu cheiro, aliviado por tê-la em meus braços mais uma vez. Ficar sem seu toque nesses dias, mas ao mesmo tempo perto dela, foi pior do que às vezes em que a via no palco. – Você é mesmo um Zé Ruela. – Sorrio pela forma doce que falou.

— Te fazer sofrer é a última coisa que quero.

— A gente precisa mesmo conversar.

— *Me perdoa.* – Liv me aperta mais uma vez e me encara. Seus olhos estão cheios de emoção.

— É claro. Porque eu também tenho várias coisas que me machucam e que é muito difícil de falar. Mas eu consigo me abrir com você. Consegui contar uma coisa que mais ninguém sabe a meu respeito.

Olho em seu rosto e uma lágrima rola pela sua face.

— Mas quando me mandou embora, me senti rejeitada mais uma vez e isso me machucou muito. Não pensei direito no que estava dizendo, só que me senti confortável com você.

Ela sorri fraco e me sinto um imbecil por tê-la feito chorar.

— O que está acontecendo entre a gente? – Enxugo a sua lágrima.

— Não sei explicar também, mas lá na sua casa, senti a nossa conexão mais forte. Por isso me senti confiante para falar. – Meu sorriso escapa sem que eu perceba.

— Entendo.

— Quero te propor uma coisa.

— Estou ouvindo. – Afasto-me dela e seguro suas mãos.

— A gente vai vendo o que acontece e se não der certo a gente para. O que acha?

— Não gostei muito desse plano, mas é o que temos para hoje. – Ela sorri. Assim posso testar como ela vai se sair com meus filhos. – Hoje. Lá em casa. Depois do show.

— Não acha muito cedo pra isso? – Ela ergue a sobrancelha.

— Meus filhos estão enchendo a minha paciência perguntando quando vão vir aqui de novo só pra te ver. – Reviro os olhos. Ela gargalha. Até a sua risada é musical. Beijo seu pescoço, que por um segundo ficou amostra. Liv fica séria no mesmo instante e aproxima mais o corpo do meu. Abraço sua cintura.

— Você não pode fazer esse tipo de coisa aqui. – Ela ofega de leve. – Estamos no nosso local de trabalho.

— Que pena. Você nesse vestido está tirando o meu foco. Não sei se quero ir nessa reunião. – Falo com a boca na sua pele. Minha secretária se afasta rápido.

— De jeito nenhum. Você vai, sim. Passei a semana inteira te aguentando abusado e carrancudo por causa dessa bendita reunião. Você vai, sim. – Cruza os braços e fecha sua expressão. Rio alto. É libertador poder sorrir de verdade e só a Liv e meus filhos conseguem essa proeza.

— Tudo bem. – Desdobro as mangas da camisa e visto o paletó novamente. – Mas não me culpe se eu parecer um ogro, rosnando pra todos os homens que chegarem perto de você. – Ela sorri e balança a cabeça em reprimenda.

— Você não vai fazer isso. – Liv cerra os olhos.

— Não me tente, senhorita Moreira. – Aproximo-me dela mais uma vez colando nossos corpos. Como está de salto, fica mais fácil o acesso a sua boca.

— Acho melhor não fazer nada estúpido ... – Minha secretária aproxima sua boca do meu ouvido e sussurra. – Zé Ruela.

Beijo sua boca com vontade. Matando a saudade que senti por todas

essas semanas de tortura. Afundo minhas mãos em seus cabelos. Sinto seu toque por baixo do meu terno e sou obrigado a me afastar. Estamos ofegantes.

— Precisamos parar. – Passo a mão por meu rosto.

— Tem razão. – Minha secretária arruma sua saia e os cabelos. Sua boca está vermelha, assim como seu rosto.

— Vou ficar na minha mesa. Se precisar ... – Dou uma olhada em seu corpo de cima a baixo.

— Pode deixar que eu chamo. – Liv pisca e volta para seu trabalho.

Passo o restante da manhã tentando manter o foco, mas o sorriso bobo não quer se desfazer. A cada minuto do dia, me pego pensando na nossa conversa e em diversos momentos a ouço cantarolar várias músicas diferentes. Penso em como meus filhos vão reagir quando chegar lá com ela.

Passamos a hora do almoço juntos. Liv fala um pouco sobre como é cantar para ela e digo que é possível ver tudo isso.

— Jura?! – Pergunta depois que conto sobre a paz e o arrepio na pele que sinto quando ouço aquela voz macia nos meus ouvidos.

— Sim. – Coloco uma colher no meu almoço na boca.

— O Adriano me disse que é bom me ouvir cantando, mas nunca desse jeito.

— É porque o Adriano não te admira como eu. – De onde saiu isso? Meu sorriso aparece fácil, a conversa é leve e Lívia parece mais relaxada também. Sei que teremos que conversar sobre algo que me dói e sei que ela tem muito o que compartilhar, mas por enquanto o que temos é mágico. Um ponto ela já conseguiu, conquistou meus filhos e acabo de ter uma ideia.

Terminamos o almoço e a bendita reunião chega. Estou mais nervoso do que na primeira que participei dois meses antes.

Hoje irei apresentar aos acionistas os nossos resultados, e não é querendo me gabar, mas estão incríveis. Liv decorou todos os contratos e cada detalhe. O trabalho dela ao meu lado essa semana foi fundamental, mesmo eu sendo insuportável. Ela se saiu muito bem.

Incrível como ela percebia quando eu tinha alguma dificuldade, e nesse momento, me falava uma palavra-chave, que era suficiente para que me lembrasse do restante do texto.

Quando terminou, às 17:00hs – demorou mais do que eu tinha planejado – voltamos para a minha sala e a agarrei. Felizmente, não precisei rosnar para nenhum dos acionistas presentes. Não aguentei esperar e quase

fizemos amor na minha mesa, só não conclui, porque tinha que buscar as crianças no colégio.

Deixei que Liv fosse para sua casa e me dirigi ao carro para pegar as crianças. Vou colocar a ideia em prática.

— Quem quer passear com o papai hoje? – Depois de tê-los pego, já começo a falar sobre o que faremos mais a noite. Minha pequena plateia se agita.

— Aonde a gente vai? – Toro pergunta.

— Em um lugar muito legal. – Manuela bate palminhas quando ouve a minha resposta.

— A tia Lily vai *tá* lá também? – Acredito que essa garota leia pensamentos.

— Por que a pergunta, filha?

— Ah, não sei. – Ela olha para o chão.

— Passou o dia todo falando nela, papai. – Malu dá um tapa no braço de Toro.

— Ei, nada de briga. – Repreendo os dois.

— Eu pedi *pá* você *num contá* nada. – Minha filha faz um bico de raiva, não resisto e sorrio.

— O que aconteceu, papai? – Toro pergunta.

— Nada. Por quê?

— O senhor *tá* muito mais feliz que antes. – Meu filho comenta e os dois sorriem. O clima é agradável e fazia muito tempo que não sentia essa leveza.

Chegamos em casa e fui dar banho nas crianças, o que sempre é uma guerra. Malu quer ir primeiro, mas Toro já entrou. Falo para os dois tomarem banho juntos, mas não funciona. Saudade da época que tomávamos banho juntos.

Hoje, só posso dividir o banheiro com Pietro, mas se fizer isso, com quem minha filha fica? É um dilema. Por isso, opto por tomar meu banho depois deles, ou junto com eles, mas de sunga, que é a minha escolha de hoje. E sempre eles questionam porque estou vestido e eles não. Para evitar responder essa pergunta, os distraio com uma história ou falando outras coisas. Sempre funciona, mas não sei até quando.

Saímos do banheiro e a próxima batalha se aproxima, o vestuário. Toro já está mais independente e eu deixo que se expresse como quer. Bom, na maioria das vezes, porque se deixar, ele pega meus ternos e quer sair

andando com eles por aí.

Malu é menos trabalhosa, mas acredito que seja pelo fato de não ter uma figura feminina perto. Ela termina de se vestir e Toro também. Faço um lanche rápido para não precisarmos comer fora, e pegamos o caminho para o *Sunrise*.

Tem uns finais de semana que quero levá-los, mas como não queria chamar a atenção de Liv, não o fiz, mas hoje vai dar certo. Liguei para Sol e dispensei os serviços dela, que fez uma cena ao telefone, dizendo que “roubei” os filhos dela. Tirando o drama, sei que Sol às vezes se sente sozinha também, mas ao contrário de mim, não é solitária. Afastei todos de perto, por muito tempo. Acho que está na hora de mudar.

Chegamos ao bar, já na hora da apresentação da Liv. Entramos sem problemas e escolho uma mesa próxima ao palco. Não a encontro, mas já vejo todo o equipamento pronto. Só agora percebi que não peguei o seu número de contato. Resolvo isso mais tarde.

Enquanto tento manter meus filhos quietos, Liv sobe no palco e parece radiante. Hoje ela escolheu uma roupa mais comportada, como se soubesse que estou aqui com as crianças. Por falar nisso, não disse que viria.

Liv está usando um vestido até o joelho, solto, rosa e uma bota preta que alcança o meio da sua canela. Seus cabelos estão presos de um lado só do seu rosto e a maquiagem combina com sua roupa. Meu coração acelera quando começa a música.

*Eu só quero estar no teu pensamento
Dentro dos teus sonhos e no teu olhar
Tenho que te amar só no meu silêncio
Num só pedacinho de mim
Eu daria tudo pra toca você
Tudo pra te amar uma vez
Já me conformei, vivo de imaginação
Só não posso mais esconder*

Sandy & Junior não sabiam que essa música *Você pra sempre (Inveja)* faria parte de nossas vidas, mas serviu perfeitamente para expressar o que passamos. Liv canta com o coração e Malu vibra ao meu lado.

— Papai, é a tia Lily!! É a tia Lily!! – Ela se agita ao meu lado e nesse momento, o olhar da cantora encontra o da minha filha, que dá um gritinho

de felicidade. Liv pisca para ela e acena.

— Ela é muito bonita, papai. — Toro comenta com um sorriso no rosto, os olhos brilhando, assim como os da irmã.

*Que eu tenho inveja do sol que pode te aquecer
Eu tenho inveja do vento que te toca
Tenho ciúme de quem pode amar você
Quem pode ter você pra sempre*

A artista canta olhando diretamente para nossa mesa. O sorriso não deixa seu rosto, assim como não deixa o meu. Meus filhos aproveitam cada música, e eu não deixo de pensar que todos os sorrisos de Liv naquele palco são também por nos ver aqui.

O show continua e a animação da minha plateia contagia a todos em volta. E não me sai da cabeça que a primeira música que ela cantou, foi referente a nós dois.

No final do show, Malu fica agitadíssima para falar com a mais nova amiga. Não sei de onde ela tirou todo esse amor por minha secretária sendo que só se encontraram uma vez. Os levo para a parte de trás do palco. No caminho, cumprimento Adriano, que fala brevemente com os pequenos.

— Gatinha! — Liv cumprimenta minha filha, que pula em seu colo. Toro fica mais tímido ao meu lado, segurando minha mão.

— Tia Lily. *Tava* com saudade.

— Também estava, florzinha.

— Gosto muito da sua voz. — Manuela abraça a cantora, que retribui o carinho.

— Obrigada, Malu. — Elas se encaram.

— E por que não foi lá em casa? — A sua fã faz um bico e cruza os bracinhos.

— *Tá* vendo aquele homem ali? — Ela aponta para mim. — Culpa dele.

— Papai, o senhor não deixou a tia Lily ir lá em casa por quê? — Agora o bico é direcionado para mim.

— Vocês tinham aula. E só estamos aqui hoje porque é sexta-feira. — Liv torce a boca para mim, mas sorri logo em seguida.

— Tia Lily. — Toro solta minha mão e se aproxima dela. A mulher, com minha filha no colo, fala com o menino.

— Oi, Toro. — Ela passa a mão por seus cabelos e ele a abraça nas

pernas.

— Quer ser minha mamãe? – Liv congela e me olha assustada. Malu, em seu colo, tem uma reação parecida com a do irmão.

— Também quero que seja minha mamãe. – E volta a agarrar o pescoço dela. Liv está congelada. Acho que vai entrar em colapso a qualquer momento.

— Vamos pra casa? – Falo alto, chamando a atenção deles. – Tem comida esperando na geladeira. Papai vai fazer o prato preferido dos dois. – Como um passe um de mágica, Pietro e Manuela se soltam de Livia e vem para perto de mim, gritando em uníssono.

— Macarronada!! – A cantora continua no mesmo lugar.

— Quer vir com a gente? – Pergunto da forma mais gentil que consigo. Também fiquei surpreso com o pedido de meus filhos. Não sabia que a falta de uma mãe seria tão sentida assim. Por um momento me sinto culpado por tê-los privado de uma presença feminina. Ao mesmo tempo, isso aquece meu coração de não ter sido um mulherengo e ter dado um mau exemplo para eles.

— Eu preciso passar em casa. – Finalmente ela responde.

— A gente vai com você, tia Lily. – Toro fala todo feliz, dando a mão para ela.

Acho que agora é fazer dar certo. Nem meus filhos, e muito menos eu, queremos essa mulher longe de nossas vidas.

Capítulo 11

Livia Moreira

Uma família.

Uma família de verdade.

Apolo está esperando na sala com os meninos enquanto estou aqui olhando para o meu guarda roupas aberto, tentando escolher alguma peça para usar.

Após uma breve conversa com ele sobre o meu endereço novo, chegamos sem maiores transtornos. Teríamos que andar um pouco mais, então Apolo resolveu pegar o carro.

O que eu vou fazer? Manuela e Pietro me pediram uma coisa que só o pai deles pode aprovar. E se eu quiser ser a mãe deles? O que vai acontecer? Será que eu seria uma boa mãe? Nunca me passou pela mente ter um filho, quem dirá dois. Passo a mão pelos cabelos quando ouço uma batida suave na porta. Abro-a receosa e dou de cara com os olhos castanhos de Malu me encarando.

— Quer ajuda? – Ela sorri e a deixo entrar. A menina se senta na minha cama e fica olhando para as roupas que eu já deixei em cima dela. – Eu gosto dessa. – Aponta para um vestido floral, que costumo usar na praia.

— Eu pensei nessa aqui. – Mostro uma calça jeans e uma camiseta branca.

— Num parece boa, não. – Ela torce o nariz.

— Que tal esse? – Mostro um vestido preto, de um tecido leve e soltinho.

— Gostei. – E sorri. Eu troco de roupa na frente dela, que me olha com atenção. Acho que ela nunca viu uma mulher se trocando.

Lembro como foi para mim descobrir certas coisas, como menstruação e o crescimento dos meus seios. Achei que eu estava doente, mas minha professora deu uma aula sobre isso e eu me senti menos estranha. Consegui passar pela adolescência, mas foi muito difícil. Tinha muitas dúvidas que nunca foram explicadas pelo Afonso. Depois de perder o meu respeito, também perdeu o *status* de pai.

— Você é muito bonita, tia Lily! — Malu fala, me trazendo de volta ao presente. Sorrio.

— E você também é. — Arrumo o cabelo e coloco mais uma peça de roupa dentro de uma mochila. Não sei até que horas vou ficar lá, então é melhor prevenir. Pode parecer presunção minha, mas acredito que ainda teremos muitas coisas para falar.

— Violão. — A menina aponta para o instrumento no canto do meu quarto.

— Você gosta? — Ela afirma com a cabeça e um sorriso lindo em seu rosto. — Quer que eu toque alguma coisa pra você? — De novo, balanço a cabeça. Vou até o objeto e o posiciono no colo e quando vou começar, batidas na porta me distraem. — Entra!

Apolo abre a porta e nos olha com ternura.

— Desculpe. É que eu gostaria de ir para não chegarmos muito tarde. Coloco o instrumento no suporte.

— Tudo bem. — Levanto-me e Malu puxa a ponta do meu vestido.

— Leva o violão, tia Lily, por favor. — A garotinha pede e olho para o pai dela. Ele confirma com a cabeça e pego o instrumento.

— Agora, todos para o carro. — Apolo ordena com alegria e os dois saem correndo para a porta.

Noto o olhar preocupado dele, mas faço questão de esclarecer as coisas para ele.

— Nunca faria mal nenhum aos seus filhos. — Falo e passo por ele.

Apolo me segue de perto. Chegamos no automóvel, ele coloca minha mochila e o violão no porta malas. Arruma o cinto das crianças. Sento-me no banco do passageiro de cara fechada.

— Desculpe. Não quis ofender. — Fala baixo assim que entra no veículo, mas finjo que não ouvi. Viro meu rosto para a paisagem que passa pela janela.

Malu e Toro conversam e brigam animadamente. Isso faz a minha irritação diminuir. Não posso deixar que pense que eu seria idiota de fazer mal a uma criança, levando em conta o que eu mesma passei na infância. Fico menos chateada quando lembro que Apolo não me conhece. Respiro fundo. Hoje eu conto tudo.

Chegamos ao apartamento e foi aquela festa. Apolo correu para trocar de roupa, ficou mais delicioso, quer dizer, mais confortável, com um calção de poliéster verde e uma camiseta preta, destacando todos os seus músculos.

Terminou o molho da macarronada, porque o macarrão já estava pronto. Fiquei brincando com Malu e Toro na sala. Ao seu sinal, corremos todos para a mesa, depois de lavarmos as mãos. O jantar estava delicioso como sempre. Apolo tem uma habilidade culinária incrível.

— Tô ficando mal acostumada. – Falo para ele, que sorri descontraído.

— Espero mesmo que fique. – E pisca para mim.

Enquanto Apolo lava a louça, vou com os meninos para o quarto ajudá-los a trocar de roupa e colocá-los na cama. É uma tarefa nova, mas enche meu peito de felicidade. Sinto como se essas crianças fossem minhas.

Malu conta para mim o que aconteceu na escola hoje e que estava feliz por ter conseguido fazer o desenho de uma casa sozinha, o qual ela me mostrou toda orgulhosa.

— Que lindo, Malu!

— Eu ganhei uma estrelinha por causa disso. – Sorri animada. Toro pula em cima da cama.

— Toro, para com isso. Você vai ficar todo suado e vai ter que tomar banho de novo. – Ele se senta rápido e faz cara de assustado.

— *Num* quero tomar banho de novo. – Reclama.

— Então fica quieto. Malu, vai guardar o desenho e vem deitar. – Por mais estranho que pareça, a menina me obedece e deita rápido na cama, puxando as cobertas para cima de si.

— Conta uma história pra gente? – Ela pergunta.

— Não sou boa com histórias. Posso cantar uma música. – Ergo as sobancelhas e Malu fica animada. Sorrio e olho para Toro, que se cobriu com o lençol também. Canto a mesma canção que teria cantado no meu quarto para Malu, se não fosse a interrupção de Apolo. Sento entre as camas no chão, de pernas cruzadas.

*Tu és divina e graciosa
Estátua majestosa
Do amor
Por Deus esculpida
E formada com ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo olor
Que na vida é preferida*

Pelo beija-flor

“Rosa” tem um significado muito importante para mim. Foi através dessa canção que descobri o gosto pela música. Foi ela a primeira que aprendi a tocar no violão quando estava no colégio. Ia para a sala de música na hora do intervalo e ficava horas treinando seus acordes. Pixinguinha fez uma letra incrível e que tocou a minha alma.

Perco-me cantando e quando olho para o meu público, o encontro dormindo. Parece que não sou tão boa quanto eu pensei. Levanto devagar e saio do quarto, apagando a luz. Apolo está no corredor e me abraça forte. Retribuo seu afeto. Fecho os olhos e inspiro seu cheiro, que me lembra casa, aconchego.

Depois que ele entrou na minha vida, coisas boas começaram a acontecer. Arrumei um emprego, consegui me mudar, conheci Ceginara e os meninos. Manuela e Pietro são duas joias que ele tem sorte em poder vê-las crescer.

O pai delas me solta depois de um tempo e me puxa para seu quarto.

— Desculpe ter entrado daquele jeito no seu quarto. Quando Malu me pediu para falar com você, não pensei se ela iria incomodar e ... – Coloco a mão em seu ombro. Desde que entramos no quarto, ele começou a andar de um lado pro outro e não me olhou em nenhum momento. Quando o toco, Apolo me encara. Vejo medo em seus olhos.

— Calma. Eu entendo. Você não me conhece e sei que tem muito que aprender a meu respeito e a primeira coisa é que eu sou órfã. – Meu anfitrião me encara, surpreso. – Não só de mãe, como eu tinha dito antes. Não sei quem são os meus pais biológicos. – Afasto-me e sento em sua cama.

— Teve um homem que me adotou, mas seus motivos foram egoístas e nunca recebi amor por parte dele. – Ele permanece parado no mesmo lugar com o olhar fixo em mim.

Não sinto o desconforto que achei que sentiria quando contasse isso para alguém, e dentro do meu ser, sei que Apolo não é qualquer um.

— Quando era adolescente, conheci aquele idiota que você viu naquele dia tentando falar comigo durante o show. Ele me apresentou a um produtor musical e quando já estava com tudo pronto para gravarmos uma demo e lançar, Paulo, o cara que você viu, roubou a gravadora, levou todas as minhas músicas que estavam com ele, registrou-as em seu nome e foi embora. Eu era uma menina e não sabia que as intenções dele não eram boas.

Ele foi meu namorado por um tempo. Mas acabou e não quero mais tocar nesse assunto.

Falei tudo de uma vez, por medo de perder a coragem. Ainda tem algumas coisas que deixei de fora, mas por hora está bom. Assim ele vai saber a dor que eu senti em não ter meus pais e não poder confiar em quem disse que iria cuidar de mim. E como isso me deixa enjoada só de pensar que algum mal pode ser feito a crianças inocentes.

O homem fica me observando, sem qualquer reação. Seu olhar começa a me deixar desconfortável.

— Fala alguma coisa. – Bato o pé no chão, não com força, mas para que ele tenha uma atitude. Apolo se joga aos meus pés e me abraça com força, amparando meu sofrimento.

— *Me perdoa, por favor. Lembro de todas as besteiras que te falei. Me desculpa.* – O abraço, afagando suas costas. – Não sabia de nada.

— Sei que não. Por isso, tentei não ficar tão estressada com você. – Ele beija o alto da minha cabeça e meus pensamentos começam a tomar outro rumo. Beijo seu pescoço e mais que depressa, Apolo tira sua camiseta. Em segundos estamos envolvidos pelo prazer que nos consome quando estamos perto um do outro. Apolo me chama de Vênus em vários momentos e não sei de onde ele tirou esse nome. Fazemos amor mais de uma vez e em silêncio por conta dos meninos.

Terminamos cansados e saciados. Coloco meu vestido de volta e saio da cama.

— Pra onde vai? – Apolo pergunta, ainda deitado, com o lençol cobrindo a sua intimidade.

— No banheiro e depois pro meu quarto.

— Não tem outro quarto aqui. – Seu sorriso é sacana.

— A gente não pode dormir junto, Apolo. Seus filhos podem não gostar. – Ele levanta da cama, completamente nu. Prendo a respiração. Ele já está se armando de novo. Esse homem vai me matar.

— Quem tem que gostar aqui sou eu. – Puxa o vestido pela minha cabeça e me deita de volta na cama.

Fazemos amor mais uma vez e é incrível. Apolo explora meu corpo, me fazendo sentir arrepios de prazer e tento não fazer muito barulho. Quando acabamos cansados e extasiados na cama, meu amante acaricia levemente minhas costas, enquanto eu passo a mão por sua tatuagem.

— Um tostão pelos seus pensamentos. – Ele fala próximo ao meu

ouvido.

— Estava aqui lembrando de quando você disse que era a sua história.
— Referindo-me ao seu desenho.

— Representam a minha família. — Ele aponta para o casal de beija-flores. — Meu irmão e minha cunhada, — o lobo e a águia — meus pais, — as asas de anjos — e os meus filhos.

— Que coisa mais linda, Apolo.

— Não podia deixar de marcá-los para sempre na minha pele.

A cada dia que passa admiro mais esse homem e passo a querer conhecer todas as suas dores. O beijo com vontade e ele volta a acariciar meu corpo com malícia.

Não consigo contar quantas vezes me perdi em seus braços, só sei que adormeci extasiada.



— Bom dia! — Ouço uma voz me chamar muito longe. — Se não levantar agora, não deixo que saia desse quarto pelo resto do dia. — Sorrio com a sua promessa.

— Duvido que a gente tenha paz! — Falo ainda de olhos fechados.

— Levanta, logo! — Ele puxa minha coberta e no susto fico sentada, já mais desperta. — Ou não. — Encontro seu olhar carregado de luxúria sobre seu corpo. Saio correndo para o banheiro e me tranco lá.

— Saio já. — Falo rindo.

— *Muito esperta, senhorita Moreira. Muito esperta. Me encontre na cozinha.* — Ouço a porta do quarto bater.

Ainda não consigo acreditar que depois de todo esse tempo longe, voltei ao mesmo lugar do qual fui expulsa como se nada tivesse acontecido. Só posso ser masoquista. Tomo um banho rápido e uso a escova de dentes de Apolo.

Saio do banheiro enrolada em uma toalha que achei pelo cômodo e encontro a minha mochila em cima de sua cama. Sento-me para pegar outra

roupa e quando levanto, colocando a toalha ao lado da mochila, uma coisa me chama a atenção, me deixando muito constrangida. A colcha da cama e a toalha que estava usando alguns segundos antes têm uma mancha vermelha. Coloco a mão na boca.

Como eu não percebi que estava perto de menstruar? Olho por entre as minhas pernas e vejo um fio de sangue escorrer até meu joelho. Meu deus. O que eu vou fazer? Não trouxe nada para essa situação. Esqueci completamente desse detalhe devido à semana conturbada que vivemos.

Há três anos assisti um vídeo na internet que me apresentou ao coletor menstrual, vulgo copinho, e ao absorvente de pano. Um produto revolucionário. A sensação de estar livre de um trambolho que incomoda no meio das pernas, nos deixa assada e ainda por cima tem um odor horrível é indescritível. Mas eu não lembrei de trazer nada que me amparasse nesse momento.

E agora? Vou ter que me contentar com um absorvente descartável, o que não uso há algum tempo, mas não posso ficar por aí sangrando que nem uma sobrevivente de guerra. Sem perceber, meus olhos enchem de lágrimas.

Maldita tensão menstrual. Passo o braço pelo rosto na esperança de aplacar o meu desalento e fungo algumas vezes. Coloco o vestido de ontem, vou até o banheiro e pego um monte de papel higiênico, na tentativa de fazer um substituto do absorvente. Primeira noite na casa do meu *quase oficial namorado* e já começo passando vexame. Batidas na porta me assustam e respondo.

— Oi! – Fungo mais uma vez, ainda com a calcinha na mão tentando enrolar o papel higiênico nela. Sentia-me desesperada e furiosa comigo mesma por não ter lembrado disso antes.

Um Apolo apavorado entra no quarto. Certamente por ter ouvido minha fungada.

— Tá tudo bem? – Não precisei responder. Quando ele viu o que eu segurava e os pingos de sangue aos meus pés, entendeu do que se tratava e já veio me abraçar. Mas antes que ele se aproxime mais, estico a mão.

— Não está tudo bem e nem pense em chegar perto. – Ele para com as mãos estendidas em sinal de paz.

— Precisa de alguma coisa? – Pergunta devagar.

— Eu ... – Não consigo falar. É muito constrangedor.

— Tudo bem, eu já sei.

— Eu não trouxe o meu coletor. – E uma raiva sobe por minhas

bochechas, fazendo meu rosto ficar quente.

— Não trouxe o quê? – Ele me olha se entender o que eu disse. – Esquece. A gente vai comprar um absorvente. Serve? – Confirmo com a cabeça.

— Onde estão as crianças? – Ponho a mão na cabeça me lembrando que elas estão sozinhas pela casa. Devem estar descontroladas.

— Tudo certo. Estão esperando a gente pro café da manhã. Mas primeiro ... – Apolo puxa o celular do bolso e disca um número. – Oi, bom dia. É que eu estou precisado de absorvente. – Aí meu deus. Ele está ligando para farmácia? Cobro o rosto com as mãos. Tenho certeza que minhas bochechas estão mais vermelhas do que o sangue que pinga aos meus pés. – Isso. – O ouvi continuar. – É. Eu quero um com abas e cobertura seca. – Como ele sabia tanto sobre absorventes? Olha para mim, em busca de confirmação no que disse e concordo.

Estranhamente ele acertou o tipo de absorvente que costumava usar. Ainda em choque pelo que aconteceu, cruzo os braços e espero que termine a chamada. Acerta o valor e o tipo de pagamento, dita seu número de telefone, agradece e desliga. Guarda o telefone e olha para mim. – O que foi?

— Como sabe tanto sobre absorventes? – Meu constrangimento começa a desaparecer.

— Morei anos com meu irmão e minha cunhada. Fui obrigado a fazer várias visitas à farmácia pra comprar um desses pra ela. – Fala de forma natural. Se ele nunca foi casado mesmo, essa era uma excelente desculpa.

— E o que vou fazer até a farmácia vir deixar o pedido? – Cruzo os braços.

— Fique aqui. Vou comendo com os meninos.

— Tudo bem. – Fico um pouco triste, mas entendo que não posso atrapalhar a rotina deles.

— Tá bom. – Apolo sorri. – Vou tentar fazê-los esperar. – Sorrio satisfeita. – Mas não fica muito animada. Eles são bem impacientes quando estão com fome. – Deposita um beijo na minha testa, avaliando até onde pode ir e me deixa sozinha novamente.

Enquanto isso limpo o quarto, que ficou igual a uma zona de guerra, com sangue derramado no chão.

Não demorou muito – ainda bem – e o meu pedido chegou. Coloco o trambolho e Apolo leva a roupa de cama para a lavanderia. Troco os lençóis e já estou pronta para o café da manhã em família.

Sou recebida com abraços de bom dia e vários beijos. Pietro sorri tão sincero para mim, que aquece meu coração.

Sentamos à mesa e fazemos uma refeição completa. Apolo é um excelente cozinheiro. Não me canso de admirar essa sua qualidade.

— Onde adquiriu as suas habilidades culinárias? – Perguntei depois de comer uma panqueca digna de um programa de televisão.

— Vendo várias receitas na internet. Todo meu fim de semana é dedicado a eles. – Apolo passa a mão nos cabelos de Malu, que sorri de boca fechada e toda suja de mel. Pego um guardanapo e limpo seu rosto. Na mesa de quatro lugares, Apolo sentou na minha frente, com Toro a minha esquerda e Malu à direita.

— Que bom. – Sorrio sincera para ele.

— Tinha a ideia de conversar com você quando eles dormissem, mas não deu muito certo. – O homem à minha frente me encara com malícia. Meu corpo todo se aquece e torço para não corar dessa vez, mas é impossível sob o olhar atento dele.

— Por que a gente não pode *peticipá*? – Malu cruza os bracinhos fazendo bico.

— Filha, é *participar*. E não podem porque é assunto de adulto. – Toro não liga para nossa conversa, colocando mais suco no seu copo. Observo seu trabalho e me espanto em ver que ele já consegue fazer isso sozinho. Lembrando agora, Apolo quase não fez nada para eles. Tudo que precisavam o pai só apoiou. Muito interessante.

— *Num* quero mais. – Malu havia comido uma torrada com geleia, um copo de suco de cajá e uvas. Seu bico de raiva é evidente por não participar da “conversa de adulto”.

— Terminei, papai. – Toro coloca as mãos no colo e sorri para nós, enquanto a irmã ainda continua com a cara emburrada.

— Podem ir. – Eles se levantam e correm para o quarto. Começo a ajudar o dono da casa a lavar a louça.

De pé, ao lado da mesa recolhendo os pratos, sou pega de surpresa, quando Pietro envolve minha cintura em um abraço apertado.

— Obrigado, tia Lily. – Ele olha para cima e encontra meus olhos. – Posso te chamar de mãe? – O mesmo nó que se formou em minha garganta na noite passada se instala novamente. Apolo chega perto do menino abaixando para ficar na sua altura e o puxa devagar.

— Filho. – Pietro olha atentamente para o pai. – Sabe o assunto de

adulto que o papai falou? – Ele balança a cabeça. – Então, deixa eu conversar com a tia Lily e resolver umas coisas que ela te responde, tá bom? – Pietro abre o maior sorriso do mundo e abraça o pescoço de Apolo, que retribui do mesmo jeito. O menino sai correndo em direção ao quarto que divide com a irmã. Ele se levanta e me olha cansado.

— Vou ter que me mudar. – Acho que fala mais para ele mesmo do que para mim. Caminho até a pia e começo o serviço. Meus olhos marejaram, tanto pela pergunta, quanto pelo breve diálogo. Não pergunto o que Apolo quis dizer com a última frase, porque corro o risco de chorar na frente dele.

Apolo se aproxima e apoia a cabeça no meu ombro.

— Sinto muito por isso. – Não me mexo.

— Está tudo bem. – Minha voz é só um fio.

— Não está. A gente mal definiu como ficariam as coisas entre nós e meus filhos já querem te chamar de mãe. – É interessante saber como as crianças me veem. Isso enche o meu coração de uma emoção nova. As lágrimas ameaçam cair a qualquer minuto. Engulo em seco para poder falar sem desmoronar.

— Nunca pensei em ter uma família. Mas a sensação de ser chamada de mãe aqueceu meu peito. – Sorrio por pensar que poderia ter uma família a partir daqui. Mas uma parte de mim não queria ficar tão feliz devido a todas as coisas que passei e por toda rejeição que sofri.

Apolo me gira, deixando-me de frente para ele, segura meus ombros e me encara sério. Nunca vi essa expressão em seu rosto antes. É diferente do modo como ele fica no trabalho.

— Livia, tem uma coisa que eu preciso muito te falar. As pessoas mal sabem disso e agora quero ser transparente com você. – Prendo a respiração e quando ele abre a boca novamente, Manuela entra na cozinha gritando.

— É meu, é meu. – E corre ao nosso redor, fugindo do irmão.

— Oh papai, ela pegou o meu Homem-Aranha. – E faz um bico.

— Já falei pra dividirem as coisas. – Apolo fala sério, mas sem rispidez.

— Mas é meu. – Toro rebate.

— É, mas sua irmã também pode brincar. – Apoio as mãos nos joelhos ficando mais próxima de seu rosto.

— Ela vai quebrar. – A cara de raiva dele ainda não foi embora. Abaixo-me e puxo Malu de trás do pai. Ela colocou a mão para o alto, na tentativa de deixar o brinquedo o mais longe do irmão possível.

— Manuela, promete que não vai quebrar o brinquedo do seu irmão?
— Ela me olha com um brilho nos olhos que só posso entender como admiração.

— Eu só quero *binicar* um pouco. — E baixa o braço, junto com seus olhos.

— Viu, Toro? Ela só quer brincar um pouco. Por que você não mostra pra ela como se faz? Você quer que ele te mostre? — Ele abre um sorriso quando Malu afirma com a cabeça.

— Toma cuidado que ele brilha. — Toro fala e segura a mão da irmã para seguirem juntos para o quarto.

— Acho que você já adotou meus filhos. — Apolo fala quando levanto e me puxa para um abraço apertado. Fico entre seu corpo firme e a pia de mármore. — Queria te colocar em cima dessa pia e ... — Não conclui o pensamento para me beijar com paixão. O empurro de leve.

— Apolo ... — O repreendo. — As crianças.

— Um dia elas vão saber como foram feitas. — Afasto-me dele.

— É, mas não precisa ser agora. — Volto minha atenção para a louça suja e concluo o serviço.

Alguns minutos depois, ouvimos alguns gritos vindos do quarto, mas Apolo foi ver o que estava acontecendo e era só brincadeira.

Termino de enxugar e guardar a louça. Depois vou até o quarto ver o que os dois seres pequenos estão fazendo, já que ficaram em silêncio há alguns minutos.

Entro no cômodo e os dois estão deitados no chão dormindo com a TV ligada. Desligo o aparelho e os admiro em seu sono profundo e tranquilo.

Ficaram cansados e agora dormem tranquilamente. Dali algumas horas, eles iriam acordar para almoçar. Apolo fez uma comida leve e ajudei muito quando não atrapalhei. Depois que ele terminou, me puxou para a sala e sentou comigo no chão. Sentia-me uma adolescente com o coração disparado no peito esperando pelo que o cara que era apaixonada me diria. Acho que é isso mesmo.

Em dois meses, Apolo entrou na minha vida e já virou meu mundo de pernas para o ar. E foi a melhor sensação que já experimentei.

Ele suspira e começa a falar.

— Quando disse que os meninos não são meus, biologicamente falando, eu não estava sendo completamente sincero. — Engulo em seco. Pronto. É agora que ele vai soltar a bomba de que não sabe quem é o pai, mas

se envolveu com a mulher e ela jogou as crianças no colo dele e desapareceu. Aí que ódio dessa fulana.

Apolo segurou meu rosto e encarei seus olhos.

— Não tire conclusões precipitadas, por favor. Pare de criar teorias estranhas.

— Mas eu não disse nada! – Acho que ele lê mentes.

— Não precisa. A cara que você fez parecia que estava pensando que eu achei uma mulher grávida de inseminação artificial e resolvi cuidar dos filhos dela. – Ele revirou os olhos.

— Mas não foi isso que eu pensei. Quer continuar logo? Tô ficando nervosa. – Esfreguei as mãos no vestido.

— Tudo bem. – Ele suspirou mais uma vez. Não interrompi. Deixei que levasse o tempo que precisasse. – Eles são filhos do meu irmão que faleceu junto com a esposa há três anos. – Coloco a mão na boca, com medo de ter emitido algum som de dor. – Sei que aqui, no chão, não é o melhor lugar pra te contar uma coisa como essa, mas quero ficar de frente para o corredor. Assim se algum deles acordar, a gente pode ver. E não queria mais adiar essa conversa. – Apolo crava seus olhos em mim. Então é isso. Ele tem laços consanguíneos com as crianças, mas não diretamente.

— Eles sabem?

— Sim. – Ele passa a mão pela tatuagem involuntariamente.

— *Me conta mais.* – Sabia que não era só isso. Ele toma coragem mais uma vez e continua.

— A Marisol, minha prima, me ajuda quando preciso sair, pra fazer uma viagem ou algo do tipo. Ela é de uma parte distante da família e a única pessoa com quem eu posso contar.

— E os seus pais? – Apoio meu queixo na mão e o cotovelo no joelho. Apolo olha para os próprios pés.

— Eles morreram em um acidente de carro também. Há quinze anos. Foi muito difícil pra mim naquela época. Eu não queria mais fazer nada. Passei a morar com meu irmão e minha cunhada. Eles me deram o apoio que eu precisava.

Não percebo quando Malu se aproxima, só quando ela deita no chão e coloca a cabeça no meu colo. Passo a mão em seus cabelos, enquanto seu pai continua a história.

— Entrei para a equipe de natação e não fazia mais nada além de treinar. A piscina era o meu segundo lar. Até que perdi meu irmão. Fiquei

desolado. Desisti das olimpíadas pra dar continuidade ao trabalho dele. Ia me mudar para a casa dele, mas ainda não estava preparado. Mas as coisas mudam. – Ele me encara e passa o polegar na minha bochecha. Uma lágrima solitária rola por meu rosto sem meu consentimento. – Como ela chegou aqui? – Seu olhar repousa na filha. Malu está com os olhos fechados. Provavelmente tinha dormido novamente.

— Ela chegou enquanto você falava do acidente dos seus pais. – Continuo acariciando seu cabelo. – Você disse que ia me contar sobre o apelido dela.

Apolo sorri de verdade ao acariciar os fios castanhos da filha mais nova.

— A Glória, mãe dela, quando soube que era uma menina quis chama-la de Maria Luísa. Eu, tio coruja que sou, já coloquei um apelido nela desde o ventre e comecei a chamar a minha princesa de Malu. Mas quando ela nasceu e eles olharam pro seu rostinho, resolveram que ela combinava mais com Manuela.

Sorrimos ao admirarmos o rosto relaxado de Malu.

— Você não tem nenhum juízo. – Ele concorda com a cabeça. – Mas acho que Manu não combina com ela.

— Eu também acho. – Seu sorriso ilumina seu rosto.

— Voltando ao assunto. Por que você vai ter que se mudar?

— Eles estão crescendo e precisam de espaço. A casa do meu irmão é perfeita e isso vai trazer várias memórias dos pais para eles.

— Por que deixou seu sonho de lado?

— A vida que começaria a levar por causa da profissão que eu queria não cabia duas crianças. Ia ficar viajando sempre ou na maior parte do tempo. Não podia fazer isso com eles.

— E por que não? Eles podem viajar.

— Podem, mas eles precisam de estabilidade. Um lugar fixo. Não quero que sintam que não pertencem a lugar nenhum. Se um dia eles quiserem ser cidadãos do mundo, que decidam por eles mesmos. Não posso afastá-los de suas raízes por um simples capricho meu.

— Mas não é um capricho, Apolo. É a sua vida. Tudo bem que agora não vai dar para levar uma vida de atleta, mas pense mais para frente.

— Talvez um dia. – Apolo afaga os cabelos da filha.

Vejo tanto amor que ele tem por essas crianças que são dele, agora que elas não têm mais ninguém. É um tipo de amor que não tiveram por mim.

Admiro tanto isso nele, que não contenho minhas emoções.

— Por que está chorando? – Ele enxuga uma lágrima do meu rosto. Respiro fundo, buscando as palavras.

— Acho muito lindo esse amor que você sente por eles e eles por você. Crianças são os seres mais puros do mundo. – Mais uma lágrima deixa meus olhos.

— Você só precisa amá-los de volta para ter todo o amor multiplicado por mil. – O homem ao meu lado segura minha mão.

— Apolo, passei a vida escutando que era uma rejeitada e que as pessoas nunca iam me amar. E olha pra isso. – Aponto para Malu em meu colo. – Se o que essa criança sente por mim não é amor, não sei o que vai ser. – E mais lágrimas molham minha face. Apolo emoldura meu rosto com as mãos e me beija mais uma vez. Era possível amar alguém em tão pouco tempo?

— Sinto tanto pelo que você passou e ainda mais pela forma como te tratei. – Ele apoia sua testa na minha e Pietro se joga em seu colo, nos assustando um pouco. Ele passa os braços atrás do pescoço de seu pai.

— Papai, já teve a conversa de adulto?

— Quase, meu filho. Por quê?

— Tenho um desenho pra mamã ... – Ele interrompe a sua fala e continua. – Pra tia Lily.

— Então entrega. – Aponta o queixo para mim.

Toro estende uma folha de papel na minha direção e vejo quatro pessoas. Cada um está com o seu nome em cima de suas cabeças. Papai, Malu, eu e tia Lily, só que este último está riscado e tem mamãe em cima. Lágrimas vêm em torrentes agora. Pietro olha assustado para mim e depois para o pai.

O puxo do colo de Apolo e o abraço, tomando cuidado para não machucar Malu. Nunca tive sorte na minha vida, mas percebo que antes não era o momento certo. Tudo que eu precisava viver estava esperando por mim, agora, nesse momento.

Capítulo 12

Apolo Nóbrega

A reação dos meus filhos à Livia me faz ter a certeza de que não devia ter demorado tanto tempo para tê-la em nossas vidas.

Passamos o sábado todo juntos, menos na hora que Liv teve que ir para o *Sunrise*. Os meninos choraram porque queriam ir com a gente, mas não podia deixar de ter uma conversa com ela. Precisava colocar os pingos nos “is” e teria de ser agora.

Marisol chegou e nem teve a decência de fingir surpresa. Deu um sorrisinho de lado, cheio de insinuações. Chegamos ao apartamento de Livia e não estava mais me aguentando de vontade de abraçá-la apertado. A sinto tão frágil e forte ao mesmo tempo, que esqueço todo o resto. Só o que importa somos nós.

— Acho lindo tudo que está acontecendo entre a gente. — Ela fala, mas sinto um afastamento. Olho para ela e me sento no sofá. — Mas quero deixar algumas coisas bem claras pra você, *Apolo Nóbrega*.

Liv põe as mãos na cintura e sua expressão é séria.

— Tudo que aconteceu até agora foi mágico e continua sendo, mas precisamos impor umas regras aqui. — Ela anda de um lado ao outro da sala. Parece que está tentando organizar seus pensamentos. — Primeiro, eu nunca vou fazer mal aos seus filhos, já não garanto o mesmo com relação a você. — Aponta o dedo na minha direção. Faço menção de falar e ela deixa o dedo indicador em riste. — Espera que ainda não terminei de falar.

Caminha até a geladeira, pega um copo de água e toma todo o conteúdo.

— Segundo, não vou permitir que me ofenda mais uma vez. — Coloca o copo na mesa de centro e se agacha na minha frente. — Não falei nada antes por causa das crianças e não queria vê-las magoadas com as atitudes do pai, mas você não tem sido muito legal comigo nesses últimos meses, por isso, esse é o seu primeiro e último aviso. Não me trate mal de novo. Posso aparentar ser frágil e delicada, mas eu não sou. — E nisso eu tenho que concordar. Livia é uma mulher cheia de autonomia e de certa forma me

assusta, mas não vou permitir que se afaste de nós.

— Posso falar?

— Ainda não. – Levanta-se indo para longe. – Terceiro, quero deixar muito claro que não adianta usar de artifícios baixos pra me convencer do que quer que seja. – Enquanto ela fala, anda até o outro lado do cômodo, de costas para mim. Aproveito e me aproximo devagar. Liv para próxima à janela e esbarro nela de propósito, passando minha pélvis devagar em sua bunda redonda. – Apolo ... – É como uma advertência, mas não se afasta.

— Estou ouvindo. – Aproximo-me mais um pouco. – Continue. – Abaixo-me até o seu ouvido e sussurro. – Lívia, continua falando. – Nesse momento, ela está completamente encostada na minha frente, apoiando a cabeça no meu peito.

— Se você me tratar mal de novo, eu vou embora. – Ela sussurra e sinto seu corpo relaxar.

— E o que eu digo para os meus filhos? – Falo suave. Ao ouvir minhas palavras, Liv se vira rápido para me encarar.

— Eu me afasto de você e não deles! – Tem um toque de desespero em sua voz.

— Mas para estar perto deles, vai ter que estar perto de mim também. – Cruzo meus braços, fazendo a minha melhor cara de mal, mas sem levantar a voz.

— Eu nunca abandonaria os meninos. Jamais. – Seu peito sobe e desce rápido.

— Nem eu. Não vou deixar você se afastar. – Aproximo-me mais. – Você faz parte da minha vida e da minha família. *Me* importo com você mais do que eu quero admitir. – Seguro seu rosto com as duas mãos. – Não vou deixar que se afaste. Vou fazer de tudo para que fique na minha vida. – Seus olhos estão marejando. – Você não quer ficar comigo?

— Mais do que eu quero admitir. – Colo nossas bocas em um beijo apaixonado. Já estou puxando o vestido dela para cima quando ouvimos a campainha. Não quero largá-la, mas preciso. Ela arruma o vestido e tento ficar calmo. Liv sai para atender a porta e vou para a cozinha tomar um pouco de água.

— *Livinha*. – Bato a porta da geladeira com mais força do que o aceitável. Esse cara aqui? Pelo covarde que eu sei que é, vai tentar alguma coisa.

— O que você quer aqui e como conseguiu o meu endereço? – A voz

dela está carregada de raiva. Isso significa que ela não tem nada com esse babaca e se ele não for embora logo, vou cometer uma loucura. Nem os meus filhos são capazes de me parar nesse momento.

— O Marcos me passou.

— Não tenho nada para falar com você. Pode ir embora.

— Eu quero me desculpar por tudo que aconteceu. Acho que passou da hora de nos acertarmos. — Ouço quando Liv bufa.

— Eu seria uma estrela hoje se você não tivesse me roubado. Agora vá embora. Nunca mais quero ver a sua cara de novo.

— Espera. *Deixe eu* entrar. — Aproximo-me mais da porta da cozinha. Se eu sentir que esse idiota vai tentar alguma coisa, eu quebro a cara dele. Devia ter feito isso antes.

— Nunca na minha vida.

— O que foi? *Tá* esperando aquele engomadinho daquele dia? É ele quem *tá* te bancando, é? É ele que *tá* te comendo agora?

Minha paciência se esgotou. Quando entro na sala pronto para encher a cara desse otário de porrada, ouço um barulho de dor aguda e não posso deixar de pensar que ele recebeu um golpe nas partes baixas. A cena seria hilária se não fosse trágica. Protejo meus órgãos genitais quando vejo o babaca caído no chão, justamente com a mão na mesma parte. Essa cumplicidade é algo inerente a qualquer desavença. Mas não significa que esteja do lado dele. Foi uma retaliação merecida.

— Você nunca foi um homem de verdade, seu pamonha. Nunca me serviu bem. Eu passava fome com você e não *tô* falando de comida. Você não tem o direito de dizer nada. Já me roubou e eu nunca vou te perdoar. Nada do que você tem a dizer me interessa. Pode ir embora e não volte nunca mais. — Liv começa a fechar a porta com o pedaço de lixo ainda prostrado na soleira. Um olho dele se abre e ele me fita.

— É assim que ela vai te agradecer quando não quiser mais nada com você. Eu ... — Não consigo ouvir o restante da frase, só mais um grunhido de dor, quando Lívia bate à porta nele.

Ela suspira cansada e me olha determinada. Não vejo súplica. Seu olhar me diz que essa é ela de verdade e se eu quero ficar, será desse jeito. Cruzei os braços e falei firme.

— Eu não vou a lugar nenhum. É com você que eu quero ficar. Se não for você, não será mais ninguém. — Vejo os ombros dela caírem, seu olhar ficar mais suave. Liv se joga nos meus braços e enlaça minha cintura com

suas as pernas. Continuo de onde paramos. Levando-a para o seu quarto. Quando a coloco na cama e começo a tirar a minha camisa, ela me para.

— A gente não pode resolver tudo desse jeito. Sem contar que eu estou menstruada.

— A gente pode resolver qualquer coisa desse jeito, porque é o melhor jeito de resolver qualquer coisa e quanto à sua menstruação, a gente pode fazer no chuveiro. — Sorrio malicioso, analisando seu corpo e como ele vai ficar perfeito embaixo da água corrente. Passo a língua por meus lábios de forma lasciva.

— Nada disso. — Ela fica de pé na cama. — Eu ainda tenho muito o que dizer. — Afasto-me o suficiente para olhá-la.

— Tudo bem. — Fico de pé e espero que comece seu discurso. — Pode falar.

— OK. — Ela respira fundo e passa a mão nos cabelos. — Tem uma coisa que eu preciso te contar. — Enquanto ela fala, vou tirando os sapatos devagar. — O meu pai me adotou porque precisava de um emprego. — Tiro minha camisa na mesma velocidade. — E como ele era amigo da diretora do orfanato que eu morava, ela facilitou as coisas pra ele e fraudou um monte de coisa. Eu descobri isso mais tarde, mas como uma criança sem nada, achei que ele seria a família que sempre sonhei. Desse jeito você não está me ajudando, Apolo! — Agora estou só de cueca com os braços cruzados.

— Só queria ficar mais confortável. — Sento-me na cama e a puxo para baixo. Encaixo seu corpo no meu. Sinto-a soltar o ar com força e me abraçar apertado. — Não imagino o que seja passar a vida sem uma família que te ama incondicionalmente. O apoio que eu tive do meu irmão foi a minha boia de salvação. Meus filhos são tudo que eu mais amo nessa vida e você agora faz parte das pessoas que eu quero proteger.

— Eu cresci achando que a felicidade era algo que não estava reservada pra mim. E sentia que tinha alguma coisa errada. — Sinto suas lágrimas molharem o meu peito.

— Livia, não posso mudar o seu passado, mas quero fazer parte do seu presente e do seu futuro. Não quero mais ter que levar uma vida tão solitária. Por mais que eu tenha os meus filhos, sinto falta de uma mulher ao meu lado. Tirando a parte que não tive uma mulher minha. — Ela me olha confusa.

— Como assim?

— A mulher com quem mais tive contato, depois da minha mãe, foi a

Glória. – Coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. – O que eu faço pra que você me perdoe por todas as burradas que fiz até agora? – Ela apoia a cabeça no meu peito.

— Não sei, mas ficar aqui ao meu lado já é um bom começo.

— Eu nunca tive uma namorada. – Já que estamos falando de coisas do passado, vou dizer tudo.

— Mentira. – Ela me olha perplexa.

— Verdade. Eu só costumava ter encontros casuais. Quando estava prestes a participar das olimpíadas, me dedicava exclusivamente aos treinos. E quando perdi o meu irmão, não liguei mais pra essas necessidades. Minha prioridade eram meus filhos. Nunca deixei que faltasse nada pra eles. Pelo menos era o que eu pensava.

— Tá falando de uma mãe?

— Sim. Não sabia que eles sentiam tanta falta assim da Glória. – A lembrança da minha cunhada cantando para os meus filhos faz cair a ficha do porque eles aceitaram Liv tão imediatamente. – Ela tinha uma voz linda, como a sua. Acho que foi essa a ligação que eles sentiram com você. – Liv apoia o queixo no meu peito.

— E agora? O que a gente vai fazer?

— Agora você aceita ser minha namorada e depois do show volta comigo pra casa. Os meninos vão estar nos esperando acordados. – Sorrio e Liv também, mas quando falo do show, ela se levanta rápido.

— Ah meu Deus. Eu ia esquecendo do show. – E corre para o banheiro, tropeçando no meio do caminho. Levanto para ajudá-la. – *Tá tudo bem.* – E desaparece dentro do cômodo.



Nunca estive tão feliz na minha vida. Se eu achava que era feliz com o meu irmão e a sua esposa, não passava perto do que estou sentindo agora. A alegria é um elemento constante em casa. Liv ainda não está morando

comigo, mas já a convenci de deixar alguns pertences seus aqui para uma emergência. Malu e Toro não se aguentam de tanta felicidade. Parece que o potinho de amor deles está transbordando. Livia está se comportando como a verdadeira mãe deles, apesar de ainda não a chamarem assim. Ver o carinho que estão construindo juntos me deixa transbordando de felicidade.

— Nóbrega. – Atendo o telefone da empresa. Quando Liv cantarola, coisa que está fazendo nesse momento, sei que é porque está relaxada. Encho meu peito de orgulho, sabendo que o motivo sou eu e meus filhos.

— *Apolo? Virou mesmo um homem de negócios?* – Reconheço a voz do meu ex-técnico de longe.

— Mateus? Há quanto tempo! – Falo caloroso para o homem que via mais do que a minha família.

— *Nem vem que a gente se viu não tem um mês. Tô ligando pra saber de uma coisa. A gente pode almoçar juntos hoje?* – Na hora, lembro dos momentos eróticos que passo com Liv antes do almoço. Tem acontecido desde que assumimos nosso relacionamento.

— Então, eu tenho um compromisso sempre nessa hora, se é que me entende. – Mateus gargalha do outro lado da linha. Tenho certeza que ele não escolheu uma mulher para a vida.

— *Ah, moleque! Sabia que você ia voltar à ativa. Tá saindo com quantas?* – Agora é a minha vez de rir. – *Não, cara! Não! Fala sério! Tá apaixonado?*

— Eu tô! – Mateus ri da minha declaração. Essa é a primeira vez que eu admito em voz alta o que sinto para outra pessoa que não a dona do meu sorriso. Liv aparece e se aproxima da minha mesa.

— *Macho, dispensa ela um dia. Preciso falar com você.* – Chamo-a para mais perto. Liv me obedece e fica de pé na minha frente. Passo a mão por trás de seus joelhos, subindo por sua saia. Ela me olha com desejo. Adoro nossas brincadeiras durante o dia. Quando estamos a sós, fazemos carinho um no outro, sem que atrapalhe nosso trabalho.

— Não sei. Ela pode fazer por mim, o que você não pode. – Minha namorada sorri. Como pude ter tanta sorte?

— *É sério, Apolo.*

— Preciso perguntar pra ela. – Afasto o telefone, tapo o bucal e falo. – Lembra do meu técnico que eu te falei? – Ela afirma com a cabeça. – Ele quer almoçar com a gente, pode ser? – Ela me olha torto e entendo o que está perguntando em silêncio. – É só pro almoço. – Sorrio e ganho um tapa de

leve no braço.

— Tá bom. Se não for atrapalhar vocês ... – Ela dá de ombros, deixa um contrato em cima da minha mesa e um selinho em meus lábios. Da as costas e volta para sua mesa.

— Ela pode ir com a gente? – Volto a falar com o meu ex-técnico. Ouço sua risada mais uma vez.

— Tá *dominado mesmo*. Tá *bom, cara*. *Leva ela*. *Te espero no restaurante do ginásio, porque eu não posso sair agora*. – Meu olho brilha quando lembro das horas que passei dentro da piscina.

— Beleza. Te vejo lá. – Ele concorda e desligamos.

A hora do almoço chega e vamos para o local do encontro. Minhas mãos suam como se fosse a minha primeira vez em um ginásio olímpico. Mateus está em uma das mesas próxima da piscina e está conversando com uma moça, que usa um maiô azul escuro, uma touca e tem os óculos de natação nas mãos.

Liv aperta minha mão. Mateus termina de conversar com a moça, que se afasta colocando os óculos e pula na piscina. Penso por um segundo que devia ter trago a minha sunga. Suspiro sem perceber. O técnico se levanta e me abraça quando nos aproximamos.

— Apolo!!! A estrela do meu time. – Bato nas suas costas, imitando seu gesto.

— Nem tanto. Nem tanto. – Ele olha para o meu rosto e sou atingido pela falta que ele me fez, não estava preparado para sentir isso.

— Como vão as coisas? – Ele pergunta animado.

— Indo, na medida do possível. Antes de qualquer coisa, quero te apresentar uma pessoa muito especial. – Puxo Liv para o meu lado. – Livia Moreira, minha namorada e secretária. Livia, esse é Mateus Duarte, meu ex-treinador.

As bochechas da Liv ficam rosadas na mesma hora. Mateus sorri e estende a mão para ela, que recebe o cumprimento.

— Prazer, Livia. Esse cara tem sorte. – Minha namorada o encara confusa. – De ter uma mulher como você ao lado dele. O que você viu nesse mané? – Liv começa a rir com gosto.

— Os filhos dele. – Agora são os dois que riem com vontade.

— Beleza, já entendi. – Puxo uma cadeira para Livia se sentar e faço a mesma com a minha. Mateus senta-se novamente de frente para nós.

— Agora me responde. O que tem feito todos esses anos? – Ele

sinaliza para a garçonete, que caminha até nós com o cardápio.

— Bom, eu estou tentando levar a minha vida o mais normal possível por causa das crianças.

— Não devia ter largado a natação, cara. Você tinha o melhor tempo da equipe. — Ele se vira para Liv, que só observa a conversa atentamente. — Esse cara, com certeza, seria medalhista. Os números dele eram impressionantes.

Liv bate no meu braço.

— Devia ter dado um jeito de continuar nadando.

— E eu continuei. — Dou de ombros. Pego o cardápio da moça que vai nos atender. Finjo interesse no que está escrito.

— Mas não sob o olhar atento de um técnico excelente. — Estava demorando para ele começar a se gabar.

Mateus também tem as melhores avaliações vindas de seus atletas. Ele sempre se dedicou cem por cento a qualquer um que o contratava.

— Isso é verdade, mas não deixei de nadar. — Escolho o que quero comer e passo o menu para Liv, que analisa as opções e escolhe também.

Chamo a garçonete e faço nosso pedido, junto com o de Mateus.

— Bom, mas não foi pra falar o óbvio que eu te trouxe até aqui. Quero te fazer uma proposta. — Ele toma um gole da sua bebida, que estava em cima da mesa quando chegamos. — Quero te chamar para fazer parte da nossa equipe de novo.

Congelo na hora que essas palavras são proferidas.

— Apolo, o que você acha? — Liv pergunta e todos da mesa me olham com expectativa.

— Eu não sei se posso.

— Claro que pode. — Mateus fala exasperado. — Os treinos não duram o dia todo. São só quatro horas, e podem acontecer depois do seu horário de expediente.

— E os meninos?

— Eu *pego eles* no colégio, levo pra casa e ficamos lá até você voltar. — Liv fala com tranquilidade.

— Não posso fazer isso com você. — Seguro a mão dela.

— Você quer? — Balanço a cabeça afirmando. — Então está resolvido. — Ela fala para Mateus. — Quando ele começa? — Puxo seu braço, para que me olhe.

— Livia e quanto as suas coisas? Na sexta você tem apresentação.

Não vou deixar que ... – Antes que eu termine de falar, Mateus me corta.

— Quando for assim, a gente treina antes de todo mundo. E pode fazer intercalado. Deixamos a sexta para a musculação. – Parece tão fácil quando eles falavam assim que deixo a centelha de esperança acender no meu peito.

— Você não está mais sozinho, Apolo. Estamos aqui com você. – Liv se inclina e deposita um beijo na minha bochecha. Agarro sua cintura, trazendo-a para perto do meu corpo. Inspiro seu cheiro.

— Como eu pude ter tanta sorte?

— Também não faço ideia. – Ela responde. Solto-a e encaro seu rosto.

— E se não funcionar?

— Não se preocupa com os “e ses” do caminho. A gente resolve um problema por vez. – Abraço-a novamente.

— Ah, meu Deus. Alguém me salva dessa *melação* toda. Senhor. Tô ficando enjoado. – Rimos da sua cara.

— Quando você se apaixonar, vai ser muito mais meloso do que a gente. – Falo, socando de leve seu braço.

Nosso pedido chega e Mateus joga mais uma bomba no meu colo.

— A gente começa a treinar hoje ... – Olho para Liv. Hoje é sexta e ela tem apresentação.

— Vou falar com a Sol. É o dia dela mesmo. – Dou de ombros e minha namorada concorda.

— ... porque eu já te inscrevi para a Copa do Pacífico. – Quase cuspo a minha comida na mesa. Engulo com dificuldade e Liv passa a mão nas minhas costas.

— Ficou maluco? – Ele come tranquilamente, como se não fosse nada.

Mesmo não estando mais competindo, continuo acompanhando as etapas e os campeonatos.

— Claro que não. Só acho que você tem que começar a correr atrás do tempo perdido.

— Mateus, eu não vou ter nem um mês pra me preparar.

— Quando começa? – Liv pergunta.

— Dia 12 de junho. – Respondo sem olhar para ela. Ainda estou abismado com a cara de pau do meu treinador.

— Ah, estamos no começo do mês. Vai dar certo.

— É no Peru, Lívia. – Falo o que mais me angustia.

— Quantos dias?

— Quatro. – Encaro-a. Ela não fala nada e continua comendo. – Viu? Eu falei que não era uma boa ideia. As crianças tem aula e eu tenho um trabalho. Não posso ...

— A gente encontra outra competição. – Liv fala com uma convicção mais forte que a minha.

— Então a gente pode ir pro 18º Mundial da FINA^[3].

— Assim a gente não pode conversar, Mateus. Você está só piorando as minhas opções.

— O que tem essa competição agora? É do outro lado do mundo por acaso?

— É. – Mateus e eu respondemos em uníssono. Liv arregala os olhos.

— Sérioo? – Passo a mão nos cabelos exasperado.

— Coreia do Sul. – Respondo.

— Quando?

— De 12 a 28 de julho. – Mateus responde. Para ele é muito normal. – Já tenho os valores para a viagem. Meu patrocinador vai arcar com todas as despesas.

— Eu não ... – Antes que responda, Liv me interrompe.

— Ele vai pensar e mais tarde te responde. – Nisso, ela já terminou seu almoço e eu também. Mateus ainda está remexendo em seu prato. Liv sinaliza para a garçonete e pede a conta. – Vamos pra casa, conversaremos e depois ele fala com você, Mateus. – Ela se vira a garçonete e paga a conta. – Está tudo certo. – Se levanta e vai para o estacionamento.

Durante todo o ocorrido, não tive reação nenhuma. Fiquei olhando para ela, enquanto se afastava da nossa mesa. Sinto a mão de Mateus tocar meu braço.

— Cara, essa é a mulher perfeita pra você. Não deixe de levar em conta tudo que está em jogo.

— Só o que está em jogo aqui é o meu sonho e desse, eu posso abrir mão novamente, sem problemas.

— E vai ser a carcaça de um homem pelo resto da vida? – Sua pergunta me atinge com força.

— Se for para ter os meus filhos e minha namorada felizes, sim. – Levanto-me e caminho atrás dela.

Encontro Liv escorada no carro com braços os cruzados olhando para

longe. Quando me vê, se afasta do carro e me abraça apertado quando me aproximo.

— A gente vai encontrar um jeito.

— Liv ... – Ela me encara e coloca um dedo nos meus lábios. Meu coração está acelerado desde o momento que a possibilidade de voltar para a piscina surgiu.

— Vamos ver as possibilidades.

— Não podemos fazer isso.

— Nem que a gente tenha que ir com você.

— Vocês têm que tirar o visto de visitante.

— E qual o problema? Eu tenho dinheiro pra tirar o meu. – Beijo sua testa.

— Não é tão simples assim.

— Por quê? – Ela me olha como se realmente fosse fácil.

— A gente conversa em casa.

Dou um beijo em sua testa, abro a porta do carro e a conduzo para dentro do veículo.

Voltamos ao escritório em um silêncio constrangedor. Estou ficando nervoso com essa situação. Ela toca minha mão e vejo que estou apertando com força o volante. Chegamos ao estacionamento do prédio e ela volta a tocar no assunto.

— Tudo bem. Vamos achar uma solução juntos. – Liv tenta me confortar, mas só existe uma resposta certa para essa situação. Suspiro e saio do carro. Minha namorada me acompanha.

— Fala alguma coisa, cara! – Ela exige.

Paro no meio do caminho para o elevador e a encaro. Liv tem as mãos na cintura com a expressão fechada.

— Meu amor, não é tão simples. – Gesticulo, mas tentando não parecer irritado.

— O que não é tão simples?

— São quase três semanas na Coreia do Sul, do outro lado do mundo. Onde você não conhece nada e eu não vou passar todo o tempo com vocês. Sem contar que faz pouco tempo que você está empregada. Não vou embora para o outro lado do mundo sem você ou os meus filhos. – A cada frase minha me aproximo mais dela.

— Você é um idiota. – Lívia grita na minha cara. – Esse é o seu problema. – Ela passa por mim, batendo os pés no chão com força. Droga.

Corro para alcançá-la.

— Espera, por favor. – Paro na sua frente. Ela está ofegante. Vejo que está em uma batalha interna. Como sempre, eu digo a coisa errada na pior hora possível.

— Qual é a dificuldade de analisar todas as possibilidades? Por que não tentar descobrir se pode dar certo a sua volta pra Natação? – Agora Liv está gritando. – Você é muito cabeça dura.

— Você acha que é só isso? – Seguro seu rosto entre minhas mãos. – Não quero me afastar de você por tanto tempo. Nunca fiquei mais do que um fim de semana longe dos meus filhos. Uma viagem dessas tem que ser planejada, tanto pra quem vai, quanto pra quem fica. Vamos ver outra competição, como você disse. Essa está fora de questão e a primeira opção também. – Seus olhos verdes me sondam.

— Não quero que desista do seu sonho. Posso ficar com as crianças ou podemos encontrar um acampamento de férias para eles. Sei que vão adorar. Assim você pode ir sossegado que eu tomo conta deles.

Já tinha comentado com ela que queria experimentar um acampamento desses e manda-los para lá.

— Você não pode fechar os olhos para algo que faz parte de você. – Ela coloca a mão sobre o meu peito. – Eu vi o quanto seus olhos brilharam quando Mateus falou de você voltar a competir. É isso que faz o seu sangue ferver, você vibra com a possibilidade. Agora que eu estou aqui, posso te ajudar. Vai. – Ela empurra o meu peito, mas a puxo para meus braços. Sinto seu coração batendo descompassado assim como o meu.

— A gente está junto há dois meses. Não quero deixar você sozinha por tanto tempo. – Seus braços envolvem a minha cintura.

— Pensa que vai ser para o nosso bem. Ficar tanto tempo juntos pode ser péssimo para o nosso relacionamento.

— Espero que esteja certa. – Beijo sua testa.

— Você é mesmo um *Zé Ruela*. Aí! – Belisco sua cintura.

— Não me provoque, senhorita Moreira. – O clima ficou mais leve e parece que uma pedra foi tirada do meu peito.

Capítulo 13

Livia Moreira

— O que você tá fazendo aqui ainda? – Coloco as mãos nos quadris e encaro meu namorado teimoso.

Ele está com a calça de moletom, uma camiseta regata sentado no chão com Toro e Malu. Tem vários livros infantis abertos ao redor deles. Alguns são de colorir e outros são de histórias.

— Tia Lily!!! – Malu grita e pula no meu colo. Ergo-a em meus braços. Ela parece muito feliz em me ver. Solto minha bolsa no chão.

— Oi, meu amor. – Beijo seu rosto.

— Estava esperando você chegar. – Apolo responde, olha-me com ar inocente. Ergo a sobrancelha para ele.

— O Toro perdeu um dente hoje no colégio. – A menina aponta para o irmão, atrapalhando a bronca que iria dar em seu pai.

Normalmente é Pietro que me recebe com euforia, mas hoje ele está realmente mais triste.

— É mesmo, Toro? Posso ver? – Coloco Malu no chão e me aproximo do garotinho. Ele continua de cabeça baixa, olhando concentrado para a sua pintura. Sento ao seu lado.

— Toro, responde a Lily. – Apolo fala com suavidade.

— Ela vai me achar feio. – O menino responde envergonhado.

— É claro que não vou. – Toco em sua cabeça de leve, acariciando seus cabelos com suavidade, até que seus olhos me encaram. – Tudo bem. Eu quero ver a sua janelinha. – Falo sorrindo e aos poucos, Pietro abre a boca e me mostra o espaço vago na sua fileira de dentes inferior. Sorrio mais ainda e completo. – Está lindo, querido. – Seus olhos se arregalam em surpresa.

— Mesmo?! – E aos poucos vai abrindo um sorriso verdadeiro.

— É claro, Toro. – Ele se joga no meu colo.

— Obrigado, mamãe. – Essa é a primeira vez que ele me chama assim sem se corrigir. O abraço mais apertado. Meus olhos marejam na hora.

— De nada, meu amor. – Acaricio seus cabelos escuros.

— A Marília disse que você não ia mais gostar de mim. – Sua voz é

chorosa. O faço me encarar e falo sério.

— Essa Marília não sabe de nada. Eu nunca vou deixar de gostar de você, entendeu? – Ele afirma com a cabeça. Seus olhos brilham para mim. Meu coração se aquece mais ainda.

— Ela é minha mamãe também. – Malu se joga em cima de nós. A puxo para um abraço coletivo.

— Vocês são irmãos, então se eu sou mãe de um é claro que sou mãe do outro. Lógico.

Apolo se junta a nós nesse abraço de amor. Não quero saber se algo vai dar errado entre nós. Tudo que quero pensar neste momento é no amor que sentimos uns pelos outros.

Já sabia dos meus sentimentos pelas crianças, mas não tinha incluído Apolo nessa conta e acho que era isso que faltava. O amo com todas as minhas forças. Espero que tudo continue dando certo para nós quatro.

Já passou uma semana desde que tivemos aquela conversa com Mateus e tenho estado mais animada que o próprio atleta. Impressionante a forma como Apolo entrou na rotina rápido. Ainda estou pensando para me acostumar e para ele é como se não estivesse afastado por três anos.

— Obrigado por estar em nossas vidas. – Apolo fala baixo e meu coração se derrete mais um pouco por essa família linda.

— Obrigada por deixar que eu faça parte dela. – Ainda agarrada às crianças, meu namorado beija minha testa.

— Ainda bem que você chegou pra colocar ordem nesse marmanjo. – Marisol vem saindo do banheiro. Ela é sempre muito despojada e bem humorada. Tirando a primeira vez em que a vi e ela beijou o meu homem, nunca senti ciúmes dela. Só inveja mesmo.

— Verdade. Você tá atrasado. – Olho para o menino grande e tiro as crianças de cima de nós. – Vocês arrumem essa bagunça. Levem tudo pro quarto.

Ouvimos um “ahhh” de tristeza coletivo, mas os dois começam a recolher suas coisas.

— E o senhor, já pra piscina. – Apolo me agarra pela cintura, colando nossos corpos e me dá um beijo demorado nos lábios.

— Oi, *amora*. Tava com saudade. – Apolo me sorri sedutor, fazendo meu coração acelerar no peito. Não sei por que essas palavras me deixaram excitada.

— Oi, agora vai. – Não consigo empregar urgência que precisava

nesse momento, mas consigo me soltar de seus braços.

— Viu só o que eu falei? – Olho para Sol, que está com os braços cruzados nos encarando, sorrindo.

— O quê? – Pergunto olhando de um para o outro.

— Nada. – Apolo se afasta e pega a sua bolsa de treino. E antes que eu pergunte mais alguma coisa, dá um beijo nos meninos e deixa o local.

— O quê? – Pergunto para Sol novamente quando a porta se fecha.

— Eu zoei com ele assim que te conheci. – As crianças passam por nós correndo e entram no quarto levando seus livros.

— Ah tá. Eu lembro disso. – Pego minha bolsa do chão e caminhamos até o quarto para que possa colocar meus pertences lá. Depois que o Apolo insistiu muito, concordei em deixar alguns objetos aqui.

Sol me espera sentada à mesa da cozinha.

— Só pra você saber, eu nunca tive nada com o Apolo. Sei que é difícil acreditar, mas ele não faz o meu tipo. Todas as minhas amigas acham que a gente se pega as escondidas. – Ela faz uma cara de nojo e depois sorri, se servindo de uma xícara de café. Sento-me ao seu lado.

— Não sei explicar, mas de alguma forma, eu já sabia. – Sol me oferece café e aceito. É a melhor bebida do mundo.

— Ele sempre foi muito sozinho. Na verdade, a vida dele era a família. Na adolescência ele era mais falante e mais pegador também, mas foi nessa época que os pais dele faleceram.

— E da sua família, não tinha ninguém que pudesse ajudar? – Tomo um gole do líquido quente.

— Não. Porque todo mundo já tinha a sua vida e como o Dante era maior de idade, deixaram que ele cuidasse do irmão. O Apolo se fechou muito naquela época. Tanto que não ia mais na casa da minha mãe.

— Você é prima direta dele?

— Não. Ele é meu primo em segundo grau. A nossa família é de um parentesco distante, mas sempre estive por perto. A gente frequentou a mesma escola por muito tempo. Quando Dante morreu, eu me aproximei mais e consegui vencê-lo pelo cansaço. Ele não queria a minha ajuda de jeito nenhum. Até que um dia, a Malu ficou doente e ele não sabia o que fazer. Aí me ligou e depois disso, ele passou a confiar que eu não sairia do seu lado. – Seu sorriso é doce. – Aquele idiota é muito cabeça dura. – E revira os olhos.

Marisol é uma pessoa muito boa. Mesmo parecendo que não liga muito para as coisas, ela se importa com o primo e principalmente, com as

crianças. Ela tem um coração muito generoso.

— Nem me fale. Sofri para arrancar alguma verdade dele.

— Não diz pra ele que eu te contei, mas depois que o Apolo começou a namorar com você, comecei a ver mais do antigo garoto que eu conheci na escola. — Olho alarmada para ela, que sorri colocando a mão no meu braço. — Calma. Não o garoto pegador, mas o garoto feliz e descontraído. Sabe há quantos anos eu não o vejo com aquele sorriso idiota na cara? Parece que ficou mais novo uns dez anos.

Ouvi Sol falar sobre como era o Apolo mais novo por alguns minutos antes dos meninos entrarem na cozinha correndo e fazendo muito barulho. Levei os dois para a sala. Marisol ficou encarregada de preparar nosso jantar enquanto brincávamos.

Pode parecer uma coisa idiota, mas nessa semana procurei várias brincadeiras que poderia fazer com eles. Brincamos de mímica, mas perdeu a graça rapidamente para Malu, já que ela não tem muita paciência para adivinhar o que Toro e eu tentávamos fazer. Quer logo saber a resposta. Sei que faz parte da idade dela, mas não vou desistir dessa brincadeira.

Sol termina o jantar, dou um banho neles e comemos.

Durante a refeição, recebo uma mensagem de Apolo perguntando se está tudo bem. Digo que sim e ele fala que já está com saudade.

Fizemos duas feiras diferentes para a casa dele. Apolo não come mais a mesma coisa que nós. É tudo muito balanceado, passado pelo nutricionista. Ele parece mais feliz do que nunca. Ainda quero saber se é só por ter voltado a nadar.

Depois do jantar, levo os meninos para o quarto e canto uma música para eles, que dormem rapidamente. Fico vários minutos observando seu sono. Malu respira muito tranquila, assim como seu irmão ao seu lado.

Marisol se despede e vai para casa. Enquanto espero Apolo voltar, leio o livro novo da minha autora favorita. Já não sei que horas são, quando ouço um barulho de chave e Apolo entra na sala. Ele fecha a porta e se joga em cima de mim. Seus cabelos estão molhados

— O Mateus vai me matar, Liv. Não me deixa voltar pra lá. Por favor. Tô um caco. — Ele fala com a voz abafada pelos meus cabelos. Passo a mão em suas costas.

— Nunca faria isso. É como se eu te pedisse pra não me deixar mais cantar. — Ele ri.

— Verdade. — Levanta o rosto para me encarar. — Mas é muito

exaustivo. E eu nunca ia deixar que se afastasse do palco. – Ele se levanta rápido. – Por falar nisso, olha o que eu gravei. – Apolo pega o seu celular da mochila e me mostra um vídeo.

Quando percebo do que se trata, tomo um susto. É da minha apresentação de sábado passado. Nesse dia, eu tinha escolhido a música *Man!* Da Shania Twain. Eu estava quase com a mesma maquiagem que ela usa no clipe dessa música. Nunca tinha me visto no palco e eu pareço totalmente diferente. É como se o espírito da sensualidade me possuísse e eu me vejo a mulher mais incrível do mundo.

— Por que você gravou isso? – Pergunto ainda sem conseguir tirar os olhos da tela.

— Bom, eu falei pra você que a gente poderia gravar as suas apresentações, postar em uma rede social e quem sabe algum ... – Não deixo que ele termine a frase e devolvo o celular.

— Não quero falar sobre isso. – Levanto e vou até a cozinha. Apolo me segue.

— Por que não?

— Porque não.

— Isso não é resposta.

— Mas pra mim é. – Paro em frente a geladeira e tiro uma garrafinha de água, virando o conteúdo de uma única vez.

— Lívia, tente ser mais clara. – Encaro meu namorado, que cruza os braços na frente do peito, evidenciando seu peitoral que agora parece ligeiramente maior.

— A parte que eu não quero, não é suficiente pra você?

— Não, porque não faz sentido. É a coisa que você faz de melhor. Não vou deixar que jogue o seu sonho pela janela. – Ele franze o cenho muito contrariado. Não sei por que ele se importa tanto.

— E por que não? Se é a minha vida?

— Assim como você não desistiu de me incentivar a ir atrás do que eu realmente queria, não vou deixar que desista do que realmente deseja.

— E se o meu sonho mudou? Não posso mudar de opinião?

— Sim, tem todo o direito, mas será que é justo com você?

— Não quero falar sobre isso. – Viro o rosto sem querer encarar seus olhos.

Apolo caminha para o quarto dos filhos, fecha a porta do cômodo e volta.

— Não quer, mas vai. Vai me explicar o motivo de você querer abrir mão do que mais ama.

— Achei que amasse. – Pelo canto do olho, vejo Apolo me encarando sem entender. – Eu achei que a música era o que eu mais amava na vida, mas passar esses dias com vocês me fez perceber que tudo que eu mais desejava no fundo do coração, não era uma carreira na música ou ser uma cantora famosa. Era uma família de verdade. Que me ame incondicionalmente.

Meu namorado fica parado com a minha resposta. Ele não esperava que eu falasse desse jeito. Apolo se aproxima e passa a mão pelo meu rosto, me fazendo encará-lo. Quando ele enxuga minha bochecha, percebo que estava chorando.

— Minha Vênus. – Ele beija meus olhos. – Eu te amo tanto. – E me abraça. Minhas lágrimas agora descem com força, fazendo meu corpo todo balançar. Nunca tinha chorado dessa forma, com tanto desespero.

Choro por todas as vezes que me vi só, que precisava de um carinho, um abraço. Apolo me mostrou em poucos meses que eu posso ser verdadeiramente amada e ainda continua me surpreendendo, como quando me mostrou aquele vídeo.

Nunca imaginei que eu me mostrava tão segura e independente em cima de um palco. Ver aquela filmagem me fez perceber que eu sou boa no que faço, mas o que eu estava vivendo naquela casa era muito mais lindo do que ter o meu sonho de cantora realizado.

Apolo se mostrou companheiro e em nenhum momento quis me ver fora do meu ambiente. Cantar é tão importante para mim como respirar, mas Malu e Toro deram um sentido diferente ao que eu entendia ser o amor.

Meu namorado beija meus cabelos.

— Sei que você sofreu muito, mas não quero que desista do seu talento, do seu sonho. Quero que o mundo te veja assim como eu. Linda e deslumbrante, cantando com todo o seu coração.

— Não vai sentir ciúmes? – Pergunto com a voz embargada.

— Vou morrer, mas sabe o que me conforta? – Ele aproxima a boca do meu ouvido. – É que só eu posso te ver nua e te tocar. Todas as noites. – Aquela frase aquece meu coração. Abraço-o apertado. E nesse momento, lembro da declaração que ele fez quando comecei a chorar.

— Você disse que me ama? – Pergunto sem acreditar.

— Não estaria na minha vida se eu e meus filhos não te amássemos. – Olho seu rosto. Apolo tem nos lábios um sorriso verdadeiro. Inclino-me em

sua direção e beijo sua boca com força. Ele içou meu corpo e me senta na bancada da cozinha, se encaixando entre as minhas pernas. Sinto sua excitação pressionando minha intimidade e estremeço.

— Papai? – Uma voz sonolenta nos interrompe e olhamos para o lado juntos. Pietro está com um cobertor na mão e nos olha assustado. Apolo se afasta de mim e eu desço.

— Oi, campeão! – O pai se abaixa e coloca o garotinho no colo.

— O que *tava fazendo*? – Percebo agora que Toro nunca tinha presenciado um beijo nosso.

— A Livia é namorada do papai. E namorados se beijam.

— Então ela não vai mais embora? – Seus olhos se enchem de uma alegria linda.

— Ela nunca foi embora, filho.

— Ela foi sim. – Pietro fala com um tom de tristeza.

— Você quer que a Livia more aqui com a gente? – Ouço felicidade na voz de Apolo.

— Quero. – Toro responde balançando a cabeça confirmando suas palavras.

— Você quer morar com a gente? – Apolo pergunta, me lançando um olhar significativo. Meu coração acelera muito mais do que alguns minutos atrás, quando meu namorado estava me prensando contra a bancada. Fico calada por um segundo.

O que eu quero? Quero morar nessa casa, com essas crianças e o pai delas? E o que significa esse pedido? É um pedido de casamento? Apolo disse que me ama, mas será o suficiente? Se bem que eu nunca ouvi um “eu te amo” na vida. Não posso tomar uma decisão dessas tão rápido assim. É complicado.

— Filho, o papai vai conversar com a Liv e depois ela te fala se vai morar com a gente, *tá*? – Ele beija a testa do filho. – Diz boa noite, Liv.

— Boa noite ... – Ele para de falar e me encara. Vejo pelos seus olhinhos que não quer me chamar de Liv. Aproximo-me dos dois, passo a mão no cabelo de Toro.

— Boa noite, meu filho. – Vejo seus olhos arregalarem e ele salta do braço de Apolo para o meu. Quero preservar a felicidade desse garotinho para sempre.

— Boa noite, mamãe. – Ele responde ainda preso ao meu pescoço. Apolo tenta pegá-lo, mas digo não e o levo para cama. Coloco o cobertor

sobre seu corpo pequeno e rapidamente, Toro volta a dormir como se não tivesse acordado.

Volto para a cozinha e encontro Apolo com um joelho apoiado no chão. Seu peito sobe e desce rápido. Meus olhos se arregalam em surpresa. Se ele perguntar o que eu acho que vai, o que eu vou responder? A gente se conhece de verdade há dois meses. Não é possível que ele realmente queira me perguntar isso. Continuo parada olhando para ele.

— Sei que é rápido, sei que pode estar confusa se perguntando se é o certo, mas não vejo outra forma de te assegurar que o que mais quero é você do meu lado. Não estive com outra mulher desde o acidente do meu irmão. E depois de tanto tempo, não te entreguei apenas meu corpo, porque você já havia levado meu coração no dia em que te vi pela primeira vez.

Apolo para de falar para tomar fôlego e volta para o seu discurso.

— Quero só deixar as coisas claras que eu sempre vou te amar e apoiar no que você quiser, mas não vou deixar que desista de cantar. Eu nunca vou me cansar de vê-la cantando. Então eu vou perguntar, mas se não quiser responder, fica à vontade. Não vou te pressionar.

Ele respira fundo e olha dentro dos meus olhos com tanta intensidade que sinto meu coração acelerar mais ainda.

— Livia Moreira, quer dividir todos os seus dias comigo e meus filhos, até que eu fique careca, flácido e mais ranzinza? Quer ser minha esposa pra gritar comigo sempre que eu for um Zé Ruela e fizer besteiras? Liv, minha Vênus, quer ser minha pra sempre? Quer casar comigo?

Essa foi a declaração de amor mais linda do mundo. Lembro da minha vida triste, sem uma família, de como eu sofri para gravar as minhas primeiras músicas, porque cada uma delas tinha um pedaço do que eu passei.

Como fui traída e enganada por alguém que eu acreditei ser um cara descente, que levou tudo que eu construí e ainda fiquei mal falada no mundo da música. Das noites que passei chorando, achando que não seria feliz nunca mais e me conformando de que a vida para mim seria sempre daquela forma.

Como ele faz isso comigo? Como ele coloca o coração dele na minha mão desse jeito? Será que sou realmente digna dessa felicidade, desse sentimento bom que invade o meu coração e me deixa mais elétrica do que se estivesse em um show com mais de duzentas mil pessoas cantando junto comigo?

Meus olhos enchem de lágrimas e quando vejo que Apolo vai se levantar com um olhar triste, pulo em seu colo, fazendo-o cambalear para trás

e quase cair.

— Zé Ruela! Como você faz isso comigo? – Pergunto em meio ao meu choro incontido. Beijo seu rosto todo e ele me aperta em seus braços, deitado de costas no chão da cozinha. – Sim. Sim. Mil vezes sim. Seu idiota. Não se faz isso com uma mulher, sabia?

— Eu nunca faço o que é esperado de mim. Não tenho um anel, mas ele logo estará no seu dedo. – Ele me beija com vontade arrancando vários suspiros meus. Terminamos a sessão de amasso na sua cama, que agora me permito dizer que é nossa.

Capítulo 14

Apolo Nóbrega

Na vida, nunca havia me passado pela cabeça que um dia ia sentir no meu coração a necessidade de pedir uma mulher em casamento. Ver Livia no palco sempre despertou meu desejo e mexia com a minha fantasia. Mas daí a trazê-la para minha casa e meus filhos se apaixonarem por ela? Não esperava por isso.

Manuela foi a primeira a se render aos encantos da minha secretária. Pietro foi logo em seguida. Meu filho sabia que ela seria a mulher que entraria na nossa vida para mudar tudo. Até minha forma de pensar sobre ela. Não sei como, mas ele sabia.

Livia Moreira era o que faltava para o meu equilíbrio, minha sanidade. Não percebi, até ela aparecer, e mostrar que tudo na minha vida estava errado. Aceitar que meus filhos precisavam de uma mãe e que eu também precisava de uma esposa foi a parte mais difícil desse processo.

Uma mulher só para dividir a minha cama, mas alguém que quisesse estar comigo todos os dias. Disso eu fugia como se fosse a pior coisa do mundo.

Aguentar as minhas explosões de raiva e crises de ciúmes. Não sabia que era tão ciumento e até que disfarço bem. Livia não é o tipo de mulher que precisa ser salva ou que não consiga resolver seus problemas. Na vez que tentei resgatá-la, ela já havia resolvido o problema e foi exatamente naquele dia que pensei em não deixá-la ir embora da minha vida.

Tem um mês quase exato que eu pedi Livia em casamento. É quase que impensável me ver nessa posição, mas quero dar o melhor para ela.

Mateus não tem me dado folga e entramos em uma rotina bem gostosa. De domingo à quinta, Livia dorme na minha casa. Sexta e sábado, Marisol fica com os meninos e quando termino meu treino, vou direto para o *Sunrise* ver minha noiva cantando.

— O senhor já escolheu? — A atendente me tira dos meus pensamentos. Estou concentrado, olhando a vitrine na minha frente com vários anéis de tamanhos e formatos diferentes.

Já é a quinta vez só essa semana que eu visito uma joalheria. Preciso escolher um hoje. Não sei mais qual desculpa inventar para não almoçarmos juntos. Queria fazer isso antes de ir para o treino, mas quando comecei a demorar demais, Mateus passou a ir me buscar, deixando minha noiva desconfiada.

Passo a mão pelos cabelos.

— Ainda não. — Digo completamente frustrado. A atendente bufa. Olho para ela, arrumo minha postura e caminho para fora, quando uma senhora chama a minha atenção.

— Desculpe senhor, mas será que eu posso atendê-lo? — Sua voz é suave.

— Não gosto de ser mal atendido e a outra funcionária se mostrou bastante insatisfeita e impaciente comigo, por isso vou buscar outra loja. Obrigado por sua atenção. — Viro-me para sair novamente, mas a senhora toma a minha frente.

— Posso só lhe mostrar algumas peças diferentes? — Seu sorriso é amável. — Se depois disso o senhor não se interessar por nada, pode ir em outra loja.

Respiro fundo, mas como ela se mostrou disponível para me ajudar, a acompanho até a sua mesa. Ela pega vários estojos com alianças e solitários dos mais diversos.

— Então, quem é a pessoa de sorte? — Sei que usou esse termo para não me ofender, já que existem todos os tipos de casais. Essa senhora ganhou mais um ponto comigo.

— A mulher mais linda do mundo. — Sem querer abro um sorriso gigante.

— Mulher de sorte. — Ela sorri de volta.

Olhando bem para ela agora, percebo que tem por volta dos seus 40 anos. Alguns cabelos brancos e quase não tem rugas no rosto. Está com uma maquiagem impecável, nada muito exagerado.

— E como ela é?

— É forte, independente, bonita, extrovertida e posso dizer que me dá muito trabalho. Tenho ciência de que ela é muita areia para o meu caminhão.

— Nada que mais de uma viagem não resolva. — Ela pisca o olho divertida. — Eu tenho aqui algumas peças que talvez você se interesse. — A senhora puxa um estojo com vários solitários e meus olhos batem em um que já consigo ver no dedo da minha noiva.

Ele é de prata. O fechamento da peça é feito pela rosa no meio, paralela ao que seria o caule dela. A rosa, por sua vez, é na cor rosé, com um diamante no meio dela e mais alguns pelos dois lados no caule. Perfeita.

— Essa. — Aponto para a peça e a senhora sorri satisfeita. Retiro do bolso um papel com as medidas do dedo dela. — Aqui. — Entrego para a atendente.

— Mais alguma coisa? — Ela pega o papel da minha mão e vai procurando a numeração em outra pasta.

— Sim. Preciso de um par de alianças, mas ainda não faço ideia do que eu quero. Não procuro algo comum, até porque a gente não tem nada de comum. — Sorrio.

— Temos alguns itens aqui. — Rapidamente, todos os estojos que estão em cima da mesa, são guardados e ela coloca outros em seus lugares. Esses têm várias alianças.

— Eu não queria qualquer uma. Quero algo que fale pra ela o quanto eu a amo e que não vou desistir da gente ou que ela desista do seu sonho. — A senhora me olha e sorri.

— Fazemos gravação. Pode escolher uma frase e ...

Enquanto a senhora fala, tenho uma ideia. Se eles fazem gravações, quero fazer uma coisa incrível. Vou mostrar para ela que o mundo dela faz parte do meu. Assim como o meu mundo não existe mais sem ela. Estamos juntos e não abrirei mão de nada.

— Com licença. — A senhora para de falar e me olha. — Eu tenho uma coisa em mente, será que é possível?

A senhora ouve atentamente o meu pedido. Falo para ela tudo que eu quero e ela vai anotando. Escolho o par de alianças que será gravado. Ainda bem que não marcamos a data. A senhora me disse que vai demorar um pouco. Fiz metade do pagamento agora e a outra metade na entrega do produto. Quando a senhora separa o solitário, escolho também uma caixa para coloca-lo tão especial quanto a joia de noivado.

Demoro mais do que o aceitável para o horário de almoço. O que eu vou falar para a Livia? Ela vai ficar muito irritada. Se bem que tem motivos para isso. Nos últimos dias, tenho evitado sair para almoçar com ela na tentativa de achar a joia ideal. Depois de quatro dias de procura, finalmente achei. E só lembrei de ir atrás logo, porque Marisol disse que talvez, Livia estivesse esperando um presente de dia dos namorados. E esse seria o nosso primeiro de muitos.

Fora que não deixava mais o meu celular tão fácil. Nunca me importei de deixá-lo destravado, mas agora, fazendo pesquisa de lojas e de modelos de alianças, não queria que minha Vênus estragasse a minha surpresa para ela. Não estava sendo muito sutil, mas eu não sei como me comportar nesses momentos.

“*Segue o fluxo, meu irmão. Não fica travado. Aja naturalmente.*” Foi o conselho que Marisol me deu. Merda!! Como eu ia agir naturalmente? Droga! Estava nervoso, o pulso acelerado. Parecia que meu coração ia sair pela boca.

Entro no prédio sentindo as minhas mãos suarem. Parece que vou fazer o pedido agora, mas eu já fiz isso. Livia sabe que quero me casar com ela, mas nunca mais tocamos nesse assunto de novo depois do meu pedido.

Desço no andar que trabalho e caminho direto para minha sala. Livia já está em sua mesa e não me encara quando digo boa tarde e passo direto para minha mesa. Abro a gaveta que tem chave, coloco o anel lá e tranco a gaveta.

— O que tem nessa gaveta? – Livia aparece de braços cruzados na minha frente. Pela sua pergunta, acho que não viu o pacote que eu coloquei dentro.

— Alguns contratos importantes. – Respondo sem dar muita importância.

— O senhor está duas horas atrasado. Posso saber onde estava?

Sua sobrancelha está erguida. O que eu posso responder para que ela não queira mais saber de nada? Pigarreio e tenho a solução perfeita.

— Bom, eu fui falar com o corretor de imóveis pra saber se a casa do meu irmão já está desocupada. – Minto descaradamente.

Olho para o chão e percebo seu movimento de descruzar os braços, deixando-os pender ao lado do corpo.

Não é totalmente mentira, mas eu resolvo tudo com ele pela internet.

— E por que não me chamou pra ir junto? – Está totalmente desarmada agora. Ufa! Ela senta em meu colo e acaricia o meu rosto.

— Durante a reunião – que não é mentira, eu fui mesmo – lembrei que os meninos vão passar as férias longe de mim e de você. Aí pensei em irmos nesse fim de semana até lá pra conhecermos onde iremos morar. – Seguro seu queixo e junto seus lábios aos meus. Ela tem gosto de café e de saudade.

— Não me deixe sem notícias. Fiquei preocupada. – Ela fala ao me

abraçar.

— Desculpe. Deixei o celular no carro e estava muito atrasado. – Mentira de novo. Não atendi mesmo, porque sou horrível com mentiras. Mas acho que estou me saindo muito bem.

— Preciso voltar para o meu trabalho. – Liv se levanta e caminha para sua mesa.

Acho que fui bem. Pego meu celular e mando uma mensagem para Marisol.

E aí? Tudo certo?

Minha prima não demora a responder.

Eu devia ter um aumento! Vc tá me explorando d+ nadador!

Não consigo deixar de sorrir quando a vejo me chamando assim.

Não tenho palavras p agradecer.

Tem sim. Pode me dar um aumento. Vários zeros a mais.

Não exagera. Não te pedi nada demais.

Tive que encerrar a minha aula mais cedo. Isso é pedir demais.

Sol, eu já disse que te pago o valor da sua aula. E você não me respondeu.

Tá tudo certo. Já deixei tudo pronto. Que horas vcs vão chegar?

Vamos só pegar as crianças. Ela ainda não sabe que não vou ter treino hj.

Cuidado pra n parecer suspeito demais.

O que quer dizer?

Apolo, vc nunca namorou. Então tem cuidado pra não ficar visivelmente nervoso quando ela chegar perto de alguma coisa onde vc guardou a parada,

tá ligado?

De repente sinto um frio na barriga por imaginar que deixei Livia pensar por um momento que estava escondendo dela, não uma surpresa, mas outra coisa. Levanto os olhos e encontro Liv com a cabeça voltada para o meu lado da divisória. Quando encontra meus olhos, ela levanta rápido, saindo da minha linha de visão.

Será que ela está tendo alguma ideia errada a respeito do que estou fazendo? Não. Livia tem certeza do meu amor, não é?



Depois da conversa com Sol, tentei perguntar alguma coisa para minha noiva, mas ela não saiu do modo profissional em nenhum momento. Realmente cheguei a pensar nisso e tomei outra decisão.

Quando Liv foi ao banheiro, mandei outra mensagem para Sol e pedi que ela fosse buscar as crianças. Mais do que feliz ela aceitou, me acusando de estar deixando-a longe dos meus filhos. Dramática ao extremo.

Terminamos o expediente e puxou minha noiva para o estacionamento. Quando entramos no carro, falo muito sério.

— Precisamos conversar. — Dou partida no veículo e a vejo se encolher.

Merda! A Sol tem razão. Ela deve estar pensando muitas besteiras agora.

O medo dela passa muito rápido, porque joga o cabelo para trás e muda completamente de expressão.

— Tudo bem. Vai me deixar na minha casa? — Seu tom é neutro, mas sei que está desabando por dentro.

— Não, vamos pra *nossa* casa. — Não desvio os olhos da pista.

— E as crianças? — Sua voz não dá uma vacilada.

— A Marisol vai pegá-los. Depois os buscamos na casa dela. — Uso o mesmo tom.

Ainda bem que o prédio da empresa não é tão longe do meu apartamento. Fazemos o trajeto em silêncio. Vou eliminar qualquer dúvida que esteja passando por sua cabeça nesse momento.

Entramos em casa e Lívia corre para o banheiro. Digo para que ela me encontre no quarto das crianças e sigo para lá. Coloco a caixa em cima da cômoda de Malu, onde ela tem várias miniaturas.

Tiro o paletó, a gravata e o cinto. Jogo tudo no chão e sento na cama de Pietro.

Alguns segundos depois Lívia entra. Ainda está usando a mesma roupa, mas suas bochechas estão molhadas.

— Lavou o rosto? – Pergunto já sabendo que não.

Merda! Tomara que ela não me bata.

— Vamos logo ao que interessa, Apolo. – Seu semblante é frio. – Diz logo que encontrou outra pessoa e que você estava enganado quanto ao que sentia por mim.

Cada palavra dela é uma facada no meu peito, pois sinto a dor em cada uma delas. Sei que não é verdade, mas mesmo assim dói. Levanto-me e ando até a cômoda de brinquedos da minha filha. Coloco as mãos nos bolsos. Fico bem ao lado da caixa, que não é bem uma caixa e espero que Lívia me olhe. Quando ela me encara, eu começo.

— Eu não sabia como faria pra dizer isso pra você. Sabia que precisava externar tudo que eu sentia. – A respiração da minha noiva fica acelerada. – Não queria que fosse de qualquer jeito.

— Então fala logo de uma vez. Não precisa ficar dando voltas. – Caminho para ela, que se afasta. Vai exatamente para onde quero.

— Estou procurando as melhores palavras pra dizer isso de uma forma que você entenda e não reste nenhuma dúvida. – Liv abraça os cotovelos.

— O que é isso? – Sei que ela conhece cada uma das miniaturas que Malu possui. Por isso quis fazer isso aqui.

Quando vejo que pegou a caixa/casinha, me ajoelho de novo. Nunca vou cansar de ficar nessa posição para ela.

Liv se vira com a casinha na mão e me olha. Toda a dor e tristeza que vi no seu olhar se transformam em curiosidade e dúvida.

— Lívia, naquele dia, eu não tinha um anel e hoje achei que poderia refazer o meu pedido. – Seus olhos já estão cheios de lágrimas de novo. – Achei também que você ainda não tinha entendido que é minha noiva. Minha

pra sempre. – Devagar ela puxa a casinha para cima e vai revelando o anel que eu demorei tanto para escolher.

Como ela fica estática, repito a minha pergunta de um mês atrás.

— Quer casar comigo? – Ela altera o olhar de mim para o anel umas três vezes. – Vênus? – Chamo devagar e ela balança a cabeça várias vezes e se joga nos meus braços. Já esperando que ela fizesse a mesma coisa, nos deito no chão com mais elegância do que da primeira vez.

— E eu aqui, pensando que você ia terminar comigo, seu *Zé Ruela*! – Ela fala entre soluços abraçada ao meu pescoço.

— Como eu ia mandar embora a parte mais importante da minha vida? – Ela me encara e passa a mão no meu rosto.

— Não consigo acreditar que eu tenho tanta sorte.

— Não é sorte. A gente se merece. – Nunca tinha ouvido essa frase de uma forma boa, mas realmente nós dois nos completamos e o que eu mais quero na minha vida é dividir tudo com ela.

Aliso seu cabelo e ela me beija com ternura. Só um encostar de lábios. Aos poucos, minha língua vai reivindicando todos os espaços, explorando cada canto de sua boca. Liv estreme em meus braços.

— Eu te amo, minha Vênus.

— Eu te amo, *Zé Ruela*.

— Ah, é assim? – Começo a fazer *cosquinha* em sua barriga, que rapidamente sai de cima de mim e corre para o nosso quarto. Quando a alcanço, jogo-a na cama e prendo seu corpo com o meu.

— Não poderia viajar sem fazer você entender que nunca vou sair da sua vida. Você faz parte dessa família. Pode se acostumar com isso.

— Quando você começou a ficar estranho, falando pelos cantos e com cochichos, fiquei insegura. Nunca tinha visto você daquele jeito. As coisas pioraram quando você começou a almoçar sozinho. *Me* senti tão triste e sozinha. Achei mesmo que tivesse repensado essa história de casamento e ia terminar tudo antes de ir pra Coreia do Sul. – Beijo seus lábios quando termina de falar.

— Só se eu fosse doido pra deixar você solta por aí. Tinha que marcar meu território de algum jeito.

— Agora eu sou um poste que precisa ser marcada? – Ela ergue a sobrancelha me acusando de ser possessivo.

— Lógico. – E beijo sua boca de novo. – Ah, falta uma coisa. – Levanto, pego a caixinha da sua mão e tiro o anel de dentro. Vou no quarto

dos meus filhos e a deixo lá. Volto para minha Vênus que ainda está deitada esperando. Ajoelho novamente e pego sua mão esquerda.

— Prometo sempre fazer a coisa certa, mas de uma forma completamente inesperada. — Liv tira sua mão da minha, antes que eu tenha a oportunidade de colocar o solitário.

— Eu não disse que aceito. — Meu coração dá uma vacilada. Engulo em seco, e Liv abre o maior sorriso para mim. — *Tá* vendo como é ruim?

— Você me deu um susto muito grande agora. — Sinto meu coração batendo desesperado. Respiro aliviado.

— Tinha que me vingar. Você me fez sofrer muito. — Cruza os braços e faz um bico. Puxo sua mão esquerda de volta e coloco a aliança em seu dedo anelar. Ficou perfeito. Quando subo em cima dela, Liv espalma a mão no meu peito.

— E o treino? Você não pode faltar.

— No meu primeiro dia dos namorados com você, não vou passar longe dessa cama nem a pau.

— E as crianças?

Ver sua preocupação por meus filhos só confirma que estou tomando a melhor decisão da minha vida.

— Primeiro a gente *brinca* e depois a gente passa na casa da Sol pra buscar eles. — Sorrio sacana e vejo seus olhos brilharem. — Agora se prepare que haverá represália. — Termino de tirar a minha roupa e a dela.

— Feliz dia dos namorados. — Falo em seu ouvido.

— Feliz primeiro, de muitos, dia dos namorados. — Liv segura meu rosto e beija meus lábios.

Compartilhamos momentos íntimos entre comer o que a Sol comprou para o nosso jantar de noivado e mais momentos únicos. Quero repetir a dose antes de viajar. Tê-la em meus braços é sempre o paraíso.

O fim de semana chegou e passamos o dia todo na casa gigante do meu irmão. Está mais para um palácio, mas as crianças ficaram muito felizes em pisar aqui de novo. Acho que a decisão de nos mudarmos foi a mais correta. Lívia fica encantada. Mostro a ela o meu quarto. Sim, eu ainda tinha um quarto na casa de Dante, mas claro que não ficou nada. A maior parte das coisas foi vendida e as que não consegui vender, foram para um depósito.

— Apolo, essa casa é linda! — Minha noiva fica maravilhada com a beleza desta casa.

Malu e Toro aproveitam o dia de sol na piscina. Meu irmão pensou

em tudo. Essa piscina tem controle de profundidade. Quando somente as crianças estão lá, podemos colocar uma parede para não deixar que eles nadem para o fundo. Quando não tem adulto perto, Dante sempre cercava a parte funda. Sempre se preocupando com os filhos.

— Que bom que gostou, pois agora ela é sua também. – Beijo seu pescoço e vejo os pelos de sua pele arrepiar.

— Entra na água, papai! – Malu joga água em nós. Tiro meus óculos de sol, fingindo uma indignação que não sinto de verdade.

— Vocês vão ver uma coisa. – Pulo na água e começamos uma brincadeira saudável.

Alguns minutos depois, Liv se junta a nós e não poderíamos ter um fim de semana melhor.

Quando voltar da competição, vamos nos mudar. Falta só a minha noiva saber disso.

Por falar nisso, temos que informar aos meninos que vamos nos casar, se bem que não será um problema para eles.



— Você tem que deixar! – Falo mais alto do que deveria, chamando alguns olhares para nossa mesa.

Voltamos ao assunto dos vídeos, pois ela ainda não deixa que eu grave as suas apresentações.

— Apolo, fala baixo. – Ela olha para os lados como se estivesse fugindo da polícia. – Não vou deixar você continuar me filmando. Vou proibir a sua entrada no *Sunrise*. – Lívia continua comendo.

— Meu amor, você não pode continuar se escondendo!

— Não estou fazendo isso. – FRANZO CENHO.

— Então por que você não quer gravar?

— Não quero falar sobre isso aqui, Apolo.

— Promete que a gente vai conversar quando chegarmos ao escritório? – Faço a minha melhor cara de cachorro abandonado. Ela suspira.

— Tudo bem. – Comemoro silenciosamente e ganho um revirar de olhos.

Como o mais rápido que consigo.

— Come devagar. – Ela me olha com uma certa raiva. Acho que não quer me contar, mas de hoje não passa. Eu viajo hoje à noite e não quero ir sem saber disso.

Pensamos em deixar os meninos no acampamento de férias, mas Livia não quer passar tanto assim longe deles e como eu já fiz a inscrição deles, vamos ligar para saber se existe a possibilidade de trocarmos o pacote. Nunca passei tanto tempo longe deles e isso quase quebrou meu coração. Acho que ficarei melhor se Livia ficar com eles.

Terminamos o almoço e a arrasto para nossa sala. Ainda temos 30 minutos de folga. Cruzo meus braços e a encaro. Ela suspira e espero pacientemente que ela comece.

— Senta. – Minha noiva aponta para a cadeira na frente da minha mesa. Faço o que ela pede.

— Pronto.

— Eu não acho que posso ter tudo. – Continuo ouvindo com atenção. – Acho que eu tenho que decidir. Ou uma família ou a minha carreira e eu escolho minha família. – Uma lágrima escorre por seu rosto, mas ela enxuga depressa.

— Mas ... – Minha noiva não deixa que eu conclua o pensamento.

— Eu não terminei. – Calo-me novamente. – Nunca fui feliz por completo. Sempre tive metade de qualquer coisa. De um pai, de um trabalho e quando consegui meu emprego no bar, achei que só teria aquilo, principalmente depois do que eu passei com o meu ex. – Liv revira os olhos. – Acho que a fama que eu tenho no bar é o mais perto que eu vou chegar de um sucesso. Então você me chamou pra dividir a vida com você, e vejo essa como a maior e melhor oportunidade que tenho de ser feliz com uma família. – Minha noiva olha distraidamente para o anel em seu dedo esquerdo. – Não acho que possa ter os dois.

— Quem disse isso? – Pergunto.

— A vida. – Ela ainda não me encara.

Levanto da cadeira, emolduro seu rosto com minhas mãos e o viro para mim. Sua expressão é de tristeza, mas ao mesmo tempo felicidade. Não

consigo descrever qual deles é mais forte, mas não vou permitir que a primeira leve a melhor.

— Lívia, estou te devolvendo o que fez por mim. Quero mostrar para o mundo o seu talento.

— E se eu não tiver esse talento que você tanto fala? – Seus olhos estão cheios de pesar.

— Você tem. *Me* dá essa chance de te provar? Se não tivermos o retorno que eu espero, eu paro. – Minha noiva me encara e vejo uma batalha interna sendo travada. Quase consigo enxergar as engrenagens do seu cérebro funcionando.

— Não pensa demais. Por favor. Se não der certo, a gente para. Eu só quero tentar. Quero mostrar pra você que vai ter alguém interessado no seu trabalho!

— Eu fiquei mal falada no mundo da música, Apolo.

— E eu no mundo dos esportes. Você acha que não recebi mensagens desaforadas? Que me chamaram de frouxo e de medroso? Mesmo passando pela morte do meu irmão e tendo que virar pai de duas crianças, as pessoas não tiveram empatia comigo. E agora você não vai estar sozinha. Eu estou aqui.

Vejo seu sorriso se abrir e chegar até seus olhos. Não posso deixar que ela desista de algo que faz parte da essência dela. Quero ao menos tentar.

— Tudo bem. – Sorriso largo e abraço-a pela cintura. – Mas se não der certo, a gente para.

— A gente para. Pode deixar. – Beijo seu rosto e a coloco no chão.

Depois dessa conversa, passamos as próximas horas mergulhados nos contratos da Marino. Liv já entendia tudo sobre o funcionamento da empresa, mais até do que o esperado para a secretária do dono. Isso me deixou orgulhoso, por saber que ela não vai deixar de auxiliar Gabriel na minha ausência. E já o deixei a par de tudo que vai acontecer nas três semanas que passarei fora.

Gabriel Ávila abriu o maior sorriso do mundo quando disse que ia voltar para a piscina. Disse que já não era sem tempo e que Lívia não ia ficar desassistida. Daria todo suporte para ela, ajudando em tudo que ela precisasse. Ainda bem que conversei com meu sócio mês passado, se não, estaria com mais ciúmes do que agora.

Não preciso nem contar que ele voltou a ficar radiante quando Liv mostrou o anel de noivado.

Passamos o dia juntos e revendo todas as atividades que aconteceria na empresa nas próximas semanas. Disse que se precisasse de alguma coisa, era só correr para Gabriel, que ele sabia de todas as empresas que iríamos comprar e que estavam em negociação. É importante que ela saiba, pois até então os contratos só chegavam na mão dela depois de assinados.

Precisamos manter todos os contratos que fechamos, para que, daqui a um ano, eu possa deixar tudo nas mãos de Gabriel.

Antes de Livia, não tinha mais a intenção de abandonar a empresa. Iria ficar velho à frente da Marino, mas depois dela, uma luz se abriu para mim, informando que agora eu poderia continuar minha carreira, embora fosse por pouco tempo. As crianças iam ficar bem, ainda mais agora que tenho uma pessoa maravilhosa ao meu lado e sei que quando ela ganhar asas, vamos visitar o mundo todo.

Acho que agora posso viajar tranquilo.

Capítulo 15

Livia Moreira

E sem que eu me desse conta, a segunda-feira acabou. Assistir Apolo arrumar sua mala depois de um dia inteiro de trabalho foi mais difícil do que eu pensei.

Quando preparamos Manuela e Pietro para as férias de verão de manhã, fiquei com o coração muito apertado e por isso perguntei ao pai delas se poderíamos mudar o horário deles. Apolo permitiu e assim que tive uma folga, liguei para lá e mudamos. Já que eles são pequenos não tivemos muita dificuldade na alteração. Assim, eles podem passar o dia todo em atividades no acampamento e vêm dormir em casa. Essa informação deixou meu coração mais leve.

E como o voo do Apolo seria agora à noite, pedi que Marisol os pegasse e os levasse para a sua casa. Apolo já havia se despedido deles pela manhã. Não ia conseguir fazer isso duas vezes no mesmo dia. Tinha certeza que ficaria muito abalado.

— Estou pronto! – Apolo fala, me tirando dos pensamentos em que divagava. Ele suspira cansado e coloca as mãos nos quadris olhando para baixo. Chego mais perto e levanto seu rosto.

— Não precisa se preocupar. A gente vai ficar bem. – Refiro-me aos seus filhos também. Agora que sou sua noiva, sinto uma responsabilidade com essas crianças como se fossem minhas.

— Eu sei que vão, mas não queria ficar tão longe por tanto tempo. – Meu noivo me puxa para um abraço.

— Vai dá tudo certo. Quero que você dê o seu melhor. Pelos meninos e por mim. – Sorrio.

— Você é a melhor pessoa que eu já encontrei na vida.

— Então, trata de voltar com todas as medalhas. – Falo sorrindo e o meu telefone toca. Olho no visor e vejo o número de Gabriel. – Fala, senhor Ávila. – Apolo me encara preocupado. Reviro os olhos.

Esse dia foi bem intenso e de certa forma, nos aproximamos mais. Gabriel é um homem bem agradável, fácil de lidar. Não tivemos problemas, a

não ser quando meu noivo e ele se estranhavam. De brincadeira, mas ainda me deixa incomodada.

— *Boa noite, senhorita Moreira, futura senhora Nóbrega.* – Não deixo de sorrir como uma idiota quando ele fala desse jeito. – *Ele já foi?*

— Ainda não. – Falo olhando para Apolo.

— *Deixa eu falar com ele rapidinho, por favor?*

— Claro. – Aponto o telefone para o meu nadador preferido. – Pra você. – Ele franze o cenho, pega o aparelho e coloca no ouvido.

— Só quero deixar claro que não gostei nada de você ter ligado pra minha noiva. – Meu estômago dá voltas quando o ouço falar dessa forma. – Não é desculpa. – Ele se afasta e vou atrás da minha bolsa para que possamos pegar o carro para ir ao aeroporto.

Hoje mais cedo, Apolo me convenceu a gravar mais vídeos para postar nas redes sociais e plataformas digitais, mas algo me diz que ele já tem uma infinidade de apresentações minhas no seu telefone. Pelo menos ele esperou que eu concordasse com essa loucura para me expor. Sinto uma vergonha enorme só de pensar que pessoas aleatórias vão me ver cantando e fazendo minhas performances estranhas.

Enquanto estou perdida em pensamentos de novo, Apolo retorna para o quarto me devolvendo o aparelho. Tento não parecer tão nervosa.

— E aí? O que ele falou? – Guardo o telefone na bolsa.

— Ele só disse que está com todos os contratos arrumados e com o título de sócio, ele pode resolver qualquer problema enquanto não estiver aqui.

— Mas você é o sócio majoritário, Apolo. E se for algo que só você pode resolver, o que faremos? – Cruzo os braços, o modo profissional ativado.

— Ele tem uma procuração que resolve inclusive essa parte. – Ele passa a mão pelos cabelos.

— Então, por que você não foi viver a sua vida mais cedo?

— Ele disse que não ia usar essa carta de jeito nenhum. Disse que eu precisava colocar o pé no chão e saber o que fazer da minha vida. Aparentemente, ele queria que eu encontrasse você. – Ele me puxa para os seus braços – Minha Vênus. – Apolo beija meus lábios com paixão. Começa a passear suas mãos por meu corpo e lembro da noite ardente que tivemos. Separo-me dele com muito custo.

— Não começa, que você tem um avião pra pegar. – Ergo a

sobrancelha.

— Tá certo. – Pega a sua mala de cima da cama e caminha para a porta.

Sei que ele não está indo embora para sempre e que vai voltar, mas meu peito dói muito, como se ele estivesse levando um pedaço do meu coração. Apolo desaparece na porta e saio correndo até ele, o pegando de surpresa com um abraço bem apertado por trás.

— Promete que vai ligar todos os dias? – Ele passa a mão na minha e me vira gentilmente.

— Todos os dias. Ao meio dia e à meia noite. – Beija minha testa.

Ainda não saímos de casa e já me sinto abandonada. Meu coração bate descompassado, como se quisesse ir com ele.

— Amor, não vou embora pra sempre. Meu coração, minha vida, minha razão de viver estão aqui. Nunca daria as costas pra vocês. – Apolo intensifica o abraço.

Lágrimas quentes escorrem por meu rosto.

— Eu te amo muito. – Consigo dizer entre um soluço e outro.

— Não mais do que eu te amo. – Ele puxa o meu rosto e beija meus lábios.

Não tem gosto de despedida ou de partida, tem gosto de recomeço e felicidade.

Apolo enxuga minhas lágrimas e beija cada um dos meus olhos.

— Vamos? Se não eu desisto de tudo e levo você pro quarto e a gente não sai de lá hoje. – Seu sorriso sacana aparece e sei que fala a verdade. Recomponho-me e caminho para a porta.

— Nada disso. Eu ainda tenho que buscar as crianças. – Passo pela porta e sou seguida por Apolo.

— Medrosa.

— Não é medo. Eu sei que a sua proposta é verdadeira. Não quero que desista dessa viagem por causa da minha sessão de choro. – Passo a mão no rosto novamente. Ouço seu sorriso. – Que horas você vai chegar lá?

— Agora são seis da noite, o voo saí as sete e quarenta e cinco ... – Ele pensa um pouco. – Não faço a mínima ideia. – Fala dando de ombros quando entramos no elevador.

— Apolo!

— Que foi? Não vou mentir. – Meu noivo me agarra pela cintura, beijando minha cabeça. – Não faz ideia de como eu vou sentir a sua falta.

— Não vai nem lembrar de mim. – Reviro os olhos.

— Impossível! Não tem piscina ou mundial no mundo que vá me fazer esquecer de vocês. – Fico arrepiada dele estar sempre me incluindo na sua família, me deixando em um nível igual ao dos seus filhos. – E ficou certo mesmo de que você vai dormir aqui com eles?

— Sim. Até você voltar pra gente se mudar pra casa que era no seu irmão.

— Queria fazer isso agora nas férias. – Franze o cenho.

— Quer que eu providencie isso? – Pergunto. Sei que não importa a sua resposta, eu vou fazer a nossa mudança.

Apolo deixou um cartão que eu vou poder usar da forma que eu quiser. Sendo assim, vou fazer isso.

— Não. A gente vê quando eu voltar. – Ele me olha desconfiado. – Não vai inventar nada.

— Não. De jeito nenhum. A gente se muda quando você chegar de viagem. – Sorrio na tentativa de expressar toda a verdade que quero fazê-lo acreditar.

— Tá certo. – Ele responde e chegamos no térreo.

Seguimos para o nosso destino e nada mais de lágrimas da minha parte. Chegamos no aeroporto com tempo de sobra para que ele fizesse o *check in* e embarcasse sem maiores problemas. Apolo me dá uma última olhada antes de sumir no corredor que o levará para a aeronave rumo ao seu sonho.

Uma copa.

Bem, não é exatamente isso, mas é uma competição que vai dar o crédito que ele precisa para garantir a sua vaga nas Olimpíadas do ano que vem. Quando não o vejo mais, uma lágrima desce por meu rosto, que trato de limpar e me dirigir para a casa de Marisol.

Chego e sou recebida com muita alegria. Pietro se pendura no meu pescoço e Manuela faz carinha de choro. A seguro o colo junto com seu irmão e seguimos para casa. Mantenho a mesma rotina que viemos segundo, com a diferença que não teremos Apolo junto.

Pietro pergunta pelo pai e quer chorar, mas o distraio e ele logo esquece. Como eu estava os colocando para dormir, eles não sentem tanta falta assim. Isso me deixa feliz. Pergunto-me onde ele está e quanto tempo vai demorar a sua viagem.

Vencida pela curiosidade entro no site onde ele comprou a passagem

e vejo que são 45 horas e 5 minutos de duração, com duas escalas. Ainda bem que eu baixei alguns livros no telefone dele. Esperto que goste. Sorrio imaginando a cara que ele vai fazer quando descobrir que vai demorar a chegar lá. Como ele não lembrou de olhar o tempo de voo? Muito cabeça de vento, meu noivo.

Daqui a 13 horas ele vai estar em Paris. Pena que não fui com ele. Queria conhecer a Torre Eiffel. Fica para uma outra vez. Amanhã de manhã eu ligo para ele, pois vai estar na França às 09 horas. Já estou morrendo de saudade.

Sou vencida pelo sono e me direciono para nossa cama. A primeira vez que irei dormir aqui sem ele. Sou atingida por uma melancolia que me faz dormir chorando no travesseiro. O que é ridículo, já que ele vai voltar.

O dia começa e nossa rotina continua. As crianças perguntam por seu pai e explico que ele ainda está no avião. Eles fazem um muxoxo, mas entendem. Vamos para o acampamento e uma senhora os recebem. Deixo com ela o meu número de telefone para o caso de alguma emergência. Dirijo-me para a empresa. O primeiro dia das três semanas que passarei sem o meu namorado, noivo, companheiro, cúmplice, meu amor. Sei que vou sobreviver, sabia que não ia ser fácil, por isso mesmo, levanto a cabeça e sigo em frente.

Ao chegar no meu posto, fico me sentindo deslocada, porque não sei se devo continuar aqui ou se vou para o escritório do Gabriel. Já que temporariamente serei sua secretária.

Uma coisa curiosa aconteceu. Não sofri represálias dos outros funcionários por estar namorando o dono. Se bem que desconfio que as pessoas não saibam que ele é o proprietário dessa empresa.

— Lívia? – A porta se abre, revelando um Gabriel preocupado.

— Oi! – Respondo.

Ele entra na sala e fecha a porta atrás de si, colocando as mãos nos bolsos do paletó.

— Quero dizer que estou muito orgulhoso de vocês. Eu achei que nunca mais ia ver o Apolo como eu o vi nas últimas semanas. Aquele sim é o irmão mais novo do meu melhor amigo. E quero dizer que estou muito feliz por ser você a mulher que estará ao lado dele nos momentos que ele mais precisar.

Vejo seus olhos brilharem e não me aguento. Dou a volta na mesa e abraço o empresário a minha frente, que tem um grande carinho pelo homem

que amo.

— Obrigada, Gabriel. – Ele retribui o abraço.

— Desculpe. Não queria dar esse vexame, mas não consegui me conter. – Ele funga e o encaro.

— Não é vergonha nenhuma expressar seus sentimentos. – Gabriel sorri fraco, enxugando suas lágrimas.

— Bom, o que eu vim mesmo fazer aqui foi perguntar se você quer ficar na minha sala, já que o seu chefe não está aqui.

Sorrio para ele e beijo sua bochecha.

— Obrigada. Será uma honra. – Pego todas as coisas que vou precisar. Sigo Gabriel pelo corredor até a sua sala.

Gabriel preparou uma mesa para mim.

— Mesmo estilo? – Falo me referindo ao que Apolo fez na sua sala.

— Achei que poderia ficar desconfortável do lado de fora. – Ele dá de ombros como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Se não for lhe atrapalhar ...?

— De jeito nenhum. É uma honra ter a minha cunhada aqui. – Ao terminar a frase, meu novo chefe comprime os lábios. – Quer dizer ... – Vai se explicar, mas para no meio, pois estou bem sensível hoje. – O que houve? – Ele se assusta e chega mais perto. Sinto lágrimas descenderem por meu rosto mais uma vez. – Está machucada?

— Não, é que eu fico feliz de saber que você tem o Apolo como um irmão. – Falo entre um soluço e outro. – Droga. Disse que não ia mais chorar hoje. – Fungo e Gabriel me abraça.

— Não falo isso pra todo mundo, mas Dante era o meu melhor amigo e o considerava com um irmão. Quando ele se foi, não deixou só o Apolo órfão. Deixou a mim também. – Olho para o seu rosto. Gabriel tem os olhos cheios de emoção.

— Até pensei em assumir os filhos dele, mas não poderia fazer isso com Apolo. – Caminha para a sua cadeira e se senta. – Ele precisava mais dessa função de pai do que eu. Não me meter nessa história foi a minha melhor decisão. Ele estava muito arredio. Não deixava ninguém ajudar. Quando ele falava que não teve ajuda de ninguém, eu me calava, pois todas as vezes que eu me aproximei pra ficar com os meninos por pouco tempo que fosse, ele me rejeitava. – Gabriel olha para cima e suspira. – Ainda bem que você chegou. – E sorri para mim.

Esse homem, sem que o meu noivo soubesse, desejou o seu bem e

sempre esteve ao seu lado, como um verdadeiro irmão. Não se importando com a forma que estava sendo tratado. Porque ele sabia que Apolo precisava de ajuda, mas com medo dele se perder mais ainda, não forçou a barra.

— Você é o homem mais generoso que eu já conheci. – O executivo me olha. Não sei explicar, mas sinto uma conexão com ele, como se fosse meu irmão também.

— Não sei de onde eu tirei isso tudo, já que sou sozinho no mundo desde que eu me entendo por gente. – Sento-me à mesa, assim como Gabriel.

— Como assim? – Começo a arrumar a minha mesa.

— Eu passei a vida toda em um orfanato.

— Jura? Eu também, quer dizer, eu fui adotada, mas antes não tivesse sido. – Vejo os lábios de Gabriel se comprimindo. Também vejo surpresa em seu rosto.

— Você foi maltratada pela sua família adotiva? – Há uma pitada de raiva em sua voz.

— Mais ou menos. – Baixo a cabeça e arrumo distraidamente os papéis sobre a mesa. – Não posso dizer que foi maltrato, mas não tive carinho ou fui amada. Sempre esperando as migalhas que o Afonso poderia me dar, mas já passou. – Quando levanto os olhos, vejo Gabriel enfurecido. – Não precisa ficar assim. Eu estou bem. – Tento sorrir para tranquilizá-lo, mas parece que não adianta muita coisa.

Ele se põe em pé e caminha para a porta.

— Eu preciso sair um pouco. Já volto. – E sai, me deixando com várias perguntas sobre o seu comportamento.

Apolo ficou transtornado também quando soube da minha história, mas não esperava que Gabriel tivesse uma reação parecida.

Às dez horas da manhã, meu telefone toca e já imagino que seja o amor da minha vida. Quando vejo seu nome saltando na tela do meu telefone, meu coração bate acelerado. Pego meu fone de ouvido e vou caminhando para a nossa sala, aproveitando que Gabriel não está aqui.

— Oi, meu amor. – O rosto angustiado dele me deixa preocupada.

— *Nunca mais deixe eu não te escutar.* – Coloco a mão na boca escondendo meu sorriso.

— Como assim? – Chego à nossa sala e me sento na sua cadeira apoiando o celular em cima da mesa.

— *Trezas horas preso naquele espaço com um livro água com açúcar. Meu amor, desculpe. Não precisava me maltratar desse jeito.* – Rio

na cara dele. – *E só pra você saber, eu não gostei do Adam.* – Continuo gargalhando da cara dele.

— Ei, eu não te maltratei, tá? Baixei outros também. Olhe na sua biblioteca.

— *Vou olhar, mas quero que sabia que não estou feliz com isso e que vai ter troco.* – Gargalho mais uma vez.

— Quem mandou não levar a gente? – Ergo a sobrancelha pra ele.

— *Devia ter olhado a escala desse negócio e o tempo de voo.*

— Apolo, como que você comprou os bilhetes, selecionou a volta e não viu nada disso?

— *Eu olhei, mas não associei que ia demorar tanto. Achei que ia chegar lá em, sei lá, cinco horas.*

— Cinco horas? – Rio alto de novo. – Como em cinco horas se você vai para uma competição do outro lado do mundo, meu amor?

— *Sei lá. Acho que estava muito empolgado de voltar a competir. Comprei tudo de madrugada.*

— Ontem à noite, eu entrei no site e vi o tanto de tempo.

— *Você viu, né? Acho que vou ficar deprimido.* – E agora faz um biquinho de tristeza.

— Apolo, você vai passar três semanas sozinho.

— *Pois é. Devia ter trago vocês. Droga!* – A vontade que eu estou de passar a mão no rosto dele e acalma-lo é enorme.

— E onde você tá agora?

— *Um lugar que eu quero conhecer com você. Paris.*

Sentir o amor desse homem é mais assustador do que eu pude imaginar. Sempre quis um namorado decente, mas nunca imaginei ele viria com uma dose de intensidade tão grande assim. Apolo domina tudo à minha volta.

— *O que foi?* – Ele pergunta e eu pisco voltando ao presente.

— *Tava imaginando como seria conhecer essa cidade com você.* – Falo com um sorriso sonhador nos lábios.

— *Não precisa imaginar muito. Ano que vem a gente passa a lua de mel aqui.*

— Deixa de ser maluco. A gente ainda não marcou a data do casamento.

— *Por mim, a gente vem pra cá sem casar mesmo.* – Seu sorriso verdadeiro aquece meu coração. Mudo de assunto.

— Que horas você vai pegar o próximo voo?

— *Bom, no horário local, as 18:10hs. Que horas são aí?*

— Agora são 10:50hs.

— *Ainda faltam quase 30 horas de viagem e eu estou quase enlouquecendo.* – Ele suspira e eu tenho vontade de passar pela tela e abraçar seu corpo forte, que tem crescido mais a cada dia de treino.

— Vai passar rápido. A gente se vê em breve.

— *Assim eu espero. A pior parte vem agora. Daqui a pouco, vou entrar em outra aeronave e só vou sair de lá 18 horas depois. Já tô sentindo minha bunda doer.* – Gargalho alto. – *Saudade do seu toque, da sua boca ...*
– Não deixo que ele continue.

— Apolo Nóbrega. Pode parar.

— *Tá bom. E como estão as coisas por aí? Os meninos deram trabalho?*

— Nenhum. Eles são dois anjinhos.

— *Se os anjinhos virarem demônios, pode chamar a Sol. Ela vai ter o maior prazer em te ajudar com eles.*

— Pode deixar. Não se preocupe com nada.

— *Se você diz. Bom, eu preciso ir pra área do meu embarque. Um beijo, meu amor. Te amo.*

— Também te amo. – E encerramos a ligação.

Passo um tempo olhando para o teto pensando como eu tive sorte de ter encontrado alguém como ele na minha vida. De tantos babacas que eu já namorei, Apolo é o príncipe com o qual eu sonhei quando criança.

Volto para a sala, mas Gabriel ainda não retornou. Continuo com o meu trabalho e não vejo a hora passar.

Quando meu chefe substituto finalmente volta para a sala, seu semblante está mais calmo, mas ainda consigo ver a chama de uma raiva escondida. Ele demorou muito a voltar, estamos quase na hora de almoço.

Procurro não perguntar o motivo pelo qual ele saiu daquele jeito e foco em outra coisa.

— Gabriel, tem um termo nesse contrato aqui que eu não estou entendendo. – Pego o documento e me aproximo dele.

Meu novo chefe pega o papel que lhe estendo e analisa a parte que eu apontei. Totalmente profissional. Diferente de algumas horas atrás.

Quando fazemos uma pausa, Gabriel pergunta se tenho alguma notícia do meu noivo e falo que Apolo não sabia do itinerário dele. Também

contei que ele não sabia a quantidade de tempo que ia passar viajando.

— Bem a cara dele fazer esse tipo de coisa. Pra você ver. Uma vez ...
— Gabriel começa a falar sobre as histórias engraçadas do Apolo. De como ele não sabia de nada de empresa e que se estressava com facilidade. Foi por isso que ele ficou “bem falado” pelos corredores. Rimos muito às custas do meu amor.

Depois do almoço, ele me explica o que acontece e tudo que eu preciso saber. Terminamos o dia com várias análises de contratos concluídas, faltando só a reunião para aprovação das compras. Outras pendências também foram resolvidas. Marquei várias reuniões e Gabriel confirmou todas elas.

Ao final do expediente, vamos embora no mesmo horário e passo no acampamento para pegar meus pequenos.

Antes de Apolo ir, tivemos uma conversa com os dois e eles, aparentemente, entenderam que ficariam comigo de noite e pela manhã no acampamento. No primeiro momento eles ficaram felizes. Espero que nada tenha mudado.

Disse que se eles não quisessem ficar comigo, chamaria a Sol para passar esses dias com eles, mas na hora que sugeri isso, os dois pularam em cima de mim, dizendo que estava tudo bem em ficarmos só nós três. Nem preciso comentar que eu chorei horrores nessa hora.

Quando chego ao local indicado, vejo vários pais pegando seus pequenos e já vasculho o espaço com os olhos e encontro a cabecinha escura de Pietro, ao lado de uma menina com os cabelos mais claros. São meus dois pontinhos de amor.

— Toro! – Grito e vejo seu corpo virar na minha direção e vir correndo, seguido de Malu. Os dois se chocam contra mim, quase me derrubando no chão.

— Que bom que você chegou, mamãe. – Malu fala.

— Eu disse que ela vinha. – Toro enfatiza, mostrando para a irmã que não havia a possibilidade de eu não vir.

— É claro que sim. – Quando respondo, um rapaz alto aparece no meu campo de visão e sinto o ar me faltar. Levanto-me e seguro firmemente nas mãos dos meus filhos, os colocando para atrás. Tento manter a calma.

— Ora, ora. – Ele cruza os braços e me olha de cima a baixo. – Não sabia que você tinha filhos. – Olho atentamente para suas roupas e posso ver que ele é um dos responsáveis pelas crianças.

Meus filhos nunca mais colocam os pés nesse lugar de novo.

Capítulo 16

Apolo Nóbrega

Não temos nem um ano de namoro e eu já estou com o coração partido.

Viajar sempre foi ótimo para mim, mas nunca pensei que quando fosse voltar às competições teria que ir para o outro lado do mundo, deixando minha noiva e meus filhos aqui. Sem contar que não faço ideia de quanto tempo vou passar nesse avião.

Ao me acomodar no meu assento, procuro saber quanto tempo vou passar aqui dentro.

— Moça, com licença. Boa noite.

— Boa noite. – A comissária de bordo me atende.

— *Me diz uma coisa: quantas horas vão durar esse voo?*

— Aproximadamente 13 horas. – Ela fala com um sorriso e só consigo sentir náuseas.

— E que horas a gente pousa na Coreia do Sul? – A moça faz uma expressão de desentendimento.

— Na verdade, esse voo vai apenas para Paris. Provavelmente, quando desembarcarmos na França, o senhor pegará outra conexão. – Ela estende a mão para mim. – Posso ver a sua passagem?

— Claro. – Entrego o passaporte e bilhete para ela.

A comissária analisa os meus documentos e me responde com um sorriso.

— Aqui diz que o senhor tem 45 horas de voo. Descendo em Paris e depois pegando um avião para Coreia. – Não acredito que é isso tudo! – A boa notícia é que vai poder conhecer um pouco de Seul. Lá, o senhor fará uma conexão de 8 horas. – E lá está aquele sorriso simpático estampado em seu rosto de novo.

— Oito horas? – A minha angústia é quase palpável.

— Sim, e como vai chegar lá à noite, vai poder frequentar os bares e restaurantes. – Sei que ela está tentando ser simpática.

Imediatamente me arrependo de não ter escutado o que minha noiva

disse. Que poderíamos vir todos juntos. Gabriel poderia cuidar de tudo na nossa ausência, mas eu quis ser prático e agora vou sofrer por 45 horas.

— Deseja mais alguma coisa? – Não tenho mais palavras e só balanço a cabeça em negativa. Ela sorri levemente, me devolvendo meus documentos para se afastar.

Fazendo os cálculos por cima, vou chegar à cidade que acontecerão os jogos na madrugada de quinta-feira. E não trouxe nada que me distraia. Vai ser um tédio só. Sem falar que não vou poder sair desse lugar, a não ser para ir ao banheiro, pelo menos pelas próximas 13 horas, até chegar em Paris. Olho meus documentos e vejo que terei uma conexão de 3 horas no aeroporto da França, Chales de Gaulle e mais 18 de voo até Seul. De lá, depois de uma espera de 8 horas sigo para o meu destino final.

— Desliguem os seus celulares durante a decolagem, por favor. – A aeromoça que me ajudou nos orienta e faço como ela pede. Ainda com raiva de mim, por não ter trago algum jogo. Vou ter que me contentar um com livro de romance que a Lívia baixou no meu celular. Por que eu mesmo não fui atrás de baixar um? E se eu terminar ele antes de chegar? Tomara que tenha várias páginas.

Algumas pessoas continuam entrando e se acomodando em seus assentos e a pessoa que vejo seguindo pelo corredor vai fazer com que as minhas 13 horas se transformem em um verdadeiro caos. Respiro fundo e desvio o olhar, rezando para todos os Santos para que ela não me veja.

— Apolo Nóbrega? – Parece que não tem nenhum Santo de plantão.

— Alicia Medeiros. – Falo sem um pinga de emoção na voz.

— Nossa! Você era mais agradável. – Ela se apoia na cadeira da frente.

— Sim, eu era. – Suspiro sem encarar seu rosto. Por que o passando sempre aparece para azedar o nosso presente? Arrependo-me de cada burrada que fiz, começando por essa moça.

— Queira se sentar, senhorita. – A comissária a aborda.

— Claro! – Ela se aperta entre a poltrona da frente e a minha, para sentar ao meu lado. Suspiro novamente.

— A minha sorte não poderia ser maior. – Falo com sarcasmo.

— Nem sabia que você ia para essa competição. Está afastado por tanto tempo, que é quase um milagre você por aqui.

— O Mateus devia ter me avisado sobre você. – Falo entredentes.

— O Mateus ainda é o seu técnico?

— Não é da sua conta.

— É ... faz sentido ele ainda ser seu treinador. Foi por causa dele que você ficou melhor do que eu. – Ela joga o cabelo para trás, deixando amostra seu pescoço.

— Ele ser meu técnico não tem nada a ver com isso. Era melhor que você e ele só potencializou isso.

— Hum. Era? O que te faz pensar que não é mais? – Passo a mão no cabelo olhando ainda para frente.

— Isso não vem ao caso. Estou competindo novamente porque eu quero.

— Não sei. Acho que tem mais alguma coisa aí. – Ela se inclina na minha direção, fazendo com que sinta o seu cheiro adocicado, que nesse momento me deixa enjoado. – *Me conta, Apolo.* Por que voltou depois de tantos anos?

Ela tenta ser sedutora, mas por incrível que pareça, tem o efeito contrário em mim. Alicia toca meu braço e tenho vontade de puxá-lo, mas não o faço pelo mínimo de educação que tenho.

Coloco a mão sobre a sua e dessa vez encaro seu rosto. Rugas marcam sua testa, indicando que ela usa muita maquiagem. Sem contar alguns pés de galinha que estão aparecendo ao redor de seus olhos, mas não posso deixar de dizer que a boca dela ainda é bastante convidativa. Foi exatamente o que me atraiu da primeira vez. Sua boca carnuda que faz maravilhas com um membro masculino. Afasto todos esses pensamentos, e respondo sua pergunta.

— Se eu der alguma entrevista, você vai saber. – Sorrio sem humor, mas ela ainda não se afasta.

— Posso visitar o seu quarto mais tarde. – Ela passa a língua pelos lábios.

Tento ao máximo não fazer cara de nojo, mas está muito difícil. Respiro fundo.

— Não vou precisar. E pode se afastar, por favor? Eu agradeço. – Tiro sua mão do meu braço com suavidade.

— Qual é Apolo? Vai dizer que não sentiu saudades de mim? – Alicia estende a mão para tocar no meio das minhas pernas, mas seguro seu pulso com força.

— Nunca tente forçar uma intimidade. Coisa que não temos há muitos anos. Eu não estou disponível para o tipo de aventura que você quer. Nem

pagando. – Sei que a última parte eu peguei pesado, mas preciso que ela fique afastada pelas próximas horas e durante a competição também.

Ela abre a boca para falar, mas a voz da comissária informando que precisamos afivelar os cintos, a interrompe e eu solto seu pulso. Faço o que é orientado e finjo que não a conheço.

Espero que tenha sido claro e ela não tente mais nada.



A pior parte de passar várias horas em um avião sem o amor da sua vida é não poder ligar para ele, ou mandar mensagem.

Descobri meio tarde que não posso usar internet do meu celular aqui dentro porque a sua conexão via satélite atrapalha o GPS da aeronave. Tem *wifi* do próprio avião, mas pago por fora e não vou ter mais essa despesa. Ainda bem que posso usar o computador e o celular sem rede. Aproveito para ler o e-book que a minha Lívia baixou no celular. É livro de mulherzinha e sei que vou ter muita raiva. Abro o aplicativo e o nome parece bastante sugestivo.

— “Não desista de mim, de Janaina Sabidussi^[4]”. – Sem querer falo em voz alta devido a frustração que sinto.

— Já quer conversar comigo? – Alicia pergunta com desdém. Xingo mentalmente por ter falado em voz alta.

— Não precisa se desgastar. – Respondo com sarcasmo. Ela vira a cabeça para o lado. Ainda bem que entendeu que não estava falando com ela.

Passo as horas seguintes me divertindo com as aventuras de Adam e Kate. Percebo agora que nós homens somos muito infantis e que não admitimos o que sentimos prontamente.

Se desde o começo do meu relacionamento com a Liv eu tivesse sido honesto com os meus sentimentos, não teríamos sofrido tanto. Não a teria feito chorar tantas vezes. Eu sou muito burro. Mas a verdade é que se não

tivesse sido tão teimoso, não teria percebido que ela é a mulher certa para mim e para meus filhos. Pietro e Manuela aceitaram Livia melhor do que eu, e meu próprio filho viu o que eu não queria ver de jeito nenhum. Que essa mulher roubaria o meu coração e a minha alma.

Depois da nossa primeira troca de olhares, sabia que não teria mais nenhuma outra mulher na minha vida. Essa certeza enche meu coração de felicidade e se estou aqui, nesse avião, indo para o outro lado do mundo, é por causa dela e de suas certezas sobre a gente.

Amo Livia com todo o meu coração e posso ter certeza de uma coisa, não vou me arrepender de nenhum momento ao lado dela. Mesmo que ela aceite o seu talento e queira seguir em frente sem a gente. Meu coração vai ficar em pedaços e o dos meus filhos também, mas não vou atrapalhar a felicidade da minha Vênus. Se for isso que ela realmente queira. Mas se nos permitir estar ao seu lado, vou ser o cara mais orgulhoso do mundo.

Perdido em pensamentos e no livro água com açúcar que tenho disponível, acabo dormindo. E acordo e durmo de novo. Como alguma coisa, volto a ler e chegamos em Paris para a minha escala.

Assim que desembarcamos vou atrás de algo descente para completar a minha alimentação e esticar um pouco pernas. Essas cadeiras não são feitas para se passar um tempo muito grande. Não vou nem me dar o trabalho de procurar um hotel, visto que em três horas sai o próximo voo. Ainda aproveito e ligo para minha namorada, minha noiva, minha vida.

A conversa foi leve e descontraída. Correu tudo bem e espero que assim continue até o meu retorno.

Quando chego para pegar o próximo voo, vejo Alicia na mesma área. Peço de novo a todos os deuses que ela vá em outro voo ou em outra poltrona e por um milagre divino sou ouvido. Alicia não aparece ao meu lado. Feliz é pouco. Estou radiante. Agora vou poder aproveitar melhor as próximas horas de tortura, quer dizer, de viagem.



Depois de dormir todo torto e acordar mais torto ainda, percebo que chegamos. Nesse voo eu pude usar o *wifi* sem cobrança, mas preferi continuar lendo. Aproveitando a paz que raramente tenho acesso. Vi também a programação do mundial que o Mateus me mandou. Ele me disse que vai me encontrar lá.

Dessa vez, procuro um hotel para dormir o sono dos justos, já que terei 8 horas de espera para o próximo voo.

Depois de achar um hotel dentro do meu orçamento, faço o *check in* e não peço nada. Tomo um banho e durmo por cinco horas seguidas. É mais do que suficiente. Tomo outro banho e sigo para o aeroporto. Lá pego uma condução, porque não embarcarei nesse terminal. Ainda bem que tenho só mais 50 minutos de viagem.

Quando finalmente chego ao meu destino, mando uma mensagem para Mateus e sigo para o hotel que meu técnico já deixou reservado para os atletas assistidos por ele.

Chego ao local e durmo mais um pouco, aproveitando que ainda são 5 da manhã pelo horário local. Lá em casa são 17 horas, mas estou tão cansado que só envio uma mensagem para minha noiva, dizendo que cheguei bem e que vou dormir mais um pouco, pois ainda é muito cedo. Não espero a sua resposta e caio na cama.



— Bom dia, meu atleta do século. — A voz irritante de Mateus chega aos meus ouvidos.

— Tive uma viagem muito longa e agradeço se você me deixar dormir por mais 12 horas. — Puxo o lençol cobrindo minha cabeça.

— Nada disso. A cerimônia de abertura vai começar em três horas e o senhor já dormiu demais. Eu sei que horas você chegou e também sei que não ficou passeando por Seul. Alugou um quarto e dormiu até a hora de viajar de

novo.

Saber que ele sabe do meu itinerário não me deixa irritado. Ele não parar de falar, sim.

— Mateus. — Olho para ele. — Eu viajei por 45 malditas horas e 13 delas foi com a Alicia, que você não me avisou que faria parte da equipe. — Ergo as sobrancelhas e ele dá de ombros.

— Um detalhe nada importante. E ela não faz parte da sua equipe. Ela está com outro treinador.

Levanto-me com vontade de socar a cara dele. Todo o sono já esquecido.

— Não mando você repetir, porque eu sei que é capaz e também sei que não serei capaz de me conter e vou acertar a sua cara.

Ele bufa, mas não se mexe.

— Tá, que seja. Ainda bem que está de pé. Se veste. — Joga uma bolsa em cima de mim. — E não se atrase. — Sai do quarto fechando a porta.

Bufo e passo a mão pelos cabelos. Na mesma proporção que amo Mateus, eu o odeio. Olho o que tem dentro. Um moletom nas cores do Brasil, minha toca, meu calção de neoprene^[5] preto com a bandeira do Brasil na perna esquerda como eu pedi e um macacão de natação para o caso de precisar, mas como vou competir três vezes por semana, acho que não vai ser preciso.

Para a cerimônia de abertura, visto uma roupa por baixo e coloco o moletom por cima. Uma das coisas que eu olhei antes de arrumar a minha mala foi como o tempo estaria aqui, por isso trouxe roupas de frio também.

Depois de vestido adequadamente para o evento, pego o meu celular e vejo uma mensagem da minha mulher.

Meu amor, que bom que chegou bem. Estou um pouco cansada do dia e tem uma coisa que preciso conversar sério com você. Assim que der, me liga.

Meu coração acelera e a vontade que eu tenho é de ligar para ela, mas não posso fazer isso agora. Sei que são quatro da manhã para ela. Passo a mão pelos cabelos e tento manter a calma. E também não vou poder fazer nada daqui. Na verdade, eu posso. Ligo para a única pessoa no mundo que pode me ajudar agora.

— *Espero que seja caso de vida ou morte.* — A voz sonolenta de

Gabriel invade meus ouvidos.

— Pode apostar que é.

— *Fala que eu te escuto.* – Ouço barulho de pano farfalhando e agora de passos.

— Não sei o que está acontecendo, mas a Liv mandou uma mensagem pra mim, dizendo que tem uma coisa muito importante pra falar comigo. Não quero ligar pra ela agora, porque sei que está dormindo. Descubra o que é e me fala.

— *Mesmo que eu descubra o que é, você ainda vai ter que esperar. Não é verdade?* – Fecho os olhos com força e aperto o espaço entre eles, para manter a calma.

Às vezes a lógica do Gabriel me irrita mais do que barulho de moto com defeito.

— É, Gabriel, mas se ela não me contar, você vai poder sondar e vai me contar. – Ouço a risada dele. – Posso contar com você? – Falo mais irritado do que deveria.

— *Pode, pode sim. Aliás, preciso saber por que ela faltou ontem.*

— Deve estar relacionado com a mensagem dela. Você ligou pra ela?

— *Não. Estava muito ocupado.*

— *Amooooooooor, volta pra cama logo.* – Uma voz feminina chama minha atenção.

— Hum, pelo visto ainda tá ocupado. Quem é a azarada? – Gabriel suspira.

— *Não é da sua conta.*

— Vai fazer o que eu pedi?

— *Sabe que sim. Não se preocupe. Vou conversar com ela antes do expediente.*

— Agora estou mais tranquilo de ver você com alguém. Assim você não dá em cima da minha noiva.

— *Nem que eu quisesse eu daria em cima dela, seu moleque arrogante. Agora eu tenho mais o que fazer.*

— Não faça nada que eu não faria.

— *Vai te catar.* – E desliga.

Não sei por que, mas a mensagem dela me deixou muito apreensivo. Espero que não seja nada demais. Não estar lá para ela, em qualquer situação, é horrível. Agora o que eu posso fazer é participar desse mundial e conseguir a melhor pontuação da minha vida.

Capítulo 17

Livia Moreira

Há certos momentos na vida da gente que poderiam ser apenas um sonho. Na pior das hipóteses, um pesadelo. Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram quando olhei para cara desse homem. Nunca na minha vida achei que encontraria com ele de novo. Não quero pensar no assunto. Não quero lembrar. É como se nunca tivesse acontecido. Não sei se um dia eu vou perdoar o que esse homem me fez.

Abner Falcão entrou na minha vida quando eu tinha 13 anos, juntamente com seu irmão mais novo, Paulo, que desgraçou tudo que um dia eu quis construir. Ele nunca me fez mal porque eu não deixei, e nunca foi agradável comigo. Sempre me ignorou e quando me olhava sentia um arrepio pela pele, exatamente como o que acabou de acontecer.

Nunca houve uma conversa entre nós que ele não ressaltasse como eu era *gostosa*. Fingia não ouvir e desconversava. Nunca fiz muita questão de falar com ele. Seu irmão Paulo, dois anos mais velho que eu, tirou a minha virgindade e eu achava que era normal ser tão frio. Abner sempre me causou nojo, mas mesmo assim, achava que seu irmão gostava de mim e iria me ajudar a sair do buraco que me colocaram.

Abner tentou passar a mão no meu corpo uma vez, mas ele não esperava que fosse reagir. Entortei o seu dedo com tanta força que ele teve que ir para o hospital imobilizar a mão. E para garantir que ele nunca mais tentaria nada, machuquei sua mão de novo. Derrubei uma panela de pressão cheia de feijão em cima dela. Pena que não estava quente.

O importante foi que deu certo. Ele nunca mais chegou perto de mim.

— Não vai me responder, *querida*.

Cada palavra saída de sua boca embrulha meu estômago.

— Não me chame assim. – Falo baixo. Não quero assustar as crianças. – O que está fazendo aqui?

Ele abre os braços mostrando sua farda.

— Eu trabalho aqui. – Minha garganta trava. – Seus filhos são lindos.

— Eu sei. – Viro para minhas crianças. – Vamos para o carro! – Falo

para eles, que não dizem nada, só me seguem com os olhos assustados.

Refaço o trajeto até o carro segurando firme a mão dos meus filhos.

— Um dia, você ainda vai falar comigo. – Ele grita por cima das vozes.

Meu coração bate acelerado. Muito mesmo. Tanto que a vontade que eu sinto é de sair correndo, mas me contenho e tento andar tranquilamente até o veículo estacionado na frente do acampamento.

Quando era só eu, não tinha porque me preocupar, mas quando penso que a segurança deles pode estar ameaçada, meu instinto protetor grita muito alto.

— O que aconteceu, mamãe? – Sinto medo na voz de Pietro.

— Nada, meu filho. – Sorrio, mas sem emoção.

— Eu tô com medo. – Malu se agarra na minha perna e a seguro no colo. Sorte que não deixei o carro muito longe.

— Não precisa. *Tá* tudo bem. A mamãe *tá* aqui.

Abro a porta de trás. Pietro senta na sua cadeira e coloco sua irmã sentada ao seu lado, prendendo o cinto dela e faço a mesma coisa com o dele na sequência.

Demoro mais que o normal, pois minhas mãos tremem.

Como esse homem veio parar aqui? Por que aqui? Não tinha outro lugar onde ele pudesse trabalhar?

Tranco a porta e me acomodo no banco do motorista. Dou a partida.

— E aí? Como foi o segundo dia de acampamento? – Pergunto descontraída.

Assim como os bebês no útero, crianças pequenas sentem quando algo está errado com sua mãe. Sinto-me a pessoa mais especial do mundo por perceber que estabelecemos essa conexão. Mesmo não querendo passar essa sensação desagradável para elas, acabei fazendo-as sentir a minha inquietação.

— Foi muito legal, mamãe. A gente brincou de pega-pega, esconde-esconde ... – Malu interrompe a narrativa do irmão.

— Por que você não fala que teve *bincadera* de casinha e massinha *tamém*?

— Porque é brincadeira de menina. – Toro cruza os braços e eles começam a falar sobre as atividades que praticaram no acampamento de férias.

E assim, eles continuam contando tudo que fizeram até chegarmos em

casa.

Não quero levá-los até aquele lugar novamente. Não posso deixar meus filhos com aquele ser humano, ainda mais sabendo o que ele pode tentar. Preciso alertar as outras mães. Porque tem crianças que ficam lá direto. Fecho meus olhos com força e balanço a cabeça afastando esse pensamento. Ele não me fez mal porque eu me defendi.

Chegamos em casa. Levo as crianças para tomar banho e coloco o jantar para eles. Brinco um pouco para que eles se sintam confortáveis. Preciso falar com Gabriel e dizer que não vou voltar para a empresa até o Apolo retornar. Quero trabalhar em casa. Vou chamar a Sol para me ajudar. Meus filhos não voltam mais para aquele lugar.

A maior dúvida que surge é como vou provar que ele não vale nada? Porque ele tentou, mas não conseguiu nada comigo. E talvez só a minha palavra não vá bastar. Também não posso ficar calada. Que droga!

Depois que as crianças dormem, pego meu telefone e quero mandar uma mensagem para o meu noivo, mas provavelmente ele ainda não chegou. Não quero deixá-lo assustado, então deixo para falar com ele quando chegar, que eu acho que será na madrugada de quinta. Não vou mencionar isso por telefone. Preciso que ele fique focado no campeonato.

Demoro muito para conseguir dormir. Meus sonhos são turbulentos e como não acontece há muito tempo, tenho pesadelos.

Na manhã seguinte, acordo como se tivesse sido atropelada e levanto antes das crianças.

Começo a preparar o café quando Malu se senta à mesa e me encara com um sorriso lindo e sonolento nos lábios. Corto algumas frutas, pego leite e achocolatado. Sei que não é isso que o Apolo gosta que eles comam, mas uma vez não vai fazer mal.

— Bom dia, Malu. — O sorriso dela aumenta.

— Bom dia, mamãe. É bom ter a senhora em casa.

Não vou me cansar nunca de ouvi-los me chamando de mamãe.

— Eu também gosto muito de estar em casa. E tem mais. Hoje vamos passar o dia juntos. — Digo sorrindo.

Malu arregala os olhos, salta da cadeira e corre para abraçar minhas pernas.

— Eu te amo, mamãe. — Fico paralisada.

Manuela sempre foi carinhosa, mas não me chama de mamãe com a mesma naturalidade do irmão. Pietro já é bem mais carinhoso e tem uma

necessidade de mim, que presumo ser por sentir falta da mãe de verdade. E Malu está começando a me chamar assim por conta do irmão. Meus olhos se enchem de lágrimas e largo tudo no balcão da cozinha para abraçar a minha menina.

— Também te amo, querida. — Ela aperta forte o meu pescoço e me dá um beijo no rosto. Aproveito e encho seu rosto de beijos enquanto lágrimas correm por meu rosto.

Manuela sorri e se encolhe como se estivesse sentindo cócegas.

— Mamãe?! — A voz da outra criança na cozinha, nos faz virar em sua direção.

Ouvir esse menininho me chamando assim, depois de ver o seu bico de raiva no nosso primeiro encontro, é fantástico. Talvez ele pensasse que Apolo os deixaria por minha causa. Ainda bem que provei o contrário para ele e ganhei seu coração.

Pietro não queria que eu cantasse e agora sempre que tem uma oportunidade me chama para cantar para ele, é mais um ponto de felicidade na minha vida. Seguro Malu no colo, vou até o meu garotinho e o coloco no braço também.

— Bom dia, amores da mamãe. E eu te amo muito, filho. — A cara de sono de Pietro vai embora e ele se agarra ao meu pescoço.

— Que bom que a senhora não vai mais embora. — Aperto os dois em meus braços.

— Nem se eu quisesse. E agora ... — Faço suspense e espero até que seus olhos estejam em mim para continuar. — Vamos comer.

— Eba! — Malu levanta o braço e Toro faz a mesma coisa. Os dois vão para a mesa. Os sirvo como vi Apolo fazer. Deixo tudo à disposição deles e os assisto comer.

Percebo que Toro tem mais habilidade com a mão esquerda, e mesmo assim, não deixa de usar a mão direita. Ele é mais metódico, assim com o pai. Apolo tem esse mesmo jeito sério e concentrado de fazer as coisas.

Já Malu é mais espontânea, mas ainda assim tem um padrão que segue. Não pega outro pedaço de fruta se não tiver terminado o anterior.

São esses detalhes que fazem com que me sinta uma mãe de verdade. Passar esse tempo com eles e vendo tudo que sabem e tudo que ainda vão aprender é o que me liga mais ainda a essas crianças.

Manuela e Pietro são meus filhos. Mesmo que Apolo um dia me queira longe da sua vida, eu nunca vou ficar longe deles. Passo a mão pela

cabeça de cada um e recebo um sorriso de volta. Não vou deixar que nada de mal aconteça com ele. Nunca.

Passamos o dia brincando e nos conhecendo melhor. Agora já sei que Malu não gosta de doce, já Toro é apaixonado por brigadeiro. A menina prefere salgado. São perfeitos opostos.

O dia passa tranquilo. Devia ter avisado ao Gabriel, mas acabei esquecendo. Amanhã eu falo com ele.

Coloco os meninos na cama no final da noite. O nosso dia foi tão incrível que não olhei o telefone nenhuma vez. Quando eles dormem, vou checar minhas mensagens e vejo que tem uma do Apolo enviada as 18:00. Como já faz um tempo, deve já estar dormindo. O que eu aprendi sobre esse atleta, é que ele tem uma facilidade muito grande para dormir e sei que é exatamente isso que está fazendo agora.

Então mando uma mensagem informando que preciso falar um assunto sério com ele e assim que der, quero que me ligue. Talvez se eu o ver, posso ter coragem de contar o que aconteceu.

Tomo um banho, como alguma coisa e vou para o quarto. Hoje o meu sono é mais tranquilo. Só de ter os meus filhos em segurança, fico mais calma.

O dia seguinte começa tão tranquilo como o anterior.

Faço nosso café da manhã exatamente como o de ontem, mas com os itens mais saudáveis, os quais eles já estão acostumados.

Perdida em pensamentos os observando comer, a minha campainha toca.

— Quem é, mamãe? – Pietro pergunta.

— Não sei, mas vou descobrir. Fiquem aqui e terminem de comer.

Os deixo à mesa e caminho até a porta. Apolo fez um ótimo trabalho com essas crianças. Eles são muito educados.

Confiro o olho mágico e dou de cara com Gabriel, vestido no seu terno escuro, o mesmo do meu primeiro dia de trabalho. Tenho uma ótima memória fotográfica. Abro a porta.

— Bom dia, senhor executivo! – O cumprimento com um beijo cordial no rosto. Gabriel devolve o beijo e coloca a mão suavemente na minha cintura.

Não é algo sexual. Até porque não sinto esse tipo de coisa por ele e garanto que ele também não tem esses pensamentos a meu respeito.

— Bom dia, quase senhora Nóbrega. – Sorri divertido.

— O que faz aqui tão cedo?

Lembro o que estou usando e minha sorte é que não tenho pijamas provocantes.

— Vim saber o motivo da sua falta de ontem. – Ele coloca a mão nos bolsos e me encara sério.

— Podia ter só ligado. Não precisava se abalar até aqui.

— Precisava sim. – Sua cara me diz que Apolo tem um dedo metido nisso. De toda forma, não posso culpá-lo.

— Vem pra cá. As crianças estão comendo. – E o chamo para a cozinha. Gabriel me segue. – Olha quem *tá* aqui. – Falo. Os dois viram na nossa direção e vejo seus olhinhos brilharem.

— Tio Gabriel! – Malu corre para o sócio do meu noivo e Pietro faz o mesmo.

— Bom dia, meus amores. – Gabriel se baixa e abraça as duas crianças.

— Eu tenho um dente faltando, ó! – Toro sorri e aponta o buraco que existe na sua arcada dentária.

— Olha! Tá ficando banguela. – E faz cócegas em sua barriga. Meu filho sorri satisfeito e começa a contar outras coisas.

Enquanto assisto a cena, vejo Malu se afastar meio tristonha. Aproximo-me dela e pergunto.

— O que aconteceu, filha? – Ela olha para os pés. Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Eu ainda não tenho um dente faltando.

É tão fofinha a sua reclamação que tenho vontade de rir, mas não vou fazer isso.

— Filha, não se preocupe. Você vai perder os seus dentes também.

— É, mas até lá o Toro vai *tá* sem nenhum. – Malu fala fazendo um biquinho de tristeza.

Passo a mão nos cabelos macios dela e a abraço.

— Oh, amor. Não precisa ficar triste. Seu dente vai cair. Não se preocupe.

O olhar que ela me lança é de uma tristeza inconsolável.

— Tem certeza?

— Tenho. – E com essa pequena palavra ela me abraça.

Fecho meus olhos e sinto o cheirinho de sono dela, que ainda está presente. Quando os abro, Gabriel me olha com ternura. E é o mesmo olhar

que Apolo me dá em momentos parecidos com esse. Pietro não está mais na cozinha. Levanto-me.

— Onde foi o Toro? – Pergunto.

Gabriel com um sorriso cúmplice nos lábios aponta uma direção e responde.

— Quarto. – E guarda a mão no bolso de novo.

— Minha flor, vá para o seu quarto trocar de roupa, tá? – Beijo o alto da sua cabeça e Malu responde correndo para o cômodo que indiquei.

Cruzo os braços e encaro Gabriel.

— Pode dizer a que veio.

— Eu quero te ajudar. Você está com duas crianças e ... – Ergo a mão para que não continue.

— Posso não ter tido filhos meus, mas sei como cuidar deles. – Indico o quarto com o polegar. – Se eu precisar de ajuda, pode ter certeza que vou pedir. – Ergo o queixo e ele sorri. Não é deboche, é como se ele gostasse do que ver.

— Eu tenho uma coisa pra falar pra você, mas primeiro preciso ter certeza. Depois a gente conversa. E já que estou aqui, pode aceitar a minha ajuda? – Ele tira a mão do bolso e estende para mim. – Pode ir tomar banho que eu cuido deles.

Sua frase me deixa curiosa, mas agora tenho outra prioridade.

— Bom. Sobre isso, eu não vou trabalhar até o Apolo voltar. – Gabriel me olha preocupado.

— E o que aconteceu? – Sua voz sai nervosa.

— Não é nada demais, é só que eu não me senti segura pra deixar os meninos no acampamento. – Uma meia verdade não vai fazer mal a ninguém.

Gabriel me olha por um tempo e sinto que olha minha alma. É como se ele estivesse vendo dentro dos meus pensamentos.

— Não é só isso. Pode contar comigo, Lily. – Gabriel coloca as mãos nos meus ombros, me passando a segurança que eu preciso para contar o que me preocupa. É a primeira vez que ele me chama pelo meu apelido.

Relaxo os ombros e Gabriel se afasta um pouco, me deixando a vontade. Mesmo que ele não seja o cara mais indicado para que eu conte uma coisa assim, ele é a única pessoa que tenho próxima e que pode fazer alguma coisa.

Olho para ele séria.

— Ontem quando eu fui buscar os meninos, encontrei uma pessoa do

meu passado. Ele é irmão mais velho do primeiro namorado que eu tive. Ele tentou passar a mão em mim, mas eu quebrei o dedo dele. – Vejo que Gabriel fica tenso e aperta as mãos em punho. Também pressiona seu maxilar com força. – Não precisa se preocupar. Ele não fez nada.

— Porque você se defendeu.

— Eu me defendo desde sempre, Gabriel. Nunca tive alguém por mim, a não ser eu mesma. Precisava saber como sair de certas situações.

— Imagino. Mas de uma coisa pode ter certeza, existe alguém por você. Quer dizer, tem uma família de verdade agora.

Meus olhos querem marejar. Cada dia mais, eu sinto esse amor crescendo no meu peito e me sinto mais completa.

— Obrigada.

— E pode me incluir nesse pacote. Pode sempre contar comigo. – E sorri. – Só não deixa de contar para o Apolo.

Pressiono os lábios, olhando para o chão.

— Livia, você precisa contar pra ele. Esqueceu que seu noivo é doido de ciúmes?

— É, mas não queria ... – Ele me corta.

— Imagina se fosse com você? Ia ficar feliz de estar longe e só saber de algo importante quando voltasse.

— Não é nada demais, Gabriel.

— Pode ser, mas não deixe de contar. – Meu amigo, acho que posso chamá-lo assim, me olha com advertência. – Conte. Ou eu vou contar.

— Tá. Eu vou contar. – Reviro os olhos. – Mas eu não vou levar meus filhos pra lá de novo. – Cruzo os braços e olho séria para ele.

Nesse momento percebo que os chamei de meus em voz alta. O rosto do Gabriel se ilumina com um sorriso radiante, mas por poucos segundos.

— E nem eu ia deixar. Eu vou saber quem é esse cidadão e dar um jeito de abrir uma queixa formal contra ele. Porque não se sabe a conduta que ele está tendo dentro do acampamento. Tem crianças que dormem lá, não é?

— Sim.

— Deixa comigo, que eu vou dá um jeito.

Sorrio aliviada. Gabriel estar aqui me deixou feliz. Posso contar com ele na ausência do meu príncipe.

— E como você vai fazer com o trabalho na empresa? Vai me deixar sozinho? – Ele coloca a mão no coração de forma dramática.

— Não seja exagerado. Eu vou fazer como o Apolo. Trazer trabalho

pra casa. – Suspiro cansada.

— Não tem nem um ano de namoro e mais parecida com ele impossível. – Sorri de forma sincera.

— Olha só quem fala. Nunca tirou férias na vida. – Cutuco seu peito.

— Nunca tive muito o que fazer, a não ser olhar o meu pupilo.

— Se o Apolo ouvir você falando desse jeito, vai ter um ataque. – Sorrimos juntos.

Estar com Gabriel é fácil. Tenho a impressão que ele é muito família. E como ele me contou que é sozinho, adotou a do Apolo. Acho isso uma coisa maravilhosa. Sem forçar nada, Gabriel entrou para o time.

— O que foi? – Questiona com um sorriso singelo.

— Nada. Vai dar certo?

— Claro. Você fazendo a sua parte, está ótimo.

— Então, pode trazer o que eu preciso?

— Vou pedir pra Rebeca providenciar.

— Por falar nela, faz tempo que não conversamos.

— Ela tem reclamado bastante que não aparece mais. Disse que você não gosta mais dela.

— Ela é exagerada. É claro que eu gosto. É só a correria do dia-a-dia. Mas assim que as coisas normalizarem, volto a almoçar com ela.

— Sinto dizer, mas a vida de vocês não será mais a mesma. – Pisca o olho para mim e com isso lembro sobre o que conversei com Apolo antes dele viajar.

— Gabriel, tem mais uma coisa que eu preciso da sua ajuda.

— Pode falar.

— Se eu estiver abusando você me diz, tá bom?

— Lívia, você nunca abusa. Pode falar. – E o sorriso que ele me dirige aquece meu coração.

Não como o do meu noivo, mas do mesmo jeito que o dos meus filhos.

— Mas o Apolo não pode saber de nada.

— Fala logo, Lívia! – Suspiro e começo a contar o que tenho em mente.

— Acredito que você saiba da casa do Dante, que ficou alugada esses anos.

— Sei. – Gabriel tem sua atenção toda em mim.

Explico para ele o que tenho em mente e ele de imediato concorda.

Fico muito feliz com tudo isso e mais aliviada por saber que o sócio do meu marido está do meu lado. Ele me passa o endereço do depósito onde estão os móveis que Apolo não conseguiu vender.

Espero que o meu futuro esposo goste da surpresa.

Capítulo 18

Apolo Nóbrega

Passei a noite toda falando com pessoas da organização do evento. Foram fotos, vídeos e ainda tive que assinar os documentos de participação dos jogos.

Chego no hotel depois da meia noite e não consigo falar com a minha Vênus. Provavelmente ela deve estar trabalhando.

Recebi só uma mensagem do Gabriel informando que já tinha falado com ela e que ia me ligar depois do expediente. Realmente ele ligou, mas não consegui atender por causa de várias atividades que foram postas para os atletas. Como estou muito cansado deixo para entrar em contato amanhã. Programo o despertador e durmo.

Cinco da manhã o telefone apita e me acorda. Passo uma água no rosto e ligo para minha noiva.

— Oi, minha Vênus! Não imagina a falta que eu estou sentindo de você! – Falo assim que ela atende a vídeo chamada.

Estando do outro lado do mundo, a internet é a melhor escolha no quesito ligação.

— *Amor! Também estou morrendo de saudade.* – Estranho ela ainda não está pronta para a apresentação.

— Queria ligar mais tarde, mas como sei que você ainda vai cantar, queria falar com você antes. Sua mensagem me deixou preocupado. O que aconteceu? – Uma ruga surge no meio de sua testa.

— *Primeiro, hoje ainda é quinta e eu vou contar, mas quero que fique calmo e não vá tomar nenhuma atitude impensada.* – Ela para de falar e eu engulo em seco.

Minha vontade diante da sua frase é pegar o primeiro avião de volta para casa.

— *Apolo Nóbrega. Prometa.*

— Tudo bem. Eu prometo.

— *O que?* – E ergue as sobrancelhas.

O espírito de mãe já está bem presente nela, pois me sinto acuado

como quando tinha 10 anos e fazia algo errado. Suspiro.

— Oh mulher geniosa! – Exclamo e ela sorri.

Pelo seu semblante despreocupado, acho que não seja nada demais.

— Prometo não pegar o primeiro avião e voltar pra casa. Satisfeita?

— *Muito. Seguinte. Na terça-feira, quando fui buscar os meninos no acampamento, eu vi um cara que não gostei nenhum pouco. O irmão do meu ex-namorado.*

— O babaca que eu vi no bar?

— *Esse mesmo.*

— Me conta logo a história, Lívia. Tô quase comprando uma passagem.

— *Você não vai fazer isso. Ainda não ganhou uma medalha sequer. Me deixa terminar.* – Minha noiva pede, quase sem paciência.

— Tô deixando, mas tá difícil. – Ela suspira e me encara séria.

— *Então, quando eu ainda namorava o irmão dele, ele tentou passar a mão em mim, mas não consegui. Eu quebrei o dedo dele e depois, quando ele tava com a mão enfaixada, eu o machuquei de novo. Isso só pra ter certeza de que ele ficaria longe de mim.*

Meu cérebro ainda estava processando a informação. Não tive reação por dois minutos inteiros. Até ouvir a voz da mulher que eu amo.

— *Apolo?*

— Ele ainda tá respirando porque eu não estou aí. Esse cara tava no acampamento fazendo o que?

— *Ao que tudo indica, ele é um dos instrutores de lá. E eu não os levei ontem e nem vou mais levar.*

— Fez bem. Mas e agora?

— *Como se soubesse o que estava acontecendo, o Gabriel passou hoje de manhã aqui e eu falei pra ele que não levaria mais as crianças ao acampamento. Até pensei em procurar outro lugar, mas nunca passei nenhum tempo com eles, então eu resolvi ficar por aqui mesmo.* – Suas bochechas ficam em um tom lindo de rosa.

Sorrio diante da sua vergonha.

— Que coisa linda, meu amor. Nem eu teria feito melhor.

— *Detalhe. Eu contei pro Gabriel o que aconteceu e ele ficou muito possesso. Não disse nada como “ele ainda está vivo porque eu não estou aí”, mas deu pra notar a sua raiva.* – Reviro os olhos quando ela repete a minha frase.

— Ele disse o que faria? — A raiva começa brotar no meu peito. Esse cara vai me pagar. E muito caro.

— *Não, mas eu falei que fiquei preocupada com as outras crianças e ele disse que ia fazer alguma coisa.* — Ela dá de ombros.

Minha próxima ligação vai ser para o meu sócio.

— Tem razão. Acredito que ele fará alguma coisa. E onde você vai deixar os meninos amanhã?

— *No mesmo lugar de sempre. Já falei com a Sol e ela virá pra cá.*

— E essa vai ser a segunda vez em um ano que eu não te vejo cantar.
— Ela ruboriza de novo. Nunca vou cansar de vê-la assim.

— *Da primeira vez, o motivo foi a sua teimosia.*

— Mas você também não facilita, não é? Noiva!

— *Ainda acho muito estranho você me chamando desse jeito!*

— Eu também. Quero mudar pra esposa o mais rápido possível. — Seus olhos escurecem e sei que os meus também. — Não tem ideia do tamanho da minha saudade. E ainda não passei uma semana longe de você.

— *Vai passar rápido. É só se manter ocupado.*

— Onde estão as crianças?

— *Dormindo.*

— Tira a roupa pra mim?

— *Apolo?! — Ela fica envergonhada de novo, mas olha por cima do celular. Posso ver que está na sala. — E se eles acordarem? O que eu faço?*

— Se veste rápido. — Mordo o lábio, em seguida passo a língua por eles.

— *Não vou fazer isso agora. Sem condições.* — Lívია vira o pescoço de lado e posso ver sua pele se arrepiar com as minhas palavras.

— Ah, que vontade de passar a língua pelo seu pescoço e ir descendo pro meio dos seus seios. — Diminuo o tom da minha voz.

— *Não faz isso, Apolo. Me liga meia noite que a gente conversa.* — Seus olhos verdes escurecem e sei que mais tarde a gente vai *brincar* um pouco.

— Combinado. Coloca as crianças na cama cedo. — Passo a língua mais uma vez pelos lábios. Ouço um gemido sair da sua boca e fico excitado na mesma hora.

— *Agora eu tenho que ir.* — Sua respiração está fora de compasso.

— *Tá certo. Espero ansioso à meia noite. Te amo.*

— *Também te amo.* — Solta um beijo para a tela e desliga.

Próxima ligação: Gabriel.

— Tava *demorando*. – O sarcasmo estampa seu rosto.

— Espero que aquele desgraçado não esteja mais respirando.

— *Ele está, mas consegui afastá-lo do trabalho com crianças pra sempre. Se ele for visto a menos de cinco quilômetros de uma, ele vai preso.*

— É bom, mas ainda não é o bastante. Quando eu chegar, resolvo isso. E quem era aquela de mais cedo?

Gabriel passa a mão pelos cabelos.

— *Olha só. Aconteceu, tá bom? Não planejamos nada. E eu nem imaginei que pudesse acontecer algo entre a gente, quer dizer, conversamos numa boa, coisa que nunca tinha acontecido antes. Eu não planejei nada. A gente se consolou uma vez e ...* – Gabriel começa a despejar tudo de uma vez. Ergo a mão para que ele pare de falar.

— De quem você *tá* falando? E porque *tá* se explicando tanto?

— *Rebeca.*

— Você *tá* pegando a Rebeca? A recepcionista do quarto andar? Não acredito. Esse tempo todo? – Meu sócio arregala os olhos.

— *Não. A gente ficou ontem. Quando a Lívia não veio trabalhar, ela se ofereceu pra me ajudar e ... a gente acabou esticando e fomos em um bar. Conversamos e bebemos, aí você já sabe o resto.*

Pela primeira vez na minha vida, vi Gabriel ficar envergonhado.

— E por que motivo você achou que eu ia ficar implicando com isso?

— *Sei lá. Ela é sua secretária ...* – O interrompo.

— Ela me ajudou. Nem chegou a trabalhar diretamente comigo. – Ele ergue as sobrancelhas.

— *Tem certeza que isso não te incomoda?*

— Ela se chama Lívia Moreira e está na minha casa, cuidado dos meus filhos?

— *De jeito nenhum.*

— Então pronto. Fica de boa e aproveita sua vida. A Rebeca pode ser meio doidinha, mas é uma pessoa muito bacana. Fico muito feliz por vocês. – Gabriel fica tímido novamente e essa nova cara dele é bem estranha para mim. – Para de fazer essa cara de bobo apaixonado. *Tá* esquisito.

— *Tudo bem. Mas acho que essa cara será o meu padrão.*

— Pronto! Agora, além de me aguentar com essa cara, vou ter que te aguentar também.

— *É, meu amigo. Somos homens apaixonados. Não tem muito o que*

fazer.

— Tá, tá. Eu tenho mais o que fazer. Um dia inteiro de competição.

— *Acho melhor você voltar com todas as medalhas. Sua noiva vai ficar nos cascos caso você não ganhe nenhuma.*

— Pra deixar minha mulher feliz, eu faço qualquer coisa.

E desligamos.

Vou para o meu lugar de competição. O dia vai ser longo. Assim como as minhas próximas semanas.



Mateus me recebe na academia às oito da manhã. Ainda me sinto meio sonolento, por causa do fuso. É muito difícil se acostumar com o horário de doze horas de diferença.

— Acorda, Apolo! Preciso te deixar no ponto para a sua primeira vitória. – Ele bate no meu ombro e tomo um susto, como se tivesse acabado de acordar.

— Pega leve. Eu ainda não estou acostumado com esse horário. – E bocejo mais uma vez.

— Tudo bem. Sem problema. Começa. – E aponta para uma pista desenhada no chão. – Cinquenta só pra aquecer.

— Você é um sádico.

— É por isso que você me ama.

Caminho para a pista e faço como ele ordenou, mas faço apenas dez voltas.

Depois alongo. Sorte que aqui está quente, mas não tanto quanto estou acostumado. A umidade do ar é alta e mesmo assim, ainda sofro. Com o treinamento antes da competição, me sinto mais aquecido e preparado também.

Toda a equipe que o Mateus está coordenando termina o treinamento e caminhamos todos para a área da piscina. Esperamos em um quarto

preparado para os atletas. Alicia tenta uma aproximação, mas de forma bem escrachada a ignoro.

Até outros atletas que eu conheci antes me perguntam qual o problema. Só digo que eu não sou o que ela procura e que estou fora do mercado.

— Apolo, mas uma mulher como ela a gente não dispensa, meu chapa.

— Fique à vontade. Eu não estou interessado.

— Vai passar quase um mês aqui na seca? – Marcelo pergunta totalmente incrédulo.

— Sim, eu não preciso disso. Passei 3 anos sem ninguém. Acha mesmo que não vou esperar 3 semanas? – Marcelo se surpreende com a minha afirmativa.

— É, você foi dominado mesmo.

— E não tenho medo de admitir. – Sorrio sincero.

Ele dá uma tapinha camarada no meu ombro.

— Quando eu soube que você vinha, sabia que Alicia não ia querer nada com o restante de nós, mas agora ... – Ele para de falar e ergue as sobrancelhas.

— Não se prenda por mim. Ela é toda sua. – Ele gargalha alto.

— Ah, pode deixar.

Nesse momento, Mateus aparece e fala os nomes dos atletas que vão entrar na água agora. Somos colocados na espera para sermos anunciados. A emoção começa a dar seus primeiros sinais em meu estômago.

Sigo com os demais e fico concentrado na minha função. A adrenalina invade as minhas veias quando vejo aquele estádio lotado. Nunca vi tanta gente junta para assistir uma competição de natação.

Meu coração acelera muito no peito e acho que vai sair pela boca.

Esse sentimento se assemelha ao dia em que vi meus sobrinhos como filhos a primeira vez. Meus olhos marejam e lembro dos rostinhos deles.

A primeira vez que Malu me chamou de pai. Toro correndo para mim com um machucado e reclamando que não ia mais brincar no parquinho.

E vejo os olhos chorosos de Livia me encarando, quando Toro entregou para ela um pedaço de papel escrito “mamãe”. Foi o primeiro desenho que ele fez com ela.

Sorrio e sinto meu coração mais do que aquecido e preparado para o resultado que vier. O importante é que estou aqui, assumindo a minha vida de

novo. Fazendo o que eu nasci para fazer.

Posiciono-me na minha raia e aguardo comando para começarmos. Somos autorizados a subir no bloco de largada. Aguardamos o sinal para o início da prova. Ainda bem que toda a competição é em inglês e esse idioma eu conheço.

— *Pick your mark!*^[6] – Uma voz feminina soa pelo estádio.

Fico na expectativa do começo e quando o apito vem, pulo na piscina e faço o meu máximo. Não ouço nada que não seja o som das minhas braçadas na água, mas ainda consigo ver que estou ficando para trás. É uma técnica que aprendi. Poupar as minhas energias agora, para explodir no final, pois é uma prova de 200 metros.

A sensação da água preenchendo a minha volta, a adrenalina nos meus ouvidos e cada braçada é como uma injeção de vida nos meus poros. Ouvir a torcida ao longe é uma coisa que senti muita falta, mas como tinha outras prioridades, não me incomodava tanto em não sentir essa emoção novamente.

Tenho o cuidado de não ficar tanto para trás e faltando duas voltas para o final da prova, explodo em velocidade e chego em primeiro com folga.

Não acredito que ganhei a minha primeira disputa.

Salto da água gritando muito. O americano que ficou em segundo me dá os parabéns.

Quero ligar para Liv, mas Mateus me puxa para um abraço e depois corro para o vestiário. Preciso ligar para ela.

Faço a chamada de vídeo ainda todo molhado. Só consegui tirar a toca.

— *AMOR!!!! PARABÉNS!!!* – Ela grita assim que atente.

— *EU GANHEI A MINHA PRIMEIRA MEDALHA DE OURO!!!* – Não me contenho e acabo gritando junto.

Vejo seus olhos brilharem e os meninos devem ter me ouvido, pois aparecem na frente do aparelho.

— *Papai, você ganhou!!!* – Toro fala.

— Sim, filho. Papai ganhou a primeira de muitas medalhas pra levar pra vocês. E como vocês sabem? – Liv tem os olhos cheios de lágrimas.

— *Achou mesmo que a gente não fosse te ver?* – Ela pergunta eufórica. – *O Gabriel me disse que ia ser televisionado e assinei o pacote hoje mais cedo. Parabéns, meu amor. Eu te amo muito!!!* – Ela grita e os meninos começam a fazer uma dancinha na sala.

— *Peraí!* – Minha noiva corre até o aparelho de som e a música *Uptown Funk* do Mark Ronson com o Bruno Mars começa a tocar. Eles cantam ao som da música me fazendo gargalhar.

Liv começa a pular e treme a imagem toda, mal consigo ver meus amores, mas vejo as crianças rodando e dançando junto com o amor da minha vida.

— *Parabéns, papai.* – Malu fala e solta um beijinho para a tela enquanto dança.

— *Você merece o mundo, meu amor. Essa é só a primeira conquista. Outras virão e eu sou muito grata de fazer parte desse momento com você.* – Liv fala toda séria olhando para mim.

— *A gente te ama, papai.* – Toro completa pulando no pescoço de Liv e a abraçando apertado.

Um nó se forma na minha garganta. Sei que se falar, minha voz sairá embargada, mas me arrisco.

— Eu amo muito vocês. São a minha vida. – Uma lágrima escorre por meu rosto. Liv também chora. – Eu preciso ir pra receber a medalha. – Enxugo meu rosto.

— *Volta logo pra casa. A gente tá morrendo de saudade.* – Ela se aproxima da tela e a beija. Os meninos fazem o mesmo. – *A gente te ama muito!!!*

E desligo a chamada. Como eu queria receber esses beijos e abraços pessoalmente. Nunca mais eu faço a merda de vir em uma outra competição sem eles.

— *Tá fazendo o que ainda com essa roupa, homem? Precisa se vestir pra receber a sua medalha de ouro, garoto!* – Mateus aparece e bate em meu peito.

— Ainda não estou acreditando. Liv e as crianças fizeram a maior festa agora. – Sustento um sorriso bobo no rosto e não me importo nenhum um pouco de parecer apaixonado.

— É, meu amigo. Isso é mesmo motivo para comemoração. Com três anos de atraso, mas a sua hora chegou. Do anonimato para as estrelas. – Ele aponta para o teto, fazendo cara de visionário.

— Menos, Mateus. Agora preciso me trocar.

Levanto e coloco o moletom com as cores do Brasil e a sua bandeira.

Depois do palanque montado, entro novamente na área da piscina e recebo a minha primeira medalha.

O bom, é que não será a última.
Minha atuação nesse mundial é excelente. Nunca senti tanto orgulho de mim.



— *O que você tá fazendo?* – Antes que eu diga qualquer coisa, Gabriel pergunta na chamada de vídeo assim que eu atendo.

— Ia almoçar agora. – Visto que acabei de sair da água e de conquistar mais uma medalha. Fico com uma fome gigante depois de competir.

— *E você já nadou hoje?*

— Sim e ganhei, caso esteja interessado.

— *Que ótimo e que horas você vai nadar de novo?*

— Só à tarde. Acabei de sair de um revezamento.

— *Maravilha. Sabe onde eu tô?* – Depois da sua pergunta é que observo o ambiente.

— Eu diria que no *Sunrise*, olhando pra parede atrás de você.

— *Garoto esperto.* – E pisca o olho.

Meu sorriso se abre.

— E falta muito? – Pergunto ansioso, percebendo que Gabriel quer me fazer assistir à apresentação.

— *Quinze minutos.*

— Ela sabe que você tá aí?

— *Ainda não.* – E sorri cúmplice.

— *Me liga quando tiver começando, por favor.*

— *Sim, senhor, chefe.* – E pisca novamente.

Desligo no momento que a minha refeição, que já havia pedido, chega. Como o mais rápido que posso. Não ia conseguir me concentrar como deveria na apresentação da minha mulher de estômago vazio.

Já fazem quase três semanas que estou aqui e a saudade dos meus

filhos e da minha Vênus está me torturando. Nos falamos todos os dias, mas não é o suficiente. Daqui a aproximadamente dois dias vou embora e essa apresentação vai servir para me deixar mais animado com a volta para casa.

Volto correndo para o hotel. Assim já faço a digestão ou passo mal. Prefiro acreditar na primeira opção. Entro no meu quarto, tiro os sapatos e aguardo a ligação do meu sócio.

Gabriel retorna dois minutos depois de ter chegado.

— *Preparado?* – O homem que me liga pergunta.

— Com certeza. Cadê ela?

— *Acabou de subir no palco. Espera.* – A câmera vira e focaliza o palco. Vejo a minha musa com um vestido estilo *Jéssica Rabbit*^[7] e meus olhos querem saltar da caixa, sem contar outras partes que ficaram bastante animadas de vê-la assim.

— *Boa noite a todos.* – Assobios preenchem o ambiente. – *Sei que não costumo falar muito entre uma música e outra, mas hoje, meu coração pediu que eu dissesse algumas palavras.*

Ela coloca o cabelo atrás da orelha, encarando o chão, para novamente voltar seu olhar para a plateia.

— *Como alguns de vocês sabem, eu estou namorando e fiquei noiva recentemente.* – Mais assobios. – *E ele hoje está do outro lado do mundo realizando um sonho que ele jamais achou ser possível. Fico muito feliz que ele tenha ido conquistar o que é seu. E essa primeira música quero dedicar pra ele.*

Ela se afasta do microfone ao som de várias palmas e que os primeiros acordes da música começam.

*Voe por todo mar e volte aqui
Voe por todo mar e volte aqui
Pro meu peito*

Emociono-me na mesma hora, porque não existe música melhor para nós nesse momento.

*Se você for, vou te esperar
Com o pensamento que só fica em você*

Ela encara a parede e quase posso ver as memórias que são acessadas nesse momento, sem parar de cantar.

*Mudou a minha vida e mais
Pedi ao vento pra trazer você aqui
Morando nos meus sonhos e na minha memória
Pedi ao vento pra trazer você pra mim*

Nossa vida passa como um filme na minha cabeça.

Quando Lívia entrou no meu escritório pela primeira vez, a forma como se inclinou para sentir melhor o meu perfume. Sua boca aberta em um “O” perfeito quando tentei afastá-la sem sucesso nenhum.

O nosso primeiro beijo na minha sala, comigo sem camisa.

O fogo que vi em seus olhos quando achou que eu era casado com Sol. Esse pensamento me faz sorrir.

O modo como ela reagiu, achando que eu iria terminar com ela, quando na verdade eu sou um péssimo mentiroso e queria fazer uma surpresa com o meu pedido de casamento. O susto que ela me deu quando não disse que tinha dito sim.

Continuo olhando para a minha noiva enquanto canta e uma lágrima solitária escorre por seu rosto e acontece o mesmo comigo.

A música termina e ela agradece sob várias palmas. Ela é linda e tem uma voz incrível. Lívia continua chorando, mas sorrindo.

— *Essa é pra você, meu amor!* – Ela grita de olhos fechados, apontando para cima, sem saber que eu estou vendo.

Nunca mais vou ouvir *O vento do Jota Quest* do mesmo jeito. Aliás, essa banda é a minha preferida a partir de hoje.



Três semanas depois de ter saído de casa para realizar um grande sonho, me vejo novamente no aeroporto Pinto Martins. Finalmente cheguei em casa e mais incrível foi que a viagem para estar de volta no meu país

durou apenas 24h. E o que faz o meu peito explodir de felicidade é ver a minha família me esperando no desembarque. Corro para todos.

— Papai!!! – Manuela e Pietro correm na minha direção.

— Não sabe a saudade que eu senti de vocês!!! – Agarro os dois e os subo para os meus braços.

Minha noiva me olha com emoção e vejo seus olhos marejarem.

— Você passou mesmo três semanas com nossos filhos em casa? – Ela arregala os olhos e vejo sua expressão de surpresa tomar conta do seu rosto.

Sem palavras, ela só balança a cabeça concordando. Como estou com os meninos nos braços, chego perto dela e beijo seus lábios com calma, por causa dos nossos filhos, mas a minha vontade mesmo é de agarrá-la apertado. Eu vou ter tempo.

— Senti sua falta. – Ela fala quando nos afastamos.

— Eu te amo. Se você ruborizar sempre que eu falar isso, nunca mais vai deixar de ficar vermelha. – Sorrio safado e ela segura meu rosto.

— Eu também te amo, meu noivo.

— E a gente, mãe? – Malu se mete na conversa.

— Amo vocês também, meus pequenos. – Ela beija o rosto de cada um. – Agora, vamos pra casa. Seu pai deve *tá* cansado.

— Nada me impede de ficar cansado de novo.

Pela sua cara de brava, sei que entendeu o que quis dizer.

— Mas a gente vai de carro, papai. Num vai se cansar mais. – Toro me lembra desse fato.

Pobre do meu filho. Ainda não sabe o tipo de cansaço que estou almejando agora. Caminhamos para o carro, Malu segurando a minha mão e Toro a de Liv. Eles caminham na nossa frente.

— Quem quer ficar na casa da tia Sol? – Pergunto com euforia e os dois respondem na mesma hora.

— Eu!!!!

— Apolo!!!

— Eles querem.

— Você que instigou.

— A gente os pega amanhã de manhã. – Liv me olha por cima do ombro. Sorrio igual meu filho quando quer conseguir alguma coisa.

— Deixa, mamãe. Por favor!!! – A súplica do Toro faz o coração de minha Vênus amolecer.

É isso aí, filho. Ajuda o papai.

Ver nossa dinâmica de família me deixa feliz, pois sei que somos verdadeiramente unidos. Não importa o que aconteça, Liv nunca irá nos deixar.

— Tá bom. Só hoje. Amanhã a gente volta à rotina normal porque começam as aulas em breve.

— EBA!!!! – O coro deles me faz virar por dentro.

Vou ter uma noite inesquecível com a minha mulher, minha noiva, minha Vênus.

Capítulo 19

Livia Moreira

Assistimos a todas as provas e algumas das festas também. Uma em específico me deixou muito desconfortável. Uma loira, alta tirou várias fotos abraçada ao meu noivo. Em vários momentos, o vi desconfortável ao lado dela, mas em um, ele tinha o mesmo sorriso que me oferece.

Fiquei tão chateada, que minha vontade era ir para o meu apartamento levando as crianças e não falar nunca mais com ele. Mas no mesmo dia do ocorrido, ele me ligou e disse já teve um envolvimento com ela, mas que não significou nada e foi antes das crianças.

Esse argumento me convenceu e nunca mais o vi ao lado dela, mas mesmo assim, ainda me sinto incomodada com essa moça.

Apolo voltou e fomos buscá-lo no aeroporto. Ele disse coisas lindas e os seus olhos brilharam ao me olhar. O beijo que me deu fez minhas pernas tremerem. Fique feliz e a insegurança me deixou em paz, finalmente.

Achei que Apolo fosse esquecer o que disse no aeroporto, depois de deixarmos as crianças na Sol. Entramos na casa que foi do seu irmão e não acredito que os meninos não abriram a boca para falar sobre a mudança em nenhum momento.

— Eu sabia que você estava aprontando alguma coisa. – Apolo fala, se referindo às vezes que eu não o atendi por vídeo chamada, mas não era só por esse motivo.

Sabia que estava com saudades, mas não queria estragar a surpresa. Também não ia conseguir mentir muito para ele se estivesse olhando em seus olhos.

— Quem te ajudou? – Ele cruza os braços na frente do peito.

Sorrio sem graça.

— O Gabriel.

— Eu sabia que aquele *almofadinha* tinha alguma coisa a ver com isso. – Ele me puxa pela cintura e cola nossos corpos. – Estou com tanta saudade que não me importo onde eu vou amar você. – E beija meus lábios.

Afundo meus dedos em seus cabelos. Apolo tem um cheiro diferente,

mas não tanto. Deve ser pela viagem e pelos lugares que passou. O cheiro forte do cloro permanece em seus cabelos.

Meu noivo me ergue pela cintura, me tirando do chão. Enlaço o seu quadril com as pernas e Apolo me coloca sobre o sofá da sala. Passeia suas mãos por meu corpo de forma frenética. Eu me esfrego em sua ereção e ele estremece, soltando um grunhido do fundo da garganta.

— Minha Vênus. Que saudade. — Ele beija meu pescoço e arrepia mais ainda a pele já quente por seu toque.

— Apolo, preciso de você. — Falo com urgência e puxo seu cabelo, no mesmo momento que arqueio as costas para chegar mais perto dele.

— Seu desejo é uma ordem.

Ele me retira do sofá e caminha até o quarto. Coloca-me sobre os lençóis macios e tira a minha roupa rápido. Na sequência, tira sua roupa, mas permanece de cueca e paira sobre mim.

Aproximo meu rosto do seu e falo entredentes.

— Isso é muito injusto. Eu fico nua enquanto o senhor deixa uma peça de roupa.

— Tenha paciência. A noite é nossa, não pretendo sair desse quarto até sanar as três semanas que passamos longe.

Apolo me estimula ainda mais e desce para o meio das minhas pernas, abocanhando meu ponto mais sensível.

Se eu achava que estava muito excitada e que chegaria ao ápice rápido, estava muito enganada. Atinjo o orgasmo de forma lenta e torturante, mas completamente satisfatória.

Apolo não me decepçiona em nenhum sentido e me satisfaz da maneira mais prazerosa, como prometeu.



— Que história é essa? — Apolo acaricia minhas costas.

Estou deitada de costas e ele com a cabeça apoiada na mão, virado de lado para mim. A noite já caiu tem um tempo e ainda não comemos nada.

— Que história? – Sorrio, já sabendo que vai falar sobre a mudança.

— De você não me esperar e nos mudar com a ajuda do Gabriel?

— Não queria que você tivesse trabalho com a mudança, já que o mundial terminaria no final das férias. Ia ficar muito corrido e não seria justo.
– Falo e encolho os ombros.

— É isso que eu amo muito em você, sabia?

— De não ter paciência?

— De não esperar que lhe digam o que fazer. Você sempre faz a coisa certa sem que seja preciso uma indicação ou direção do que precisa ser feito.

Depois de fazermos amor mais vezes do que eu consegui contar, deitamos no chão do quarto. Estamos nus e em uma conversa trivial. Não me sinto desconfortável por estarmos desse jeito. Acho que chegamos ao ponto da intimidade que meu corpo despido na frente do homem que eu amo não me incomoda mais. Faço uma cara de dor e Apolo arregala os olhos.

— O que foi? – Franze o cenho ao me perguntar.

— Acho que estou perto de menstruar. – Digo enquanto sinto a pontada de cólica e os meus seios começando a doer.

Apolo deita olhando para o teto.

— A minha sorte sempre me ajudando. – E suspira fundo. Sua frase sai amarga e não deixo de pensar que esteja colocando a culpa em mim.

Automaticamente, meus olhos enchem de lágrimas.

— O que foi? – Ele se senta e parece mais preocupado do que na primeira vez.

— É que eu só estrago tudo. – Fungo e seu olhar suaviza.

— Claro que não foi você. É um processo natural. – Ele passa a mão nos cabelos. – É que eu não estou acostumado a ter uma mulher todos os dias comigo.

— E como você ia fazer quando a Malu chegasse na menarca^[8] dela?
– Pergunto me sentando e as lágrimas não param de cair.

— O que é isso? – Ele pergunta franzindo o cenho.

Levanto-me mortalmente ofendida.

— Você é um ogro mesmo. – Viro e subo na cama, me cobrindo dos pés à cabeça.

Sinto-me suja e cansada. Penso em tomar um banho, mas isso significaria ter que olhar para a cara idiota do meu noivo, dizendo que a culpa

de ter ficado menstruada é minha.

E olha que ela nem chegou ainda. Choro mais um pouco.

— Livia ... – Ele chama, mas estou com tanta raiva dele agora, que não consigo pensar com clareza.

— *Me* deixa em paz, seu Zé Ruela!!! – Grito e fecho os olhos.

Devia ter agido assim? Provavelmente não, mas não consegui me conter quando ele disse que eu era culpada por menstruar.

Tudo bem que ele não disse exatamente isso, mas foi assim que eu entendi. Que ele não tem sorte e que foi só chegar em casa para que a bandeira vermelha fosse levantada.

Meus olhos enchem de lágrimas novamente, me arrumo melhor na cama e quando Apolo não me chama mais ou tenta se aproximar, acabo vencida pelo cansaço.

Engraçado como as minhas reações estão estranhas. Eu não sentia tanta cólica assim ou alterações de humor tão fortes. Deve ser a idade. Faz tempo que não tenho uma atividade física recorrente, a menos que correr atrás de duas crianças pela casa seja considerada uma atividade física.

Fecho os olhos e durmo um pouco, sabendo que não poderei passar muito tempo embaixo das cobertas.

Acordo um tempo depois e a casa está mais escura do que quando deitei. Ainda sinto meus olhos inchados e agora minha barriga roncou alto. Pode ter sido a fome que me fez despertar.

Coloco uma camisola soltinha, a que usei durante toda a semana passada. Ando pela casa e vejo que a luz da cozinha está acesa.

Ainda preciso me adaptar com esse espaço. Em alguns momentos acabo entrando no quarto dos meninos ou na despensa enquanto procuro o banheiro. Não era para menos. Estamos morando aqui há uma semana e pensei que íamos demorar mais para nos estabelecermos. Contando com a limpeza da casa nova, arrumar as malas e trazer tudo para cá, foi um processo rápido.

— Apolo? – Chamo e vou me aproximando devagar do cômodo iluminado.

Passo pela porta. Vejo sobre mesa uma bandeja com várias guloseimas: bolo de chocolate, pudim, várias barras de chocolate de todos os tipos, café, chá, chocolate quente, torradas e um pote com mel, se não estou errada. Tem até pipoca no meio de tudo isso.

A porta da geladeira está aberta. Só noto quando ouço alguns vidros

tilintando e Apolo aparecendo só de calça moletom. Ele está distraído e fecha a porta com o pé.

Quando coloca os olhos em mim, sua expressão muda para surpresa.

— Achei que fosse demorar mais para acordar. – Meu noivo dá um sorriso fraco.

— O que é isso na sua mão? – Aponto para os dois frascos que está segurando.

— Não sei o que você prefere, então peguei os dois. – Ele levanta um pote e depois o outro. – Geleia de morango e pasta de amendoim.

— Isso tudo é pra mim? – Abro os olhos em surpresa e ponho a mão sobre o peito.

Apolo coloca os dois potes na bandeja e afirma com a cabeça sem me encarar.

Olho para as coisas arrumadas e vejo que é mais do que um dia eu pude imaginar que fariam para mim.

Dou a volta na mesa e encontro meu noivo tenso. Fico na ponta dos pés, passo as mãos pelo seu pescoço e escondo meu rosto em seu ombro, com os olhos marejados.

— *Me desculpa.* Eu não sei o que aconteceu comigo. – Ele demora um pouco, mas enlaça minha cintura, juntando meu corpo ao seu, em um abraço apertado.

— Tudo bem. Eu que falei besteira. Só fiquei um pouco frustrado, porque você já deixou claro que nesses dias não quer que eu chegue perto de você.

— Sei o que eu disse, mas não quero você longe. Eu só fiquei muito chateada quando achei que estava me culpando por já estar perto de menstruar.

— Oh, minha linda! – Apolo afunda o rosto na curva do meu pescoço, me puxando mais para ele. – Eu nunca vou culpar você por causa disso. Se você quiser, estamos aqui.

Sinto a sua ereção cutucar a minha barriga e gargalho.

— Tarado. – Mordo seu ombro de leve.

— Por você, sempre! – Ele beija o meu e se afasta para olhar meu rosto. – Vamos comer?

O brilho que vejo em seus olhos me faz pensar que tipo de comida está passando pela sua cabeça.

— Tô falando do que eu separei na bandeja! – E gargalha. Não resisto

e beijo seus lábios, ficando na ponta do pé.

— Queria que tivesse me esperado para fazermos a mudança juntos. — Apolo fala em tom de tristeza.

— Senti tanto a sua falta que não consegui ficar parada. Se ficasse, correria um sério risco de chegar de surpresa com os meninos na Coreia do Sul. — Distribuo beijos por seu rosto todo. Sua barba por fazer arranha de leve os meus lábios, mas não me importo. Apolo faz parte do meu mundo agora.

Meu noivo aprofunda o beijo, depois desce para o meu pescoço, mordendo de leve e me deixando embriagada de desejo.

Quando ele puxa a minha perna para cima, alinhando minha entrada com a sua ereção, que vai ficando mais firme a cada segundo, seu celular toca em cima da mesa. Estico o pescoço para olhar e meu parceiro não se mexe.

— Apolo?

— Hum! — Ele geme se esfregando mais ainda em mim, não me deixando pensar direito.

— Seu telefone. — Fecho os olhos e puxo de leve seu cabelo.

— O que tem? — Responde sem interromper o seu trabalho de me deixar encharcada.

— Tocando. — Ainda de olhos fechados e mais colada a ele. Meu amante aperta minha bunda, aumentando a fricção das nossas partes íntimas.

Apolo me encosta na parede ao lado de geladeira. Agora percebi que não coloquei uma calcinha. O ato não vai demorar muito, mas lembro que a gente nunca fez sem camisinha.

— Camisinha! — Falo sem fôlego.

— Verdade. — Mas não para de lambar minha pele.

— Telefone. — Tento trazê-lo de volta ao presente. Apolo me encara. Ele tem os olhos anuviados.

— Não penso direito com você tão perto. — Ele está ofegante. Passa a mão no rosto na tentativa de organizar os pensamentos.

Acaricio seus cabelos.

— Seu telefone ainda está tocando. — Ele curva os ombros, me põe no chão e se vira para ver o aparelho. Atende e coloca-o no ouvido.

— Fala, Fernando! — Ele coloca a mão na cintura e caminha para fora da cozinha.

Aproveito e me sento à mesa para comer um pouco. Passados alguns minutos, meu noivo entra saltitando com um sorriso lindo no rosto.

— Meu amor. — E deposita um beijo nos meus lábios. — Acabei de

falar com o meu advogado e ele me deu uma notícia ótima.

— Fala! Não me deixa curiosa.

— Lembra que eu disse pra você que ia colocar seus vídeos na internet?

— Hum! – Falo ainda de boca cheia.

Quando lembro disso, me dá um frio na espinha.

— Então. Ele disse que conseguiu alguns shows pra que você abrisse. Claro que você, o João e a Lari.

A torrada que estava colocando na boca para no meio do caminho. Engulo em seco.

Calma. Não é nada que você já não tenha feito antes.

— Tudo bem! – Falo sem muita emoção.

— Tem certeza? – Apolo pergunta e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – Você parece meio verde.

Suspiro cansada.

— Apolo, eu disse que ... – Ele levanta a mão, me fazendo calar.

— Eu sei o que você disse. Inclusive, eu lembro de a senhora ter concordado em tentar. – Ele ergue a sobrancelha.

— E que se não desse em nada, a gente não ia insistir. – Aponto o dedo melecado de geleia na direção dele.

— Exato. – Apolo abocanha meu dedo, lambendo-o de forma muito sensual. – Terminou de comer? – Sua pupila dilata, fazendo a sua íris castanha quase sumir.

— A vida não é só sexo, sabia? Senhor Nóbrega! – Meu noivo me puxa para o seu colo e monto sobre ele.

— Eu sei, mas não consigo resistir com você assim tão perto. – Ele segura minha cintura e a falta do tecido da minha calcinha, faz o contato entre a calça dele e o meio das minhas pernas, mais intenso. – Vamos batizar a cozinha? – Fala na minha orelha.

Sei que qualquer coisa que esse homem me pedisse, eu diria sim. Poderia me arrepender depois, mas nesse momento, assinaria até um contrato de foda.

Antes que eu responda, Apolo me deita no chão, que me faz estremecer um pouco, e com um movimento rápido, tira uma camisinha, não sei de onde. O importante é que em segundos, ele me preenche completamente.

Com ele não me sinto só satisfeita, mas amada de verdade. Desde a

primeira vez.



— Tô nervosa! – Ceginara massageia meus ombros no camarim do meu segundo show da semana.

— Vai da tudo certo, amiga. – Ela beija o alto da minha cabeça. – Agora, só me explica de novo. Por que seu noivo ainda não está aqui?

Sem que eu percebesse, Apolo marcou quatro shows por semana para mim. No que eu disse sim para a primeira oportunidade que apareceu, ele foi agendando um atrás do outro e sem contar que dois dias depois que ele voltou para casa, viajou de novo, pois as etapas para a copa do mundo iam começar no dia 2 de agosto. Só deu tempo de chegar, matarmos a saudade e se colocar novamente em um avião.

A primeira etapa da copa do mundo foi no Japão, que durou apenas três dias. De lá, ele voou direto para Singapura. Pelo que eu entendi, foram poucas horas de viagem. Nessa cidade ele permaneceu por mais tempo, oito dias, para a segunda e terceira etapas.

Graças a sua belíssima atuação no mundial do mês passado, ele foi muito cobrado para participar. Seus números foram os melhores.

Se ele não tivesse marcado esses shows para mim, teríamos ido com ele. Fiz da Sol praticamente a minha assistente. Os cachês que recebi dessas apresentações foram muito bons.

— Longa história. Te conto com mais detalhes depois. – Passo a mão pelos cabelos arrumando-os mais uma vez.

— Acredito que ele ainda vai chegar. É só questão de tempo.

Sabe aquelas mentiras que contamos para crianças de que tudo vai dar certo, mas que no fundo a gente sabe a verdade e não é nada daquilo? É exatamente assim o meu estado interno. Minto que vai ficar tudo bem, mas

não sinto.

Estou sem o Apolo por quase dois meses. Certo que nos falamos todos os dias por chamada de vídeo, mas não é a mesma coisa de tê-lo por perto para um abraço, para dividir as responsabilidades.

Tenho sido mãe e pai de Malu e Toro, o que me deixa muito realizada, mas quando eles me olham questionando onde está o pai deles, sempre respondo a verdade. Até que os meninos aceitaram bem estarem longe dele. Talvez, esteja fazendo um bom trabalho com eles.

Uma vez, Malu especulou que Apolo não ia mais voltar, porque em uma das reportagens sobre o mundial e a copa, ele apareceu ao lado da mesma loira que estava pendurada nele no mundial.

Minha fé nele não foi abalada naquele momento, mas quando deixou de atender por três vezes seguidas. Uma delas foi no dia dos pais. Ele nem lembrou isso. Malu e Toro fizeram um cartão lindo, que ele ainda não viu e nem sei se vai.

Naquela ocasião, ele havia me passado sua agenda, até os horários de treino com o Mateus. Porque mesmo em uma copa, ele tinha que usar o tempo livre para manter a forma.

E para acabar com a minha graça totalmente, na última vez que liguei, quando sabia que já estaria no aeroporto vindo para casa, uma mulher atendeu e perguntou o que eu queria com o seu namorado. Não consegui responder e desliguei na cara dela.

Desde aquela hora não atendi mais a nenhuma das mensagens dele.

— É, ele vai chegar. — Pego o pincel seco e finjo passar alguma maquiagem pelo rosto.

Meu medo é que Apolo minta para mim e realmente esteja com aquela fulana. Acho que eu servi muito bem ao propósito dele, de ser uma excelente babá para os seus filhos, que agora são mais meus do que dele.

Não o culpo, já que se anulou por três anos pelas crianças e agora tem a oportunidade de viver tudo que ficou suspenso quando teve que bancar o pai de seus sobrinhos.

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos negativos quando a porta do camarim se abre bruscamente.

Apolo aparece na porta com uma cara de cansado, mas já de banho tomado. Encaro seus olhos pensando na decisão que preciso tomar, se não quiser me machucar.

— Que bom que ainda está aqui! — Ele me alcança, beija minha testa e

depois meus lábios. Está tão eufórico que não nota a ruga de preocupação entre meus olhos. – Ainda bem que consegui chegar para ver a sua apresentação para mais de 10 pessoas. – Ele beija meu pescoço e tudo que eu queria era sair dali.

Mas o contraditório disso tudo é que eu amo estar no palco. Amo ouvir as pessoas cantando comigo. E cada vez que eu resolvo colocar uma letra minha no repertório, as pessoas gritam muito mais.

Nos dias em que passamos longe, muita coisa aconteceu. Nos mudamos, passei muito tempo com os meninos, criando um laço muito consistente e é o que mais está pesando no meu coração.

Da segunda vez que Apolo viajou alguma coisa mudou. Sentia que não era a mesma coisa, e quando eu perguntava o que estava acontecendo, ele dizia que estava tudo normal. Mas eu sinto no meu coração. Não é igual a vez que ele estava escondendo de mim o anel de noivado. Meu coração estava ficando cada dia menor com as partidas dele.

Mas ele volta todas as vezes, criatura!

É, mas o tempo em que ele vai, deixa meu coração apertado. Bate uma insegurança, um pressentimento de que serei abandonada, e isso se intensificou depois da ligação da “namorada”.

Ainda por cima, ele mal chegou da Coreia do Sul e já teve que viajar de novo para competir na copa. Por menos tempo, dessa vez, mas mesmo assim, ele foi.

Fecho meus olhos e uma lágrima cai do meu rosto.

— Vênus, o que foi? – Sinto Apolo chegar mais perto, mas ainda não tenho coragem de encará-lo.

O que vou dizer agora vai partir o nosso coração. Mais o meu do que o dele, com certeza. Ele vai ficar nessa vida de viagens por mais tempo e não vou suportar ficar aqui e vê-lo partir com a nova namorada.

— Não dá mais, Apolo. – Forço minha voz a ficar firme.

— Eu vou esperar lá fora. – Ceginara diz, nos deixando a sós.

— O que não dá mais? Olha pra mim, Lívía. – Sua voz vacila.

— Não quero mais ter que ficar esperando que volte pra gente. Ainda mais que você tem uma namorada e eu não quero ... – Antes que eu conclua, Apolo me corta.

— Que história é essa de namorada? Você é a minha noiva.

— Não precisa fingir. Eu liguei quando você estava no aeroporto e pelo visto, vocês voltaram juntos. Pode voltar pra ela. – Falo com uma calma

que não sei de onde tirei.

— Lívia, eu não ... – Levanto a mão para que não fale.

— Tudo bem. Pode seguir pra onde você quiser. Eu não te prendo mais.

— Não estou entendendo. – Agora o encaro. Seus olhos parecem que vão sair das órbitas. E mais lágrimas caem do meu rosto.

— Acabou. – Puxo o anel do meu dedo, pego sua mão e coloco em sua palma.

Levanto-me e sem olhar para trás, caminho para o palco. Enxugo as lágrimas que teimam em cair. Obrigada marcas boas de maquiagens a prova d'água.

Ceginara está esperando do lado de fora. Seco mais o meu rosto.

— Por favor, não deixe que ele venha atrás de mim. – Falo e caminho quase correndo para encontrar os meus amigos.

— Tá tudo bem? – João pergunta.

Só balanço a cabeça confirmando e pego o nosso *setlist*. Respiro fundo olhando a primeira música.

— É sério isso? – Sacudo o papel.

— É. Escolhemos juntos. – Lari aparece com as mãos na cintura usando o figurino da noite. Uma calça jeans rasgadas nos joelhos, uma regata bastante cavada e um top preto por baixo.

— Ótimo. Vamos começar logo com isso. – Faço uns aquecimentos vocais e tento me concentrar na letra da música.

Cantar em inglês nunca foi um problema para mim, mas nesse momento, essa era a música que não poderia cantar.

If I should stay
Se eu ficasse
I would only be in your way
Eu só te atrapalharia
So I'll go, but I know
Então eu vou embora, mas eu sei
So I'll go, but I know
Então eu vou embora, mas eu sei
I'll think of you every step of the way
Que pensarei em você em cada passo do caminho

Até quando eu não escolho, canto uma música que diz muito do que eu estou passando. Uma lágrima involuntária desce por meu rosto. Meu coração está em pedaços, mas sei que é melhor assim.

And I will always love you
E eu sempre vou te amar
And I will always love you
E eu sempre vou te amar
You, my Darling, you
Você, meu querido, você

Whitney Houston falou tudo com sua canção *I will always love you*.

Capítulo 20

Apolo Nóbrega

Sabe aquele momento em que você vê a sua vida desmoronar? Que alguém tirou o seu chão e agora você se encontra em queda livre, sabendo que vai se esborrachar lá embaixo? Ou quando você recebe um soco muito forte no estômago e perde todo o ar? A vida vai se esvaindo de você e tudo ao seu redor fica escuro, sem graça, sem cor.

É assim que eu me sinto desde quando Livia Moreira saiu da minha vida. Para não dizer que sumiu para sempre, de vez em quando encontro com ela quando preciso ir para os treinos. E durante os shows que ela ainda está abrindo.

Eu tentei falar com ela, mas não me atende, não abre a porta para mim. Cheguei a dormir na sua porta e quando acordei ela já tinha saído. Outra vez, esperei que chegasse das apresentações, mas não a vi passar. Sei que ela não quer falar comigo, mas eu preciso saber porque ela acreditou nessa mentira.

Voltou a morar no apartamento que eu disse para ela devolver, mas com a correria da mudança acabou não fazendo. Livia fica com os meninos todos os dias quando vou para o treino. Ela passa no colégio, os leva para a sua casa e fica com eles até quinta. Agora que ela está fazendo show praticamente na cidade toda, passa o dia em casa e ensina a tarefa deles, os leva para o parque e eu fico só na vontade de falar com ela.

As únicas vezes em que nos vemos cara a cara é quando passo para pegá-los na casa dela, mas não tenho tempo de fazer nada. Pois ela os deixa na portaria e eles correm para mim. Toro ainda não entende muito bem, mas como a vê sempre, acha que Livia não foi embora. Já Malu vive perguntando porque eu não “cheiro” mais a mãe dela. Estou me sentindo um cara separado sem nunca ter casado.

E não preciso contar que ela se demitiu das empresas Marino, uma semana depois do ocorrido e nem que fiquei maluco com isso, porque nessa mesma semana, tive que viajar de novo. Livia ficou com as crianças. Parecemos pais divorciados, com a guarda compartilhada deles.

Quando Livia rompeu comigo, achei que não fosse mais ver as crianças, mas ela fez questão de que Sol me falasse que isso nunca ia acontecer, como ela havia me falado bem no começo do nosso relacionamento. Que se separaria de mim, mas nunca dos meninos. Sinto muita inveja deles.

Para não pensar muito no que aconteceu, enfiei minha cara no trabalho, até porque tenho outra competição em três semanas.

Hoje eu vou para casa, Sol me ligou e disse que Livia vai dormir com eles lá. Mas antes, tenho que malhar. Tenho treinado mais intensamente, mas não passo na academia tem um tempo.

Entro no ginásio e encontro uma pessoa que nunca esperei ver aqui.

— Marisol? – Aproximo-me da minha prima, que para de conversar com um cara e me olha assustada.

— Para de queimar o meu filme, criatura! – Segura meu braço, me arrastando para longe.

— Não sabia que gostava de malhar.

— E não gosto, mas preciso.

— Sei. Ficar azarando os caras? – Cruzo os braços e a encaro.

— Pra um cara que levou o maior pé na bunda sem ter feito nada, até que você está bem.

Fico muito irritado com a sua afirmação, mas ela tem razão.

— E aceitou muito rápido essa separação.

— O que você quer que eu faça? – Pergunto irritado.

— Que corra atrás da mulher que ama. Ou você não a ama mais e essa história de namorada é verdade?

— Não sei de onde ela tirou isso.

— De quando ligou para o seu telefone e quem atendeu foi uma moça perguntando o que a sua noiva queria com o homem dela. – Marisol termina de falar e eu volto para aquele dia.

Não tinha onde deixar a minha mala para ir ao banheiro e a única pessoa que estava lá era o Mateus, então fui tranquilo, mas quando voltei, a minha mala estava ao lado de Alicia. Ela disse que o meu treinador teve uma emergência e a deixou cuidando dos meus pertences.

Na hora nem suspeitei de que ela pudesse ter feito algo, mas agora, faz sentido o modo como minha Vênus ficou quando eu cheguei.

— Que droga, Sol. – Passo a mão pelos cabelos. – Preciso fazer alguma coisa.

— Precisa mesmo. — Minha prima cruza os braços e me encara.

E é nesse momento que tenho uma ideia.

— E você vai me ajudar.

— Como?

Conto para ela o que eu pensei e na hora minha prima aceita participar do meu plano.

No dia seguinte, pego o telefone da Alicia e ligo para ela com o número privado.

— *Alô!* — Sua voz me deixa enjoado, mas preciso disso.

— Alicia? — Quero morrer, só que não tem outro jeito.

— *Apolo! Sabia que você ia pensar melhor.*

— Verdade. Quero te ver hoje. Pode ser?

Quando saímos algumas vezes, funcionava desse jeito.

— *Onde?* — E acho que ainda funciona.

Dou o endereço para ela e nos encontramos no local meia hora depois da minha ligação.

Confirmo com Sol se está tudo pronto e ela me dá o sinal de tudo positivo.

— Você demorou dessa vez. — Ela passa a mão no meu peito. Seguro seu pulso e a afasto levemente de mim.

— Não foi pra isso que eu te chamei aqui.

— Não? — Ela franze o cenho e se afasta um passo.

— Pela sua reação, sei que entendeu. Agora quero que você desminta.

— O que? Aquela brincadeira? — Alicia cruza os braços e adota uma cara de deboche.

— É o tipo de brincadeira que não se faz. — A encaro com raiva.

— Se ela mordeu a isca, é porque não confia em você.

— A questão aqui não é a confiança. É o que você disse. E você sabe muito bem que não temos nada a muito tempo.

— Porque você não quer.

— Exatamente. A única mulher que eu quero é a Livia e você tem que falar a verdade.

— Eu não vou falar nada. Se ela acreditou no que eu falei, o problema é dela.

— Então você não vai desmentir?

— E admitir pra sua namorada que a gente não tem nada?

— Exatamente.

— Nem morta vou dizer que atendi o seu telefone escondido enquanto você estava no banheiro. Ainda mais quando negou todas as minhas investidas. Você que arrume um jeito de ser mais convincente. – Joga o cabelo para trás e segue seu caminho rebolando.

Olho para o canto que Sol ficou escondida e ela me dá um sinal positivo de que gravou tudo.

Dias se passaram e Sol não me disse se ela mostrou o vídeo para minha noiva. Porque ela ainda é. Só vai deixar de ser quando for minha esposa.

Amo tanto essa mulher que não me vejo sem ela e eu vou fazer de tudo para que volte para mim.

Cada dia tem sido como um borrão.

Mais de um mês se passou e toda a notícia que tenho dela é pela conta profissional nas redes sociais que eu fiz. Não controlo mais a conta, mas sempre olho onde será o próximo show, na esperança de um dia minha noiva voltar para mim. Livia será sempre minha, mesmo que não esteja aqui.

— Você precisa fazer alguma coisa. – Gabriel entra na minha sala, me tirando do meu devaneio.

Tenho vivido em uma espécie de torpor. Do trabalho para casa, de lá para o treino. Vejo a silhueta dela com meus filhos quando os pego em sua casa e vou embora. E no dia seguinte começa tudo de novo.

Sempre que penso nela, mexo no anel de noivado, que pendurei em um cordão. O guardo perto de peito, para quando Livia voltar para mim eu possa devolvê-lo.

— O que você espera que eu faça, Gabriel? – Pergunto sem forças.

— Que levante a bunda dessa cadeira e vá atrás da mulher que você ama.

— A Sol me disse a mesma coisa e eu fiz. Mas ela nem sequer viu o vídeo. – Falo mais para mim mesmo do que para o meu sócio.

— Não sei do que está falando, mas você precisa sair dessa fossa. – Olho para o meu sócio e ele está com os braços cruzados e uma expressão de raiva.

— Ela acha que eu tenho um caso com a Alicia, o que não é verdade. E tenho uma prova sobre isso, mas ela não quer ver.

— Apolo, eu tenho uma notícia muito importante para dar a ela, mas não vou fazer isso enquanto você não arrumar essa situação.

— E o que é tão importante que você não possa falar agora?

— Acho que o que tenho para dizer vai mudar a vida dela e quero você do lado da mulher que ama.

Olho confuso para Gabriel. Ele nunca foi tão misterioso. Sempre que quer falar alguma coisa, não deixa para o outro dia, fala de uma vez.

— O que você tem pra falar com ela, Gabriel? – Coloco o cordão por dentro da camisa e me levanto, já sentindo meu sangue ferver. – Responde!

— Não vou falar pra você sem que ela esteja presente. – Ele continua firme em seu posicionamento.

— Pois pode ir atrás dela e diga o que precisar. Não vou bater com a cara na porta de novo. – Não consigo mais manter a calma.

— Que bata a cara mais de um milhão de vezes.

— Gabriel, eu quero muito que ela volte para a minha vida, mas não quero me humilhar de novo! – Grito, mas meu sócio não se assusta.

— Acho que não se humilhou o suficiente. O que faz parado aqui? – Grita a última frase.

— Ela não quer me ouvir, droga! – Frustrado, passo a mão pelos cabelos.

— Acho que você não tentou o bastante. – Meu sócio ergue uma sobrancelha.

— E o que faço para que ela me ouça? Eu nem sei mais o que fazer. Se um vídeo não foi capaz de convencê-la o que eu posso dizer que vai persuadi-la do contrário?

— Daqui a uma semana você vai viajar de novo, certo? – Confirmo com a cabeça. – Ela também vai.

— Como assim?

— Aqueles shows que ela abriu, serviram para que um produtor famoso a contratasse para fazer a abertura de vários shows no Rock in Rio desse ano, na próxima semana, sendo mais exato. Ou seja, ela só vai voltar daqui uns dois dias depois de você. Isso se ela voltar.

Aquela informação fez o meu estômago revirar.

Não vou viajar sem que ela me ouça e me deixe explicar exatamente o que aconteceu naquele aeroporto. Por mais que a gente continue viajando, vamos permanecer juntos.

— Como você soube disso?

— A pergunta certa é: o que você vai fazer?

Caminho apressado para a porta, mas a voz de Gabriel me para.

— Ainda não disse o que vai fazer. – Instiga-me a responder.

— Vou buscar a mulher que eu amo.
Saio pela porta na esperança de encontrar minha noiva em casa.

Capítulo 21

Lívia Moreira

— Não acredito que você fez uma merda dessas porque é uma covarde! – Ceginara anda de um lado para o outro inconformada com a situação.

— Eu não quero sofrer, gente. Será que dá pra me entender? – Olho para o time feminino que se encontra no meu quarto.

Liguei para Ceginara porque queria desabafar. E não sei como, mas Sol e Beca também sentiram que eu precisava de ajuda.

— Você não vai sofrer com o meu primo. Disso eu tenho certeza. Apolo é um cara correto. Nunca o vi brincar com os sentimentos de ninguém. Todos os encontros que ele tinha eram todos casuais.

Marisol devora o segundo pacote de batata.

— Amiga, vou dizer que você não devia ter feito isso, não antes de uma conversa. – Beca fala com calma para não me ofender.

— Ela é burra. – Ceginara ainda não se sentou desde que contei o que aconteceu. – Por isso fez essa merda. E as crianças? – Ela coloca a mão na cintura e me encara.

— Eu ainda cuido delas. Não consigo ficar longe.

— É, até roubou o meu lugar. – Sol dá de ombros.

— E como você faz quando o Apolo chega? – Ceginara senta ao meu lado.

Estou de bruços, abraçando o travesseiro que ainda tem o perfume dele.

— Quando ele chega, eu deixo as crianças na portaria e as vejo correr para ele.

— É uma anta mesmo. – Cegi bate na minha cabeça. – E ele não tenta se aproximar?

— Nem chego perto para não correr o risco de ele falar alguma coisa.

— Aí que vontade de bater na sua cara. Que coisa! Como você joga um relacionamento perfeito pela janela? – Ela se levanta mais uma vez.

— Exatamente por ele ser perfeito demais que eu fiquei com medo,

droga! – Escondo meu rosto no travesseiro e sinto o cheiro da colônia do homem que dividiu a cama e a vida comigo. – Ainda tem o detalhe da *namorada*. – Falo com desdém.

— Sobre isso ... - Sol tenta falar, mas é interrompida por Beca.

— Lily, se ele não quisesse nada de verdade com você, não teria feito um pedido de casamento tão fofo.

Contei para elas tudo que aconteceu entre nós até agora.

— Na verdade, ele nunca teria aberto a porta da vida dele pra você. E sobre a *namorada* ... – Sol complementa e mais uma vez não deixam que fale.

— Ele já te deu algum motivo pra você pensar que não ia levar adiante o plano de vocês?

Sem coragem de olhar para elas e responder com palavras, nego com a cabeça.

— Só me explica de onde você tirou essa ideia idiota. – Cegi questiona pela quarta vez, só hoje.

— Huhum.

— Tira a cara do travesseiro pra falar, criatura. – Minha amiga fala impaciente, enquanto as outras duas sorriem.

Levanto a cabeça e respondo.

— Eu fiquei com medo porque vi várias fotos dele ao lado de uma loira alta e acho que é ela. E em todas elas, o Apolo parecia muito feliz.

— Já parou pra pensar que ele *tava* feliz pelas conquistas e por ter voltado a competir?

— Pensei mais ... – Sol me interrompe.

— E ainda tem o detalhe do contrato que você assinou para o mês que vem. Já pensou em como vai contar isso pra ele? E como a Manuela e Pietro vão ficar nessa história?

Há poucas semanas falei com o produtor do Rock in Rio e na minha vontade de seguir com a minha carreira, assinei o contrato para abrir vários shows no evento. Falei com João e Lari e os dois ficaram bastante eufóricos com a novidade.

Pensei em não fazer isso, mas preciso seguir com a minha vida. Penso nos meninos todos os dias, em como vou dizer que ficarei quase um mês fora. Criei uma rotina só nossa e não queria descumpri-la.

Por incrível que pareça, me adaptei a vida com eles tão naturalmente que tenho a impressão de ter passado a vida toda ao seu lado.

Vou falar com o Apolo.

— Pensei sobre isso. Vou falar com o pai delas para que venham comigo. Espero que ele permita.

— Eu vou também? – Sol sorri e fica animada com a possibilidade de viajar para outro estado.

— Se não for atrapalhar as suas aulas de dança, posso contratar você de novo.

Marisol bate palmas feliz.

— Vocês estão pensando no absurdo que será esse pedido? – Ceginara interrompe a nossa comemoração.

— Não é, não. – Levanto-me já cansada de ser atacada. – Ele vai viajar no mesmo dia que eu, e os meninos ... – Minha amiga não deixa que continue.

— E eles têm que ir à escola. Eles são pequenos. Não podem sair por aí e ficar perdendo aula. Foi por esse detalhe que o Apolo deixou a carreira dele de lado, *tá lembrada?*

Por um momento me sinto a pessoa mais egoísta do mundo. Nunca tive que abrir mão de nada na minha vida.

Por mais que eu tenha visto o Apolo feliz na TV, sei que lá no fundo essa felicidade é pelas conquistas dele e pela nossa família. Mas a voz daquela fulana, não me sai do pensamento.

— Se fosse tão fácil, Livia, você acha mesmo que o meu chefe, o seu noivo, não teria feito isso antes?

Meus olhos enchem de lágrimas novamente.

— Eu sou idiota por ter acreditado nele. – As lágrimas escorrem livres pelo meu rosto.

— Você não é idiota, é só burra mesmo. – Sorrio da sua declaração honesta.

Ceginara me envolve em um abraço forte. E sinto as minhas outras amigas fazerem o mesmo.

— Devia ter falado com a gente antes de fazer essa besteira. – Beca constata.

— E agora? O que eu vou fazer?

— Vai ver esse vídeo aqui. – Sol me estende o celular e eu o pego.

Quando coloco o vídeo para rolar, vejo Apolo de costa e a mulher loira ao seu lado. Eles conversam e o Zé Ruela parece_bastante alterado. Ouço toda a conversa, mas uma frase específica me chama muito mais

atenção.

— *Nem morta que eu vou dizer que atendi o seu telefone escondido enquanto você estava no banheiro. Ainda mais quando negou todas as minhas investidas. Você que arrume outro jeito de ser mais convincente.*

Então era mentira! E eu nem sequer deixei ele falar. Mais lágrimas caem dos meus olhos. Droga. O Apolo disse que eu podia ter os dois.

— Como ele vai me perdoar agora, se nem cheguei perto dele para que me explicasse?

— Às vezes a gente procura a saída mais prática, mas é sempre a que dói mais.

As meninas se afastam. Nunca senti tanta firmeza na minha vida. Agora percebo que por medo e por saber que a decisão que eu tomei foi a pior possível, não quis conversar com o Apolo para que esclarecesse as coisas.

Mas esse tempo longe dele me fez perceber que a nossa vida pode ser assim e que eu posso sempre confiar nele.

Que as crianças percam aulas. Não vai ser tão ruim, porque eles terão os pais ao lado deles e as aulas podem ser recuperadas depois. Não vou me mudar para sempre. Nem o Apolo. Sei disso do fundo do meu coração. O que aquela moça falou, foi para nos deixar frágeis para que ela tivesse a sua vez novamente, mas eu tenho uma coisa que ela nem sonha. O coração de Apolo.

— Vou falar com o meu noivo. Devia ter procurado ele antes. Não vou deixar mais nenhum medo me parar e se isso acontecer de novo, eu arranco as bolas dele, mas o deixo falar.

— Essa era a mulher que eu queria ver. – Sol fala, toda orgulhosa, depois que devolvo seu aparelho.

— Mas as crianças ... – Ceginara começa, mas Sol levanta a mão para que ouça mais um pouco.

— As crianças são problema dos dois. Se o Apolo concordar, eles viajam para onde eles forem. – E dá de ombros.

Meu peito se aquece, porque mesmo tendo opiniões diferentes, todas estão aqui para me ajudar.

— Aí que coisa linda. Eu amo o amor. – Beca fala com o olhar sonhador.

— E eu amo vocês. – Abraço minhas amigas de novo.

— Toda errada, tomando as piores decisões, mas a gente também te ama. – Ceginara completa.

E nesse momento, a campainha toca.

Deixo minhas amigas para abrir a porta e a pessoa que eu vejo do outro lado faz meu coração palpitar, minha respiração ficar acelerada. Como eu amo esse homem.

— Olha aqui. — Ele aponta o dedo para mim no segundo que a porta se abre, me afasta e entra em casa. — Não vou deixar você viajar sem saber que eu não tenho outra mulher na minha vida que não seja você.

Apolo está todo amarrotado, com o paletó aberto, sem a gravata e o cabelo bagunçado. No meio do seu peito pende o meu anel de noivado.

Sua respiração está descompassada. Seu rosto tem um olhar cansado. Vejo que não fui só eu quem dormiu todos esses dias chorando.

— Não vou sair daqui até que me deixe explicar. — Ele cruza os braços na frente do peito.

— Eu sou burra. — Apolo faz uma cara confusa.

— Como é?

— Não devia ter tido medo. Você não deixou de me amar um segundo. Sempre se preocupou comigo e eu fiquei com medo, porque você estava viajando muito. E também não devia ter duvidado do seu amor e acreditado naquela vaca.

— Então você ... — Ergo o dedo para que se cale.

— Sim, eu vi o vídeo.

— Quer dizer ... — Ergo o dedo mais uma vez.

— Eu não terminei. Sei que fui eu quem disse que você poderia ir.

— Eu também disse que isso não daria certo.

— É, e você acertou, mas pelo motivo errado.

— Realmente não estou entendendo.

— Pensei que talvez você quisesse viver tudo que não viveu nesses três anos que passou longe das competições, que você estivesse aproveitando a “solteirice” que não pôde. Que estivesse vivendo a vida que eu achei que você quisesse.

— Não acredito que você não confiou em mim.

— Eu não confiei em mim. Porque eu queria saber se o que eu sentia era tão forte quanto o seu sentimento. — Lágrimas descem por meu rosto. — Eu sou muito burra e se eu te perdi pra sempre ... — Apolo interrompe a minha fala com um beijo.

No começo é só para me calar, mas aos poucos, vou pedindo passagem e invado sua boca com minha língua e meu amado me puxa para

perto do seu corpo. Um beijo de saudade e de recomeço.

Ele me solta para tomar ar e eu também preciso.

— Você nunca vai me perder.

Sorrio nervosa.

— *Me perdoa por ter sido tão burra?*

— Só se você nunca mais fizer uma besteira dessas.

— Eu prometo.

— E promete também que vai parar de duvidar do meu amor, não importa o que te falem ou onde eu esteja?

— Prometo. – Ele beija a ponta do meu nariz.

— Maluca!

— Zé Ruela!

— Quer casar comigo?

Sorrio nervosa e afirmo com a cabeça.

— E como a gente vai fazer com as crianças quando formos viajar? – Apolo pergunta, um pouco nervoso.

— A Lily já me contratou como babá! – Marisol aparece, fazendo meu noivo me colocar no chão.

— Então, você já tinha tudo planejado pelas minhas costas?

Ele me olha com um ar divertido.

— Mais ou menos. Decidi que não vou mais me acovardar diante da vida e que não vou deixar que medos idiotas me apavorem.

— É por esse motivo que eu te amo muito. – Apolo me abraça e me dá um beijo de novela na frente das minhas amigas.

Nunca mais vou fazer uma idiotice dessas novamente.

Epílogo

— Eu não acredito que você fez essa merda!

— Acho que eu já ouvi essa frase antes.

Gabriel e Liv estão conversando sobre algum projeto novo da empresa. A forma como os dois se dão bem me lembra de uma coisa que o Gabriel me contou alguns meses atrás.

Antes da minha Vênus abrir vários shows no Rock in Rio e de eu ter conseguido a melhor colocação no mundial e na copa de natação. Entrei com folga de pontos nas Olimpíadas. Nem acredito que vou conseguir realizar o meu maior sonho da vida.

O mês que seguiu depois da nossa volta foi muito movimentado. Liv viajou com as crianças para o Rio, por ser mais perto e mais barato, e também precisou levar a Marisol. Bom ela ser da família e acho que nesse momento, ela se tornou mais próxima do que nunca.

Estamos reunidos para comermos um bolo, porque Liv não quis uma festa, até porque amanhã é 31 de dezembro e minha noiva não queria mais bagunça. Por mim, tinha enchido a casa de gente.

— Oh, Gabriel. – Eles param de discutir sobre qualquer coisa e se voltam para mim. – Lembro de uma coisa que você disse que ia dizer quando eu voltasse com a Liv. A gente voltou tem três meses e você não contou. O que é?

Gabriel fica meio verde e tenso.

— Aconteceu alguma coisa? – Liv olha do meu sócio para mim.

— Não sei. – Dou de ombros. – É ele quem vai dizer.

Nesse momento estamos na nossa sala. Marisol chorou muito quando voltamos para casa e disse que não ia conseguir ficar longe das crianças. Agora a gente praticamente a adotou. Está morando conosco. E enquanto conversamos, ela está brincando com os meninos.

Ceginara, Adriano e Rebeca também apareceram, estão terminando de montar a mesa. Nunca tive tantos amigos reunidos em casa.

Gabriel se levanta todo dramático e limpa as mãos na calça.

Observamos o seu comportamento atípico. Liv senta no meu colo e abraça meu pescoço.

— Lembra quando você contou para mim que passou a sua infância

em um orfanato? – Ele olha para minha noiva e Liv concorda com a cabeça.

Eu sei. A gente vai casar. Estamos só esperando as olimpíadas passarem. Quero ter um tempo de paz para treinar, antes que a loucura que é a preparação para um casamento acabe com a minha sanidade.

— Então. Faz anos que eu procuro a minha irmã que foi separada de mim quando eu tinha oito anos e ela quatro. – Liv vai ouvindo e enchendo os olhos de lágrimas. – Ela foi morar em um orfanato que eu nunca soube qual era. E desde que tive mais condições financeiras, fui atrás de achá-la. Tinha esfriado um pouco a procura por ela, porque eu sabia que era quase impossível que fosse encontrá-la, mas quando você me contou da sua infância, meu coração se encheu de esperança de novo.

— Não vai me dizer que eu não sou sua irmã, que eu te bato, Gabriel! Fazer esse discurso todinho pra me deixar em frangalhos e depois acabar com a minha alegria, é muita maldade!!!

Por um segundo fico olhando da minha Vênus para o meu sócio, que agora considero meu irmão, sem entender muito. E como se uma luz acendesse no meu cérebro, entendo o que ele está dizendo.

Gabriel balança a cabeça, com os olhos cheios de lágrimas e Liv cobre a boca com as mãos.

— Eu nunca soube que tinha um irmão.

Minha noiva se levanta e abraça forte Gabriel, o recém descoberto irmão.

— Esse é o melhor presente de aniversário que eu já recebi na vida.

— Feliz aniversário, Lívia.

— Eu não poderia ter escolhido um irmão melhor.

Ver a felicidade das pessoas mais importantes da minha vida faz com que eu queira ser melhor todos os dias da minha.

Lívia Moreira

SEIS MESES DEPOIS

— Respira, querida. – Ceginara segura minha mão enquanto me olho no espelho.

— Tem certeza que ele chegou?

— Eu já olhei três vezes e ele está lá, bonitinho e parado ao lado da mesa do padre.

Quando Apolo foi medalhista das Olimpíadas de Tóquio, estávamos lá para assistir de perto mais essa conquista. Sem contar que não aguentaria passar mais uma temporada longe dele. Uma coisa boa foi que Apolo não teve que pagar a sua parte. Os patrocínios que ele conseguiu custearam tudo.

As crianças perderam algumas aulas, mas na idade em que estão recuperam fácil. Para ajudar, encontramos formas divertidas de incentivar a leitura e ensinar matemática.

— Não queria casar desse jeito. – Franzo o cenho para minha amiga.

Quando voltamos de Tóquio, Apolo disse que não ia mais esperar para a nossa cerimônia e aqui estamos, a um passo do “sim”. Tinha a ideia de casar em casa, mas ia sair mais caro que na igreja, então escolhi a de Santo Antônio. É fácil de localizar e também tinha vaga para a data que queríamos, que no caso do Apolo poderia ser qualquer uma.

— Mas é assim pra todo mundo. – Ela arruma o véu na minha cabeça.

Meu vestido é tomara que caia, com um corpete e a saia de tule até o tornozelo. E o que mais me chamou atenção nesse modelo foram os detalhes no corpete, que parecem ondas. Bati o olho nele e me apaixonei.

— E o Gabriel?

— Está só esperando a senhorita. – A voz do meu irmão preenche o ambiente.

Nunca me senti tão feliz na minha vida. Descobri que tenho um irmão no dia do meu aniversário. E tive que ter certeza. No começo do ano o levei para fazermos o teste de parentesco e como irmãos, somos cem por cento compatíveis. Se eu tivesse escolhido, não teria sido tão perfeito.

— Ah, que bom que está aqui. – O abraço apertado.

— E quem iria entregar você para o seu noivo.

— O Pietro.

— O garoto tem seis anos, Lily.

— Eu sei. – Franzo o cenho batendo o pé no chão algumas vezes. – Eu tô muito nervosa.

— Ok, então eu acho que já está na hora de entrar.

— Cadê meus filhos?

— Com a Sol.

— Tudo bem. – Olho mais uma vez no espelho, conferindo se está tudo no lugar. – *Vamo* nessa.

Engancho meu braço no de Gabriel. Beca, que eu não vi entrar, coloca o buque nas minhas mãos e caminhamos para a porta da igreja.

Meu coração martela tão forte que o sinto na minha garganta e ouço nos meus ouvidos.

— Relaxa. – Gabriel coloca sua mão na minha. – Vai dar tudo certo.

— Eu espero mesmo. – Respiro fundo e damos o primeiro passo para dentro do espaço sagrado.

Apolo está parado sozinho no altar e o padre já está a postos. Vejo lágrimas nos olhos do meu noivo e o sorriso mais radiante do mundo.

Gabriel me entrega para Apolo com uma leve batida no ombro.

— Cuida bem dela.

— Não precisa nem pedir.

Posiciono-me ao lado de meu noivo.

— Você está muito mais linda do que no dia em que te conheci.

Fico com as bochechas rosadas na hora.

O padre começa a cerimonia e fala de cumplicidade e que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança. Que fez a mulher para ser amada e cuidada pelo homem. E agora ele chega na parte dos votos.

Apolo é o primeiro a falar

— Quero dizer que não vou repetir o que o senhor quer que eu fale. – Todos os convidados riem. Meu noivo olha para mim. – Quero dizer que me apaixonei no momento em que vi os seus olhos, aquele top rosa e a saia de verniz azul. Nunca esqueci desse detalhe. – Era exatamente isso que estava usando quando a gente se viu a primeira vez.

— Quero dizer também que não importa a situação, eu sempre vou querer conversar com você e não vou mais deixar que fique afastada de mim. Eu te amo e vou respeitar você pra sempre.

As pessoas no recinto aplaudem com força. O microfone é passado para mim.

— E eu quero dizer que por mais que tome as decisões mais erradas possíveis, eu vou pensar melhor e vou acertar. Não desista de mim e sempre deixe que eu fale até o final, depois você se explica. Eu te amo com todo o meu coração desde o primeiro dia também.

E o padre pede as alianças.

Toro e Malu entram na igreja, cada com uma almofada. Eles se aproximam e Apolo pega as duas. Dou um beijo no rosto de cada um. Agora Malu tem mais janelinhas que Toro. Seu sorriso ficou muito mais lindo sem dentes. Eles se afastam com a Sol e seguimos com a celebração.

Quando meu noivo coloca a aliança no meu dedo, enquanto recita que

vai ser fiel e me respeitar na saúde e na doença, na tristeza e na pobreza, consigo ver que não é uma peça comum.

Ao redor dela tem um pedaço do mapa mundial e em cima desenhos de ondas. Quando pego a outra, vejo que a parte dele completa a minha. E se já não estava chorando antes, agora lágrimas descem com força por meu rosto.

— Eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.

Apolo me pega em seus braços e me beija como se fosse a primeira vez.

— Eu te amo muito, seu Zé Ruela!

— E eu a você, sua maluca! – Ele sorri e saímos correndo para o carro.

Não quis festa, só duas noites a sós com meu esposo, porque a gente merece.

Agradecimentos

E mais um livro finalizado. Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que participaram nesse processo, dando dicas, dizendo o que achavam e o que pensavam que estava faltando. Falando sobre as reações dos personagens. Enfim, todo mundo que deixou um pouco de si na minha obra, porque eu não a faço sozinha.

Então, muito obrigada mais uma vez as minhas betas: Janaina Sabidussi, Raíza Freitas, Natalia Pironi, Danyelle Grimaldi, Isa Veríssimo e Sabrina Ellen.

As leitoras que eu ganhei no wattpad: Dany Farias, Flávia Vieira, Cintia Mizael, Vitória Maria, Urania Azevedo, Vanessa Santos, Sol Pereira, Ana Cristina Camargo, Cynthia Aragão e Ceginara.

E as autoras maravilhosas que eu encontrei nessa caminhada e que espero mantê-las eternamente: Aretha V. Guedes, Mari Sales, Mari Monni, Julia Fernandes, Valeria Torres, Janaina Sabidussi (sim, ela duas vezes), Denilia Carneiro, L.C. Almeida, Mellody Ryu, Mila Paziol, Lis Santos e Lih Santos.

E principalmente a você que chegou até aqui e deu uma chance a história de mais um casal que eu contei. Espero que tenha gostado desse romance.

Se quiser falar sobre o que achou do livro comigo, segue abaixo onde você me encontra.

Blog: clubedeleitura.home.blog

Email: carolfurtado_7@outlook.com

Instagram: @autoracarolfurtado

Vou ficar muito feliz em falar com você e saber o que achou.

Obrigada, do fundo do meu coração!

Outras obras minhas, todas disponíveis no *Kindle Unlimited*:

Garotas Impossíveis. – Série Entrando no jogo. Livro 01

Ao seu encontro – Série Entrando no jogo. Livro 02

Reverendo a jogada – Série Entrando no jogo. Livro 03
Mais que as estrelas
Por um livro (conto)

[1] É um arranha céu de 102 andares, localizado no centro de Manhattan, NY.

[2] Expressão em francês para Bom apetite.

[3] Federação Internacional de Natação.

[4] Esse livro existe mesmo e está disponível na plataforma Amazon.

[5] Tecido impermeável, utilizado pela maioria dos atletas de esporte aquático.

[6] Em suas marcas!

[7] Personagem de desenho animado criada por Robert Zemeckis. Apareceu pela primeira vez no filme *Who Framed Roger Rabbit*.

[8] Nome dado à primeira menstruação da mulher.